



ELIAS KARAM

**UM PARANAENSE
NAS TRINCHEIRAS DA LEI**

ELIAS KARAM

UM PARANAENSE NAS

Subsídios para a história da Revolução Paulista

TRINCHEIRAS DA LEI



EDIÇÃO DIGITAL REMEMORATIVA
dos 90 ANOS da EPOPEIA de 1932

Versão digital da obra publicada
em 1933 pelas oficinas gráficas da

A CRUZADA

Rua de São Francisco, n.º 332
Curitiba, Paraná.



Elias Karam

ÍNDICE

NOTA DE AGRADECIMENTO
RAZÃO DE SER DESTE LIVRO
PREFÁCIO

TOMO I

AS CAUSAS DA REVOLUÇÃO PAULISTA

ANTECEDENTES DA CAMPANHA

SÃO PAULO

SÃO PAULO:
TERRA CONQUISTADA E ALGUMAS DAS CAUSAS DA LUTA

PERICLITAVA O SECRETARIADO PAULISTA

A INCÓGNITA DA CONSTITUINTE

PACTO REVOLUCIONÁRIO

INTROMISSÃO ALIENÍGENA

A DITADURA TRAIU OS PRINCÍPIOS LIBERAIS

E O NOSSO PARANÁ?

DE PÉ, PELO PARANÁ!

OS COMÍCIOS

SANTA CATARINA

TOMO II

DIVERSOS ASPECTOS DA CAMPANHA CONSTITUCIONALISTA

A CAMPANHA PAULISTA EMINENTEMENTE NACIONAL

PORQUE NÃO MARCHOU SÃO PAULO NOS PRIMEIROS DIAS RUMO AO RIO DE JANEIRO

A FALTA DE MUNIÇÃO

O REGIMENTO DE CAVALARIA DO RIO PARDO

O ÚLTIMO APELO DE FERNÃO SALLES

ESQUADRÃO DE CAVALARIA DE CASTRO

ABENÇOADA MOCIDADE PAULISTA! O BATALHÃO 14 DE JULHO

PAULISTAS, O QUE SALVA VOCÊS É O TREM DE AÇO

A TRAJETÓRIA BRILHANTE DA COLUNA ROMÃO GOMES

COMO PERECERAM OS BRAVOS AVIADORES GOMES RIBEIRO E MACHADO BITENCOURT

O BOMBARDEIO DE CIDADES ABERTAS

OS AVIÕES CONSTITUCIONALISTAS EM "REVIDE" DESTROEM CINCO AVIÕES DA DITADURA

SOU BRASILEIRO MAIS DO QUE VOCÊ

MENORES COMBATENTES

O ARDOR PATRIÓTICO DAS CRIANÇAS PAULISTAS

ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL AOS COMBATENTES

O TESTEMUNHO DE UM ESTRANGEIRO

O ENGENHO PAULISTA

ORGANIZAÇÃO SANITÁRIA

ALISTO SOLDADOS, NÃO OS COMPRO.

O GENERAL KLINGER: PERFIL DO GRANDE CABO DE GUERRA

A AÇÃO DA MULHER PAULISTA

A CAMPANHA DO OURO

O QUE FEZ ELA PELOS BRAVOS QUE PARTIAM

O ESTOICISMO DA MULHER PAULISTA

A COOPERAÇÃO DAS COLÔNIAS ESTRANGEIRAS DOMICILIADAS NO ESTADO

UM PARÊNTESES

CARAVANA ACADÊMICA DA FACULDADE DE DIREITO DO PARANÁ

A CARAVANA DOS ESTUDANTES PARANAENSES QUER DEIXAR SÃO PAULO?

NOSSA INCORPORAÇÃO

REGRESSO DA CARAVANA

O AMBIENTE NO PARANÁ

A ATITUDE DIGNA DO TEN. CEL. PLINIO TOURINHO

CAPITÃO HERMINIO DA CUNHA CESAR:
A SUA ADEÇÃO AS FORÇAS CONSTITUCIONALISTAS

EXORTAÇÃO DE UM BISPO PARANAENSE

UNIVERSITÁRIOS DO PARANÁ QUE ADEREM A CAUSA
CONSTITUCIONALISTA: 120 QUILOMETROS A PÉ!

O NORTE DO PARANÁ

MANIFESTO AO POVO DE CAMBARÁ

MANIFESTO DAS CLASSES UNIVERSITÁRIAS AO POVO

UMA PÁGINA DE D. MARTHA SILVA GOMES

DEPOIMENTO DO ACADÊMICO DE DIREITO OSNY DUARTE PEREIRA

MENSAGEM DAS FORÇAS CONSTITUCIONALISTAS DA UNIVERSIDADE
DO PARANÁ À FEDERAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE SÃO PAULO

TOMO III

A AÇÃO DO 9º BATALHÃO DE CAÇADORES DA RESERVA

NO QUARTEL DE QUITAÚNA

9º. BATALHÃO DE CAÇADORES DA RESERVA

PLANO DE COMBATE

BATISMO DE FOGO DO 9º. B. C. R.

CRÔNICA DE CAMPANHA

O COMBATE DOS DIAS 15 E 16 DE AGOSTO

A AÇÃO DOS COMPONENTES DO TREM BLINDADO

EM ARACASSÚ

BOMBARDEIO DE AVIAÇÃO

CABO RAYMUNDO

A MENTALIDADE DOS QUE NOS COMBATEM

GUSTAVO BORGES

O 9º B.C.R. AO LONGO DO RIO PARANAPANEMA

A 2º COMPANHIA ENVOLVIDA PELO INIMIGO

O ÚLTIMO COMBATE DA 1º. COMPANHIA DO 9º. B.C.R.

RELAÇÃO ALFABÉTICA DOS NOMES DOS INTEGRANTES DO
9º BATALHÃO DE CAÇADORES DA RESERVA

O MEU HOMÔNIMO

TOMO IV

DEPOIS DA LUTA

A ATITUDE DA FORÇA PÚBLICA

A PROCLAMAÇÃO DE UM BRAVO SOLDADO:
CORONEL BRÁSILIO TABORDA

UMA NOTA DO "O ESTADO DE SÃO PAULO"

IBRAHIM NOBRE E A SUA ÚLTIMA ORAÇÃO

A GRATIDÃO DOS FLAGELADOS?

ISTO É SÃO PAULO

DEPOIS DA LUTA

APÊNDICE

MANIFESTO DOS SRS. RAUL PILLA, JOÃO NEVES, BAPTISTA LUZARDO
E LINDOLPHO COLLOR: AO RIO GRANDE, A SÃO PAULO E A NAÇÃO.

UM MANIFESTO QUE ACUSA O SEU AUTOR

BRASÃO DE HONRA E LABÉO DE VERGONHA

OS COMPROMISSOS DO SR. FLORES DA CUNHA

DEVERES DE HONRA

O PRIMEIRO CONSPIRADOR

O REPRESENTANTE DO GOVERNO PROVISÓRIO CONTRA O
GOVERNO PROVISÓRIO

AS MANIFESTAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DO SR. FLORES DA CUNHA
NO RIO

REVOLUCIONÁRIO E MINISTRO DA JUSTIÇA “INFIERI”

A AÇÃO DOS DEMISSIONÁRIOS

A MANUTENÇÃO DA ORDEM NO ESTADO

A MISSÃO CELIDONIO FILHO

O INSTANTE DECISIVO

A GRANDEZA CÍVICA DE SÃO PAULO

A SITUAÇÃO DO RIO GRANDE

OS DIAS QUE HÃO DE VIR

PROCLAMAÇÃO DO PROF. WALDEMAR FERREIRA IRRADIADA PELO
ILUSTRE EX-SECRETÁRIO DA JUSTIÇA NO DIA 20 DE JULHO

MENSAGEM DO EPISCOPADO PAULISTA

AO CARDEAL D. SEBASTIÃO LEME E AO EPISCOPADO BRASILEIRO
IRRADIADO NOS DIAS DA REVOLUÇÃO PELO EMINENTE ARCEBISPO
DE SÃO PAULO D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA

ORAÇÃO DO PROF. PINTO PEREIRA

NO REINÍCIO DAS AULAS DE DIREITO INTERNACIONAL NA
FACULDADE DE DIREITO DE SÃO PAULO

AS TRÊS ÚLTIMAS REVOLUÇÕES BRASILEIRAS E SUAS
CONSEQUÊNCIAS

A CONSCIÊNCIA DAS NACIONALIDADES

A REVOLUÇÃO DE SÃO PAULO

AS ÚLTIMAS REVOLUÇÕES BRASILEIRAS

NOTA DE AGRADECIMENTO

à Edição Digital Memorativa

Recebi com muito orgulho e satisfação, inclusive com lágrimas nos olhos, por tamanha emoção as homenagens e ações feitas para meu avô materno e padrinho Elias Karam, e estarrecido de alegria pela “impressão eterna digital” de seu livro *Um Paranaense nas Trincheiras da Lei* (1933).

Pessoa que muito ensinou e influenciou a todos que com ele conviveram. Inclusive o pouco tempo que convivi, até meus 13 anos de idade, foram suficientes para incutir em mim o espírito de generosidade, bondade, e talvez um dos mais fortes, que seja o dom da oratória e imprevisto, pois até hoje pessoas que me veem ou conhecem e que tenham convivido com meu avô Elias Karam; sempre; sem exceção; citam que sou uma cópia dele.

Agradeço a Sra. Walkíria Braum Martins da Divisão de Biblioteca e Referência Legislativa da Câmara Municipal de Curitiba, e à Sra. Luciane de Fatima Pereira e também à Márcia Santos e tantos outros possíveis envolvidos neste trabalho que empenharam-se para trazê-lo a lume.

Em meu nome e também em nome dos filhos de Elias Karam, e também de outros familiares de Elias Karam, enviamos o agradecimento especialíssimo ao Prof. Dr. Jefferson Biajone do Portal Paulistas de Itapetininga, em Itapetininga/SP, que possibilitou tão excepcional lembrança e homenagem deste nosso “grande paranaense nas trincheiras da vida dedicada ao bem de todos”.

Atenciosamente,



Jose Luiz KARAM Salata
Neto de ELIAS KARAM
13 de Julho de 2020
Curitiba, Paraná.

RAZÃO DE SER DESTE LIVRO

Não tive outra mira, ao publicar o presente opúsculo, senão o de prestar o meu testemunho pessoal a maravilhosa epopeia bandeirante, concorrendo para que melhor seja memorada, num futuro próximo, a campanha constitucionalista que abalou a pátria até imo cerne.

Muito se tem escrito sobre essa campanha.

Juízos parciais procuram desvirtuar o mais belo empreendimento de toda a nossa história.

Não pude, por isso, calar-me e com o fito de esclarecer um ou outro ponto é que me lancei a empreitada quiçá, superior às minhas forças.

Espero que a sinceridade com que compilei a obra supra quaisquer deficiências do rabiscador destas linhas.

Trabalho feito de afogadilho não pode ter a precisão desejável e a coordenação necessária.

Estas páginas dedico-as aos meus bravos companheiros do 9.º B. C. R. (9.º Batalhão de Caçadores da Reserva) que tombaram gloriosamente no campo da luta, na pugna hercúlea pelos mis agrados dos ideais: o de ver a Pátria reintegrada na Lei e na Justiça.



ELIAS KARAM

13 de Julho de 1933

Curitiba, Paraná.

PREFÁCIO

Devo dizer, sem receio de errar e antes de mais nada, que este é um livro precioso e vivo. Relatório de factos bem testemunhados, constitui valioso compendio de um trecho da História do Brasil. E o trecho mais alto dessa história, escrito sob um crepitar de intensas emoções.

O seu autor, ELIAS KARAM, é aquele moço, cheio de idealismo, que nos dias inolvidáveis da Revolução Constitucionalista, chamava, com a voz a se lhe apertar a garganta, a alma paranaense, para onde as fileiras do exército da lei. Quiçá, entre prefaciador e prefaciado não haja inteira unidade de vistas. É possível que um não concorde inteiramente com o outro, em certos pequenos detalhes.

Há, entre ambos, porém, uma perfeita coincidência de sinceridades.

Constitui, este prefacio, modesto apêndice às ideias matrizes deste livro. Procurarei, servindo-me de fontes insuspeitas, quase todas estrangeiras a SÃO PAULO, demonstrar as magnificências de sua civilização.

Não obstante o eu não ser paulista, há coisa de alguns anos, quando os meus olhos começaram a abrir-se para a realidade brasileira, quando travei o primeiro contato com os fatos precários de nossa história econômica, política e espiritual, quando principiei com algum cuidado e sem animo preconcebido, a estudar a evolução de nosso povo, quando consegui entrever os eventos marcantes da aurora desta pátria, quando o meu espírito e pôs a ver com alguma clareza através deste “deserto de homens e ideias,” para logo me convenci, de que a SÃO PAULO muitíssimo devemos todos nós, muito deve o Brasil, e que ele é, por todos os títulos, em que pese aos seus apostrofadores, o mais legítimo motivo de todo o orgulho nacional. Não sei se estava enganado, asseguro que estava convencido.

Mas, à proporção que eu ia vendo, desapaixonadamente toda a altitude das almas piratininganas, à medida que ia experimentando aquela estupefação que em 1818 experimentara Saint-Hilaire diante dessa “raça de gigantes,” aos meus ouvidos chegavam, de pontos os mais longínquos deste país, censuras graves aquelas almas, injurias as mais cainhas a essa raça.

Por que se há de constantemente, no Brasil, dizer mal de SÃO PAULO, perguntava eu? Por que essa criminosa insistência em se não querer aceitar a verdade, em tudo se deturpar, em se encaprichar a gente não menos justificável das maledicências? Por que esses apodos terra que fez um berço para a realização do grande sono brasilico? Ninguém me respondia, e a minha memória, e a minha ânsia de uma resposta urgente, me conduziam, sem que por isso eu desse, aquela antiquíssima história da verdade, posta, sob a forma de lindíssima criança, pela imaginação bem nutrida de um filosofo, as escuras profundas de um grande poço grego.

Aqui, na escuridão, longe da vista profana e má dos homens é que ELA devera residir. Demócrito, o filosofo, com a sabedoria desse símbolo, queria

advertir-nos dos males que a verdade pode causar. Não estamos ainda preparados para a receber.

Seria o mesmo “caso” do horrendo Veddah do Ceylão, explorado numa feira provinciana por malvado empresário e relatado por Roque Tenente Pinto em “SEIXOS ROLADOS.” Feíssimo, todos lhe eram caridosos, a todos comovia, de todos recebia esmolas. Simpático, penível, porque horrendo. Somos todos grandes sentimentais.

Um dia morreu-lhe o que lhe explorava, o que vivia de sua fealdade. O Veddah, esperto, trabalhador, andarilho, começou a comerciar e cedo tomou conta do mercado. E perdeu a caridade que lhe votavam. Começaram a odiá-lo. Começara ele a ser concorrente, a fazer “diferença,” como diz o povo na sua tão proclamada sabedoria.

É velho o tema. Afranio Peixoto, modernizando-o colocou-o nesse romance doloroso que é o da “MARIA BONITA.” Os grandes dons, sempre invejados, causam desgraças.

Comecei então a compreender e dei-me a primeira resposta a minha angustiosa pergunta. Falam mal de São Paulo porque ele é grande em todos os sentidos. É a vitrine magnífica de todas as maiores glórias do nosso passado e do esplendor de todas as maiores glórias do nosso passado e do esplendor deste presente. Merece, pois, ser julgado com justiça.

Devo confessar, para ser absolutamente sincero, que o “orgulho paulistano” por algum tempo me fez mal. Causava-me a mesma desagradável impressão que ainda hoje causa, os analistas superficiais. Considerava, também eu, o paulista, uma criatura fechada, fria, convencida de estar ocupando um lugar privilegiado, extraordinário, nesta imensa hospedaria, por onde o homem estúpido passeia a sua invalidez. P

ouco a pouco, entretanto, me capacitei que se chamava orgulho nos homens de São Paulo, a esse estado de alma dos que em a justa consciência de um valor.

Vi firmemente postas as suas impressões digitais em todos os grandes acontecimentos de nossa história. Vi que a sua tão invejada riqueza é fruto de um grande trabalho através do tempo. Vi uma porção de coisas notáveis praticadas por gente de querer sadio. Cedi a evidência e fiz-me seu admirado impenitente de todas as horas.

Fui até ao passado paulistano e de lá sai crente de que, por mais “paulistofobos” que queiramos ser, a força é confessa que o “estupendo tremular de suas Bandeiras,” na fase colonial de nossa evolução, é o germe grandioso deste esboço de nacionalidade que temos diante dos olhos, e que, tem toda a razão o celebrado historiador Oliveira Martins, “o espírito aventureiro dos paulistas foi a primeira alma da nação brasileira e São Paulo, esse foco de lendas e tradições, é o coração do Brasil.”

A história das Bandeiras é, no autorizadíssimo pensar de Affonso de Taunay, a história da conquista do Brasil pelos brasileiros, “é a epopeia deslumbrante da furação dos sertões por indivíduos fortes e destemerosos.”

São Paulo, fez o Brasil do começo, vivo e hercúleo, caminhar depressa para a posse arriscada de si mesmo. E é daí que vem o tão famigerado “orgulho paulistano,” do dia em que, verdadeiros heróis de uma navegação terrestre percorrem aos olhos escancelados dos “caranguejos arranhadores do nosso litoral,” toda a nossa bravia hinterlândia. Reconheço, como quer Malheiro Dias, que a esse tempo Portugal dispunha de pequena população e a missão colonizadora quinhentista não poderia ausentar-se da nossa costa, mas é forçoso reconhecer também que os navegadores da “Odisseia Terrestre,” descobriram e fizeram muito mais brasis, do que os ousados navegantes do mar, nossos conquistadores.

Fui ao passado brasileiro. Vi a formação de São Paulo. Vi os fidalgos que vieram com Martim Affonso. Vi aquele admirável Braz Cubas, fazedor de cidades, hospitais, guerreiro e magistrado. Vi Nobrega e Anchieta. Toda aquela gente que descobriu a outra ace do Brasil, o fundo do Brasil, o dorso brasileiro. Vi todos os homens mamelucos de São Paulo que garantiram a nossa integridade territorial no instante em que nada éramos ainda. Como assinala Viriato Correia, em que havia apenas a mal traçada nebulosa do Brasil. Vi aquele tempo em que “EL-REI” dizia: “preciso de um paulista.” Assisti à plantação de cidades: S. Vicente, São Paulo de Piratininga, Iguape, Cananéia, Paranaguá, S. Francisco, Desterro, Laguna, Taubaté, Itu, Sorocaba, Ubatuba, Paraty, Angra dos Reis, Diamantina, Ouro Preto, Marianna, Sabará, Queluz, Montes Claros, Januária, Araxá, Catalão, Bomfim, Sta. Luzia, Goiás, Pilar, Curralinho, Ouro Fino, Curitiba, Guarapuava, Lage, Palmas, Curitibaanos, Campo Largo, Vacaria, Castro, Ponta Grossa, Passo Fundo, Cruz Alta, Palmira, Santo Ângelo, enfim, quase todo o Brasil Central e Meridional.

Não se acabava nunca a energia desses homens. Um dia, foi preciso a firmação dos nossos direitos sobre Iguatemi: para lá se foram com os seus homens Pedro Leme e Mendes Paes e o fizeram. Foi mister expulsar os Holandeses d Pernambuco e lá se foi Tavares Raposo a ajudar a expulsá-los.

Existiam índios ferozes nos sertões do Piauí e do Maranhão? Havia a bravura indômita de Estevão Baião e Manoel Parente para os destroçar. Riquezas nas serras de Minas Gerais? Fernão Dias Paes Leme, Rodriguez Arzão, Bartholomeu Siqueira, para as descobrir.

Sertões de Goiás e Mato Grosso a devassar para posse de suas minas? Bartholomeu Bueno, Pascoal Moreira Cabral, irmãos Paes de Barros. Varar a América de Oceano a Oceano e medir forças com os espanhóis do Perú? Luiz Pedroso de Barros. É necessário destruir a perigosa “Troia Negra?” A bravura homérica de Domingos Jorge Velho para o fazer. Garantir a nossa integridade territorial na fronteira boliviana do Guaporé? Eles o fizeram. Descobrir minas cujos segredos só os índios conheciam? O Diabo Velho o fez. Precisou-se de um forte militar na fronteira de Mato Grosso com o Paraguai? Lá se foram os paulistas para o martírio.

E Bartholomeu Bueno. O moço, a vagar desnorteado, desiludido pela terra. E Borba Gato, apontando a El-Rei as libertinagens de D. Rodrigo, durante vinte anos exilado, à mercê dos bárbaros e a oferecer-se ao Governador Arthur de Sá para “manifestar jazidas riquíssimas no Rio das Velhas.” E Paschoal Araújo explorando parte o curso do Tocantins. E um bandeirante moribundo a escrever o seu testamento no verso de um “Lusíadas” por ele compilado. E Lourenço Castanho Tacques, sexagenário robusto, a combater os bravios Cataguazes. E Costa Cabral dizendo ao Rei, em Lisboa: “quem vem das não recebe favores.” E Manoel Dias dispersando as tropas espanholas que sitiavam a Colônia do Sacramento. E Brito Peixoto com os seus companheiros, afrontando mares bravios para descobrir “umas Alagoas que se chamam dos Patos, por uma breve notícia que delas tiveram,” explorando “terras inabitadas.” E Fernão Dias Paes Leme, o “Caçador de Esmeraldas,” dominando com doçura a persuasão os temíveis Goyanazes dos reinos dos Caciques Tombú, Condá e Gravitay, e a vir para São Paulo acompanhado pela gente desses reinos fabulosos. E Antônio Raposo destruindo a Cidade Real da República espanhola del Guayra, restituindo aos portugueses o Ivaíhy, dando combate aos espanhóis sobre os Andes, fazendo os seus homens banhar-se nas águas do Pacífico.

É toda essa gente admirável que demarcou os nossos limites, autora do maior feito nacional, ao parecer de Roque Tenente Pinto. “São todos aqueles leais e desinteressados servidores paulistas que terminavam toda uma vida consagrada a procura perigosa de terras, de riquezas, tendo como único prêmio o esquecimento e a ingratidão” (Azevedo Marques).

Tempo houve, é sabido, os historiadores registram, em que a área da Capitania em São Paulo era quase toda a área do Brasil: Minas, Goiás, Mato Grosso, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Sertão de Capitania do Rio de Janeiro, trinta léguas de costa marítima, desde Macaé até o rio Mucury, o sertão da Donataria de Pedro Campos Tourinho, situado do rio Mucury para o Norte até uma distancia de cinquenta léguas, o sertão da Donataria de Francisco Pereira Coutinho, o sertão de uma parte da Donataria do grande D. João de Barros, tudo, tudo isso era São Paulo.

Mas aos poucos a Metrópole foi sentindo necessidade de aplacar o “orgulho paulistano” e por uma aplicação muito antecipada do art.º 4.º da então futuríssima constituição de 1891, foi destituído São Paulo do seu formidável território, foi-lhe obrigando a renunciar a tudo, a ele que tudo tinha descoberto e devassado.

Foi na capitania de São Paulo que se creram aqueles valorosos homens que fizeram tão conhecido na Europa o nome português e se eu fosse encarregado de fazer o elogio desses honrados compatriotas, teria de que formar um grandíssimo discurso, dizia em 1776 o Capitão General D. Luiz Antônio de Souza Botelho, em informação a Metrópole.

Arthur Orlando, Pernambuco notável, conhecido Pan-americanista diz a este respeito: “Não fossem a tenacidade e bravura inauditas dos filhos de

São Paulo, o Brasil teria ficado reduzido a um país de fachada, não seria o colosso que hoje é, tendo a cabeça recostada nos Andes e os braços grandes como o Amazonas e o Prata a abraçar o Atlântico.”

No assunto, por mais se queira não citar, é-se obrigado a fazê-lo. Nele é que mais se verifica o prestígio das “autoridades.”

Sei que o que acima ficou dito é por demais sabido, mas por outro lado, anda por demais esquecido.

Tem-se as vezes vontade, neste momento grave da vida nacional de dizer, parafraseando aos Monges Trapistas: Brasileiros, lembrai-vos de São Paulo! Lembrai-vos do vosso passado, de que essa terra é a mais viva encarnação!

Eu, de boa-fé, convido os céticos, os negativistas costumeiros, a consultar a História do Brasil do grande Rocha Pombo, a consultar sem paixão a obra de Affonso de Taunay, “A História das Bandeiras.” Consultar os trabalhos exaustivos de Alcantara Machado, Washington Luiz, Calogeras, Azevedo Marques, Oliveira Lima, Roque Tenente Pinto, Ellis Junior etc.

Não faltam sabidos para só encontrar vícios nos Bandeirantes daqueles tempos e deste tempo e para se expressar mais ou menos assim: “Mera sede de ouro! Mera mania de enriquecer custe o que custar! Bandidos é que eram todos os bandeirantes.” Pode-se esquecer toda a admirável disciplina desses homens, muitos dos evidentes motivos espirituais de sua combatividade; pode-se admitir que os meios de que lançaram mão para a realização de suas façanhas não fossem, uma ou outra vez, dos mais lícitos.

Está admitido: mas o que não se pode absolutamente negar, é que o Brasil de hoje lhes deve muito, muitíssimo, quase tudo de si e que falar mal de São Paulo é um falar mal ingrato, pois que ele há de voltar forçosamente, de ricochete, a face do falador.

Spengler afirma, que na realidade histórica só há fatos, não a verdades nem ideias, e no terreno dos acima referidos é tal a excelente documentação, é tão grande a massa de provas a seu favor, é tão notável o número de espíritos sérios a dar testemunho deles, que dúvidas podem ser levantadas, apenas em relação a detalhes de pequena monta.

A descoberta da terra, nesta República que tem de ser forçosamente, como quer Alberto Torres, uma República Agrícola, não é uma coisa de somenos. É a maior coisa que se podia fazer. A terra é a base estável sobre que deve assentar o trabalho. Começava-se a solucionar, ao mesmo passo que se descobriu a terra, o problema das distancias, com o traçado das picadas. Depois, sobre as picadas, viriam os trilhos. Conheceram-se também as grandes estradas fluviais. Fundou-se aquela pequena propriedade agrícola em torno de São Paulo de Piratininga, de que nasceu todo o seu progresso, segundo o maior pensador católico brasileiro, Sr. Tristão de Athayde.

Criou-se também aquela “aristocracia territorial” que foi o ponto de origem do movimento agrícola e pastoril do primeiro século: dela partiria

também o movimento político da independência e fundação do Império. Centro de polarização de todas as classes sociais do país, a sua entrada no alto cenário da política nacional é o maior acontecimento do quarto século (Oliveira Vianna Populações Meridionais do Brasil).

Sem o bandeirismo, não nos afagaria hoje a certeza das nossas grandes possibilidades, que um dia serão realizações. Sem ele, os centristas nunca se teriam encontrado com os nortistas e os sulistas para a confraternização. Seríamos ainda os "caranguejos a arrANHAR o litoral" de Frei Vicente Salvador.

Não se teria visto nunca o reverso do Brasil. Esse movimento bandeirista marca o início da nossa civilização, a primeira derrota do bucklismo, o predomínio das forças humanas sobre as forças barbaras da natureza. E ele que primeiro nos aponta as nossas necessidades coletivas. E o promotor da primeira solidariedade nacional e foi dele que nasceu (será um mal?) todo o nosso desejo doido de ocupar os mais altos andares na escala das riquezas que tem caracterizado os homens através de todos os tempos (Mac Culloc).

Foi esta história toda que andei arranjando pelos livros, que fez o europeu saber que por aqui também pode ele viver, que por aqui há climas para todos os povos da terra.

E desse movimento ainda, que resulta a descoberta de toda a nossa gigantesca força hidráulica e toda a nossa potencialidade elétrica. Foi ele que nos fez saber que o Brasil é de todas as terras da terra a que possui melhores condições mesológicas para ser um formidável centro de população. O maior do

mundo, é o que afirma o professor Alfredo Penck, revestido de alta autoridade de diretor do Instituto de Geografia da Universidade de Berlim. Sei que há pelo Brasil Xenófobos irritadiços nacionalistas extremados. A eles dedico estas palavras do professor alemão: "o Brasil é capaz de suportar a maior quantidade de habitantes em toda superfície da terra. Suas condições climatológicas permitem que ele possa abrigar folgadoamente um bilhão e duzentos milhões de habitantes." Alfredo Penck foi me convencendo aos poucos que as civilizações tendem mais e mais para as regiões equatorianas.

A força desta terra que os bandeirantes descobriram, as reações etológicas dos indivíduos contra os meios cósmico e biológico, adaptação, comunhão de hábitos e ao fim de algum tempo comunhão de língua, tradições religiosas, trabalho exercido em comum e com a mesma finalidade, famílias cruzadas por todos os modos, a força gigantesca da educação que havemos de ter um dia, abrasileirarão todas as raças que aqui viverem conosco e farão do Brasil do futuro o palco em que se desenvolverá a maior civilização do planeta.

Foi o bandeirismo que apresentou o Brasil ao mundo. Que deu fama Portugal, derramando nos seus "toneis sem fundo," incontáveis tesouros. Homens, animais,

vegetais, tem o umbigo preso à terra. Terão, mais ou menos, o jeito que a terra lhes der.

Está indo por demais longa esta minha viagem pelo passado do Brasil. Está a sair da órbita de um simples prefacio, mas assim é preciso, pois o presente é apenas um outro nome do passado, é o passado agindo, Henri Bergson tem toda a razão. "Homens e casas somos todos sinais de idades passadas. A história está em nós, os séculos pesam, nós carregamos o mundo." (Michelet). O bom passado, o passado positivo, deve ser respeitado, cultuado, deve estar sempre na nossa lembrança.

Felizes, excepcionais, heroicos, são os povos de passado mal que conseguem obviando-o corrigindo-o, tirar dele elementos para a arqueação de um presente esplendoroso. São Paulo e o exemplo mais vivo do quanto podem as tradições históricas na formação da consciência humana. Tenho a impressão de que os paulistas de hoje ainda vão buscar inspiração naquela longínqua e prestigiosa S. Vicente, "Celeiro admirável do resto do Brasil", de então. Naquele São Paulo primevo que foi a metrópole religiosa de todo o sul deste país.

Não se pode esquecer uma raça de gigantes que as Cortes Portuguesas pela voz corajosa de um Andrada, propugnava pelos nossos mais legítimos direitos que por amor do Brasil se foi mais e mais afastando de Portugal. Não tivesse nunca este denegado justiça aos brasileiros e talvez o Patriarca, o sábio José Bonifácio, não tivesse empenhado todas as suas forças na obtenção da nossa independência política.

Não deve o Brasil deslembrar-se daquele São Paulo altivo que mostrou ao mundo e a Pedro I, segundo a própria confissão deste, todo o "sistema maquiavélico, desorganizador e faccioso da Corte de Lisboa": daquele São Paulo que tanta energia dispendeu na Constituição de 1824, daquele São Paulo cujos anseios liberais de sua mocidade, motivaram o assassinato de Libero Badaró; daquele São Paulo que pela energia máscula de Feijó procurava afincadamente o milagre da unidade nacional; São Paulo de Luiz da Gama e Antônio Bento de Souza Castro a entregar-se todo, desde 1880, a obra da Abolição: São Paulo de Antônio Prado, referendado do decreto libertador dos escravos: São Paulo republicano, da Convenção de Itú; São Paulo que presidiu a Constituinte de 1890: São Paulo que tem fornecido ao Brasil os seus melhores administradores.

Não é possível esquecer tudo isso.

Olho para o São Paulo atual e ligo-o insensivelmente ao São Paulo que já foi, no tempo. Ele ainda é o semeador infatigável de cidades a arder na mesma febre de construir. A sua capital, em 1928, era a cidade do mundo onde mais Tetos se construía. E o lugar em que mais se trabalha no Brasil, é o nosso maior repositório de forças humanas. É a Capital Econômica do

Brasil. Quem quiser a focalização do formidável progresso horizontal de São Paulo, como diria o eminente Sr. Tristão de Athayde, que recorra principalmente a Cincinato Braga (Magnos Problemas Econômicos de São Paulo). ao Dr. Souza Lobo (São Paulo na Federação), ou ainda a esse trabalho estupendo, cheio de dados aritméticos e demonstrações convincentes, de autoria do pernambucano Dr. Manoel Olympio Romeiro, no qual são pulverizadas as maiores injustiças que têm sido feitas à civilização piratiningana. No livro do Dr. Romeiro, (São Paulo e Minas na Economia Nacional), quase não há palavras, todo ele é composto por números, é dele que, com a devida vênua, me vou servir, para dizer algumas coisas excitadoras dos melindres brasílicos, mas que precisam ser ditas.

Quem inaugurou a política imigrantista no Brasil, foi a iniciativa particular paulistana representada pelo Senador Vergueiro, em 1840, numa época, portanto, em que os pobres negros escravos, por muitos anos base viva e heroica do nosso trabalho, não tinham direito de sonhar sequer, com a sua justa libertação. Já então, o referido Senador mandava buscar a sua custa, para a sua fazenda, noventa famílias portuguesas e logo a seguir oitenta famílias alemãs. A iniciativa particular, frisa o autor citado, de 1847 a 1857 localiza em São Paulo noventa e dois mil imigrantes.

Esse espírito de iniciativa, grandemente desenvolvido nos paulistas, é notório. A respeito dele se manifesta o celebrado geógrafo francês E. Reclus: "Os brasileiros de São Paulo distinguem-se entre todos os seus compatriotas pelo espírito de iniciativa que os caracteriza; pode-se dizer que a certos respeito, está ali o verdadeiro centro da América Portuguesa. Não seria mais simples colocar neste lugar onde se manifesta a atividade nacional com mais energia espontânea, a Capital da República, que andam procurando estabelecer no centro hidrográfico do país?"

Vou adiante:

Em 1881, o Governo da Província foi ao encontro da iniciativa particular e daí até 1928 gastou mais com serviço de imigração do que o Brasil, com o mesmo serviço, desde 1890 até aos nossos dias; mais do que arrecadou a União em quatro Estados: Goiás, Rio Grande do Norte, Piauí e Espírito Santo, durante trinta e oito anos. A crise econômica gerada pelo 13 de maio que fez estremecer todo o trabalho brasileiro, encontrou São Paulo de um certo modo prevenido, o que o fez sair dela com

relativa facilidade é impossível negar-se a importância desse serviço num país imenso, a precisar mais e mais braços para o trabalho de sua terra e de sua incipiente indústria. Convém lembrar, a este propósito, o pensamento de Victor Vianna: "Os povos se engrandecem pela acumulação de culturas antigas e estrangeiras aproveitadas sob o ponto de vista nacional", e o que diz a este respeito Cincinato Braga: "Pela porta larga do nosso liberalismo constitucional, aqui entraram, aclimataram-se, prosperaram, imensas correntes migratórias. Índice admirável de seu influxo benfazejo e São Paulo, que a tal respeito, como em muitos outros casos, se

antecipou à União no adoptar medidas de protecção, no regular o povoamento do seu solo, no garantir em melhores bases as condições do trabalho."

Corroborando ainda esses dizeres de Cincinato, assim se manifesta em obra exaustivamente documentada (Legislação do Trabalho) o ilustre sergipano Dr. Carvalho Netto: "Foi São Paulo quem primeiro cuidou das questões atinentes ao trabalho levado pelo fluxo das correntes imigratórias". Também foi São Paulo quem primeiro procurou no Brasil os remédios melhores para dar combate dos males advenientes do industrialismo.

São imensos os benefícios que vieram para o Brasil, desde o momento que São Paulo compreendeu, primeiro que todos os seus irmãos, que o grande deserto brasileiro deveria encher por todos os modos, de gente limpa, encaminhada para de todos os quadrantes do mundo. E não se fale em assimilação. Tudo tem sido mais ou menos assimilado. Tudo se vai "apaulistando" aos poucos.

O café tem sido motivo de injustiças sem conta, feitas o Estado "líder" da Federação. Todos falam do dinheiro tal que este Estado sugou dos cofres debilitados da União, desde o dia em que pensou na protecção de sua lavoura cafeeira. Todos os maldizentes fazem do café o ponto de partida das mais pesadas censuras as administrações paulistanas. Todos os apostrofados incansáveis do progresso paulista, lembram de proposito, e fora de quaisquer propósitos as histórias dos repetidos "auxílios" do Governo Federal no caso do café.

Vou analisar por tempos e rapidamente. a história desses "auxílios", obedecendo ainda aqui a orientação que segue o Dr. Olympio Romeiro. Cinco vezes, o Governo de São Paulo recorreu à União para não ver o eixo da economia nacional fraturado: 1906, 1908, 1917, 1921 e quatriennio Bernardes. A primeira vez (1906), o Governo Federal entrou apenas como endossante de um empréstimo de 15 milhões de esterlinos que o Governo paulista foi encarregado de realizar com banqueiros londrinos sob a "responsabilidade solidaria" dos três Estados que tomara parte no famoso Convenio de Taubaté: São Paulo Rio de Janeiro e Minas. Neste primeiro caso São Paulo teve que pagar sozinho os £ 15.000.000 e o fez com o seu dinheiro e antecipadamente. Desta história saiu São Paulo muito bem. Não deu prejuízo a quem quer que seja, e das vantagens do empréstimo desfrutaram também os dois outros Estados representados naquele Convênio.

Em 1908, a União fez um negócio da China, pois tendo sido apenas intermediaria entre São Paulo e os Rothschilds na consecução de um empréstimo, entregou £2.850.000 e recebeu do Governo paulista ao fim de um prazo estipulado em contrato, £ 4.537.455. Em 1917, no aceso da guerra europeia, São Paulo, para evitar a bancarrota dos seus agricultores que tinham café para o nos portos de exportação, resolveu intervir no mercado cafeeiro, tendo recorrido para isso à União, que lhe adiantou 110.000:000\$000 nascidos de uma emissão de emergência. Os lucros

resultantes dessa intervenção seriam divididos irrmãmente entre os dois governos, o Federal e o Paulista, e foram. A União deu de empréstimo 110.000.000\$000 ao fim de dois anos recebeu 170.000:000\$000. Os cento e dez que deveriam ser incinerados, foram gastos.

Em 1921, o Governo Federal resolveu ganhar dinheiro com os cafés paulista, mineiro, fluminense e espírito-santense. Interveio diretamente no mercado e teve um lucro de 160.000:000\$000.

No quadriênio Bernardes foi deliberado fazer-se a "Defesa Permanente do Café" com a construção dos armazéns chamados Reguladores. Estes foram construídos, à custa dos cofres federais, primeiramente, em São Paulo. Estavam já oito armazéns prontos, quando os ventos de uma outra política começaram a ventar sobre a cabeça do Presidente do Brasil. Este, acabrunhado com o preço excessivo da rubiácea, resolveu afastar as vistas da nação desse assunto ingrato, desse fruto "caro" que estava a desorganizar a Economia Nacional e a concorrer para o despovoamento de outros Estados, principalmente Bahia e Minas." São Paulo resolveu manter sozinho a defesa do "eixo" e indenizou à União de todas as despesas feitas com os armazéns reguladores dezesseis mil cento e cinquenta e dois contos noventa e seis mil e seiscentos e quarenta e cinco reis (16.152:096\$645), e depois disso, tomou posse deles.

No concernente ao problema ferroviário também se verificam os frutos magníficos do espírito de iniciativa dos paulistas. Dos 6920540 kms de Estrada de Ferro que existem em São Paulo apenas 828,493 kms. são de propriedade da União, isto é, menos do que ela possui no Ceará. Pernambuco, Bahia, Minas, Rio Grande do Sul, e Mato Grosso. 3708467 kms, daqueles 6920540 kms. Pertencem a Empresas particulares, paulistas na sua maioria absoluta. 2.383.580 kms pertencem ao Governo de São Paulo. Em suma: oitenta e cinco por cento das de Ferro Paulistas pertencem ao Governo Paulista empresas particulares nacionais; três por cento a empresas estrangeiras e doze por cento ao Governo Federal. Dos 828 kms, pertencentes à União alguns deles aproveitam principalmente aos interesses mineiros. São Paulo, possui a melhor organização rodoviária de todo o território nacional.

Nesta questão, ainda não se pode dizer que o Estado de São Paulo é o parasita insaciável da União. Conclui-se que no tocante ao problema da abreviação das distancias para comercio fácil de seus filhos e dos seus irmãos, para a grande obra da solidariedade brasileira, ele se tem havido com largo descortino e admirável desvelo. Seu solo se acha riscado de todos os lados por magnificas rodovias e extensas ferrovias, na sua quase totalidade saídas do gênio empreendedor de seus homens e patriotismo de seus governos. São Paulo já resolveu o seu "saharismo".

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro é apontada como uma organização modelar por todos os entendidos Assinala Cincinato Braga que o trecho de Estrada de Ferro compreendido entre São Paulo e Cachoeira é

a salvação financeira da Central do Brasil, como também o trecho Bauru-Itapira é a salvação do Noroeste do Brasil. Ainda aqui, não se tem motivos para descer. Pierre Denis, no seu livro "O Brasil no Século XX" afirma: "Existe apenas um remédio: melhorar as comunicações. A questão do Brasil é acima de tudo uma questão de estradas."

São Paulo concorre com trinta e cinco por cento do imposto sobre a renda que o País arrecada e com mais de vinte e sete por cento do imposto de consumo. O povo paulista tem pagado muito mais imposto à União do que o seu próprio Estado. De 1881 a 1929 "a arrecadação federal" em São Paulo foi de 6.453.198 : 621\$546 e a arrecadação estadual de 4.094.350 : 590\$737. É mais caro para o paulista, ser brasileiro, do que ser paulista. A "arrecadação ouro" pelo Governo Federal em trinta e nove anos de República, só em São Paulo, foi maior, excetua dos Rio Grande do Sul e Distrito Federal, do que em todos os outros Estados reunidos - vinte e seis e meio por cento.

A "arrecadação papel" só em São Paulo, de 1890 a 1928 foi superior, excetuados Distrito Federal, Rio Grande do Sul e Pernambuco, a de todos os outros Estados reunidos. Superior à de dezessete Estados.

Na "Balança de Contas" do Brasil de 1911 a 1928 houve um saldo de £ 250.525.899. Extraíndo-se dele (do saldo) a contribuição de São Paulo, verifica-se um déficit de 73306083 São Paulo sozinho dá um saldo de £ 323.831.982, transformando, portanto, aquele déficit no saldo primeiro referido¹.

A exportação de São Paulo nesse lapso de tempo foi maior do que a de todos os Estados reunidos, inclusive o Distrito Federal. A capacidade de exportação de São Paulo é superior à de países da América do Sul dotados de grande vitalidade econômica, como o Chile e o Uruguai. É o que acentua Elias Junior no seu livro "Separação ou Confederação."

Não tem isso o mínimo valor, não denotará trabalho, fadigas? Um bilhão de pés de café é que promovem tudo isso, mas é bom não esquecer que o café não é silvestre. Cultura, colheita, torrefação, moagem, transplantação, capina, tudo dá o costume da pertinência, tudo isso obriga ao esforço. A este propósito é assim que se expressa o autorizado sociólogo brasileiro Oliveira Vianna: "Só prosperam na cultura dos cafezais as naturezas solidamente dotadas de aptidões organizadoras, feitas à direção de grandes massas operárias e a concepção dos grandes planos de conjunto.

O tipo social dela emergente é, por isso, um tipo social superior, tanto no ponto de vista das suas aptidões para a vida privada, como no ponto de vista das suas aptidões para a vida pública. Daí forma-se, nas regiões onde essa cultura se faz a base fundamental da atividade econômica, uma raça de homens magnificamente providos de talentos políticos e capacidades administrativas.

¹ Os dados estatísticos que se encontram neste prefácio são tirados do livro "São Paulo e Minas na Economia Nacional".

O Estado que no Brasil tem maior número de instituições beneficiadas pelo Governo Federal não é São Paulo.

Longe disso. Em 1928, das 47 que havia. 15 estão em Minas, 7 na Bahia, 5 em Pernambuco, 5 na Paraíba, 5 no Estado do Rio, 4 no Amazonas, 2 em São Paulo, 1 no Piauí, 1 no Rio Grande do Sul.

O encaixe bancário do Estado de São Paulo é sete vezes maior que o de Minas, três vezes maior que o do Rio Grande do Sul (Elias Junior).

São Paulo é o único Estado que não concorre para os pesados déficits que tem o Governo Federal com o serviço dos Correios.

Os livros que se ocupam com a nossa Geografia econômica, mostram claramente a grande prosperidade pastoril, agrícola industrial de São Paulo. E digno de notar-se o forte incremento que tem tomado a indústria pastoril em Barretos, Osasco e Orlândia, principalmente.

São Paulo tem sido admirável no cultivo da terra. Será apenas aquela "onda verde" dos cafezais a tão malfadada monocultura? E notório que há mais alguma coisa. São Paulo já é policulturista. É o mais policulturista dos Estados brasileiros. "Não

se pode atribuir a prosperidade e a grandeza deslumbrante de São Paulo ao poder mágico do ouro e a prova está em que, enquanto Minas, Goiás e Mato Grosso com sua extraordinária produção de metais e pedras preciosas, caíam em lastimável decadência. São Paulo, sem terras auríferas e diamantinas, se tornava produtor de riquezas, criando gado, plantando cereais, abrindo estradas, construindo linhas de ferro, edificando cidades onde suas fabricas reclamam o céu com o fumo de suas forjas enchem o espaço com o ruído de suas máquinas, exportando tanto café que abarrotaria o mercado mundial e, para dizer tudo em poucas palavras, dando o exemplo aparentemente paradoxal de país de superprodução com falta de braços." (Arthur Orlando).

A maior produção de milho no ano agrícola de 1930 a 1931 se fez em São Paulo Grande é aí a cultura do feijão. São Paulo produziu quase a metade do arroz de todo o país. Arroz, milho, feijão, elementos fundamentais da alimentação vegetal do brasileiro, aí se produzem, como se vê, em grande escala. Bananas para exportação, nas encostas da Serra do Cubatão. Laranjas preparadas em enorme número nos seus já famosos "Packing Houses" e mandadas para a Inglaterra. Grandes engenhos de açúcar em Monte Alegre Lorena. Em Ribeirão Preto a maior usina de açúcar do Brasil. Cultura de amoreiras para criação de bichos da seda que já competem em tamanho com os de Bagdad. Cultura regular de videiras, algodoeiros, tabaco, oliveiras abacaxizeiros.

O plantio extensivo dessa tão prodigiosa soja ou feijão japonês, tem sido experimentado com o melhor êxito. Está leguminosa é aplicável aos mais variados misteres: a alimentação humana, sob a forma de grãos cozidos, manteiga e leite vegetais; na alimentação de animais estabulados, sob a

forma de folhas e grãos secos; ao enriquecimento das terras pobres, sob o aspecto de adubo azotado, altamente fertilizante.

Vários ensaios felizes têm sido realizados no que respeita à cultura de tamareiras e dentro de poucos anos, tudo indica, estará São Paulo apto a prover no nosso mercado dessas deliciosas tâmaras, que ainda importamos de países longínquos, por preços fabulosos. S. Paulo tem-se preocupado muito com o estudo e a exploração de suas terras. No gênero, aí encontramos as seguintes instituições: Escola Agrícola Luiz de Queiroz, Instituto Central, Instituto Agrônomo de Campinas, Aprendizado Dr. Bernardino de Campos, aprendizado agrícola João Tibirica, Seção Botânica, Escola Agrícola e de Medicina Veterinária Baptista Novaes, Horto Botânico, Horto Tropical de Cubatão, Instituto Biológico etc.

O problema do reflorestamento parece estar de há muito solucionado na terra dos bandeirantes. Seus campos, à margem das ferrovias, cobrem-se de vastíssimos eucaliptos, de crescimento muito rápido boa lenha e exercendo ação purificadora, nas regiões pantanosas. Também tem sido empregada, em larga escala, com os mesmos propósitos, a bracatinga.

São Paulo é o maior parque industrial da América do Sul. Para avaliar o que acabo de dizer, basta considerar no seguinte Trecho de um discurso do Dr. Lindolpho Collor pronunciado no Automóvel Club de São Paulo, no dia 20 de maio de 1931: "Os argumentos percentuais dessa produção em relação ao ano de 1900. exprimem-se pelos seguintes algarismos, que "não hão de encontrar superiores em muitos dos mais atentados países" nos nossos dias. Em 1910, 171,5%: em 1920, 1.313,8 %: em 1929, 3.296.10% Só um povo dotado de extraordinária capacidade de trabalho poderia nesse breve lapso de tempo dar corpo a tão impressionante, a tão intensa, a tão extraordinária tarefa de progresso." Quase todos os produtos

indústrias de São Paulo são consumidos no próprio Estado (80.3%). São Paulo compra muito mais dos outros estados do que a eles vende. Cessado o "protecionismo". O prejuízo será menos dele do que do resto do Brasil (Ellis Junior). A indústria de tecidos de algodão está suprimindo vários países da América do Sul. São Paulo possui Cento e Onze Fabricas de Tecidos Fabricas em Caieiras (Cal. Telhas, Tijolos, Louças de barro). Industria da pesca bem desenvolvida em Santos, Industria de carnes congeladas, Fábrica Arethusina. Industria de chapéus, Sapatos, Camisas. Fabricas de fósforos, velas, vidros produtos químicos, moveis etc.

Merece ser referido o que diz Chester Washburns, grande autoridade em geologia estrutural e estratigráfica, no seu trabalho: "Geologia do Petróleo no Estado de São Paulo": Admitindo a inevitável generalização devida à falta de estudos detalhados em muitos pontos do Estado, o geólogo experimentado constata que o mapa da "Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo" o mais completo até agora publicado na América do Sul, abrangendo área tão dilatada."

Em Ipanema, além da indústria do ferro, tem estado em andamento a grande iniciativa da indústria dos adubos fosfates, utilizando como matéria prima a apatita de uma grande jazida ali existente. Se não me engano, é com esses adubos fosfates que São Paulo está procurando dar formal desmentido á desanimadora filosofia da evolução econômica, baseada na teoria da fertilidade decrescente do solo, está procurando resolver o assoberbante problema da regeneração das chamadas "terras cansadas" de produzir café. Sobre esta se vão desenvolvendo agora exuberantes pomares.

Em Ribeirão Preto há a grande Companhia Electro-Siderurgica. São Paulo único dos Estados brasileiros que possui um bem aparelhado "Serviço Geológico" em completa independência para com o Ministério da Agricultura. Não se pode negar, pois, que São Paulo esteja projetando, com a produção industrial do ferro, falar ao mundo aquela linguagem nova, a que alude Gilberto Amado.

A maior instalação hidrelétrica do Brasil é de Cubatão, onde existe uma turbina, que em unidade e no seu tipo, é a maior do mundo.

As Repartições Públicas paulistas apresentam, na sua maioria, uma organização digna dos maiores aplausos. As Diretório do Expediente e Protocolo Geral da Secretaria de Viação e Obras Públicas, são modelares. Tudo o que se pode imaginar de melhor. Organizações praticam tudo rápido e ordenado. O movimento de papeis por meio de fichas e de grande vantagem, muito original e o mais eficiente que há no país. Milhares de papeis transitam rapidamente sem se perder e são encontrados com facilidade surpreendente. O Departamento de Estatística Imobiliária do Estado, nos moldes dos da Itália e Uruguai, é primoroso. Nada se pode desejar de melhor. É o melhor do Brasil.

A organização judiciária paulista é magnífica. O Código do Processo Civil e comercial de São Paulo é paradigma falhas? Talvez algumas, mesmo assim o que há de melhor por todo o Brasil. A organização da chamada polícia de carreira só aplausos de todos tem merecido. O sistema penitenciário paulista é ótimo.

São Paulo é um dos poucos Estados brasileiros em que verdadeiramente se "faz" Instrução Pública. Possui 3310 Escolas Primária, 149 Secundárias, 10 Normais e 5 magníficas Escolas Superiores. A Escola Politécnica é vazada nos moldes da de Zurich que é a melhor do mundo. Conta no seu corpo docente com Professores contratados nessa cidade e em Charlotenenteburgo, verdadeiras sumidades. O seu Gabinete de "Resistencia dos Materiais" só encontra similares na Europa: possui uma biblioteca especializada completa. O "Grêmio Politécnico edita uma revista científica das mais conceituadas no país. Durante a Revolução Constitucionalista todos os setores militares e fez sentir a eficiência da engenharia paulistana: Construção e reparação de estradas de rodagem, construção rápida e reparação imediata de pontes, levantamento de plantas,

instalações telefone cos e telegráfica, transporte férreo e rodoviário; fabricação de armas, munições e demais apetrechos de guerra; reconhecimentos, projetos e execução de trincheiras: Delegacias técnicas. Por toda a parte atuam os engenheiros com presteza e brilho.

Assim se manifesta este respeito, bravo Coronel Brásio Taborda: "Os engenheiros, os químicos, os industries com a magia de fakirs das artes e das ciências executavam assombrosos milagres."

São Paulo possui a mais completa Faculdade de Medicina da América do Sul. Tudo se tem procurado fazer neste Estado em prol da Saúde Pública. Foi nele que se realizou no Brasil e quiçá nas duas Américas, o primeiro "Concurso de Eugenia", informa Renato Kehl. Nele se instalou, graças aos esforços ingentes de Arnaldo Vieira de Carvalho, a primeira "Sociedade Eugênica Brasileira".

Tudo se faz em São Paulo em benefício da Educação Física e os resultados, notórios, têm sido dignos de louvores e têm-se manifestado em vários certames esportivos nacionais e internacionais. A Seção Demográfica Sanitária do Estado de São Paulo é modelar. Ha em São Paulo um admirável serviço de Proteção as Mães e a Primeira Infância: Casa Maternal e Infantil, Creches, Pouponiêres, Gotas de Leite, Jardins da Infância, Sanatórios, Leprosários, grande número de Hospitais. Liga Paulista contra a tuberculose e dispensário Clemente Ferreira. Liga Paulista de Profilaxia Moral e Sanitária. Educadoras Sanitárias. Dispensário de Higiene Mental. Manicômio Judiciário. Hospício do Juqueri. Instituto Bacteriológico. Instituto Serum-terapico (Butantã). Instituto Pasteur. Laboratório de Análises químicas e Bromatológicas. instituto Vacinogênico. Laboratório Farmacêutico. Hospital de Isolamento. Desinfetório Central. Associação Paulista de Sanatórios populares contra a tuberculose. Ensino e Seleção profissional na Estrada de Ferro Sorocabana. Grande número de revistas médicas. "A capital do Estado de São Paulo é uma das cidades mais salubres do mundo" (M. Bernardez: El Brasil).

Da Faculdade de Direito de São Paulo, uma das nossas mais caras tradições têm sido os maiores do pensamento brasileiro. Quase sempre, o Brasil tem ido a São Paulo aprender a ensinar. São Paulo tem sido a nossa "Escola de Pedagogia". Não me furto ao prazer de consignar, neste particular, algumas palavras do ilustre pedagogo paranaense Raul Gomes: São Paulo, graças à cultura e a inteligência de seus estadistas e devido também à sua colossal riqueza, delineou e realizou, depois da proclamação da República, vasto e profundo plano de ensino."

Chama a nossa atenção o referido pedagogo para a grande multiplicação de escolas em São Paulo, para o aperfeiçoamento da Escola Normal, para o aparecimento de Lyceus de Artes e Ofícios, para a passagem dos mais ilustres personagens pelo magistério primário paulista, para a importação de métodos novos e eficientes de ensino, para a vulgarização do

método analítico, para a criação do tipo chamado Grupo Escolar para facto de a Nação toda seguir o plano educacional de São Paulo.

Como se vê, o "Único Problema da Nacionalidade (Miguel Couto) está achando a sua aprimorada solução nos domínios da Paulicéia. Lacunas? Talvez, mas não há nada melhor no Brasil.

Foi de São Paulo que partiu, há poucos anos, o primeiro grito pela renovação da arte brasileira.

Podem, não contesto, os pesquisadores profissionais de erros e pecados encontrar, na terra e nos homens bandeirantes. elementos para escrever um grande tratado. Mas, errar não é apenas dos homens, é de todos os seres vivos, como frisa Pontes de Miranda. Uma virtude deve fazer esquecer muitos pecados. E, em São Paulo, os erros que porventura houver, serão poucos. E lugar do Brasil em que menos se erra, não há negar.

Após a desfilada diante dos meus olhos de todo panorama da civilização paulista, necessita eu do cérebro azul dos filósofos, para através da "fria periferia dos fatos históricos, anzolar a causa primeira de um assombro, para definir, situar e esclarecer o fenómeno paulista brasileiro: precisaria de dotes que me falecem.

Não tenho nenhuma disposição para pôr de lado causas primeiras, começos absolutos, fins últimos; entretanto, ao fim das minhas pesquisas nesse sentido, só me tem restado o desespero dos que procuram com toda a boa vontade, sem achar nunca.

São Paulo, é no Brasil, o maravilhador de todos os estrangeiros que o visitam, é a nossa "fonte de maravilhas" Por que tanto se adiantou? Onde buscar-se a substância primitiva, ponto de derivação desse acidente admirável? Por que faz ele a vanguarda brasileira?

Tenho para mim, não seja fácil responder. Pudesse pensar, e eu gosto de pensar assim, que a hereditariedade tenha conduzido até ao bandeirante dos nossos dias, todos os "positivos" de uma brilhante tradição histórica.

Que tenha sido imperturbável idioplasma weizmanniano o veículo das tintas. para o painel psicológico do paulista novo; que as forças seletivas não tenham atuado sobre as suas linhagens puras; que tudo seja a assinatura de uma herança boa; que a substancia primitiva, — bandeirismo, se tenha cristalizado sempre em pistas de forma definição: disciplina, construtividade, progressismo; que a força magica da hereditariedade tenha posto na sua inconsciência, sob a forma de um "grande comprimido" todo o romance do Brasil primeiro, por ele trabalhado, vivido sofrido que esta força lhe tenha inscrito na memória, inegavelmente, quadro daquelas Bandeiras tumultuarias que, no dizer preciso de Calógeras, " se seguiam umas após as outras como rolam as ondas sucessivas de uma enchente": lhe tenha rinchado no espirito, o espirito da terra que ele outro perlustrar em todos os sentidos lhe tenha desenhado na lembrança o primeiro mapa da nossa natureza.

O paulista é em nosso meio, incontestavelmente, indivíduo mais atuado pela força propulsiva do planeta quem recebe mais abundantemente os raios

vivificadores do nosso passado físico e histórico. Foi quem recebeu primeiro batismo de brasilidade. É por tudo isso, que no Brasil são eles, os paulistas, que possuem a inteligência mais concreta, mais objetiva, mais prática de todas as nossas coisas, a percepção mais nítida de todas as incógnitas de nosso destino. "Raça inteiramente aclimada ao sol e ao céu do Brasil era a dos paulistas", diz o nosso historiador João Ribeiro.

Tem de ser isso. Nossa atividade vital é um condensado das múltiplas atividades microscópicas dos seres dos ambientes, se assim se pode dizer, que nos precederam no longo caminho da nossa vida pretérita e subjetiva: em nossa estrutura atual se acha inserta toda a história do nosso longínquo passado morfológico psíquico paulista veio vindo de muito longe e no seu longo trajeto foi "cravando no espírito o Brasil do tempo em que ele se ia, chapéu de aba larga, blindado por tênue pasta de algodão, rumo do desconhecido, achando muitas vezes a morte, outras se perdendo nos confins do mundo.

Ele tem "cravado na alma" o Brasil-terra, o Brasil-céu, Brasil-alma, o Brasil solar, florestoso e tonitruante, o Brasil que veio vindo, o Brasil que ele foi fazendo, o Brasil dos saltos, das cachoeiras, das montanhas, das cheias, dos raios, dos trovões, dos desertos, das correntezas, das ventanias, dos extensos descampados, das cavalgadas sem fim, das águas furiosas do Rio Pardo, das líquidas estradas do Tietê, do Paraná, do Paraguai, dos primeiros naufrágios, do pequeninos pouso, dos primeiros arraiais, das picadas por "onde passariam mais tarde as paralelas de ferro", das minas de ouro, diamante, esmeraldas por ele descobertas, das cidades que ia semeando, das longas caminhadas do Passa Vinte, do Passa Trinta, das agrestias da natureza vegetal, das feras soltas por este mundo a fora, das serpentes venenosas, do sertão inóspito da epopeia euclidiana que ele foi talando vagorosamente, do ar seco do nordeste, das grandes humidades do nosso sub solo, dos pantanais, dos luars, das primeiras geadas, dos matagais que ele atravessou, das lianas que ele desemaranhou, dos galos beijo canto era o anúncio das primeiras madrugadas brasílicas, das encruzilhadas silenciosas, das primeiras incerteza, das primitivas pastorais, das fadigas extenuantes das saudades pungente. das ausências intermináveis das vigílias excitadoras, da primeira fome, da primeira sede, da sua primeira tortura de explicar, do seu primeiro pensamento humano, dos sonhos, das esperanças frustradas, dos duendes e das lendas, o Curupira, o Caipora, o Saci, o Anhangüera, o Sabarábuçu, da "Pedra em que ruge a água", da terra onde tudo rejuvenesce". do mistério grandioso das Taras, dos primeiros conflitos entre o "meu" e o "teu", das lutas intensas, sangrentas, contra índios bravos, franceses, espanhóis, holandeses, quilombolas, emboabas, contra toda aquela farandola de piratas em busca da nova Canaã.

Tudo, tudo isso se lhe foi infiltrando, embutindo no íntimo do subconsciente.

Eu prefiro admitir a ação preponderante da hereditariedade das forças internas, dos "determinantes que o germoplasma primitivo foi deixando pelo seu caminho Prefiro "crer" na incorruptibilidade dos plasmas ancestrais. Prefiro aceitar a invulnerabilidade dos veículos da vida (bioforos). "Ao mais insignificante dos nossos

gestos erguem-se os antepassados, não no tumulto onde repousam imóveis, mas dentro de nós mesmos onde vivem imperecíveis" (Miguel Pereira). Gestos de bandeirantes, de fidalgos portugueses e espanhóis, de todos os Braz Cubas!

Verifica-se nos vivos de agora, sinais dos vivos que já viveram vê-se na vida que é, a vida que já foi soletra-se no momento presente dos organismos, a páginas criptas no seu pretérito: pode se vislumbrar na atualidade da civilização paulistana, marcas de sua "idade heroica."

Podem outros, ratzelistas, admitir, por exemplo, que a inegável ação do meio haja preponderado, haja misteriosamente "atualizado na terra de todos aqueles intrépidos Raposos de outrora, apenas a quota boa do hereliano espírito do mundo, pai de tudo que acontece.

Tudo teria obedecido na civilização paulista ao progressivo ritmo da tese, antítese e síntese, de Hegel.

Os que acreditam demasiadamente nas mesológicas como fatores de civilização, assim se expressam.

"Qual será a estrutura político geográfica do Brasil? A resposta a esta pergunta, diz professor Otto Maull, depois de ter viajado o nosso país, não se contém como se poderia supor, nas palavras: Café ou desenvolvimento da economia nacional. A resposta é: "Brasil Central."

São suas as palavras: "Ha nas regiões do Centro do Brasil uma zona própria ao desenvolvimento de uma formação política nacional, social, jurídica e econômica; isto é, há uma região política nuclear (ein politisches Kernland) que tem por fim ligar o norte ao sul está o professor Maull convencido de que o "organismo político brasileiro" depende antes de tudo da existência desse núcleo político no Centro do Brasil. Esta maneira de pensar está fazendo fortuna, porém eu a considero mais ou menos descabida. O grande publicista brasileiro A. Amaral não se tem fartado de repetir que, sobre um mesmo habitat, se têm desenvolvido civilizações as mais precárias e as mais esplendorosas. E este parecer antigo e muito repisado.

Quem realizou as Bandeiras, seria capaz de construir uma civilização em qualquer parte do mundo.

Pode a concepção marxista da história explicar todo o fenômeno paulistano? Não me parece.

Tem o marxismo encontrado entre nós vários ilustres

adeptos. O chefe do Governo Provisório opina que o edifício do "Direito Novo" deve ter por argamassa os fatores econômicos.

O marxismo faria compreender a intensa civilização material de São Paulo: estrabismo, imigrantismo, industrialismo, agricultura, pecuária, comercio. Daria, com tudo, pequeníssima explicação. É bem verdade que se não pode construir um palácio sobre os alicerces "abarbeirados" duma choca. Mas, onde aquela intensa luta de classes que Karl Marx vê na gênese de todas as civilizações? Como encarar de um ponto de vista estritamente econômico as ideias altas, o sentir elevado, o pensar amadurecido, toda a ação gigantesca da gente desse São Paulo, que Ruy Barbosa apontava como "precoce na história de todas as nossas grandes reivindicações, capital das tradições e do futuro do Brasil, pioneiro da emancipação de nossa nacionalidade, pioneiro de nossa riqueza material, habituado às iniciativas heroicas, desse São Paulo cujo ouro é o seu coração, o seu temperamento, as suas virtudes, o seu amor a liberdade, desse São Paulo mestre de justiça" e professor de direito.

Não basta o marxismo. A pessoa humana total transcende evidentemente do "homo economicus" dos economistas.

Poder-se-á aplicar ao progresso de São Paulo o determinismo histórico de corrente, a lei dos três estados, tão famigerada e tão discutida? Teologismo, metafisicismo, positividade? Creio que seria forçar muito, sem que disso adviesse um grande esclarecimento, um poderoso elemento explicativo. Ver-se-ia aquela coisa á que Adrien Naville chama violentar a realidade, pretendendo impor-lhe a camisola do determinismo. Terá cabimento aquela evolução progressiva de Spencer, do homogêneo indefinido e incoerente para o heterogêneo definido e coerente e do menos heterogêneo para o mais heterogêneo? É possível que sim, em termos.

De mim, preferiria esse corolário do spencerismo que é a "Evolução Criadora" de Henri Bergson: é mais sugestivo. Transformação dirigida? Qual diretor, qual a força vectorial? Tardismo?

Providencialismo de Bossuet? Circularismo dos estoicos, de Vico e de Spengler? Acaso? Viriato Correa diz: "A natureza teve o capricho de escolher São Paulo e os paulistas para teatro e atores dos grandes lances da nossa nacionalidade." Raça, meio e tempo do naturalismo histórico de taine?

O que me parece é que todas as casas teorias filosóficas dos fatos são mais constatacias do que explicativas. Constatam relações históricas, não explicam relações. Ficam sempre "rugas" o que se está vendo todos os dias a pretensa explicação de posteriores" relevantíssimos por uma serie progressiva de "anteriores inexplicáveis.

Na química dos fatos históricos, como na química dos átomos e elétrons, vale mais a disposição dos acontecimentos do que o número deles.

A nebulosa de que sabem os factos é tão complicada quanto a de que surgem os mundos. Um grande facto pode ser um grande mundo, pois para o aparecimento dele muita vez se tem impressão de que todo o universo trabalhou elementos históricos realizados em espaços e tempos os mais

afastados uns dos outros, intrincam-se às vezes de modo desconcertante e incompreensível.

O problemático é ainda, no mais dos casos, o centro de gravidade da história. Se algum argutíssimo historiador recebesse, bem vivos ainda, todos os elementos físicos e espirituais, para reconstituir a civilização paulistana, não o faria. Não saberia dispor os elementos, e correria risco de, almejando fazer São Paulo, construir um castelo de cartas.

Totalmente, nada explica São Paulo. Nem hereditariedade, nem espírito do mundo, no Brasil central, nem marxismo, nem comunismo, nem spencerismo, nem bergsonismo, nem providencialismo, nem herderismo; nem tudo isso reunido explica "integralmente" São Paulo. Cada uma dessas teorias, por sua vez aparenta explicar um pouco. As tradições transmitidas pela hereditariedade é que mais explicam. Verdade é que, qualquer que seja fenômeno, ainda não se têm elementos para esgotar a sua aplicabilidade.

É para estes casos, é para estes impasses, que o homem, animal astuto por excelência, arranja certas expressões. Eu vou explicar São Paulo reportando-me ao celebre autor da "Vida de Jesus." Renan, ao observar aquele pequeno povo, que numa pequenina terra acidentada Construiu uma civilização solida, imortal, deixou cair dos seus lábios duas palavras: Milagre Grego! Eu apelo para ele e repito: o que meus olhos vêm é o grande "Milagre Paulista," encarcerado na substância brasileira.

Nunca tive a ilusão de que o Brasil pudesse endireitar a um simples passe de vara magica, que á só mudança dos nomes dos nossos governantes pudesse deficiente civilização brasileira transformar-se, repentinamente, como uma história de contos de fadas, em uma coisa grandiosa, monumental.

Por ocasião da última campanha eleitoral, escrevi sob o impulso irreprimível de minhas convicções e publiquei na "Gazeta do Povo desta Cidade, uma série de artigos subordinados ao título um tanto atrevido "Governar São Paulo é governar o Brasil." Esses artigos me custaram alguns dissabores, foram motivo de acaloradas discussões, mas não puderam nunca me colocar mal perante a minha consciência. Não me arrependo de os haver escrito. Foi pressão de uma grande sinceridade que os gerou. Nesse tempo, fins de 1929, era intensíssimo o combate ao que se denomina o plutocrático São Paulo, o insatisfeito São Paulo, o parasita insaciável do Brasil, o orgulhoso, que quer tudo para si, aquele que pensa ser tudo nesta terra imensa. Esse estado de espírito, concretizado na revolta mais ou menos generalizada pelo Brasil, contra a tirania, a prepotência, a teimosia. o autoritarismo," exercidos pelo grande historiador, sociólogo, estadista. Uma das nossas mais lindas reservas morais. O Dr. Washington Luiz Pereira de Souza, deu lugar a que se fizesse a revolução de 1930.

Ideais! Sim, os de certos mocos sonhadores civis militares, de alma muito pura, inconformados com as imperfeições dos homens e das coisas, com o instinto iconoclastico do tempo, com os acidentes inevitável, mundo.

Nesta Capital houve após a revolução de outubro uma coisa extraordinária: a maior parte dos Verdadeiros idealistas, dos convencidos de que o Brasil precisa Brasil precisava entrar nos eixos, esses em seguida a vitória, se mostraram de uma admirável desambição, de um chocante prendimento. Tudo fizeram pela revolução, correram risco de perder suas preciosas vidas por um Brasil melhor

e que ardentemente anelar: mas na hora da colocação dos louros, no momento da vitória definitiva, foi que se viu os louros foram atraídos pelas cabeças magnéticas dos adesistas os mais não euclidianos possíveis, dos oportunistas de quatro costados.

Faço forte questão que fiquem nestas linhas, nesta hora de grandes confusões, o meu veemente aplauso aos verdadeiros idealistas paranaenses da revolução de outubro.

Os homens da Aliança Liberal verificavam angústia dos no seu já famoso manifesto, que a vida não podia ser bela quando a nação estava dividida: agradável, quando o brasileiro sofria no exílio: boa, quando os poderosos não tinham um gesto de simpatia pelos fracos ou pelos humildes; tranquila, quando tranquilidade importava em renúncia de personalidade e consciência; solida, quando o governo da sociedade se fundava sobre a usurpação da vontade popular e falta de exação nos atos eleitorais; rica, quando homens representativos sofriam penúria de ideal.

Hoje, dizia eu 15 meses após a Victória dos revolucionários de 1930, se nos pusermos em observação, poderemos asseverar que as palavras acima foram escritas de proposito, para serem aplicadas ao presente momento nacional.

Agora sim, mais do que nunca, sabe o Brasil, sabemos todos, que não pode a vida ser bela quando o país está a ponto de fragmentar-se; que não pode a vida ser bela quando os governantes após haverem prometido solenemente um reino da felicidade realizada, começam a faltar a todas as suas promessas; que a vida não pode ser bela quando os nossos horizontes morais e materiais se acham turbadíssimos; que a vida não pode ser boa, quando se caminha compulsoriamente para a anarquia; que a vida não pode ser tranquila quando, a pretexto para a solução de uma crise econômica, se atira displicentemente ao mar nome principal riqueza que a vida não pode ser tranquila sob a ameaça constante de lutas fratricidas: que a vida não pode ser tranquila quando o Brasil começa a fazer frente única contra São Paulo.

A vida não pode ser boa, quando brasileiros dignos, alvos ilesos de todas as comissões de sindicância que Revolução criou, se acham exilados e encouraçados. Não pode a vida ser tranquila quando se vê malbaratada a introdução de todo um povo.

A vida não pode ser bela quando os pensadores pessoas e sobrepõem aos pendores nacionais, A vida não pode ser tranquila, quando só repensa em subir custe o que custar. A vida não pode ser bela, nem boa, nem

agradável, nem tranquila, nem solida, nem rica, quando as pedras, alicerces das grandes sociedades humanas ordem, lei autoridade, liberdade, disciplina, subordinação, tradições ideal de trabalho, "vontade de potência", aspiração de vida, solidariedade moral, começam a periclitarem e desmancham no seio de uma profunda desorientação.

Na mesma época, em "A Tarde", também desta Capital, subordinado ao título "Deitado eternamente em berço esplendido", lançava eu, entre séptico angustiado o seguinte desabafo:

"O Brasil tem o direito de andar chorando de desgosto. Agravaste, dia a dia, a nossa concepção romântica da vida. Estamos em pleno sonho mau. Homens desatinados afastam violentamente dos seus eixos a realidade brasileira. Por todos os cantos se respira um idealismo aéreo, vago, ingênuo.

Perdemos-nos nas trevas de um extenso subjetivismo. Vão-se pouco a pouco esquecendo o Brasil objetivo, o Brasil concreto Brincar de peteca, a vontade, com tudo quanto se tem pensado de sério neste mundo. Estamos transformando o nosso país em formidável Sorbonne da Bagunça.

Todos os dias a baixa em nosso meio a densidade da vida moral.

Assistimos pouco surpreso, ao triunfo inevitável dos mais degenerados. É Darwin às avessas.

Tudo é uma tragédia! Profunda desordem moral! Espíritos sem direção! Alarmante indiferença estética!

Existências sem centro de gravidade! Caminhamos para o caos!

Almas andando no arame. Ideias mirradas. Anemia intelectual. Instintivismo!

Predomínio grotesco de Infer-homem. Os nossos governantes cuidam do nosso destino histórico como quem sonha para jogar no bicho.

Brasil – fuzarca! Brasil - loteria!

Tiraremos um dia o prêmio NOBEL do confucionismo, da indisciplina. Queimaremos muitos produtos agrícolas. Haveremos de compreender os mistérios da "pedra que canta." Cataremos muita eletricidade atmosférica. Prenderemos Lampião.

O cambie continuará sofrendo de saudade por muito tempo. A instrução, com raiva do Snr. Chico de Campos.

Veremos muita gente boa dizer pelos cafés: "Não foi para isso que fizemos a revolução!"

O voto secreto E maquiavelicamente da nossa ingenuidade e da sua insignificância. O ferro nos chama de "prontos." inventaremos ainda um cemitério cheio de "túmulos que choram." Veremos muitas crianças brincando de se jogar no abismo.

Viva o nosso subsolo, o mais rico do mundo! Viva o rio Amazonas, o mais rico do mundo! Viva a Cachoeira de Paulo Affonso a mais linda do mundo! Viva a Guanabara! Viva o Pão de Açúcar". A política já não é filha da moral e da razão: é madrasta malandra. O Povo cansou de tapeações e espera ansioso o comunismo. Os ingleses querem o nosso dinheiro. Os

franceses querem nosso dinheiro e ideias, as ideias que nós não assimilamos, mas que eles nos deram de empréstimo.

O mapa do nosso futuro está sendo feito pelo professor Mozart, e vai ser posto, sem endereço, no Correio Geral do Mundo, pela Santa de Coqueiros.

A poesia nacional vive das glórias do passado. A ciência sempre passou vida horrível entre nós. A filosofia detesta o nosso clima: nem plantando. A religião, escorada nos braços fortes de D. Leme, quer consolar-nos e regenerar nos. Mas qual.

Salve Brasil! Deitado eternamente em berço esplendido!

São Paulo tinha que chefiar uma Revolução. O esperado, veio.

Um dia ele nos ensinou a dar os primeiros passos na história. Hoje fez o "Exército da Lei" para nos ensinar a ser homens. Seremos homens, porque em torno do grande gesto paulistano se alargar a consciência moral de todos os brasileiros.

Sempre nos guiou pela vida nacional, o espírito de São Paulo. Esse espírito se transforma agora numa bela promessa de ressurreição.

Para honrar o seu conceito de dignidade humana, para "combater vaidades enormes e méritos liliputianos."

São Paulo deu tudo de si ao Brasil e seguiu impávido para a morte sangrenta. Tinha direito de reagir. Fora o mais maltratado.

São Paulo precisa, mais do que ninguém, de leis que garantam o seu trabalho honesto. Não abandonou, um momento sequer, a reta de seu caráter e de suas aspirações. Esta reta é admirável a atravessar o cipoal de sinuosidades com que o combateram os seus mais caros irmãos.

São Paulo foi imprevidente por não ter arrolado as "fraquezas humanas" na massa dos acontecimentos fatos. Marchou, sem desconfiança, impertérrito, para a conquista de uma ideia muito elevada!

Nos dias da Revolução, espalhou por todos os cantos deste imenso Brasil, mercê das ondas hertzianas, a sua magnífica inteligência. Ela é bem maior do que as fabricas!

O historiador do futuro, desapaixonado porque distante deste episódio grandioso da vida brasileira, encontrara signos da abnegação de São Paulo por todas as células vivas do Brasil que vem vindo.

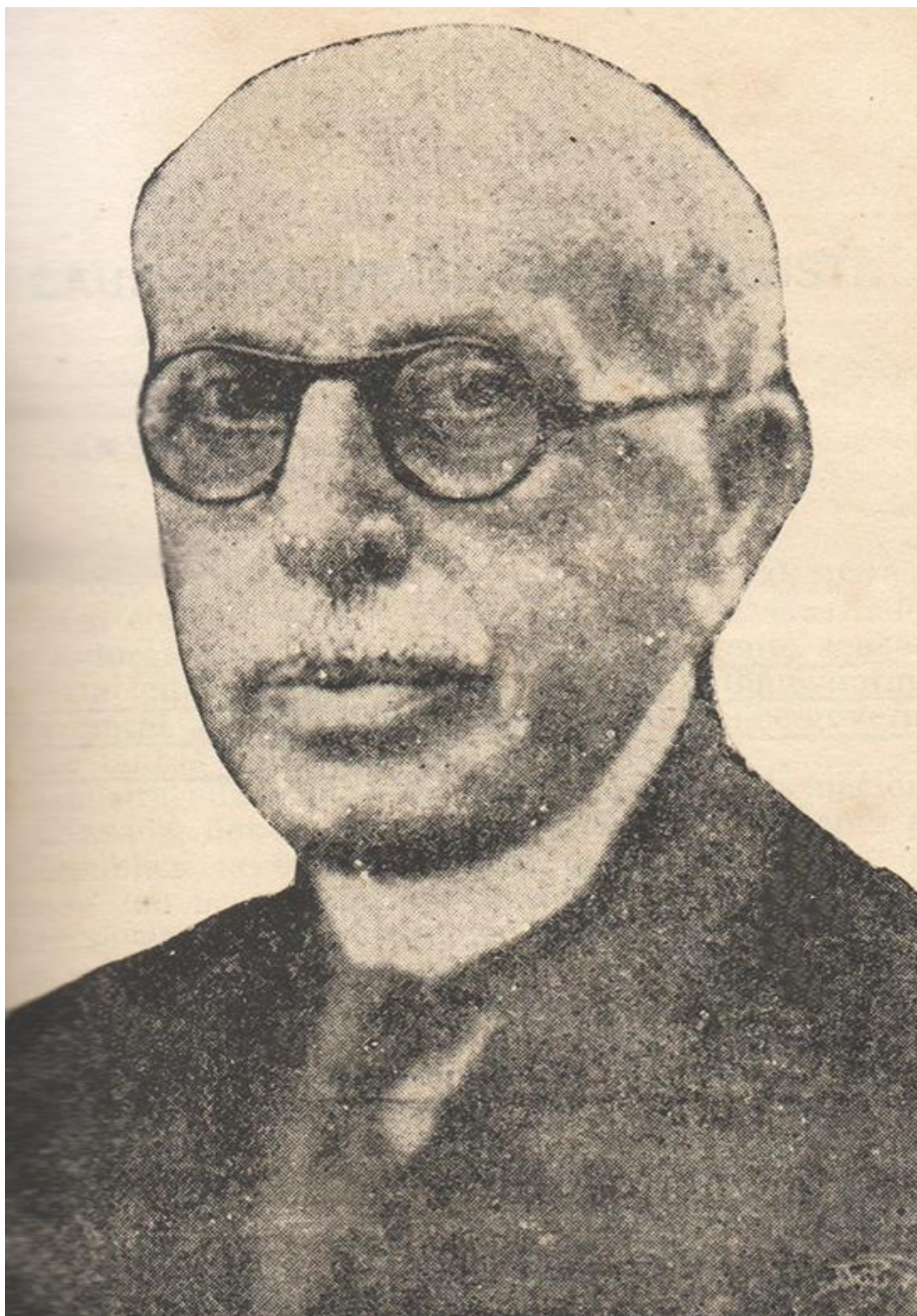
São Paulo está eternizado na lembrança de muitas almas fiéis. Soube engrandecer a sua honra, NÃO FOI VENCIDO!

Ele fará, com o seu transbordante dinamismo, com os seus colossais anseios de brasilidade, com a nobreza de seu generoso sacrifício. empolgante desassombro de sete milhões de almas, com o seu sangue derramado por querer, os alicerces do Brasil Novo. Este será o maior de todos os seus formidáveis empreendimentos!

Milton Carneiro

Curitiba, Paraná

7 de Janeiro de 1933



O Dr. Pedro de Toledo, governador dos paulistas, cujos cabelos brancos mais se enobreceram ainda no desassombro de sua atitude.

TOMO I

As causas da Revolução Paulista

Antecedentes da campanha

Vitorioso o movimento de outubro de 1930, para o qual também conhecemos e fomos, até um de seus adeptos mais ardorosos, acreditamos, como toda gente sensata, de que desta feita o Brasil retomar o seu ritmo normal dentro da moral administrativa, alheio à politiquice governamental que tantos males nos vinha causando.

A bandeira aliancista empolgou o espírito da nacionalidade. Cansada, depois de uma oligarquia de quarenta anos de República, aceitaria a Nação qualquer indivíduo que desdobrar um programa de ação. Assim não quiz o país saber se era A. ou B. o homem do momento. Os princípios que apresentasse, esses eram os que iam ditar a norma condutora do povo que não mais queria sofrer.

Veio o sr. Getúlio Vargas encontrar esse ambiente, graças ao qual lhe foi fácil vencer os homens do regime passado.

Não compreendeu, todavia, o ditador o momento brasileiro. Não foi perspicaz ou os elementos que o cercam não lhe permitiram uma política de tolerância, mas sensata e séria.

Daí os desmandos sem par em todas as esferas políticas. Todos os Estados sentiram o entrave ocasionado por uma política de ficção.

O sr. Getúlio que podia tornar-se o ídolo do povo brasileiro, se possuísse maior energia para desviar os oportunistas e afastar dos cargos de responsabilidade os ambiciosos, impopularizou-se.

O espírito de revolta reserva ainda uma vez, em rumores surdos, tenazes, insopitáveis. Só não o fizeram compreender os homens que se haviam guindado ao leme.

São Paulo

Por que foi de São Paulo que se iniciou a luta armada?

Porque São Paulo mais do que nenhum outro Estado sentia de perto o achincalhe aviltante de uma política desmoralizadora. Quando as hostes outubrinhas entraram em São Paulo afirmam que vinham libertar São Paulo de um jugo infamante. No entanto, eles é que traziam a infâmia. Eles que vinham locupletar-se à custa de São Paulo.

Terra conquistada, desde o primeiro momento, sentiu as esporas de algóz e o corvejar de interesses. Aquela que justamente lhe deu os melhores

e os maiores motivos de engrandecimento de prosperidade e até de civismo, São Paulo foi aviltado. quando merecia carinho todo especial.

São Paulo das bandeiras imortais que levou a luz da civilização a todos os recantos da Pátria onde cantou o marco do progresso!

São Paulo admirável das grandes epopeias nacionais!

São Paulo, o maior contribuinte da nação. Dando mais do que todos os outros reunidos!

São Paulo cadinho de sábios, de intelectuais, de gênios acalentando em suas escolas e em sua terra todas as revelações nacionais!

São Paulo, orgulho do Brasil e de toda uma raça!

São Paulo foi para os outubristas senzala de escravos!

Tratam-no como terra conquistada!

E suprema ignominia! São Paulo que estava em condições de fornecer estadistas aos demais estados que deles necessitassem, São Paulo nem podia governar-se a si próprio.

Vexaram-no com a imposição de um tenente que, a despeito de sua propalada boa vontade, não estava nem podia a altura da brava terra bandeirante, como desde logo o comprovou a meridiana luz do bom senso paulista.

Compeliram-no as circunstâncias a deixar o posto onde sobejamente manifesta a sua inépcia.

Alvitrada, em boa hora, a fórmula -paulista e civil- assume o difícil encargo laudo de Camargo. A força aviltante das baionetas depõe o magistrado integérrimo.

Surge, enfim Pedro de Toledo e organiza o seu secretariado.

São Paulo

Terra conquistada e algumas das causas da luta

Periclitava o Secretariado Paulista

23 de maio de 1932, e 9 de julho de 1932, foram os dias máximos da intrepidez altiva do paulista.

O povo em massa saiu a rua e exigiu a composição de um secretariado que satisfizesse às aspirações bandeirantes. O que foi a maravilhosa noite de 23 de maio todos já conhecem de sobejo.

A formidável organização M. M. D. C. nasceram nesse momento e breve se transformaria no esteio máximo da campanha constitucionalista de 9 de julho.

Mas o povo já não era soberano. Não tinha mais a suprema protestas. Teimaram em negar-lhe o direito de soberania, que no dizer de Saint Girons,

é o direito que tem todo povo de ser, depois de Deus, o único arbitro dos seus próprios destinos.

O povo exigira esse secretariado. Satisfaça às aspirações populares. Por que, então, tentar de polo?

Quem ousaria contrariar a vontade de todo um povo que impôs pela força de sua convicção e principalmente pelo espírito de santa rebeldia aquilo de que o pretendiam esbulhar?

Não o quiseram reconhecer os homens que desatinadamente abusavam do poder nesta infeliz República.

Periclitava o secretariado paulista. Periclitava, até o venerando embaixador Dr. Pedro de Toledo, então Interventor Paulista.

Vejamos os fatos e argumentos.

No dia 1º. de junho, logo após os acontecimentos de 23 de maio, o general Manoel Rabello, então comandante da segunda Região Militar reiterou a afirmação de que a organização do atual secretariado paulista fora feita á revelia da corrente revolucionária² e sem a cooperação dos seus elementos, acentuando: Não foi uma medida prudente. Precisa haver conciliação e não imposição. Havendo imposição,

começam fatalmente as conspirações e conseqüentemente a mesma situação de intranquilidade e instabilidade. o que precisa ser evitado. Desta forma e preciso coordenar e controlar a corrente revolucionária que está vibrando e que, revolucionários, como são os seus elementos, seria capaz de alguma ação violenta, como já deu provas uma vez.

O General Bertholdo Klinger, em circular dirigida, mesma ocasião, aos comandantes dos corpos, da circunscrição Militar de Mato Grosso, deu-lhes a conhecer os acontecimentos de São Paulo e a constituição do novo governo paulista e concluiu transcrevendo um telegrama cifrado que dirigiu

² E o que representava a corrente revolucionária diante da expressão máxima e unânime de todo o povo paulista? Escolha-se novo governo, outro interventor civil e este, calmamente escolher um secretariado a altura de São Paulo e que não seja uma provocação aos revolucionários. O interessante é que s. e. não quer depor o governo. mas impunha que se escolhesse novo interventor e este nomeasse novo secretariado. Entenda quem puder! Quiz o Sr. General Rabello contemporizar, afirmando, antes na mesma entrevista: "Dizer que a nossa intenção era de apear o governo do dr. Pedro de Toledo, e que na sombra nos preparávamos para dar o bote, é fato que deve ser primeiramente concretizado em ato, porque a ninguém pode ser imputado um crime que haja ligado apenas na intenção do delinquente. Sim, S. S. queria que antes o povo paulista visse derrubado o seu secretariado, jugulado pela força, para depois inutilmente insurgir se contra esse crime que só tinha líquido, nessa ocasião, na intenção do delinquente, por não ter o povo paulista permitido fosse concretizado em atos não periclitava o secretariado paulista? Sim, tanto periclitava que o dr. Júlio de Mesquita Filho, telegrafou na manhã de sábado, 9 de julho, aos drs. Borges de Medeiros e Raul Pilla, dizendo que o Governo Provisório estava concentrando forças em São Paulo, com visíveis propósitos de depor o secretariado da Frente Única. Esta, pois, insofismavelmente, uma das causas da Revolta Paulista..

ao General Manoel Rabello, dizendo : Exortei-o a que do colabore novamente na farsa de deposição desse governo que corresponde aos anseios dos paulistas. Não bastam esses argumentos? Pois, então, vamos a mais importante deles.

O General Manoel Rabello, em entrevista dada, depois da revolução, ao Correio da manhã do Rio, quando em Ribeirão Preto. com o seu Estado-Maior, ainda em novembro do corrente ano de 32, afirmou categoricamente:

“Não desejo em absoluto depor os senhores, disse a um político paulista, mas quero apenas ter um entendimento para uma composição política, pois o caso não deve ser resolvido -Manu Militari-”, mas sim politicamente.

A incógnita da Constituinte

São Paulo desfraldou a bandeira da Constituição, com muito acerto e em muito boa hora.

Não teríamos Constituinte a 3 de maio, conforme apregoava a Ditadura, mesmo que para isso houvesse decreto especial.

Quem não via a morosidade dos trabalhos eleitorais, que ainda não haviam chegado nem a constituição dos chamados tribunais?

Só depois que São Paulo levantou o grito pró Constituição é que a Ditadura começou a apressar as démarches para a futura Carta Magna. Assim esporadicamente queria a Ditadura demonstrar ao povo brasileiro que não havia razão de ser para a Revolução com esse objetivo, porque dele já estava tratando o poder central.

No seduz esse argumento, porque pelos atos anteriores previa-se perfeitamente que não teríamos eleições a 3 de maio, quem sabe se nem em 1934, e muito menos em 1933.

Mas, não obteríamos a nossa lei básica a 3 de maio, porque a isso se opunha o bloco tenentista, num celebre pacto de Poços de Caldas, denunciado pelo sr. João Neves da Fontoura, o formidável tribuno e político dos pampas, num trecho de sua irradiação do dia 26 de julho:

Naquela altura, acontecimento marcou época e definiu posições. Foi o chamado pacto de Poços de Caldas, elaborado na sala bucólica da luxuosa estação de águas, paga, segundo ouvi, pelo Tesouro de Minas Gerais. Ali assentavam, em cavacos amáveis, o ministro da Justiça de então, o então interventor em São Paulo e o vice-rei do Norte o prolongamento da Ditadura, a organização da Legião de outubro, a destruição dos partidos, a supressão das polícias estaduais, a tomada de posse do exército, além de outras medidas complementares. Em suma, enquanto repousavam dos labores da guerra, no -otium cum dignitate-, os três donos da Revolução deliberavam acerca do destino de quarenta milhões de brasileiros. Cheguei a ver os

gráficos das futuras milícias das quais seria -Duce- civil o ministro da justiça e comandante militar o general Góes Monteiro.

Os nomes de ambos encimavam um cruzamento complicado de flechas, marcando para os botocudos os rumos que a trindade de Poços de Caldas lhes permitiria seguir no decênio ditatorial que magnanimamente ele prometia aos seus concidadãos.

Qual fora esse pacto (pato, ficaria melhor)? Reproduzimos o oportuno documento, demonstrativo de forma irretorquível de que as eleições não se realizariam a 1 de maio:

Pacto Revolucionário

1) Os policiais abaixo assinados sinceramente interessados em que a obra da revolução nacional de 3 de outubro não venha a ser destruída, ou contratada pela reação de oportunistas interesseiros ou de velhos revolucionários retrógrados e propõem pleitear junto ao poder competente a consecução integral e imediata das seguintes medidas, que considera como ponto de apoio básico para a perfeita realização daquela obra:

- A adoção criteriosa e intransigente sem olhar interesses de pessoas, classes ou partidos de todas as medidas julgadas necessárias à construção, econômica e financeira do país;
- O saneamento da força armada e reajustamento sua missão precípua no momento, que garantir completa liberdade de ação no governo ditatorial dentro dos limites do programa revolucionário;
- O rigoroso lançamento da administração pública, pela apuração inflexível da responsabilidade e castigo exemplar de todos os culpados pelo atual estado de desorganização moral política e administrativa do Brasil;
- Desenvolvimento de uma nova mentalidade político-administrativa com eliminação progressiva dos velhos elementos corrompidos substituição deles por valores novos integrados na mentalidade revolucionária;
- Estabelecimento de uma solução nacional para os problemas sociais brasileiros, especialmente os que se referem ao proletariado urbano rural.

2) E considerando:

Que as medidas acima preconizadas só podem ser cabal e prontamente executadas sob a vigência do regime extra-constitucional (1) que libertou os agentes executivos do entrave de preconceitos e precedentes legais e dos óbices judiciários normais;

Que o atual presidente da República está bem integrado na mentalidade revolucionária e ademais a resultante de fatores políticos favoráveis que talvez nenhum outro civil brasileiro possa resumir em si mesmo, no momento;

Que esse presidente necessita, preliminarmente, a obra da revolução, do apoio decidido e eficiente da força armada, capaz de dar-lhe autoridade material para opor vetos formais a ação entravadora e contra revolucionária dos interesses velados ou claros de partidos, classes ou pessoas;

Que para que essa força seja realmente eficiente e possa garantir em qualquer circunstância, a autoridade do poder ditatorial, precisa ser controlada pela oficialidade verdadeiramente revolucionária e obedecer sem restrições a orientação de alguns poucos chefes de absoluta confiança.

3) Resolvem os oficiais abaixo assinados assumir o compromisso espontâneo e solene de:

- Garantir a existência do atual estado de ditadura até que ele tenha preenchido integralmente o seu fim, permitida a transformação radical do ambiente político administrativo legado pelo regime recém-extinto;
- Defender o atual presidente provisório contra qualquer tentativa de subversão de ordem prestando-lhe apoio indispensável para que vencendo todas as injunções reacionárias, possa satisfazer as justas aspirações do povo brasileiro, consubstanciadas no programa da revolução;

No que concerne às classes armadas, cuja estrutura e organização geral devem sofrer profundas alterações, resolvem delegar plenos poderes aos oficiais abaixo enumerados, para tratarem dos interesses da coletividade; com o título de delegados militares revolucionários:

Delegado junto ao governo - Osvaldo Aranha;
Delegado junto à 1ª R. M. - Góes Monteiro;
Delegado junto à 2ª R. M. - M. Grosso Mendonça Lima;
Delegado junto à 3ª R. M. - Alcides Etchegoyen;
Delegado junto à 4ª R. M;
Delegado junto a 5ª R. M. - Plinio Tourinho³

³ Conversamos com o sr. Tenente. Coronel Plinio Tourinho a respeito de sua coparticipação nesse pacto. De fato, S. Excia esteve envolvido no mesmo, não o tendo, todavia, assignado. Julgou que fosse para se instituir uma política de moralização, mas pelo contrário tudo descambou para o estado de confusão. Combinado estava que cada

Delegado junto à 6ª e 7ª R. M.;
Delegado junto à 8ª R. M. - Juarez Tavora;

Respeitados embora os princípios disciplinares com relação as autoridades militares comprometem, entretanto, nos casos do emprego da força pública, de perturbação da ordem ou quando se focalizar questões de relevância atinentes ao exército e á Armada a só agir de acordo com a orientação que lhes for traçada pelos delegados qualificados com os quais manterão estreita e continua ligação:

Presente pacto durará até que se extinga a ditadura ou que a maioria dos que o subscreve resolva caçar, em ato equivalente ao atual, as delegações dele constantes.

Depois disso ainda incham os espíritos aferindo à ditadura que está nos daria constituinte em maio?

Ainda estou por acreditar que ela venha nesse tempo. Ponho as minhas dúvidas a respeito.

Se, entretanto, as eleições se realizarem e for um fato concreto a constituinte, ninguém negará que isso exclusivamente se deveu a bravura paulista, cujo movimento armado obrigou os dirigentes atuais a sustentar declarações e leis, anteriormente feitas e elaboradas -para inglês ver-.

Assim, dada essa última hipótese, a Revolução paulista alcançou plenamente o seu objetivo e não foi totalmente baldado o sangue generoso dos soldados constitucionalistas vertido nos campos sangrentos da luta. Terá, pois, vencido o princípio paulista, sustentado pela força das armas.

Intromissão Alienígena

Além da intromissão de interventores alienígenas, São Paulo teve uma invasão de funcionários de outros Estados, na sua vida política administrativa.

Por que clamaram os paulistas contra essa intromissão e essa invasão?

Por que, se anteriormente nunca o tinham feito, sendo pelo contrário o estado que mais tolerante se tinha mostrado com os filhos de outros estados?

estado teria governo autônomo e regional, sem intromissão de filhos de outros estados, no entanto, o Paraná e Sta. Catarina foram infestados de elementos alienígenas, havendo hegemonia da política dos gaúchos no mesmo. Quiseram fazer o mesmo com São Paulo, mas aí sempre tiveram oposição cerrada. Desta forma o Cel. Tourinho tinha se afastado definitivamente dos seus companheiros do pacto, considerando-se desligado que quaisquer compromissos por ventura assumidos e que julgava, tinham somente em mira uma política de moral estável, que encaminhasse tudo para a volta do país ao regime legal. Tendo-se desvirtuado essa finalidade, S. Excia. Considerou-se desligado do pacto..

General Manoel Rabelo, numa entrevista quilométrica, dada ao -Correio da Manhã- do Rio, quando estava com o Estado Maior, em Ribeirão Preto, apresentou os seguintes dados estatísticos de filhos de outros Estados, por ele encontrados quando Interventor:

“Em São Paulo, cerca de 6.000 homens da Força Pública, constituída de mil, eram nortistas, no funcionalismo público de cerca de 20.000 empregados, desde modestos porteiros até chefes de secretarias e departamentos estaduais, eram nascidos em outros Estados cerca de 1/3 ou 8.000”.

O eminente Dr. Júlio de Faria, Ministro do Tribunal de Justiça de São Paulo, e filho do Norte também, melhor do que ninguém descreveu a grande tolerância do paulista, no concernente a nomeação de filhos de outros Estados e na aceitação de até Presidentes de Estado. Alçamo-lo, pois, com o acatamento que nos merece. As suas palavras foram proferidas no Radio Jornal, às 22 horas do dia 4 de agosto:

Se o ilustre chefe das tropas ditatoriais quisesse examinar o assunto com a calma indispensável aos condutores das grandes massas militares, veria que São Paulo, em quarenta anos de autonomia política, cogitando principalmente das grandes forças morais e materiais do progresso, não tem considerado o homem qualquer que lhe seja a procedência senão como uma expressão de valor, na economia geral do trabalho construtivo.

Brasileiros ou estrangeiros que aqui aportam, são acolhidos com hospitalidade carinhosa, porque São Paulo, cômico dos seus grandes destinos, não sabe aninhar sentimentos condenáveis de nativismo grosseiro. Bem ao contrário, outros Estados da União é que tem procurado fomentar a irritante questão do nativismo, estabelecendo entre os brasileiros distinções odiosas, suplantando assim o nobre sentimento de amor da pátria entre daninhos cardos de hostilidade regionalista.

Na compreensão superior do sentimento da nacionalidade, a constituição de São Paulo no artigo 32, declarava elegíveis para o cargo de presidente do Estado de maior importância e respectiva organização política, todos os cidadãos brasileiros do que fossem maiores de 35 anos, alistáveis como eleitores, e tivessem cinco anos de domicílio no território Paulista.

Aqui, os paulistas fiavam o seu governo de qualquer brasileiro nato, que guardadas as outras restrições, merecesse a escolha de eleitorado, motivo pelo qual vimos, em diferentes ocasiões, a administração superior do estado entregar-se a um mineiro, como o Sr. Bernardino de Campos, a um alagoano, como o Sr. Albuquerque Lins, ou a um fluminense, como o Sr. Washington Luiz, e convém assinalar, como fato de grande cunho ilustrativo, que o Sr. Albuquerque Lins conseguiu eleger-se presidente do Estado, depois de haver derrotado, em memorável reunião de próceres políticos, a figura inesquecível de Campos Sales, fundador da Republica, restaurador das finanças nacionais e lidimo expoente do cerne racial do povo paulista.

Entretanto, quer o ilustre chefe das tropas ditatoriais saber como a respeito desse magno assunto dispunham as constituições políticas de alguns outros dos estados da federação? Pois a do Pará, no art. 12, a do Maranhão, no art. 43 a da Paraíba, no art. 26, e a do Rio Grande, no art. 12, estatuíam, terminantemente, que o Pará somente poderia ser governado por um Paraense, o Maranhão, por um maranhense, a Paraíba por um paraibano, o Rio Grande do Sul por um Gaúcho, o que constituía, na frase de um comentador, a expressão mais viva de egoísmo regional.

E se os iconoclastas adversários de São Paulo passassem a perquirir dos nomes que formavam a representação paulista congresso estadual como no Federal, pasmariam do grande número de filhos de outros estados, constituídos mandatários políticos do grande povo e Piratininga.

No Tribunal de Justiça, a que tenho a honra de pertencer, éramos, ao tempo do surto revolucionário de 1930, dois baianos, dois fluminenses, um pernambucano, um sergipano e um mineiro. Na administração pública, nos ramos mais elevados do funcionalismo, se viam então nomes de brasileiros provindos de outros estados, desde diretores gerais de secretarias, ale o ilustre cientista baiano, Artur Neiva, a quem o estado confiara defeza biológica de seu grande patrimônio cafeeiro. Filhos de outros Estados ilustravam a catedral os estabelecimentos de ensino superior, e de todos eles São Paulo jamais eu não o honroso cumprimento do dever de um baiano, o Sr. Luiz Américo de Freitas, confiou a lavoura paulista, num gesto espontâneo de glorificação eleitoral a direção do seu mais rico instrumento de defesa econômica, o instinto do café, e foi precisamente esse ilustre moço, que com a autoridade do seu talento e a tempera moral do seu caráter, fez, inda a pouco, ver ao Sr. José Américo, que nós outros, nortistas, não poderíamos jamais abandonar a grande causa brasileira, de que São Paulo se fizera ardoroso apóstolo.

E não podemos. Independentemente da beleza cultural da grande reivindicação política hoje pleiteada por São Paulo, seríamos profundamente ingratos si abandonássemos o estado que, sobre acolher-nos em seu regaço amigo, inúmeras vezes tem levado aos brasileiros que sofrem, em outras regiões, o conforto de sua solidariedade benfazeja.

Mas, por que, então, perguntamos novamente, os paulistas clamam contra a intromissão de elementos alienígena nas, após a Revolução de 30?

Porque foi uma intromissão indébita!

Porque foram acintosamente nomeados!

Porque “São Paulo não medrando o espírito regionalista, e o paulista, sempre laborioso e patriota, aceitando a colaboração leal de seus irmãos na preocupação constante da grandeza do Brasil, o que não admite, não tolera,

é a intromissão do alienígena ingrato, na sua vida administrativa, social ou pública”⁴.

A ditadura traiu os princípios liberais

Não tentaremos sequer demonstrar o que já está na consciência de todos.

Demos palavra dos maiores da república, justamente aqueles que concorreram mais de perto e intimamente para a Victoria outubrista.

Fale por nós o bravo e intemorato gaúcho, o admirável João Neves da Fontoura, por certo o mais forte esteio da antiga Aliança Liberal e embaixador das Frentes Únicas.

Ninguém com mais autoridade do que ele para nos dizer que -desde o início foi assim a Revolução de Outubro deturpada em seu sentido político e desviada em seus objetivos naturais- e que foi -contra esse crime inominável que se ergueram sem demora os que no transigiriam jamais com a violência e o arbítrio arvorados em sistema de governo-.

São de João Neves da Fontoura, as expressões seguintes, irradiadas no dia 26 de julho:

Recomendar-se-ia à benemerência indiscutível uma administração que conseguisse, fora do jogo das instituições políticas essas duas coisas essenciais o progresso do Brasil – a refusão dos padrões de federalismo, de acordo com a experiencia da primeira Republica e racionalização do nosso sistema tributário, Nada disso, porém, foi sequer ensaiado pelo atual governo provisório, perdido entre logo machias inexpressivas e querelas ridículas de corrilhos indesejáveis, repartindo, sob o olhar indulgente do ditador, a fatia das vantagens no bolo da usurpação.

Governo interino na duração, como o seu próprio nome o indicava, ele não podia nem se devia abalançar ao enciclopedismo, que caracterizou a sua ação tumultuaria, contraditória, cheia de marchas e contramarchas, sem unidade sem rumo certo, curveteando ao sabor de todas as exigências pessoais ou gregárias.

Mas, apenas instalado, desde logo aprontaram, na embriaguez da vitória, os primeiros ensaios de perpetuação do poder daqueles que a Nação levantara nos braços ciclópicos como agentes temporários da sua vontade soberana.

Surgiram prontamente as primeiras aventuras. Os jovens tenentes que foram buscar no exílio, consideraram sumariamente o pai como -res nullius- e começaram a praticar os atos iniciais de espoliação evidente. Formara-se com uma naturalidade espantosa, a corte de Madame Sans Gêne... É

⁴ Trecho do manifesto dos mineiros residentes em São Paulo, enviado ao dr. Olegario Maciel.

verdade que os generais imberbes de Napoleão tinham quase todos os cabelos tismados pela pólvora de batalhas memoráveis ao passo que os donatários das capitanias da segunda República, em grande parte apenas haviam realizado com o concurso positivo, militar e financeiro de três governos estaduais, agradáveis passeios militares por vários pontos do território, cobertos de flores e não de balas. Os governadores tombavam sob o bombardeio telegráfico e as linhas da resistência legalista parecia que utilizavam na pugna apenas cartuchos de festim. Isso impediu que a salta libertadora super produzisse heróis em quantidade assustadora. A expectativa publica, na alvorada da vitória, estava de tal modo embebida de simpatia humana pelo arranque dos vencedores que ninguém a princípio se deu conta do assalto consumado -manu militari- ao governo de quase todas as unidades Federais. O país foi do dia para a noite desmembrado em sub administrações. Adjudicaram a totalidade do Norte, desde o Espírito Santo até o Amazonas, a um jovem oficial inexperiente na vida da administração pública, homem de bem certamente, mas tomado de um fanatismo messiânico espécie de Robespierre incruento, considerando toda gente desonesta e só incorruptíveis os que rezam na alma, incluso, o celebre -espírito revolucionário-.

O Sul teve no chefe do estado maior das forças, que vieram ao Rio Grande e que de tenente coronel alcançou em poucos meses os bordados de brigadeiro, o fiscal das tropas acantonadas na zona meridional da Republica, desde o paraíba ao Chuí, sendo que em cada Estado o comandante da Região, que era um general, tinha como sentinela um oficial de patente subalterna. Na minha terra, o general Francisco Ramos de Andrade Neves, deveria ser policiado pelo integro e bravo capitão Alcides Etchegoyen, se tanto aquele como este não houvessem repellido a inacreditável manifestação de loucura soviética.

Transcrevo aqui ainda a carta que o Dr. João Neves, dirigiu ao Dr. Borges de Medeiros, antes de sua partida do Rio para São Paulo. Transcrevo-a na integra para não tirar o sabor do conjunto magistral:

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1932.

Afetuosas Saudações:

Só agora consigo uma oportunidade para dirigir estas linhas.

Também fui colhido pela -avalanche- dos acontecimentos.

Não pude sair do Rio. O aviso do desencadeamento da revolução para a madrugada de 10 chegou ao meu conhecimento a tarde de 9. Sem mais possibilidades de embarcar para Santos. A viagem de automóvel era perigosa, pois desde a questão Klinger, a Ditadura vigiava as estradas.

Tem o ridículo de uma prisão, seguida de um rebate falso (o aviso era sujeito ainda a uma confirmação, que não me chegou).

Sempre me repugna o papel de conspirador sem ventura, apanhado na hora de um movimento abortado, como ineficiente atizador de intentonas.

Preferi ficar aceitar o oferecimento de um amigo, que me levou sabado à meia noite para a sua residência, lugar relativamente seguro.

Daqui tenho assistido, contristado, a marcha dos sucessos e sobretudo a atitude do interventor do Rio Grande do Sul. Vamos aos fatos.

Bem sabe o prezado chefe que muito resisti as propostas de incorporar-me ao movimento revolucionário. Minha carta ao Dr. Pilla levada pelo Dr. Paulo Nogueira Filho, é ainda um desesperado apelo a solução pacífica.

Inspirado no desejo de ser evitada a luta armada, ideei o Ministério de Concentração e, durante um mês me bati, pela vitória daquela fórmula salvadora. Não a aceitou o mal o senso do ditador, caprichoso, pessoal, cheio de rancores pequeninos. Eu preferia que o Dr. Getúlio Vargas fosse um tirano. Perdoo mais os violentos do que os astutos.

Mas, o nosso ditador um homem gelado, calculista, escorregadio. Não ataca, desliza. Não enfrenta, corrompe. Não congrega, divide. Está firmemente resolvido a governar quatro anos nesta deliciosa república - madame Sans Gene-. Cercou-se de um grupo de exaltados, que, por seu turno, querem prolongar-se nas posições. Desbaratou o poder civil. Desmoralizou o exército. Aniquilou o sentimento local. Amesquinhou a justiça. Instituiu o regime da delação. Oficializou a vingança contra os que ajudaram a subir. Esqueceu os compromissos. O equilíbrio orçamentário é uma mentira torpe. O câmbio é uma ficção. A solução do café está errada. O favoritismo é uma instituição. A negociata é a regra. Enfim, a República Nova, com dois anos de idade incompletos mais corrupta do que foi a velha em mais de quarenta e um.

Fora das posições -ab initio, et pour cause- eu podia quedar-me à margem dos acontecimentos. Tendo recebido sem querer e mesmo com resistência um lugar, que me dava nove contos por mês, exercendo minha profissão com honestidade exemplar, não me restituiu a atividade pública nenhum sentimento mesquinho. Voltei porque vi tudo quanto acima esbocei e o Rio Grande, desmoralizado na opinião nacional. Patrono oculto de todas as desordens, cedo ou tarde, contra ele se congregaria a unanimidade dos brasileiros. Quando, em 1928, vim para a Câmara, animava-me um pensamento grandioso, dar a nossa terra o lograr que ela merecia na política do país, colocar um dos seus filhos no governo, trazer para a administração os nossos métodos, os do seu tempo de honestidade impecável, economia e aplicação proveitosa e exata das rendas públicas. Em suma, contribuir para, ABRASILEIRANDO O RIO GRANDE, AGACHAR O BRASIL. Bem sabe o meu eminente amigo o que foi a campanha liberal: são-lhe familiares nas duplicidades e debilidades do candidato, para avaliar a extensão dos meus sacrifícios para obtenção do fim a que eu me propusera. Vitoriosa a

revolução de outubro, a conduta da ditadura, saída do Rio Grande e por ele sustentada, era o oposto dos motivos determinantes da campanha liberal com as atitudes do Governo Provisório, o Rio Grande marcha de costas para o alvo que tinha em mira, quando aceitou a candidatura Getúlio Vargas e posteriormente o desfecho armado impossível seria assim que eu aprovasse a série de desatinos cometidos a sombra do nosso bom nome Insurgir-me desde logo contra ocupação militar de São Paulo. Chamei desde logo sua atenção para os riscos da sinistra empreitada. A esse tempo, a opinião do Rio Grande já se formara uniforme contra a ditadura. De queda em queda a ditadura, vieram por último os acontecimentos de março. As nossas demissões e a ruptura. Ficamos a margem da ditadura, indiferentes a sorte dela.

O resto o senhor sabe. Sabe o nosso impulso pró-constituente. Conhece o meu papel como coordenador de forças partidárias, que nos garantissem a eleição e para o Rio Grande, a vitória dos nossos objetivos de ordem geral cívica na Assembleia Nacional. Chegamos a um ápice sem par na culminância do nosso poder político e da nossa ascensão moral. Já éramos três estados entrelaçados para a vitória. Toda opinião do país aplaudia o nosso gesto. Só o ditador curveteava, procurando vencer-nos pela intriga a divisão, a sedução dos homens de governo nos Estados e mil outros processos, em que se especializou. Descrentes da palavra do Chefe do Governo, todos queriam apressar o desfecho por um ato de forças, os paulistas, os mineiros (Bernardes Brant, Pinheiro, Chagas), etc... os riograndenses. Só eu, talvez resistisse. Confesso-lhe nesta hora de provação, que não me intimidava a arrancada. Está sempre me pareceu garantida pelo conjunto de forças preparadas. Quem resistiria ao Rio Grande e a São Paulo em armas? O interventor daí, quando de sua última viagem a esta capital, dera-me em palestra no Hotel Riachuelo a notícia da mobilização já feita. Tinha um regimento em Marcellino Ramos pronto para embarcar. Distribuirá armas pelo Interior, inclusive ao Dr. Glicerio Alves e no Cel. Octacilio Fernandes, para com forças improvisadas atacarem respectivamente as guarnições de Cachoeira e Caxias, ambas suspeitas (sic). Ele, interventor, dispunha de um avião no qual partiria para Santa Maria ao primeiro grito, ali assumindo o comando das tropas. Nunca vi do interventor, no tocante a um movimento de força contra a ditadura, senão uma reserva: abandonaria o cargo a tempo de não passar por traidor ao homem de quem recebera a investidura no poder. Justo era assim que eu tivesse o movimento por fulminante. De resto, o interventor, em discurso público proferido em Porto Alegre, nos últimos dias de maio, dissera que iria com o Rio Grande para o despenhadeiro, apesar de ser homem de paz e da ordem e ainda quando o Rio Grande fosse para o despenhadeiro erradamente (sic). A despeito de tudo, continuei a opor-me ao epílogo violento. E isso tão só pelos males, que sempre decorrem vitoriosas.

Só me rendi, quando, fracassado o Governo de concentração, veio daí para São Paulo, diretamente, a palavra de ordem o Rio Grande entraria com São Paulo na luta armada. Nada mais me rentava sendo obedecer. O Rio Grande e o meu partido constituem o meu último fanatismo. Das ilusões da mocidade, sobrenadou essa derradeira superstição, que espero conservar até a morte. Sigo o Rio Grande, mesmo para o despenhadeiro. Mas sigo-o pela palavra e pela ação.

Fiel a este ponto de vista, fiz aqui as últimas articulações e contava partir para São Paulo no dia 11, quando a precipitação Klinger me colocou nas malhas do imprevisto. Não pude mais comunicar-me com os amigos daí, senão precariamente por telegramas cifrados ao Collor, telegramas que ignoro se chegaram ao destino. Cumpre-me ainda invocar, como expressão da verdade histórica acerca da minha cautela em assunto de tamanha magnitude, o depoimento de João Carlos Machado, vindo ao Rio em meados de junho, diretor da "A Federação" trouxe-me instruções verbais para que fosse eu juiz na hora em que o Rio Grande devia tomar armas contra a ditadura. Isso mesmo, João Carlos repetiu ao interventor que aqui se achava. Compreendendo a gravidade da incumbência, dela não me quis utilizar e preferi que o -mot d'ordre- viesse daí, como veio afinal, em carta do Dr. Pilla ao Dr. Morato, conforme copia em meu poder. Tenho também comigo, ditado pelo senhor ao Luzardo, o seu parecer ao Dr. Pilla, no qual se baseou a carta acima referida.

Chegada ou melhor, antecipada a hora do arranque, São Paulo todo, num movimento impressionante, ergue-se como um só homem. O Povo, o Exército, a Força Pública, as Classes, Homens e Mulheres - e o Rio Grande não se limita a hesitar, pela voz do seu governante, joga-se ao lado da ditadura, para atacar São Paulo. Se não estou delirando, este é o -finis- do Rio Grande. Onde está a sua honra coletiva? Onde paira o seu cavalheirismo? - A Brigada Militar apunhalando São Paulo pelas costas e mais do que ignominia.

É uma estupidez que há de acompanhar por um século a crônica da nossa indignidade. E para que Santo Deus?

Para sustentar um governo impopular, inepto e insensato, que nos tem humilhado ao último ponto. Por muito que os jornais amordaçados pela censura expliquem que aí vem o Regimento A ou Batalhão B da nossa velha milícia estadual,

eu não acredito que assim seja. Ou então, quando aí voltar, encontrarei uma gente que desconheço.

Vou encontrar-me com antípodas dos que aí deixei há dois meses!

Não, meu caro Chefe, não é possível apodrecerem os braços da nobreza gaúcha na imundície desse charco. Eu não me renderei e evidência dessa torpeza, lutarei até o fim. Daqui estou escrevendo, aliciando, concitando. Ajudado por bons amigos, tudo estou envidando para ganhar o

território paulista e incorporar-me as hostes bandeirantes. Prefiro morrer com elas a viver, si o Rio Grande sair degradado.

Taxei a atitude de estúpida, e com razão. Aqui no meu refúgio, chegam todos os dias os ecos da indignação publica, contra a nossa gente.

Somos acusados de traidores. Vencedora a ditadura, ela prolongará os seus dias indefinidamente. Todo o Brasil, atribuir-nos-á culpa do insucesso. Ficaremos mal com o Rei e incompatibilizados com a Nação. Que restará de nós quando os caprichos e os interesses estiverem saciados, às expensas de nossa dignidade? - Nada.

Um burgo pobre. - Uma récua de ovelhas apascentadas pela audácia do primeiro lobo que encontrarmos no caminho. Imagine o furor do povo paulista contra nós! Pense que há oficiais inutiliza dos na sua carreira, outros presos, como o com

mandante da fortaleza de Lage: haverá vítimas e sacrificados as centenas. E qual o responsável supremo por tudo? o Rio Grande. Só o Rio Grande. Sempre o Rio Grande.

Bem sei que o prezado chefe não é o culpa do da atitude da interventora. Ainda menos o partido Libertador. Conheço o caráter do Dr. Pilla. E um homem. Mas é preferível sucumbir lutando nas ruas a pedradas, a afundar-se nesse marasmo contemplativo

Li o manifesto. É ótimo, mas como -mote-.

Enquanto não tiver a -glosa- estaremos na mesma. Escrevo as carreiras, sem nenhuma segurança de que esta carta chegue ao destino. Há um grande desalinho na exposição e no comentário, mas uma e outra estão impregnadas da minha sinceridade habitual e refletem o meu invariável amor a verdade.

Já pensou o senhor no que será o dia de amanhã, se São Paulo for vencido pelas armas?

Acredita que algum estranho possa governar aqueles centauros que agora se revelaram? E supõe que o ódio de João Alberto o homem que domina a ditadura consiste em conservar paulistas a frente de São Paulo? A guarnição daqui estava toda trabalhada para dias depois do arranque do Rio Grande e São Paulo, insurgir-se e repetir o episódio de 24 de outubro. Minas, por seu presidente, comprometer-se a não atacar os dois estados insurretos. Que quer o senhor que façam o Rio e Minas, si o Rio Grande falha estrepitosamente e ainda se prepara a agredir São Paulo?

Qual o desfecho? Não sei. Tudo pode acontecer. Si o Rio Grande agir sem demora a partida ainda está ganha e bem ganha. Se não, teremos a guerra civil, para gaudio de alguns e vantagem de muitos.

Eis o quadro. Triste painel de fraquezas, ambições e misérias.

Continuo a agir, embora muito pesado.

Confio na sua honra e na do Pilla. Confio no Rio Grande. Não se iluda em esperar, nesta altura, uma composição digna de todos e útil á Pátria.

O ditador em telegrama, cujo conteúdo conheço, dirigido ao interventor aí, já satiriza as fórmulas conciliatórias. Diz ele “as raposas, vendo perdida a situação, despem pelo do leão”.

E textual. E propõe como base a deposição das armas, pura e simples, e, em compensação, um tratamento benigno!

Desse modo, a nossa gente não pode ficar em mera atitude protestatória e platônica.

Se quiser ter direito a consideração nacional, deve agir, a não ser que os partidos gaúchos se tenham dissolvido ante a carranca do interventor.

Se o Rio Grande acabar na cauda da ditadura inerte e inepta, que dividiu os brasileiros, traiu os amigos, então é melhor que o Brasil acabe de vez.

Pelo Rio Grande tudo tenho sacrificado e ainda agora esforço me para chegar a São Paulo, a fim de ali com a minha presença resgatar a palavra empenhada pelos nossos partidos.

Fui o último que entrou no movimento. Espero ser dos últimos a sair dele.

Renovo-lhe o meu afeto e a minha fé na sua pessoa e na sua pessoa e na sua ação sempre igual, nobre e digna.

(ass.)

João Neves.

Vou chamar mais um testemunho insuspeitíssimo, o Dr. Arthur Bernardes, que também foi -magna pars- no movimento outubrista, respondendo ao General Góes Monteiro:

“A guerra civil e profundamente lamentável, não há dúvida, mas não o menos que, em tão pouco tempo, hajam transformado em alvo de indignação publica, o mais popular movimento cívico operado no país. Não se pode ocultar que o surto desse novo movimento revela a incapacidade dos dirigentes, aos quais teria sido fácil evitá-lo pela prática de uma política generosa, larga e tolerante, que, abrindo campo as atividades patrióticas, congrega se os bons brasileiros no serviço de reconstrução nacional. Constitui ele a prova mais evidente do fracasso da revolução de outubro. A ditadura enterrou-a, e por isso o povo, que sob aplausos gerais e entusiastas. elevou os atuais governantes aquela dignidade, julga-os hoje inferiores à sua missão e os condena.

Ha muito venho recebendo essas impressões de vários pontos do Brasil e em Minas não é diferente a maneira de julgar a ditadura”.

Acerca do Paraná e Santa Catharina, bem como de São Paulo, escreveremos um capítulo à parte.

E nos outros estados? Nos outros Estados, vamos ou vir a palavra autorizada de Rangel Moreira, diretor da rádio Educadora Paulista:

“Não foi São Paulo apenas que sofreu a interferência brutal dos agentes da ditadura.

Pelo país inteiro alastrou-se o flagelo da mentalidade vencedora em 1930.

Vêde o cervo de danos produzidos por ela terra de Nabuco. Tudo por ali feneceu crestou-se as mãos de um energúmeno sem parelha na taboa exemplificadora das monstruosidades sanguinárias.

Magro leão sem juba, coberto de úlceras e de moscardos, Pernambuco representa hoje a sombra tênue de que foi imperceptível na contribuição das rendas do país, sem voz nas deliberações da vida da republica com todos os seus valores intelectuais e morais exilados ou emudecidos pelo terror dos castigos infamantes, humilhado pelo sindicato a toga dos seus desembargadores, pelo confisco dos bens dos seus homens de trabalho, pela imposição do barbicacho aos lidadores da sua imprensa.

Vede a Bahia, outrora entregue a orientação dos seus oradores, dos seus polígrafos, dos seus cientistas, mais expressiva oração da inteligência e da cultura naquele velho seminário opimo e inesgotável. Arrasta-se ela acorrentada aos pés do tenentismo apedeuta e truculento, que ao exercer as funções de mando enxovalhou a secular curul dos nossos primeiros governadores gerais, dos nossos pristinos vice-reis legítimos, dos seus nobres delegados do império e dos eleitos da sua quase morta vontade popular.

Vede a moça e risonha terra capixaba, o pequenino Sergipe, tão estranho ao bulício dos nossos grandes centros, porque sempre preocupado na gestação dos nossos maiores pensadores, o Estado do Rio, o das Alagoas, a tranquila doação de João de Barros. Goiás, Paraná... olhai para qualquer dos pontos da união brasileira e por onde se detiver a vossa análise, aí encontrareis uma enorme sementeira de erros e de despropósitos, porque somente isto foi cultivado entre nós, durante pouco menos de dois anos, pelas mãos maléficas dos usurpadores.

Contra tudo isto São Paulo se levantou e se bate, sacrificando a esse ideal de redenção de todos nós, o sangue da tua mocidade, o dinheiro dos seus ricos e dos seus abastados, as joias das suas mulheres e o esforço onipotente das suas disciplinadas classes trabalhadoras.

E São Paulo assim procedeu, porque mais uma vez Deus lhe reservou a tarefa de pioneiro, só a serviço das grandes causas nacionais.

Guerra, cuja finalidade é restituir a nós todos dias de paz e de labor seguro!”

E o nosso Paraná?

O benjamim dos estados brasileiros sofreu, proporcionalmente, tanto como São Paulo, tudo lhe prometeram e tudo lhe negaram.

De que forma concorreu o Paraná para a Revolução outubrista todos sabem. O Paraná foi o -pivot- da vitória aliancista. Lôas, cansou de ouvi-las. Não exigiu, com tudo senão aquilo a que tinha direito.

Escrevemos em maio do corrente ano, subordinado ao título “Resistencia Paranaense”, e subtítulo: Transforme-se cada paranaense num baluarte da nobre causa, seguinte:

Malgrado termos preconizado em artigos anteriores a necessidade da disciplina e da ordem para a boa marcha do progresso, nem por isso deixamos de verberar o procedimento do Governo Provisório deixando de cumprir como prometido ao Paraná sacrificado.

Apesar de termos escrito sobre a necessidade da confiança geral, não duzentos com isso senão discorrer em tese e de modo geral.

Não abdicamos o direito sagrado que temos de reivindicar para o nosso Estado aquilo a que faz jus.

Dentro do nosso direito não permitiremos que ele nos seja conspurcado e relegado ao ostracismo, deixando uma das mais futuras unidades da Federação aos seus próprios destinos, depois de ter passado por ela a borrasca, traduzir nas consequências de ter empunhado armas e defendido uma campanha digna por todos os títulos.

O Paraná não aderiu à Revolução. Já estão cansados os paranaenses de isso afirmar. O Paraná fez a Revolução, porque antes das hostes gaúchas já ele estava batendo as portas de São Paulo, opondo o seu peito de aço às barreiras legalistas localizadas em território paulista.

Depois ainda abriu as suas portas a tempestade insopitável que vinha do Sul. Fez mais ainda, porque forneceu para toda a tropa, num coletivo imenso, tudo quanto carecia para melhor eficiência na união que se estava operando.

A mocidade e o seu povo correram aos milhares para todos os setores e em todos eles, deixou sangue nobre de bravos que se sacrificaram na luta cruenta.

E o Paraná nada exigiu. O Paraná continuou a sua marcha travada no embolo do tempo.

Dissemos que o Paraná nada exigiu, porque os compromissos assumidos pela Revolução não deviam ser exigências do Paraná, mas o seu cumprimento um ponto de honra para o Governo provisório. As requisições correspondentes ao fornecimento de gêneros para a manutenção das forças eram de justiça que fossem pagas no mais curto lapso de tempo.

No entanto já veio para ano e meio da vitória revolucionária e elas não foram satisfeitas as obras do Porto, outra grande necessidade, não as conseguimos, apesar das promessas havidas.

Temos razão de sobra para a grita geral. Outros estados menos necessitados foram socorridos. Por quê? Perguntamos nós. Porque o seu prestígio pesa mais do que o nosso.

Pois bem, se injustiça é assim manifesta, se não possuímos o prestígio de outros Estados para fazermos valer os nossos direitos, estes precisam ser adquiridos pela força convincente da desobediência civil.

Não nos acoimem de indisciplinados porque eles é que nos forçaram a tal. Formemos um bloco uno, que ninguém destoe da indignação geral e assim uma convergência de esforços mútuos demonstremos de quanto é capaz uma unidade quando se sente vilipendiada.

Que o próximo comício, comício monstro, e a ação decisiva elevem bem alto a dignidade de um povo mártir.

Esse nosso ponto de vista nos o defendemos na praça pública, em dois grandes comícios, e o concretizamos em dito quando de armas em punho, formamos ao lado de São Paulo, em defesa da causa constitucionalista e dos povos esbulhados⁵.

A GAZETA DO POVO, o maior órgão paranaense, iniciara essa resistência contra a ditadura, escrevendo dois artigos de fundo.

O primeiro, a 14 de maio de 1931, nos seguintes termos:

DE PÉ, PELO PARANA!

“Quando os partidos do Rio Grande do Sul se rebelaram contra o estado de coisas da política nacional, GAZETA DO POVO teve o desassombro de se declarar solidaria com a ditadura, na suposição sincera de que só assim estaria com a causa revolucionária.

Lembramos este fato porque, hoje, conduzidos pela força das circunstâncias, vemo-nos na contingência de mudar de rumo e essa mudança de orientação deve ficar perfeitamente esclarecida e suficientemente explicada, face a face da opinião pública de nosso Estado e do país.

É que aos paranaenses não é mais possível suportar as dez considerações do governo central, que nem atende aos suplicantes apelos

⁵ Em novembro de 1930, éramos nomeados membro da comissão de propaganda / Pró Pagamento da Dívida Externa Brasileira. Assim nesse mês éramos destacados para a propaganda em Piraquara, Paraná aí tive ocasião de proferir um discurso de propaganda. Rememorei os factos que originaram a Revolução de 30 disse que o povo brasileiro não mais permitiria que fossem os seus direitos esbulhados e assim derrubara por terra os homens do regime perrepista, que se Getúlio Vargas também não satisfizesse às aspirações nacionais realizando os princípios a que se propôs, novamente pegaríamos em armas contra o próprio Getúlio Vargas. Lembra-me ainda que o povo aplaudiu essa parte com grande calor. Assim aquilo que preconizamos em novembro de 30 realizamo-lo, pegando em armas, ao lado de São Paulo para combater a quem não tinha realizado o prometido..

das nossas necessidades e se compraz em iludir-nos com promessas que não cumpre.

Cresce a onda do descontentamento e nós, que vivemos do povo e para o povo, fugiríamos à mais imperiosa das obrigações contraídas, se nos fizéssemos surdos ao clamor geral.

Aí estão as nossas indústrias entregues a sua própria sorte e lutando desesperadamente para não sucumbir, sem que as autoridades federais providenciem as medidas solicitadas, alias de pequena monta, algumas vezes simples atos burocráticos, como aquele da desclassificação da tarifa ferroviária do mármore.

Poderá o Paraná apoiar o governo que, justamente neste momento, por suas conveniências de ordem política deixa acelera a embaixada de Buenos Aires, onde os grandes interesses do mate reclamam a ação decisiva de um embaixador? Não é possível.

Estamos assistindo, emocionados, aos esforços formidáveis da atual interventora, no sentido de obter do governo central cumprimento de promessas solenes, que encerravam todas as poucas aspirações de um estado que muito fez pela causa revolucionária e muito contribui para os cofres federais.

Onde está a restituição da taxa ouro, com a qual devemos dar o devido andamento as obras do porto de Paranaguá?

Apenas e sempre as promessas enganadoras e aniquilantes, que fazem maior mal do que a declaração positiva da recusa.

Diariamente, inserimos nas colunas as copias dos inúmeros telegramas dos interessados das associações de classe e das autoridades estaduais, solicitando e lembrando as providencias que, espontaneamente, o governo central estaria obrigado a dar, se zelasse pelos serviços públicos e tivesse a preocupação de fomentar as fontes de trabalho e de fortuna pública.

Os telegramas chegam aos seus destinos, mas os dias correm na ansiosa expectativa, sem que se consiga o benefício desejado e justo.

É contra a indiferença da ditadura que se irrita o desespero do Paraná sofredor e nós da GAZETA DO POVO vemos chegado o momento da rebelião.

Aceitamos, do melhor agrado, a honrosa investidura que nos confiam as classes conservadoras do estado porque atendemos ao seu apelo - e desde hoje nos consideramos desimpedidos de quaisquer compromissos com a ditadura.

Vamos iniciar a grande campanha das reivindicações paranaenses, e das nossas colunas se derramará o brado da revolta e a doutrinação dos ideais regionais, que por serem do Paraná não deixam, também, de interessar ao Brasil.

Paranaenses, de pé, pelo Paraná!"

São Paulo, 14 de Julho de 1932

Meus patricios

Solicitado pelos meus conterrâneos mineiros moradores neste Estado, para subscrever uma mensagem que reindica a ordem constitucional do país, não me é dado, por motivo de molestia, sair do refugio a quem forçadamente me acolhi mas posso ainda por estas palavras escriptas affirmar-lhes, não só o meu inteiro applauso, como também o apello de quem, tendo sempre visado a gloria da sua Patria dentro do progresso harmonico da humanidade, julga poder dirigir-se em geral a todos os seus patricios, como um crente sincero em que os problemas da ordem politica e economica que ora se debatem, somente dentro da lei maior poderão ser resolvidos. de forma a conduzir a nossa Patria a superior finalidade dos seus altos destinos.

Viva o Brazil Unido!

Santos = Dumont

E no dia após, o segundo nestes termos:

DE PÉ, PELO PARANÁ!

“Pensamos ter deixado perfeitamente esclarecidos os motivos que levaram a -GAZETA DO POVO- a retirar o seu apoio ao governo provisório da República, para se colocar a frente das reivindicações paranaenses e ao inteiro serviço da causa do Paraná esquecido e esbulhado, sofredor e heroico.

A sensacionalidade do nosso editorial não escapou á argúcia do jornalismo avido de reclamar e foi glosada ao sabor dos seus interesses suspeitíssimo.

Mas não prevalecerá a exploração, porque a evidência dos fatos se encarrega do desmentido, para confusão dos audaciosos e impenitente, mastigadores da demagogia.

Aliás, o inesperado do nosso gesto devia surpreender as atividades dos desprevenidos que já espinham acomodados a situação fácil de comentadores das realizações alheias...

Nossa atitude é clara e positiva: estamos frente das aspirações paranaenses e dispostos a gritar bem alto toda a revolta que se extravasa da alma cifrada de um povo que luta e que sente os seus esforços inutilizados pela má vontade dos poderes públicos federais, que se parecem congregar de caso pensado, contra o Paraná e os paranaenses.

As classes conservadoras do nosso Estado, cónscias das responsabilidades que lhes são afetas na nova ordem de coisas e aceitando as funções políticas que a renovação das práticas republicanas lhes atribui, resolveram congregar-se num decisivo movimento de reação e de reconstrução.

A reação se fará, eficientemente, pela rebelião civil.

Resistência ao pagamento dos impostos, resistência passiva as ordens e as leis do governo que nos desampara, boicotagem a todos os atos da ditadura. Serão estas as armas eficientes que as classes conservadoras irão empunhar, se tanto for necessário. Se o nosso destino é sofrer, soframos com heroísmo façamos o nosso estoicismo o gladio da nossa revolta.

A reconstrução, ao contrário, será o prestígio incondicional aos atos da interventora, disposto como se tem mostrado o Sr. Manoel Ribas a atender a todas as solicitações do comercio e da indústria.

É este, em linhas gerais, o programa a desenvolver e que está empolgando a grande maioria dos comerciantes e dos industriais paranaenses.

Evidentemente, grandes que sejam as nossas queixas contra o governo provisório, seria irritante e precipitada qualquer medida de represália, antes de um ponderado entendimento com o sr. Getúlio Vargas e os seus ministros, certo, como é que o Paraná não deseja criar embaraços à ditadura, mas tão somente fazer valer os seus direitos, que todos esperamos serão reconhecidos e prontamente atendidos. É preciso deixar esclarecido que os propósitos do movimento são construtivos, visando o engrandecimento do Paraná, pela boa ordem da sua administração e do seu

trabalho e o reconhecimento dos nossos valores pelo prestígio aos paranaenses que o merecem.

Assim que o caso da acefalia da embaixada da Argentina, por exemplo, já está sendo tratado junto ao governo central, pois em Buenos Aires estão sendo estudados assuntos que muito interessam ao Paraná e não é possível consentir que tão vultosos interesses continuem correndo a nossa revelia. Por sugestão dos industriais de mate, está sendo pleiteada a nomeação do Sr. Ministro Hipolito Alves de Araújo para cargo de embaixador em Buenos Aires. Qualquer que seja a resolução do governo da República, o apoio das indústrias ervateiras a figura respeitável daquele paranaense ilustre o início da empolgante campanha pró-Paraná, a qual vimos de dar todo o nosso apoio.

A revolução, ninguém ignora devia ter duas fases: a da destruição e da reconstrução. Aquela já passou, chegou o momento da segunda. Basta de andar procurando larápios e investigar patifarias. Chegou a hora de garimpar valores e de construir os edifícios duradouros da fortuna particular e publica.

A hora radiosa da boa vontade já sucedeu ao egoísmo das perseguições e das vinganças.

Nós vamos para o futuro, no roldo das massas que se igualam: quem quiser que fique à retaguarda, na vaidade de medir a própria figura com as silhuetas que a luz do horizonte enegrece e absorve. Nós somos os vivos: eles serão os fantasmas.”

Essa a voz da imprensa, secundada pelo outro órgão -O Dia-, que em "manchete" assim se exprimia:

“A anarquia política, a ruína econômica, o descalabro financeiro e quiçá uma cruenta guerra civil e o desmembramento, serão as consequências fatais do prolongamento indefinido da ditadura, regime de governo que vai de encontro a opinião nacional e a vontade da totalidade do país.

Se ainda se quer bem ao Brasil cumpre restitui-lo com urgência nos quadros do regime legal”.

Era a preconização da reconstitucionalização imediata.

A indústria, pela voz autorizada do preclaro moço Sr. Ivo Leão, como proprietário da maior indústria ervateira do Estado, em entrevista para a GAZETA DO POVO, de 18 de maio do corrente ano manifestou-se solidário com o atual governo paranaense, no qual reconhece e testemunha a melhor boa vontade de bem servir o Paraná e sancionou a ideia de os paranaenses prestigiarem o sr. Manoel Ribas "até pela desobediência civil ao governo central, se preciso for".

O Sr. Paulo Tacla⁶, jornalista, mas dizendo-se intérprete da vontade angustiada do Paraná, escrevia diariamente artigos inflamados nos jornais da terra.

⁶ Paulo Tacla, apesar de paulista, e “malgré” ter escrito verdadeiros libelos acusatórios contra a ditadura, enfileira-se ao lado desta na Revolução Paulista, tendo sido um dos

Vale a pena transcrever para aqui alguns tópicos:

E se não fosse também a política, não veria eu esborrar com a sombra do sr. Osvaldo Aranha que a 27 de julho de 1931, sobre o drama satânico do Paraná, assim me escrevia: Paulo Tacla.

Recebi o apelo que por seu intermédio me dirigiu o “Centro do Comercio”, de Curitiba. A situação do seu Estado é realmente aflitiva e está a reclamar providencias urgentes.

Não o desconhece o Governo Provisório e esteja certo o comercio do Paraná que uma das suas preocupações constantes é saldar os compromissos oriundas da revolução de outubro.

Se até aqui o governo revolucionário pouco, ou nada, pode fazer nesse sentido, é porque não lhe permitiu ainda a desesperadora situação financeira em que encontrou a União.

Minas, Paraná, o Rio Grande e alguns Estados do Nordeste estão dividindo entre si o quinhão de sacrifício imposto nos vence cores pela própria vitória.

Espero, entretanto, que breve seja possível ao governo efetuar o pagamento das suas dívidas de guerra as quais tem por sagradas.

Nesta data remeto o seu memorial a consideração ao sr. Chefe do Governo, junto ao qual me empenhar pessoalmente por uma solução que venha ao encontro das prementes necessidades do heroico Paraná.

Com os protestos de estima etc. (a) OSVALDO ARANHA".

Nesse tempo, o inesquecível animador da Revolução era o Ministro da Justiça. Claro que lhe era difícil obter recursos imediatos, principalmente porque sentia e reconhecia no sr. Jose Maria Whitaker um solene obstáculo.

Salta o sr. Aranha para a Pasta dos dinheiros públicos.

Socorre o Norte; intervém no mercado de açúcar com quase uma centena de milhares de contos; ampara com quarenta e cinco mil contos o cacau na Bahia; alaga-se de satisfação com São Paulo atulhando-o de papel moeda para a compra de café e saltando sobre o Paraná, atira com cento e vinte mil contos no Rio Grande do Sul!

E depois de tudo, um beijo de Cleópatra na terra de Tiradentes: cinquenta mil contos, apressada e solicitamente remetidos, nestas últimas horas...

Só o Paraná é que ficou esquecido: esquecido não: lembrado, isto é, pela clássica e personalíssima religião da promessa, tão peculiar ao emérito ditador Getúlio Vargas e ao seu ilustre caixeiro viajante⁷.

seus mais fortes defensores. Inexplicável a atitude do ardoroso polemista periodista patrício.

⁷ Publicado na GAZETA DO POVO, de 1-5-32, sob o título “As tremendas responsabilidades do Ministro da Fazenda, em relação ao Paraná” e o subtítulo “Até quando continuaremos roendo os próprios ossos”.

No dia 12, escrevia Tacla com o subtítulo de “jornalistas, estudantes, trabalhadores, homens do comercio, funcionários públicos, ergamos a voz e deflagram o grito de protesto! ou A ditadura socorre o Paraná, ou fecharemos as portas à ditadura!", o seguinte:

“Vejo que o Paraná felizmente, não morreu de ver. Ainda há quem ruja como os leões e como os leões não teme a morte, a injustiça, o desprezo ou a vingança.

Vejo integralmente a integridade deste povo, povo que honra o Brasil, pela coragem e pelo sentimento pelo valor pela audácia.

Ontem alcei o látego da revolta intima diante do escanear da ditadura. Vi, comovido, no mesmo dia, desde os matutinos até os vespertinos, “una você”, mesmo troar da indignação, "GAZETA DO POVO ", “O Dia”, “Diário da Tarde”, “Correio do Paraná”, todos vinham com a culturas dos carregados e com o semblante da cor da poeira das batalhas.

Dou um “bravos!” cabal incontido, à imprensa do Paraná!

Ergamo-nos! Façamos das nossas dores, do nosso martírio, da nossa angústia, do nosso calvário, um chicote de fogo e vergastemos na face o desconhecido, interpelando-o, em nome dos nossos mortos, dos mártires que se foram e dos mártires que ficaram, o porquê de tamanhas ignominia, roxo de ser de tanto infortúnio!

Repita de si para si, o sr. Getúlio Vargas as frases que proferiu das sacadas do Palácio da rua Rio Branco. A palavra ingratidão há de lhe brotar dos lábios como que impulsionada pelos resíduos de justiça que ainda devem dormir em sua alma atravessada de orgulho.

Ande atrás dele, na iniciativa, o Cardeal Richelieu da nova República dessa Catarina Segunda, já tão velha, já tão desmoronada...

Siga-o no exemplo, o sr. Osvaldo Aranha.

Lembrar-se-á do irrequieto e loquaz político do histórico telegrama que enviou a Plinio Tourinho?

Sua memória não lhe mentira: Osvaldo Aranha disse: "foi o bravo Paraná quem nos abriu as portas da vitória.

Agora o que nós lhe deveríamos dizer era de que para a ditadura e as portas estão fechadas!

Fechado o coração, fechada a alma, fechado entusiasmo, mas aberta, bem aberta, muito aberta, a válvula das explosões populares, a válvula da indignação e do protesto!

E o interventor do Paraná terá de nos acompanhar, quer queira quer não!

A palavra de honra de Manoel Ribas está em jogo, como está em fogo a própria dignidade do seu Estado!"

A 13 de Maio, ele escreveu o seguinte:

“Diga-se ao Paraná: a ditadura decretou a tua morte, assinou a sentença da tua execução. Sabem o que sucederá? Não possuímos a população da Índia, mas seguimos, em volume, a Irlanda de De Valera, Resistiremos! Ha dois modos de resistir: pelas armas e pela desobediência civil. Cerre os punhos o sr. Manoel Ribas.

Diga a sua terra: basta de tanta indignidade e tanto desprezo. Ergue-te, comigo, para repetir, ante o Capitólio da insolência, a marsehesa indignada do protesto!

E verá então que em cada paranaense existe um beduíno em fúria: em cada alma se improvisará um tigre!

Presenciará toda a nossa dor, todo o nosso martírio, todo o nosso pacifismo, tão ridicularizado pela récuca imbecil dos covardes, se transformar em lava incandescente de um vulcão satânico e furioso.

Um raio mata a águia; mas não pode matar um povo. O raio do acinte é frágil diante da nossa altivez provocada e desencadeada, como as avalanches nas pirenaicas regiões do gelo da morte e do terror.

E agora? Que somos? Que representamos? Um cadáver em marcha? A sombra na areia? Um eco de vida nas concavidades tenebrosas de um abismo vergonha, vergonha e mais vergonha: Os bárbaros passaram e quase sepultaram a nossa civilização? Quase que assim poderíamos resumir, numa imagem preocupada, o quadro siberiano, hediondo, infame!”

A 14 de Maio, Tacla escrevia o seguinte:

“O Paraná clama por quem queira empinar o busto e fixar o olhar penetrante no horizonte de tragédia.

Nós não queremos a esmola. A esmola fica bem para os mendigos. E os mendigos vivem na desgraça a vida inteira e a ela se adaptam sofregamente.

Queremos o que é nosso e que nos é negado.

Não basta que arruinaram as nossas vias de comunicações; afugentaram o capital que vinha desdobrar o progresso e alargar a civilização que quase tornar imprestável a nossa juventude na lama sangrenta de Itararé, nos charcos satânicos de Cananéia e nos precipícios e nas matas inextrincáveis da Ribeira.

Não basta que implantaram a fome e a desolação no Interior, carregando após a oferta esquidiana de todos os lares e de todas as bolsas nos últimos vinténs do grande voluntario da abnegação: o povo! Não basta!

Inda escarnecem de nós da pequenez dos nossos governos e da fragilidade dos nossos reclamos! Não pode!

Vamos mais além da força.

Caminhemos para lá das sinuosidades do embuste.

Alcancemos, governo e cidadãos, o terreno firme, aquele terreno que é cimentado pela vontade de ferro e pela invencível força moral.

A 17, Tacla terminava assim o seu artigo:

“De outo modo: outros seriam os argumentos, outras as frases candentes e outra a cadência bélica da rebeldia que agora reponta Vertiginosamente, como a lava furiosa de um vulcão satânico! A um simples gesto essa avalanche que assombrou o Brasil se precipitar pelas nossas cidades e pelos nossos campos, erguendo alto, bem alto, muito alto, o farrapo vermelho que simbolizou a alma da Pátria e o sangue da liberdade.”

A 19 de Maio, concitava Tacia, ao Interventor a dar o grito:

“No entanto o momento reclama um chicote inevitável, contra os inimigos de dentro e de fora do Paraná.

De um grito o interventor e verá como nos levantaremos, assim como se as molas do inferno nos impulsionassem.

Deverá ter visto nas colunas, uma entrevista que Ivo Leão concedeu a "GAZETA DO POVO". Ivo Leão é um dos amigos mais chegados de Ribas. Ribas o tem na conta que o Paraná o teve e tem, antes de Ribas e no tempo de Ribas, ontem e hoje.

Ivo Leão, industrial perfeito, perfeito patriota, como nos ideais e nos pulsos de aço que carrega, decidiu-se a erguer, sem medo, uma bandeira rubra de combate. Ivo Leão, em nome duma classe e refletindo o pensamento unanime, prega a desobediência civil!

Eu atendo ao apelo, carregando, numa das mãos, se for preciso até uma acha de lenha!

E Ribas que dirá desse gesto três vezes altivo do seu nobre admirador e quase conselheiro?

Rirá? Procurará outra viagem, uma nova inspeção?

O seu lugar é aqui. Impõe-se que chame os delegados do povo, os que servem de traço de união entre a esterilidade do poder e a massa popular, para trocar ideias e traçar o plano de batalha, ou lutamos, ou morremos! Ou empinamos como os leopardos da Índia, ou sucumbimos como os bois nos matadouros! "O matadouro é a fórmula crua da sociedade em que vivemos", diz-nos Guerra Junqueiro: uns nascem para rezes, outros para verdugos.

A 24 de Maio o seguinte:

“A podridão quer-nos afogar, reagamos contra ela!

Não sei se Osvaldo Aranha e Getúlio Vargas compreenderão este povo.

Também não sei se lhes darão ouvidos. Mas o que eu sei, o que eu tenho certeza, é que o crime que estão exercendo contra quem lhes apressou a coroação romana, é um crime inominável! Se se lembraram que o Paraná foi

aniquilado pela ingratidão e que não passa de um esfarrapado, sem destino e sem pão, talvez se salve esta unidade massacrada da Federação.

A desgraça vem acompanhando assiduamente o Paraná.

Retalhou-o, para depois o saquear.

Pensamos que a Revolução veria nos reabilitar.

Puro, cruciante engano!

A Revolução veio para nos amesquinhar e empobrecer mais.

E muito diria. e muito teria a dizer, se quisesse jogar, nesta fornalha, algumas achas de política...”

Os Comícios

Na Capital realizamos dois comícios de protesto ante a incúria do governo ditatorial, deixando ao léu os compromissos de honra assumidos com o Paraná.

A 24 de Maio, na praça Osorio, diante de milhares de pessoas. Falamos nesse comício e profligamos novamente a falta aos compromissos por parte da ditadura no que respeitava as requisições militares, ainda não pagas, apesar de ano e meio de terminada a Revolução, o pagamento do professorado federal, a solução para o caso das promissórias e outros empenhos do governo provisório respeitante ao Porto de Paranaguá e medidas tendentes a minorar a situação aflitiva da indústria e lavoura com o retraimento de cambiais por parte da Argentina e do Uruguai.

Encaminhada a multidão para o GAZETA DO POVO, de suas sacadas falou o sr. Paulo Tacla, que depois de levantar um libelo contra a ditadura, perola da seguinte maneira:

“A ditadura pode, em vinte e quatro horas, saldar os seus compromissos para conosco. Não os salda porque não quer.

Para adquirir trezentos mil contos de metralhadora se seiscentos mil contos de navios de guerra⁸, depois de haver comprado uma fabulosa e imprestável estrila aérea, reduzida, neste momento, a metade; para a embriaguez bélica houve, ha e continuará a haver ouro, muito ouro, bastante ouro; não o ha para salvar populações e rasgar caminhos!

Perto de oitocentos mil contos também foram destinados a amparar o Norte, a Bahia, Minas Gerais, São Paulo e o Rio Grande do Sul.

Contemplando essas resoluções e presenciando qual o esquecido, o humilhado, o vergastado, o enxovalhado, pergunta se teria valido a pena, na verdade, o sacudir as almas do fundo impenetrável da emoção em lagrimas, em delírio, atirar com uma juventude homérica para o -front- das pretendidas

⁸ Todo esse material bélico não seria para impor a deposição do secretariado paulista ou pelo menos para sufocar os anseios dos paulistas, que eram os próprios anseios da nacionalidade, a fim de a ditadura eternizar-se no poder?

reivindicações, para depois receber o beijo de Judas e a bofetada de Califas?

Vamos, respondam-me, os idealistas, os apóstolos da dor mudam e vós, os canibais da honra e da altivez do vosso berço, repelentes e decapitadas sombras.

No dia 31 de maio, novo comício, tendo ocorrido a ele 5.000 pessoas, apesar da promessa que fizeram elementos contrários de perturbar a ordem no Comício. Para garantir o comício esteve em pessoa o sr. Cel. Plaisant, Chefe de Polícia, representando também o sr. Interventor Federal, que nos tinha prometido compareceria ao comício.

Falaram diversos oradores. De Paranaguá a comissão recebeu o seguinte telegrama de adesão:

“Na mesma hora em que o altivo povo de Curitiba se reúne na praça pública para exprimir os sentimentos do Paraná esmagado e esquecido todas as classes estão aqui conglomeradas em um comício decisivo e vibrando de entusiasmo.” (aa) Felipe Chede - João Barbosa⁹.

Também nesse dia Paranaguá realizava um grande comício de protesto a falta de cumprimento do prometido pela ditadura, enviando telegramas diretos ao Governo Provisão e á Interventora paranaense.

União da Victoria também mandou a sua adesão ao movimento que se operava aqui. Assim Ponta Grossa quer dizer que todo o Paraná sentia a ausência dos compromissos outubristas.

Após o comício de 31, mandaram-se telegramas aos Ministros da Viação, da Fazenda, Presidente da Associação de Imprensa, General Flores da Cunha e Dr. Getúlio Vargas, todos no mesmo teor do seguinte:

“Ministro José Américo de Almeida -Baía-.

Esmagado, humilhado e esquecido, o Paraná veio ontem praça pública, rugindo, como nas horas culminantes da liberdade fugitiva, para dizer que não pode mais continuar na desesperada situação em que se acha. Incrível desprezo por nós: inominável pouco caso que nos dispensam, como se formam as miseráveis turbas de escravos isolados na expiação e no crime, apelamos para v. ex, espírito reconhecidamente nobre que se movimente em nosso favor, em favor deste Estado que precipitou a conquista do Catete pelas legiões vencedoras que deixaram de considerar ponto de honra o amparo ao Paraná na restituição do que lhe pertence.

Ânimos exaltados. Esperando-se decretação comercio, regime da desobediência civil e outros comícios aqui e interior do Estado. Saudações Cordiais. Pela comissão popular: Paulo Tacla, Elias Karam, Raul Rodrigues Gomes Augusto Cury, Inamá Pinto, Oziel Monteiro, Altino Terra Franco”.

⁹ João Barbosa foi intimorato constitucionalista, auxiliando grandemente todos aqueles que quiseram passar para Saulo, na campanha bandeirante, via Paranaguá, onde reside. Sofreu por isso grandes perseguições.

Por aí vemos que no tocante ao Paraná também a ditadura traiu os seus compromissos e que para o nosso Estado de nada valeu a Revolução Outubrista, tendo apenas servido para o afligir mais, com novos ônus, quais os das requisições, sem lhe resolver os outros problemas cuja solução estava nas mãos do poder central.

SANTA CATARINA

O glorioso Estado coirmão também não ficou atrás na série de desditas que lhe infligiram.

Melhor do que nos dizem os argumentos expendidos no Manifesto que os acadêmicos catarinenses, da Universidade do Paraná, dirigiram aos seus conterrâneos:

AO POVO DO ESTADO DE SANTA CATARINA, OS ACADEMICOS CATARINENSES DA UNIVERSIDADE DO PARANA!

Povo barriga-verde! Vossa mocidade que estuda nas Escolas superiores do Paraná, reuniu-se para vos falar. Basta de humilhações. O sacrifício chegou no limite, A dor não mais vê barreiras. O grão de saturação já culminou. La vamos, pois, nosso apelo o cargo conjugado.

Santa Catarina precisa unir todos os seus filhos, para defender sua autonomia usurpada, sua liberdade lançada por terra, seus valores intelectuais e morais postergados sua moral administrativa aviltada.

Nosso Estado suportou pacientemente, nos últimos vinte e cinco imensos meses, o primeiro executivo discricionário. Pautou-se ele, pelo arbítrio, pela força, pela ousadia. Nasceu do nada, não tinha ligação alguma ao passado e a tradição de nosso Estado, Surgiu, em nossa terra, como os ladrões que assaltaram, á noite, nas estradas, empunhando os revólveres. Vinham do Sul, armados de carabinas e armas automáticas. O povo ingênuo queria a regeneração dos costumes (expressão ridícula

em nossos dias). Os invasores visavam a ocupação, apenas, a saciedade do estomago, enfim, o gozo dos cinco sentidos.

Os indígenas foram escoraçados dos cargos. Eram viciados, imorais, ladrões. Instalaram-se, neles, os ocupantes. Eles eram os puros.

O interventor, para iniciar, aumenta, de cinquenta por cento, os próprios vencimentos. Os honorários dos presidentes corrompidos eram irrisórios: apenas trinta e seis contos anuais!

E assim começou o assalto.

Quem era o Chefe de Polícia? Todos nós o sabemos.

O arquivo Público é doado a um ignorante terceiro sargento, patrício do Delegado da Ditadura. Isto, num dos momentos mais melindrosos, para aquele departamento. Agitava-se, de novo, a questão de limites como Rio

Grande do Sul. Mais do que nunca, deveria estar guarda dos documentos de nossas fronteiras territoriais, sob a direção de um conterrâneo.

A Penitenciária do Estado foi sacudida igualmente pelo terremoto da desorganização administrativa que abalou quase todas as repartições públicas do Estado. Por último, assentou-se na cadeira de sua direção que, antes apenas cabia a graduados e conhecedores de ciência penitenciária, um feitor de fazendas no Rio Grande do Sul.

Alguém, porventura, poderá afirmar que essas duas funções são idênticas e compatíveis?

A Força Pública viu vários de seus oficiais, postos foram sumariamente, porque defendiam a ordem, ao tempo da revolução, dentro da capital.

Onde o processo justificativo de tal violência?

E ninguém conhece o dirigente daquela briosa corporação.

Irromper a revolução em São Paulo. Criaram-se inúmeros batalhões. Para defender o Governo Provisório? Não, para espoliar Tesouro do Estado. Deixaram-se

ficar, pelo interior, nos hotéis, percebendo soldo e nativos. Os mais gananciosos, grotescamente, fantasiados de tenentes-coronéis e capitães, sem a menor competência militar, davam um atestado claro e doloroso de sua pobreza de espírito e de moral centenas de contos foram dispendidos.

Os cartórios que em Santa Catarina, compensam aos seus dirigentes, contam-se nos dedos da mão. Apesar de tudo, a imoralidade saiu a campo. Sem respeito a concurso e a qualquer direito, prevaleceu a vontade do Invasor. Seus candidatos foram nomeados, a despeito de todos os protestos.

O povo barriga-verde não deve uma escola sequer, ao capataz do Governo Provisório. Nem as crianças escaparam!

Muito se ufanam os usurpadores de estarem embolorando nos cofres do Estado, cerca de dez mil contos de reis. Entretanto, os credores do governo catarinense quase sucumbem inanimados, pela dificuldade das transações.

Dada a ausência do capital, alavanca de qualquer atividade.

A investida feita contra o Tesouro, feita por intermédio da Diretoria de Terras e Colonização, caracteriza bem o ultraje aos nossos brios. Vai para a direção desse departamento quem nunca sonhou que tal repartição existisse. Suspende-se o comércio das terras compradas ao governo. Prejuízos incalculáveis são criados, por tal interdição.

Era mister premiar um acadêmico-poeta, recém é afilhado retentor. Veio o mocinho; reuniu num opúsculo capítulos de história, colecionou leis do império e conclui, em tese, o direito que assiste ao Estado de proceder tal violência. De semelhante trabalho seria capaz o mais humilde provisionado barriga-verde.

Pois bem; o doutorzinho voltou com cinquenta contos no bolso para sua terra, onde foi cantar a magnanimidade de seu Mecenas.

Mas, uma conclusão em tese, não pode ser aplicada a qualquer situação jurídica particular, diversa para cada colonizador. Criou-se, então, a

comissão de sindicâncias. Nenhum dos componentes é bacharel ou está afeito-a legislação sobre terras. Resultado: o governo necessita a criação de cargos de consultores jurídicos ou responderá pelos despautérios resultantes, quando for possível acionar, em juízo, a interventora.

O Departamento de Estatística do Estado foi presenteado a outro gaúcho. Nada trouxe para comprovar sua idoneidade moral, ou intelectual. Para essa, nem mesmo um diploma de faculdade superior.

Desolante é a situação de nossas estradas de rodagem.

E um retrato de seu responsável. O parco dinheiro que se gastou, foi para dar lugar ao imperialismo avanço em duzentos contos, na construção de dois quilômetros (!) da rodovia da Enseada de Britto.

O Inspector de Estradas, companheiro de jornada do chefe do bando arrivista, exprime o supra rumo da ignorância dos serviços afetos aquela repartição, essencialmente, técnica.

Sua carta de engenheiro, dizem que a deixou na Faculdade para retirar, quando a inteligência aparecer.

Sem um auxílio do governo, a agricultura afoga-se no mar da concorrência dos outros Estados e dos impostos que, sobre ela, pesa. Atividade de alguns prefeitos conscienciosos e iniciativa particular têm sido os paliativos. O Instituto do Mate é o parasita típico. Nas zonas sujeitas á sua influência, rasteja a erva-mate por preços irônicos. Onde sua alçada não se faz sentir, o preço da ILEX é compensador. Que digam os produtores!

Quem não conhece a mediocridade moral do delegado do Governo Provisório, quando pede irrevogavelmente sua exoneração? Viria para o governo de Santa Catarina, um barriga-verde, e o Estado iria entrar na posse de si mesmo.

O chefe dos arrivistas revoga o pedido e aceita uma licença com todos os vencimentos!

Pesa-nos ainda no peito, a afronta do vizinho Estado, fazendo ocupar militarmente nossas cidades do sul, sem que se seguisse a menor reparação a esse atentado. Até a conquista estava, entre seus maus desígnios!

E porque o delegado do Governo Provisório deixou a interventora seis meses completos, antes da convocação da Constituinte, fazendo questão de ela ser ocupada pelo próprio irmão?

O ousado gaúcho deseja, sem dúvida, ser o primeiro presidente constitucionalista de nossa terra. Seu substituto pode bem garantir-lhe os atrevidos intentos. A morosidade de dos trabalhos irá reduzir, a menos da metade, o eleito rádio catarinense.

Segundo as declarações do Ministro da Justiça, há até indícios de não termos, a 3 de maio, a Constituinte.

Serão qualificados os necessários a garantia da vitória do interventor, funcionários, força armada e afeiçoados ao regime.

A minoria livre será desprezível.

E a transição. Chegado, quase incógnito ao nosso Estado, tão conhecido e conhecedor do povo barriga-verde de suas necessidades, quanto um tenente do exército marroquino, assume o governo. Foi de surpresa, sem que houvesse a menor divulgação antecessora. A mais infame das oligarquias que já se tentou criar no Brasil. Um desconhecido sobe ao governo, à revelia do povo. Depois de um ano de falcatruas, nomeia-se, na surdina, ainda à revelia do povo, o próprio irmão para substituí-lo. Torpeza das torpezas!

Depois de tão enojante cusparada na face de nossa gente, tem o desplante de convidar nossos homens, para endossarem-lhe os logros preconcebidos.

Estreia sua administração, dando os últimos cuidados ao estomago do mano demissionário. Seu primeiro ato considera-o hospede oficial do governo. E o cumulo da desfaçatez!

Houve a primeira revolta. Os homens de dignidade, da revolução, repeliram-lhe a altura.

A maioria dos que sub-assinam este manifesto, se mostrou solidaria a Revolução de 1930.

Todos nós desejávamos a substituição das diretrizes obliquas e vacilantes da República Velha, por um caminho direto, firme e enérgico, rumo a restauração administrativa, econômica e social. Porém, substituíram-se oligarquias, encampadas, sob leis benevolentes, por outras, acintosas, mais repelentes, mais nefastas. O regime do pisto lei substituiu a prática do preenchimento por concursos onde a lei determinava. V. g: a Inspetoria de Estradas.

Ampliou-se, portanto, o uso desse imoralíssimo sistema.

As negociatas, como foi visto, entre as proezas de que tivemos notícia, permanecem no seu livre curso. Derreteu-se o crédito internacional com a suspensão dos pagamentos da dívida externa.

O câmbio que o Banco do Brasil monopolizou e apregoa, é falsíssimo. Nosso dinheiro é rejeitado, como nulo.

As obras dos portos e das estradas iniciadas pelo Governo Federal, permanecem em criminoso abandono, sem que haja, por parte da Interventoria, o menor interesse em prosseguir-las.

Como se poderia, pois, explicar que algum catarinense brioso continuasse emprestando concurso a tão ou mais nefasto regime, do que o precedente?

Por isso queremos a Lei. Nossos governadores serão outros.

E povo de nossa terra, falso o que afirmamos?

Falta alguma rota. para encher o cálice de vossas amarguras! Não; absolutamente não!

Portanto, unamo-nos, como os Estados das Frentes Únicas, onde a infiltração de aventureiros desconhecidos pretende lançar a ruína e a confusão, todo o edifício social, econômico e administrativo!

É impreterível o congraçamento de todo o nosso povo, sob a bandeira da defesa de nossa autonomia, para não prosseguirmos no abismo, em que os ocupantes, visando nosso aniquilamento, teimam em querer nos precipitar.

Santa Catarina deve à cultura e ao patriotismo de seus filhos tudo o que tem, desde as lindes territoriais, ganhas não pela violência ou pela conquista, mas pela força de seus intelectuais. Seu passado está iluminado por estrelas de primeira grandeza, cravadas em todas as grandes páginas da história. Seu fulgor raia as fronteiras do Brasil.

Assim sendo, essa terra não pode sofrer solução de continuidade, deixando-se desorientar pelos semianalfabetos do assalto.

Nós lançamos, daqui a ideia da criação de um partido para a defesa do Estado.

Legionários, liberais e perrepistas! criai em cada povoação, em cada vila, em cada cidade o núcleo regional do Partido Catarinense que, livre de matizes políticas, se rá a trincheira de nossas reivindicações. Legais a História de Santa Catarina os vossos nomes e sereis objeto de nossa gratidão imperecível.

Pela Lei, todo o sacrifício!

Por Santa Catarina, as nossas vidas!

Curitiba, 9 de novembro de 1932.

(aa)

Osny Duarte Pereira.

Omar Carneiro Ribeiro.

Paulo de Tasso da Luz Fontes.

Tibor Heller. Jorge Lacerda.

Ruy Cesar Feuerschuetenente

C. Vieira da Costa Jor.

S. E. Bertazo.

Antonio J. N. de Oliveira.

Leoberto Leal

Aldo Avilla da Luz.

Yann Corrêa Tarcisio Schaefer.

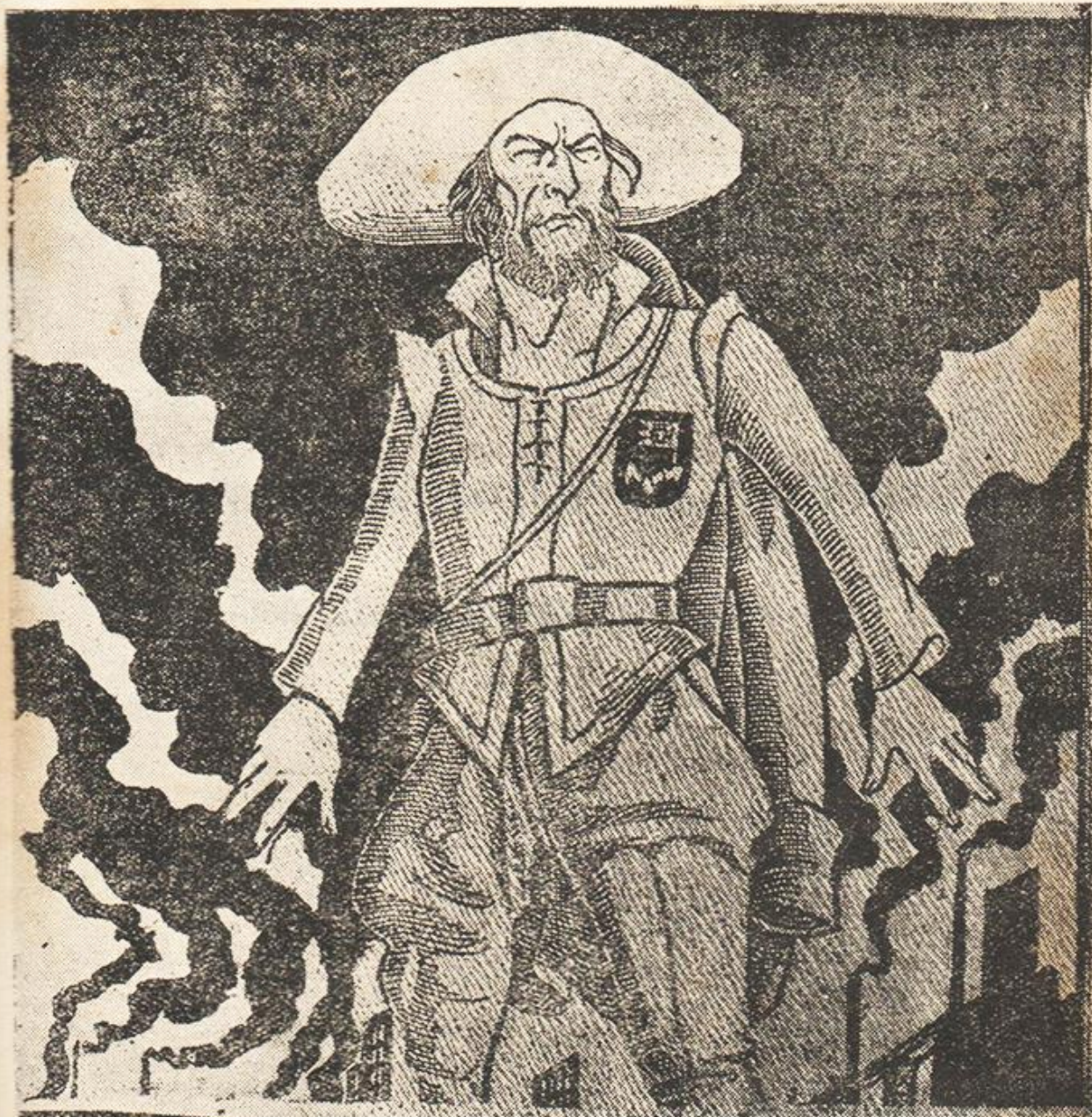
Lourival Vaz. Milton S. Pereira.

Theodor Schwartz.

Paulo Mayerle Junior.

N. Bley Filho.

Raul Bley.



Alegoria publicada na Plateia de 12 de Julho de 1932, com a legenda "Brasileiros de todos os Estados!" Contai com São Paulo, que é uma final de uma comunicação do gabinete do governador paulista.

TOMO II

Diversos aspectos da campanha constitucionalista

A campanha paulista eminentemente nacional

A Revolução Paulista foi eminentemente nacional. Não a presidiu nenhum espírito regionalista, coisa que sempre se desconhece em São Paulo. Aliás nunca houve motivos sérios para que se tirassem os paulistas de bairristas.

Se os paulistas sempre foram ciosos de sua grandeza, não se pode a isto dar o nome de bairrismo. E a consciência plena do quanto valem.

Tenho visto, pelo contrário, bairrismo muito maior em outros Estados, com muito menos razão do que São Paulo.

A todo o passo conclama os seus feitos e o seu engrandecimento.

O paulista, que tinha elementos de sobra para ser bairrista, não o foi.

A prova é de que se levantou, unanime em todas as suas forças para salvar o Brasil de um regime que o desgraçava.

Assoalhava indecorosamente a Ditadura que o movimento de São Paulo era um movimento separatista.

Mas, separatista, como?

Se separatista fosse a campanha bandeirante, os homens de São Paulo ter-se-iam preparado e bem preparado para resistir ao resto do Brasil. No entanto, São Paulo entrou para a luta sem ter importado um fuzil sequer do estrangeiro. E a gente de São Paulo seria tão ingênua que pensasse em separatismo sem grande cópia de material bélico, para enfrentar com vantagem o resto do Brasil, que fatalmente.

Te viria em peso contra ele?

Não, não houve separatismo. Excogitar semelhante balela a execranda Ditadura a fim de conseguir a adesão de elementos para combater São Paulo e assim lograr eternizar-se no poder.

Infelizes todos os que, acreditando nessa torpe invencionice, guerrearam o Estado que promovia justamente a unidade da Pátria.

Política a revolução de São Paulo?

Política, sim, se tomarmos esse termo em sua acepção pura. Não foi, porém, um movimento preparado pelos políticos do antigo regime, como diziam. Foi todo o povo em sua generalidade, governo, classes laboriosas, conservadas, industriais. Foi tudo. Foram os pobres e os ricos; os felizes e os infelizes, foram todos que se levantaram para salvar o Brasil.

Era logico que políticos do antigo regime também tivessem tomado parte nesse movimento. E não era mesmo de se esperar o contrário, quando

sabemos que a alma paulista sentia de perto o achincalhe, a ofensa a seus brios. E para a luta comum, forçosamente, deviam aliar-se gregos e troianos. Para a vitória deviam todos concorrer. Mas depois da vitória, não regressaria ninguém nos tempos de antanho, porque para isso não se fizera a Revolução. Desta verdade estão plenamente côncios todos.

CONTRA REVOLUÇÃO, portanto, o movimento paulista? Não. movimento paulista foi uma autêntica revolução, a fim de valorizar os mesmos princípios liberais que sugeriram ao povo brasileiro o levante armado de 1930, princípios esses desvirtuados e nunca realizados pela ditadura.

COMUNISMO, então?

Absolutamente Eles sim os da ditadura é que queriam implantar, quem sabe, o sovietismo em nossas plagas, porque na mochila dos outubristas é que tinha vindo o comunismo para São Paulo, no dizer do venerando e sábio Arcebispo de São Paulo, d. Duarte Leopoldo e Silva.

Mas, por que continuar, se melhor do que nós, já disseram outros? No apêndice deste livro todos podem ler essa joia primorosa, que é o manifesto de d. Duarte, ao Cardeal D. Leme e ao Episcopado brasileiro e onde, com autoridade bastante, diz bem do que foi o movimento paulista.

Aliás, desde o início os maioraes de São Paulo proclamaram as finalidades nacionais do movimento. O manifesto que os responsáveis pela revolução dirigiram à Nação atesta frisantemente esse objetivo.

Eil-o:

O movimento que se desencadeou na noite de 9 para 10 deste mês e dominou incontinenti o Estado de São Paulo, na mais perfeita harmonia e solidariedade de civis e militares, sem lutas nem vozes discrepantes, não tem outros intuitos senão reintegrar o país na ordem legal e restituir aos brasileiros o gozo dos direitos e franquias que não a apanágio de nossa civilização.

Como Ditadura se tenha incompatibilizado com esses ideais quebrando os compromissos da Aliança Liberal e exercitando uma política indigna de um povo culto, que se desenvolve e prospera sob a cúpula da democracia constitucional representativa, cumpre reduzi-la e removê-la do posto em que pretende perpetuar-se e sobrepor seus próprios cômodo às aspirações da Nação.

Pelo que, o povo, a guarnição federal e a força pública de São Paulo, fraternidades com os civis e militares de Mato Grosso e em estreita cooperação com as correntes políticas e milícias do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e outros Estados, pedem se tranquilizem seus compatriotas e anuncia-lhes que o movimento hard generalizar-se e prosseguir vitorioso, com o duplo fundamental intento de entregar o Governo Federal a uma Junta que, dentro do prazo estritamente indispensável para o preparo e funcionamento da assembleia constituinte, leve o país ao regime constitucional, e de pôr em vigor imediatamente a Constituição de 24 de

fevereiro de 1891, salvo nos tópicos atinentes ao poder legislativo e em outros inconciliáveis com as necessárias prerrogativas do poder supremo, na situação efêmera em que nos achamos.

A Junta Governativa Nacional compor-se-á de cinco membros um do Rio Grande do Sul, um de São Paulo, um de Minas Gerais, um do Distrito Federal e um do Norte e elegerá dentre eles um para seu presidente.

Tudo pela união, felicidade e grandeza do Brasil!

Ass.:

Pedro de Toledo
General Izidoro Dias Lopes
General Klinger
Francisco Morato
A. de Paula Salles

São Paulo, 12, VII, 32.

Waldemar Ferreira, mestre de Direito, ex-secretário da Justiça de São Paulo e uma das personalidades mais simpáticas e mais fortes da Revolução paulista, afirmou, na vibrante oração que a campanha, de que São Paulo toma iniciativa, pertence mais ao Brasil, que ele próprio.

A 11 de julho, o gabinete do governador paulista fazia irradiar a seguinte comunicação:

“As tropas paulistas, irmanadas com o povo, já se elevam a cinquenta mil homens em armas. Isto apenas com dois dias apenas de mobilização.

A posse do governador Pedro de Toledo foi o maior acontecimento cívico a que São Paulo tem assistido até a presente data.

Todas as forças federais, sem exceção de um só regimento, aderiram à causa sagrada.

Não há exemplo de entusiasmo igual, não há notícia de movimento que arrastasse tão irresistivelmente toda uma população de 7 milhões de habitantes.

São Paulo das Bandeiras, São Paulo da Independência, só encontra paralelo em São Paulo da Revolução constitucionalista.

A Frente Única conclamou os dois partidos para o grande combate. As classes conservadoras se declaram pelos seus órgãos representativos, inteiramente solidárias com o empolgante movimento. O Instituto de Café concitou todos os lavradores paulistas a que cerrem fileiras na formidável arrancada. O comercio, a Industria, a mocidade acadêmica, tudo o que São Paulo possui de mais representativo, é um bloco só, é um único pensamento, é uma grande afirmação de bandeirismo e de amor ao Brasil reintegrado na ordem legal.

Brasileiros de todos os Estados! Contai com São Paulo."

"Brasileiros de todos os Estados! Contai com São Paulo. E ainda acham, os homens de pouca fé que São Paulo queria separar-se do resto do Brasil?"

Os brasileiros de outros Estados, domiciliados em São Paulo, ou que acidentalmente se encontravam em São Paulo por ocasião da revolta, foram testemunhas de que o movimento paulista foi pelo Brasil. Assim afirmaram, pelo rádio, grandes vultos e pessoas proeminentes, filhos de outros estados.

Se o paulista é suspeito para dizer isso, não o foram os mineiros, os nortistas, os cariocas, os riograndenses, os paranaenses, e quantos se dirigiram nos seus Estados por meio do rádio.

Não há negar. A Revolução Paulista foi pelo Brasil, a fim de reintegrar a Pátria na órbita do Direito, da Justiça.

Porque não marchou São Paulo nos primeiros dias rumo ao Rio de Janeiro

Ouvi muita censura por não ter querido São Paulo fazer marchar as suas forças diretamente contra o Rio, desde o primeiro dia de Revolta. Assim, diziam eles, com o inopinado da agressão, sem que a ditadura tivesse tempo de oferecer resistência, os paulistas chegaram até o Rio.

Não resta a menor dúvida de que se assim tivesse procedido São Paulo, a vitória teria sido das armas constitucionalistas e em menor tempo do que se podia supor.

De fato, a Ditadura, mesmo que tentasse por alguma resistente, não teria forças suficientes para impedir a marcha vitoriosa do exército da Lei. Mas, São Paulo das bandeiras, ainda era São Paulo da nobreza, era São Paulo cavalheiro.

Contando, como contava, com o compromisso de outros estados, São Paulo não quis sacrificar inutilmente a vida de seus soldados. Mais ainda: os chefes militares e civis da Revolução bandeirante não queriam o derramamento de sangue. Queriam popular o mais possível.

Pois, se contavam com o apoio de outros estados, fácil seria a vitória, sem esforços, sem sacrifícios de vida e sem as misérias que uma campanha rápida acarreta. Assim São Paulo foi plantar-se nas divisas do Rio e esperou a adesão prometida.

Se esta tivesse vindo, bastava que o Rio Grande do Sul se levantasse para que a Ditadura visse perdido o seu cartel e se rendesse a evidência dos atos, e em menos de 48 horas, sem que se perdesse uma só vida preciosa sempre ao Brasil.

Menotti Del Picchia, numa de suas irradiações quentes assim conclamou os riograndenses, para que se associassem grande jornada:

"Vem! A glória de se reconstruir uma pátria não deve caber apenas ao devotamento de alguns de seus filhos. Acicata teu pinga enrista tua lança! Perfila no horizonte do nosso entusiasmo cívico o arremesso da tua bravura, marcada num céu de ouro como a linha epopeia de uma estátua equestre num lance épico de temeridade e de glória e São Paulo esperou em vão. Não só em vão, porque traídos tinham sido todos os compromissos. E como se não bastasse a vileza da tradição, os seus próprios aliados de ontem, que não foram amigos na hora certa, voltaram contra os constitucionalistas as armas que deviam secundar a estes no seu glorioso empreendimento.

Para que não nos acoimem de apaixonados, vamos buscar na mesma fonte oficial os elementos sobre que firmamos esta nossa afirmativa.

São do manifesto do governo paulista deposto as palavras que seguem:

Se triunfos tivemos, e esses fórum numerosos, como a posteridade ha de verificar, assombrada, nos anéis da história paulista, reveses sofremos, a principiar pela ânsia de companheiros de lutas, cujas armas contra nós se voltaram.

Se São Paulo pudesse adivinhar os atos posteriores, se pudesse supor que a palavra empenhada nada traduz diante de fatores subalternos, teria então adoptado outra maneira de ação. Mas, leal como sempre, nobre até o sacrifício, São Paulo nunca esperava tamanha deslealdade.

Não importa. A consciência nacional, que estava com São Paulo, compreendeu-lhe o gesto e foi testemunha da nobreza bandeirante. Os lacaios palacianos, que em absoluto não representam o povo, mas tão só a horda que esfaimada se apoderou do poder, para abusar do poder, estes são conhecidos e tem contra si a repulsa de todos.

Com São Paulo esteve o bom senso e a honra. Como sevandijas o repudio nacional.

A falta de munição

A princípio, era logico, havia falta de munição. Ninguém o nega. São Paulo não estava aparelhado para tão intensa luta e de tanta duração. Aliás, isso veio provar que não contava entrar só na luta. Desfaz isso também as balelas da ditadura, acoimando o movimento paulista de levante separatista.

Se separatismo fosse a bandeira desfraldada, por certo, São Paulo teria preliminarmente todos os recursos bélicos.

Mas, a verdade é que havia falta da munição. Tanto que o nosso 9º B. C. R, batalhão a que pertence e em operações no setor Sul, receber somente trinta tiros para cada combatente e com eles, operando verdadeiro milagre teve que sustentar dois combates: do dia 11 de agosto de seis horas, e o de 15 e 16 de Agosto, de 36 horas. A ordem dada pelos superiores era esta tirar somente visando inimigo e com probabilidade de êxito no tiro. Queria isto dizer que os nossos bravos soldados tinham que ouvir o intenso

tiroteio do inimigo sem atirar também e esperar que o adversário se aproximasse, bem vista e dentro de sua mira.

Isto a princípio. Mas, essa propalada falta de munição seria concreta? Em parte, sim. Não se faria, com tudo, sentir tanto se também não entrassem no caso as traições que haviam de perder a causa constitucionalista.

Muita munição foi desviada criminosamente do seu destino. Di-lo-iam os leitos dos rios, se estes pudessem falar!

Di-lo-iam a mata e o solo se estes pudessem acusar!

Sabido é que depois ao se procurar desenterrar os mortos a fim de levar-lhes os corpos para as respectivas cidades, em vez de corpos encontrou-se verdadeira cópia de material bélico.

Depois do combate do dia 16 de agosto, foi-se descobrir no pátio da estação de Itapetininga vagão cheio de munição!!!

Nos últimos tempos, São Paulo transformada em oficina guerreira já se estava preparando para resistir ainda por longos meses e quiçá por anos.

Granadas de mão eram feitas nos milhares diariamente.

Tiros de fuzil superaram a casa dos 200.000 por dia.

Não podia, pois, essa apregoada falta de munição servir de motivo para cessação da luta.

Outras causas interferiram, desgraçadamente.

Fomos traídos!

Era o grito que ecoava continuamente nas trincheiras

A 18 de Julho estávamos em Itararé¹⁰. Ney Leprevost é quem isto escreve. Ia o Ney voar em companhia de um avião paulista a fim de lançar sobre as principais cidades do Paraná o manifesto da Caravana acadêmica Paranaense¹¹.

Às 16 horas desse dia havia a ordem de retirada, e as tropas estavam no pátio da estação aguardando somente a partida do trem que as devia conduzir em sua retirada.

A mocidade vibrante da terra de Piratininga não se conformar com a retirada. Sargentos da Força Pública disseram-nos que não havia motivo para tal.

Encontramos diversos amigos, universitários de São Paulo cuja dor se lhes estampada na fisionomia transfigurada e irradiando os mais nobres sentimentos. E todos foram unânimes em não saber por que retiravam. Queriam todos voltar para as trincheiras de onde tinham saído.

¹⁰ Na parte referente a Caravana Academia Paranaense, descrevo as peripécias dessa viagem a Itararé.

¹¹ Esse manifesto vai publicado também na parte referente a Caravana.

Receberam ordem de retirada quando tudo indicava que as trincheiras constitucionalistas seriam intransponíveis.

Traição, miserável traição!

Mais tarde ter-se-ia confirmação disso.

Não foi só nesse setor, o setor do sul, a que já tínhamos dado o nome de setor da traição, que esses fatos se desenrolavam. Também em outros setores a grita era a mesma.

Ouçamos Menotti del Picchia¹²: “Mas desde esse instante São Paulo sabia que mais um tremendo inimigo se postava entre sua bravura e seu ideal, o regime da restauração da lei no Brasil. Abria-se mais um setor de luta. O mapa do Estado era desenhado agora pela faixa intrépida e kaki dos seus soldados. São Paulo precisava desdobrar-se e multiplicar-se. As frentes da sua guerra eram maiores que as da grande guerra.

Minas tornava-se o mais perigoso inimigo dos paulistas, pois representava um contingente formidável de homens armados magnificamente e um fator diverso completamente novo e não computado da luta.

Mas São Paulo não se abalou. Nesse setor pontilhou de vitórias as suas refregas. Decidido a manter íntegra sua fronteira, fez o poderoso e aguerrido inimigo recuar às vezes e marcar passos por semanas e semanas nas ribanceiras do Sapucaí, invicto do seu inexpugnável reduto de Eleutério, até que a traição abriu as portas de Itapira ao inesperado assessor. Esse 101 setor da traição¹³.

Judas deixou muitos herdeiros na terra.

A túnica judaica das idades da pregação messiânica já não está em uso, para que se possam facilmente identificar os descendentes do mau discípulo. Os incidentes graves acontecidos em Itapira entre os oficiais que comandavam os bravos defensores de Eleutério, talvez possam elucidar a trama infernal urdida contra os heróis que souberam, por tantas vezes, pôr em debandada aqueles mesmos que, semanas depois, encontram, sem surpresa, seu caminho aberto.

Este, o testemunho de Menotti Del Picchia.

Fomos traídos! era o grito que emergia das trincheiras, que seriam invictas!

¹² Menotti del Picchia - A Revolução Paulista - pgs. 156 sgs.

¹³ Apraz-nos ver que Menotti teve a mesma impressão que nós tivemos do setor Sul, ao qual em plena revolução tínhamos taxado de -Setor da Traição-. Menotti taxou desta forma o Setor de Eleutério. Estive pessoalmente na frente de luta logo após a ruptura das nossas seguras linhas defensivas de Eleutério. Vi nossos valentes soldadinhos morderem as coronhas das carabinas por terem sido forçados a largar suas trincheiras ao longo das quais por tanto tempo haviam infundido ao inimigo o terror e a derrota. Eles bradavam: Fomos traídos! Nós não devíamos e nem precisávamos sair dali. Nossas posições eram intransponíveis. Os drs. Aureliano Leite, Abreu Sodré e Prudente de Moraes Filho, que foram meus companheiros nessa viagem, devem certamente ter ouvido a mesma coisa.

Fomos traídos! era o brado de revolta da brava mocidade que escrevia com os traços rubros do próprio sangue a maior das epopeias de todos os tempos!

Fomos traídos, diziam eles e poderiam repetir essa frase até depois da Revolução.

Caim passeava soberbo e garboso por sobre as trincheiras paulistas.

Mas, não se extinguirá essa raça de malditos?... E então?

O Regimento de Cavalaria do Rio Pardo

Admiráveis os exemplos dados pelas cidades paulistas.

Todos primaram em mandar milhares de voluntários.

Santos, Campinas, Piracicaba, Jaú, Bauru, Ribeirão Preto, Jaboticabal, Sorocaba, e outras, dezenas de outras deram inúmeros deles acima de 5.000 voluntários. Não somente a Capital paulista que se sentiu empolgada. As cidades do interior quiseram ser dignas da Metrópole. E tudo deram. Desde os seus filhos, até as suas últimas economias.

Nunca se viu desprendimento tamanho.

O interior paulista esteve à altura de sua capital.

O Regimento de Cavalaria do Rio Pardo era formado por uma rapaziada luzida, representantes das famílias mais tradicionais da região do Rio Pardo. Foi organizado na cidade de Ribeirão Preto e teve como seu primeiro comandante o Dr. Cid Bierrenbach de Castro Prado.

Todos os voluntários do Regimento do Rio Pardo concorreram com toda a cavallhada que o compunha, além de outras contribuições. O governo apenas lhes forneceu o fardamento.

No dia 24 de julho, em São Paulo, perante o corpo do bravo General Júlio Marcondes Salgado, vitimado numa experiencia de bombarda, o Regimento prestou juramento a bandeira, presenciado por uma verdadeira multidão, foi lida, pelo 2º tenente-secretario, Dr. Taranto, a seguinte:

ORDEM DO DIA N. 8

"Soldados: Aqui nós achamos, a hora da partida, como um eco dessa vibração imensa que sacode, agita e alvoroça a alma paulista, para o nosso soleníssimo juramento á Bandeira que defendemos.

E a Bandeira que, nesse supremo instante, defendemos, meus camaradas, é o símbolo que resulta das duas flamulas entrelaçadas e conjugadas; a brasileira e a paulista. E é ela que nos infunde todas as esperanças e a absoluta segurança na vitória da mais justas das causas.

Recordam ambas o nosso torrão abençoado, os nossos lares tranquilos e queridos, ação audaciosa dos nossos antepassados e todos os predicados altaneiros do nosso povo e da nossa raça.

Pelas cores do pendão paulista, relembra-nos o branco, a todo instante, a pureza do nosso ideal, batendo-nos pela lei; aponta-nos o vermelho o sangue já vertido dos os irmãos em armas; e fala a nossa imaginação a cor negra o dever que nos infunde a todos de redimir o luto que nos é imposto pelo destino.

A nobre figura do coronel Júlio Marcondes Salgado, que ora tomba no turbilhão destes dias agitados e angustiosos de nossa pátria, arrastada a guerra civil, simboliza para nós uma como repetição do juramento que fazemos à Bandeira, isto é, o juramento das responsabilidades, do sacrifício, do sofrimento sabido e suportado, do destemor, da fé inquebrantável na vitória da imperturbável confiança no direito de um povo que não quer ser constituído de escravos.

São Paulo, que os inimigos tentam em vão intimidar humilhar, levanta-se como uma fortaleza intransponível para a defesa de sua dignidade e de sua honra.

Levantemo-nos orgulhosos da nossa missão, tornemos realidade os anseios de uma população desejosa de liberdade de, expusemos da pátria ludibriada, desconsolada e abatida, os abutres e os pigmeus ditatoriais que a deslustram e lhe sugam o sangue para que a nossa terra brasileira, seja reintegrada no civilizado regime da lei e da justiça.

Parcela diminuta das legiões que se levantam em armas para conter os arbítrios e as tortuosidades da ditadura, nós, os soldados do Regimento de Cavalaria do Rio Pardo, devemos jurar pela causa que nos congrega, e sermos dignos até a morte da confiança que a nós mesmos nos impusemos, voluntários que somos e do governo de São Paulo, que ali está estabelecido e cimentado pelo nosso sangue!

Soldados! Nem um instante de desanimo! Nem um momento de fraqueza e desalento! Pelo Brasil redimido, pela restauração constitucional, pela integração do Brasil no rol dos países civilizados pelo restabelecimento da lei, pelo idealismo sadio da nossa causa!

Viva o Brasil! Viva São Paulo!"

A divisa do Regimento era:

“SÃO PAULO SE DESTRÓI, MAS NAO SE RENDE”.

O Regimento operou com grande eficácia do setor Sul, tendo demonstrado bravura inexcelsível.

Um bravo á invicta mocidade da melhor zona de café paulista!

O último apelo de Fernão Salles

O destemido paulista tudo fez e tudo deu pela Revolução. Como tudo fosse pouco ainda, deu a própria vida.

Dinâmico, a tudo providenciou. Organizou batalhões animou, incentivou e dando o exemplo partiu com a batalhão do Club Comercial. o último que organizara.

No primeiro combate tombou ferido de morte.

Aqui a nossa homenagem, transcrevendo do O ESTADO DE SÃO PAULO, de 23 de julho, a seguinte página:

O ÚLTIMO APELO DE FERNÃO SALLES

"Bravo até a temeridade, o voluntario paulista tomba com a fronte varada por bala. Sente que o tiro é mortal.

Em rápida visão que, em segundos, percorre vertiginosamente o tempo e o espaço, aparece-lhe um destes gloriosos poentes de julho, sombras de chaminés e de torres no fundo vermelho do céu. É a metrópole onde está a seiva paulista. Depois, num anacronismo alucinante, a casa paterna, onde domina o vulto austero de um paulista imaculado, de energia férrea e bondade infinita. E os irmãos. E a esposa. E os amigos do seu club...

O braço esboça um gesto imperativo e cá imobilizado. Um último pensamento fulgura no cérebro em anemia como derradeiro clarão de chama extinta...

Fernão Salles não gritou o seu apelo, nem sequer balbuciou, mas todos nós o ouvimos:

"Paulistas Brasileiros de São Paulo!

De pé, pela Lei e pela Pátria!

Para um soldado que tomba, há 500 que partem!

Alistai-vos, os que sois validos! Cooperar todos os outros na defesa de São Paulo para a Vitória do Brasil!

A GUERRA NÃO VAI ACABAR PORQUE MORREU UM SOLDADO

A Liga de Defesa Paulista fez publicar nos jornais da Capital a seguinte passagem, atestado inquebrantável do ânimo paulista:

FRASE PAULISTA

"No meio da prodigiosa unidade de energia que São Paulo está manifestando em prol do direito, a manifestações que devem ser consignadas para que a nossa gente se compenetre do que terá de ser o nosso animo até a vi vitória final.

Descem o féretro do trem. O morto é um soldado paulista, dentre os primeiros que ocorreram ao chamamento de armas a que todo o nosso grande Estado está correspondendo sublimemente. Foi homem de honra e de trabalho da nossa terra; conduziu os seus soldados sem um

deslocamento nos combates do setor de Ouro Fino, uma bala o matou. Todos os presentes cercam o cadáver do amigo, e a todos quebra um momento o grande pesar dessa perda. Mas contemplando uns instantes o cadáver, é o próprio irmão do morto que levanta o ânimo de todos, dizendo com simplicidade:

Bem. a guerra não vai acabar porque morreu um soldado.

E essa é a verdade. Ao nos lançarmos nesta luta, nenhum paulista, a não ser os fracos e os covardes, mantinha esperança ridícula de vencer sem nenhum sacrifício. Os soldados nossos patrícios que nos combatem também homens valorosos. A diferença é que eles não sabem onde vão nem o que defendem, nós sabemos.

Eles se sacrificam pela Ditadura e toda ditadura foi sempre uma interrogação. Nós nos sacrificamos pela Justiça e pela lei. Nós formamos uma alma só, que é o que nos coloca acima de toda morte. Por isso atamos todos conscientes de que a guerra não vai acabar porque morreu um soldado. Desta maneira, os paulistas legítimos de agora respondem aos sublimes exemplos dos nossos antepassados.”

Esquadrão de Cavalaria de Castro¹⁴

Quando surgiu em São Paulo a primeira notícia da adesão de um esquadrão de cavalaria do 5º. R. C. D. (5º Regimento de Cavalaria Destacado) de Castro, não coubemos em nós de contentes. Seria o primeiro contingente do Paraná, prenuncio de que outros se lhe seguiriam.

Esse esquadrão chegara a Itararé no dia 12 de julho e logo aderira à Revolução. Era composto de quatro oficiais e 135 praças.

¹⁴ Terminada a Revolução, tendo sido excluídos do quadro soubemos, São Paulo mandou chamar os destemidos constitucionalistas e os colocou no comercio paulista. Belíssimo gesto de São Paulo. Não estranhemos: São Paulo é Isso! Retirados desse setor, foram incumbidos de importantes missões de reconhecimento diretos na zona da Central, principalmente na fazenda P. Morais, onde sustentaram, certo dia, vivíssimo fogo. Em diversos outros pontos estiveram os bravos cavalarianos, tendo causado admiração em todos pela bravura com que combatiam. Duas vezes, soldados desse esquadrão salvaram voluntários paulistas de situações difíceis. De uma feita, perdidos diversos voluntários, eis que surge um oficial desse esquadrão que os reconduz ao seu ponto de partida. Outra vez, precisa-se de um maquinista. Não foram em contrato e era necessário um para salvaguardar toda uma tropa. Quando menos se espera, eis que surge outro de Castro que maravilhosamente conduz a máquina, como senhor do -metier-. Além dos oficiais citados e de toda a tropa que se portou com galhardia, honrando o nome do Paraná, é necessário temos o 2º tenente Homero Mariano Ferreira, que fora comissionado neste posto, por atos de bravura, tendo sido, quando saiu de Castro, 1º sargento.

Desde Itararé até São Paulo, em todas as estações intermediárias os signos cavalarianos eram ovacionados pelo povo daquelas cidades, que os cumulou de gentilezas.

A sua chegada a São Paulo, no dia 15, foi uma verdadeira apoteose. Desembarcados na Estação da Barra Funda, rumaram para a cidade. Desde a Barra Funda até o Quartel da Força Pública, onde ficaram incorporados, enorme massa popular aplaudiu o esquadrão.

O nome do Paraná correu célere de boca em boca. O nosso Estado nunca fora mais lembrado e ovacionado.

Das janelas dos grandes edifícios choviam flores sobre os bravos militares. O povo acompanhou o esquadrão até Quartel da Força, debaixo de um entusiasmo inexcedível.

Nós também da Caravana os acompanhamos. E fitamos com orgulho os nossos conterrâneos que nos traziam no momento um pedaço do nosso Paraná, do qual já andávamos tão saudosos. Principalmente sentíamos ufania daquela tropa que vinha dizer a São Paulo que o Paraná estava com São Paulo. Se não pelo seu mundo oficial, que em absoluto não representa o povo, pelo menos por esse povo que também fora escorchado pela Ditadura.

Na rua Quinze, notamos diversos cavalheiros que distribuía charutos aos cavalarianos.

Empolgante o espetáculo da recepção pelo povo paulista dos soldados paranaenses. Não esqueceremos tão logo essa frisante prova de simpatia.

Veio comandando o esquadrão o tenente Carlos Assumpção. Este bastante comovido, dizia: “trazemos o primeiro abraço do Paraná a causa nacional.”

O aspirante a oficial José Codoceira Lopes, ajudante do comando, coberto de flores que choviam dos arranha-céus, disse o seguinte ao repórter que o entrevistou: -seguimos-.

Apenas, o grito da nossa consciência de patriotas e não merecemos esta estrondosa manifestação que nos é feita.

Estivemos em visita nos bravos soldados, acompanhados de todos os membros da Caravana, e oferecemos a sua oficialidade um almoço no Hotel Triangulo, onde estávamos hospedados e do qual damos notícias na parte referente a Caravana.

Os bravos soldados paranaenses seguiram para o setor do Túnel, onde tiveram o seu batismo de fogo e parte bastante saliente.



Exemplar de cartão postal com a efígie do general Isidoro distribuído em São Paulo nos primeiros dias da revolução.

Abençoada mocidade paulista!

O Batalhão 14 de Julho

Pesavam sobre os mocos paulistas fundas suspeitas.

Chegaram a asseverar que a antiga raça que formara a terra de Piratininga estava desfibrada.

Da indômita bravura dos bandeirantes restava um povo amorfo.

Quando, porém, a pátria começou a sentir-se agoniada entre as garras de uma ditadura que se quer eternizar e a voz dos oradores paulistas conseguiu esclarecer o precipício para onde caminhamos, o povo inteiro fremiu indignado e daí o 23 de maio como prelúdio das grandes batalha que se iam ferir em prol da liberdade do Brasil.

O nosso valor, o nosso brio, voltaram de novo. Falou as nossas almas a voz de Fernão Dias Paes Leme. E agora nada mais poderá conter o ímpeto dos modernos bandeirantes, a honrar o nome de seus maiores, para conquistada hegemonia da pátria brasileira. A mocidade paulista conseguiu, num instante memorável. abrir de par em par as janelas do seu idealismo para olhar bem de frente a glória da honra e do brio, como se fossem clarinadas, formaram-se os batalhões para combater em prol de um Brasil melhor, de um Brasil maior¹⁵.

A mocidade bandeirante foi não só a animadora do grande movimento, como foi o seu mais forte esteio. Em massas ela se alistou com um entusiasmo comunicativo.

A avalanche não conheceu obstáculos. A generosidade louça e moça da alma paulista se expandia em gestos grandiloquentes.

Os mocos davam a todos as melhores lições de civismo¹⁶.

Com a galharda mocidade paulista estivemos nas trincheiras e fomos testemunhas de que ela só teve um medo: o de não cumprir bem o seu dever!

Mas, esse receio era infundado. Ninguém melhor do que a mocidade tinha a consciência do dever que estava cumprindo.

Diante da bravura indômita dos mocos paulistas, a gente sentia a alma inundar-se de sentimentos maiores. A satisfação de ver inigualável heroísmo era tamanha que a cabia em nosso peito.

A mentalidade que se forjava nas trincheiras era o grande apanágio do nosso futuro e da esperança que tem de que dentro em breve ele saberá expurgar as mazelas dos que querem reduzir a mais desgraçada das terras, a bela e formos de todas as Nações.

¹⁵ Palavras do Conego Francisco Bastos, dd. Vigário da consolação, na benção da bandeira do Batalhão Arquidiocesano.

¹⁶ O prof. Noé de Azevedo, da Faculdade de Direito de São Paulo, no reinício das aulas, teve estas palavras: -numa escola onde os professores ensinam direito e recebem lições de civismo. Transcrevo no apêndice essa admirável aula inicial do eminente catedrático de Direito Penal.

Melhor do que nos dirá da mocidade paulista o Dr. Alcantara Machado. Demos a palavra ao sábio mestre:

"Discípulos? Não. Porque a vossa atitude em 23 de maio e em 9 de julho inverteu os valores e destituiu de seus cargos todos os mestres. Os únicos professores de hoje, que hoje existem no território nacional, sois vos e os vossos companheiros de armas. A trincheira é a vossa cathedra. E o Brasil inteiro está aprendendo convosco: O Brasil sitiado pelas trevas, amordaçado pela censura, emasculado pelo horror das responsabilidades, e o Brasil que para a vossa vitória trabalha nas oficinas e nos campos, nos hospitais e nos transportes o Brasil que em vão procura limpar na bacia de Pilatos 15 manchas do sangue do Justo, o Brasil que vos ajuda a carregar a cruz do sacrifício. Com o coração dilatado de orgulho e os olhos rasos de lagrimas, em nome da Faculdade de Direito, eu vos saúdo, nesta hora em que fazeis a pátria a oblação sublime de vossa vida, meus jovens professores de bravura consciente, de dignidade cívica de heroísmo!

O voluntario paulista mostrava-se a altura das forças regulares. Estas não lhe excediam na bravura e no animo combatente.

Todos os batalhões de voluntários lutaram com denodo invulgar. Seria injustiça querer salientar este ou aquele, entretanto, como homenagem a brava mocidade paulista mencionamos o Batalhão 14 de Julho que conquistou para a mocidade o renome de "Bayard, sans peur e sans reproche".

Quando ainda Batalhão universitário vimos o batalhar nas trincheiras de Itararé. Era o primeiro embate, mas desde aquele instante demonstração do quanto seria capaz. Basta afirmar que uma companhia desse batalhão ficou encarregada de entreter o inimigo enquanto as tropas regulares estavam a retirada em Itararé. Tropa de voluntariado assegurando a retirada de tropa regular. Esta era da Força Pública.

Depois transformou-se no invicto 14 de julho.

Deram-lhe o setor de Capão Bonito e ali a brava mocidade, que permaneceu 72 dias consecutivos nas trincheiras, sem querer descanso e mesmo o recusando, lutou com brilho, causou a admiração e a de todas as tropas que operavam no mesmo setor.

14 de julho! Admirável 14 de junho! Prodigioso 14 de julho! A tua epopeia foi tinta do sangue generoso de alguns de seus componentes.

Mas não importa. A morte é a melhor recompensa do bravo lidador. A tua glória imortal sério galardão de teus soldados invictos.

Ave! 14 de julho! Salve! Brava Mocidade Bandeirante.

São do destemido jornalista Oswaldo Chateaubriand, as palavras desta linda página:

O 14 DE JULHO

Osvaldo Chateaubriand.

A cidade assistiu ontem, entre aplausos frenéticos e respeitosa emoção, ao desfile nas suas ruas principais do Batalhão Universitário "14 de julho". Todas as homenagens que não somente São Paulo, mas também o Brasil rendesse a esse pugilo de bravos, seriam apenas da mais estrita justiça e dariam de nós mesmos um atestado de que somos capazes de respeitar a raça que se exprime através desses peitos juvenis em toda a força da sua pugnacidade, nos melhores transbordamentos de idealismo e nas mais perfeitas afirmações da consciência do cidadão transformado de súbito em soldado.

O já hoje quase legendário 14 de julho é um batalhão composto na sua imensa maioria de universitários, novas esperanças do Brasil de amanhã, e que, quando de

flagrou a revolução constitucionalista, abandonaram desde logo os bancos das academias para tomar decididos do fuzil e marchar para as linhas de frente com os corações palpitando de ânsias de liberdade e de amor, nunca visto mais intenso na terra em que nasceram.

O nome coberto de glórias do 14 de julho evoca para São Paulo e para o Brasil passagens de que a gente não se lembra sem emoção e sem orgulho. A repugnante felonía de que São Paulo foi vítima nas barrancas de Itararé serviu ao menos para pôr à prova a tenacidade, a bravura e o idealismo da mocidade paulista, que teve no 14 de junho a sua flor petulante e atrevida. De Itararé até às cabeceiras do Paranapanema São Paulo escreve por esses peitos varonis, sob o fogo das metralhas e o ribombar dos canhões, páginas de heroísmo, de sacrifício e de renúncia que nenhuma mocidade do universo, na defesa do mais sagrado dos prélios, seria capaz de exceder a beleza e lograria cumular um povo de mais justo orgulho.

A ditadura não arrola entre as suas tropas coisa que nem de longe se parece com o espetáculo incomparável desse 14 de julho. E uma causa que tem a fortuna

De contemplar entre os seus defensores um contingente dessa estirpe magnífica, acredita em tudo menos na hipótese inconcebível de uma derrota. O 14 de julho é a própria pátria despejando os seus dardos invencíveis sobre as cabeças mil vezes amaldiçoadas dos seus indignos e miseráveis inimigos.

Paulistas, o que salva vocês é o Trem de Aço

Na calada da noite que se ouviam bem as vozes vindas das trincheiras inimigas.

Comumente eram impropérios e os termos do mais grosso e deslavado calão. Em meio a eles vinham as promessas as mais soezes.

Queremos crer que não partia isso de tropa regular, disciplinada e de comando distinto. Com certeza era dessa horda de assalariados de que a ditadura não vacilou em lançar mão para a investida contra os bravos paulistas.

Numa das vezes ouviu-se perfeitamente: "Paulistas, o que salva vocês é o trem de aço."

Naqueles dias o trem de aço tinha feito a sua primeira excursão seguida de outras, até dentro de Buri. Dessas excursões resultou a morte de centenas de combatentes ditadores, colhidos de surpresa sem que jamais houvessem sonhado com o moderno cavalo de Troia. Foi de fato um ceifador presente de grego, o que enviaram os paulistas para dentro das linhas inimigas ao blindado arrastando com morosidade os seus vagões mortíferos.

"Paulistas venham até aqui se você tem coragem."

Respondeu-lhe um nosso companheiro, filho de português, com acento todo de lusitano: "A distância é a mesma. Cheguem vocês".

Nos últimos tempos notava-se o ânimo alquebrado do ditatorial.

"Paulistas, vamos acabar com isso. Estou com saudades de minha família."

Era a voz da saudade que partia das trincheiras adversárias. Também de cá havia essa saudade, mas o paulista colocou acima de sua família a beleza do seu torrão e o revide ao seu brio ofendido, consagrando-se inteiramente a salvação do Brasil.

A trajetória brilhante da Coluna Romão Gomes

O que disse ao "Diário da Noite" o Dr. Antônio Vicente de Azevedo, ex-capitão médico-chefe do 1º. B. P. M. C, esclarecendo uma irradiação feita na rádio Educadora Paulista pelo capitão Egídio de Azeredo.

As diversas fases do movimento revolucionário paulista, ainda não são bem conhecidas do nosso público. De vagas, serão divulgados fatos que servirão para esclarecer diversos pontos, ainda obscuros.

A coluna Romão Gomes, cujo valor já é conhecido em todos os cantos do nosso Estado. merece atenção especial.

Tivemos oportunidade de ouvir, esta manhã, o Dr. Antônio Vicente de Azevedo, médico daquela coluna, que referindo-se ao discurso pronunciado ontem à noite, no microfone da Radio Educadora, pelo capitão Egídio de Azeredo, disse-nos o seguinte:

"Sem entrar em outros assuntos expostos pelo capitão Azeredo, brilhante e comovidamente, quero, a bem da verdade, prestar o meu depoimento, como testemunha presencial que fui, na qualidade de médico do 1º." Batalhão Paulista da Milícia Civil, mais conhecido pelo nome do seu comandante, Dr. Romão Gomes.

Assim, 1º) o sr. capitão Azeredo exagerou quando fez a generalização de que em todas as frentes de combate, as forças constitucionalistas só experimentaram revezes. Não é verídico perdoe-me o capitão Azeredo porquanto, com o que se deu foi exatamente contrário. Todas as vezes que abandonamos posições o fizemos por ordem superior, conforme consta do arquivo da coluna, e não por exigência da nossa situação perante o inimigo. Exemplifiquemos:

a) Guaxupé: A cidade depois de ocupada por 5 dias foi abandonada, somente depois do acordo em que tomaram parte o cel. Joviniano Brandão, então comandante do setor Oeste e Dr. Marrey Junior.

b) Prata e S. João Boa Vista: Após seis dias de combates ininterruptos, de 350 voluntários nossos contra 3 batalhões da Polícia Mineira, apoiados pela artilharia, estes foram contidos na sua arremetida, e, mais ainda, já haviam iniciado a retirada para Poços de Caldas, quando, por ordem superior, nosso batalhão se retirou para Casa Branca, em perfeita ordem, em consequência da queda de Espírito Santo do Pinhal, o que viria cortar a nossa retaguarda.

c) Lindoia: Um destacamento de nosso batalhão foi socorrer a região de Lindoia, reocupando todas as posições que haviam fraquejado, comandando pessoalmente o então major Romão Gomes.

d) Lagoa: Após três dias de combate, o nosso batalhão ocupa todas as posições adversárias, desmantelando-as, abatendo-lhes um avião, fazendo prisioneiros aprendendo muito material bélico.

e) Cerco e tomada de assalto de Vargem Grande: A tomada de Vargem Grande já foi amplamente descrita pelos "Diários Associados," pelo nosso companheiro de jornada A. Machado Santana. Basta dizer apenas que fizemos ali 82 prisioneiros, inclusive um capitão, um tenente, e cerca de 10 sargentos, além de grande cópia de munições de guerra e de boca.

f) Assalto e tomada da ponte de Pedregulho: Esse é um dos feitos mais brilhantes da nossa coluna. A ponte de Pedregulho, situada entre Vargem e S. João era um forte reduto inimigo. A sua tomada deu em consequência a queda de São João da Boa Vista e Prata, tendo sido feitos

32 prisioneiros, inclusive um tenente da polícia mineira, preso por d. Maria Ester Sguaçabia, a valente soldado, que foi promovida nesse dia a sargento, por ato de bravura.

g) Ataque e cerco de Grama: Defendida por rochedos alcantilados, em magnífica posição, a cidade de Grama foi o nosso maior obstáculo.

O ataque, partido de várias direções, Caconde, Itobi, São José do Rio Pardo, V. Grande e de S. J. B. Vista, cercou quase que inteiramente Grama, cortando a retirada inimiga. Uma companhia volante, sob o comando do bravo capitão Homero Silveira cortou as comunicações entre Grama, Poços de Caldas, desarticulando o adversário, conseguindo prender cinco automóveis e caminhões carregadores de munição, pneumáticos e viveres, além de 14 prisioneiros, sendo um oficial e um redator da "A Noite" do Rio.

Em todos esses feitos militares fizemos cerca de 350 prisioneiros, remetidos para esta capital, conforme relação detalhada que consta em nosso arquivo, tivemos 5 mortos, cerca de 40 feridos e alguns extraviados.

E em 2º., Protegidos – Afilhados – Filhos de políticos e influentes.

O capitão Azeredo referiu-se a parentes de políticos ou financistas retirados das linhas de frente, de tal arte que "somente os desprotegidos" teriam ficado até o último dia de campanha. E inexato, pelo menos em nosso batalhão onde estiveram de começo até o fim: 4 filhos do ex-presidente Carlos Guimaraes, 1 filho do presidente Jorge Tibiriça, 1 filho e 1 irmão do Dr. Valdemar Ferreira, 3 sobrinhos do Dr. Paulo Morais Barros, os filhos e sobrinhos do Dr. Gastão Vidigal, 1 sobrinho do senador Lacerda Franco, 3 sobrinhos do Dr. Cardoso de Almeida, 1 filho do Dr. Silvio de Campos, 1 filho do Dr. Ataliba Leonel (que após 60 dias de lutas, baixou o hospital, por moléstia). 26 membros da família Toledo Piza, muitos membros das famílias Almeida Prado, Pais de Barros e muitas outras ilustres e tracionais no Estado de São Paulo, de que não me recordo no momento.

Faço a presente declaração, a fim de provar ao público que o movimento iniciado em 9 de julho e terminado em 29 de setembro trouxe no seu bojo a par do humilde de operário, elementos dos mais representativos da sociedade acompanharam a cidade paulista, que com o mesmo heroísmo e constância, acompanharam a luta do primeiro ao último dia.

É útil que o povo saiba desses detalhes a fim de que venha a ser induzido no erro de que os bafejados pela proteção deixaram-se ficar comodamente na capital.

Como pereceram os bravos aviadores Gomes Ribeiro e Machado BiTenentencourt

É do Capitão de fragata Brito da Cunha, comandante do cruzador "Rio Grande do Sul" a seguinte descrição do modo porque morreram os bravos aviadores:

"O navio estava passando próximo à praia do Guarujá quando apareceram sobre ele, por entre as nuvens, três aviões que começaram logo a bombardeá-lo. Caiu a primeira bomba. A artilharia antiaérea pôs-se logo em ação, pois está permanentemente alerta. Caiu a segunda bomba. O avião que a lançou fez um piquete" para deixar cair a terceira em cheio sobre o navio. Nessa ocasião parece ter sido atingido por uma das bolas no tanque da gasolina, pois incendiou-se, indo precipitar-se em chamas a menos de 100 metros do navio.

Os outros dois foram ganhando altura, mas lançaram mais duas bombas. O navio passou junto aos escombros, mas não foi possível procurar os mortos porque os aviões restantes ainda estavam voando, ter-se-ia que arriar um escalor a manobra seria demorada e o navio ficaria à mercê de um golpe.

Depois que se retiraram os aviões voltamos ao local, não encontrando mais os corpos. Passamos logo após fato, próximo do forte e da praia de Guarujá, desenvolvendo grande velocidade para provar que o navio nada tinha sofrido.

Cruzamos diante da barra nos dois dias seguintes de dia e de noite. Regressamos ao Rio por termos já 15 dias de comissão e por tocar a 2ª Divisão nos substituir para descansar os navios, sobretudo os "destroyers."

O chefe da nossa divisão passou o serviço substituto, indo bordo do "Bahia," como sempre fez, em Vila Bela.

Regressando ao Rio a 16 milhas por hora, tendo em ação somente uma seção de caldeiras.

Foi uma viagem magnífica.

Caíram sobre ele estilhaços de bomba, mas nada conseguiram a não ser dois ferimentos levíssimos sobre um suboficial e uma praça.

O Bombardeio de Cidades Abertas. os aviões constitucionalistas em "revide" destroem cinco aviões da ditadura.

Por certo uma das vergonhas da ação nefasta da ditadura foi a de mandar bombardear cidades abertas, como o fez em Campinas, onde pereceram tantos civis

O bombardeamento da capital paulista só não foi levado a efeito porque para isso houve a resposta decisiva e enérgica do general Tasso Fragoso que, em sinal de protesto se demitiu da Chefia do Estado Maior do Exército.

Acompanhou-o nesse belíssimo gesto o general Johnson.

A aviação constitucionalista indignada com o proceder dos aviões ditatoriais nos constantes bombardeios de Campinas e Limeira deliberaram revidar o injustificado procedimento dos adversários de maneira brilhantíssima.

De como realizaram o glorioso intento dá-nos notícia o "Correio Popular", de Campinas, de 22 de setembro:

"A ação dos desumanos pilotos ditatoriais tem-se caracterizado sempre por uma demonstração inequívoca de covardia, quer fugindo ao pressentir a aproximação do adversário quer agindo de surpresa e contra populações inermes; não aceitando combate, quando perseguidos; não enfrentando o inimigo ao encontra-lo, os aviadores que servem a ditadura nos céus paulistas, desbotam as tradições mais caras da gloriosa aviação brasileira, que se plasmou sob a inspiração superior e bendita de Santos Dumont.

Durante estes dois meses e meio de guerra pela redenção do Brasil, quanta selvageria e desumanidade tem perpetrado, consciente ou inconscientemente, esse punhado de "azes" cuja nacionalidade desconhecemos. pois nos custa acreditar que brasileiros possam ser assalariados para o bombardeio de cidades abertas para o assassinio de crianças, mulheres e velhos, e a destruição de casas de caridade e templos religiosos, hospitais e residências familiares!

A fuga do inimigo

Anteontem pela manhã, conforme noticiamos dois aviões nossos, nas proximidades da estação de Tanquinho encontraram uma dupla de "vermelhos que voavam na direção de Campinas, para despejar sobre a cidade as suas cargas infernais. Mal perceberam, porém, o ruflar das azas gloriosas constitucionalistas eles recuaram e fugiram velozmente e a altura considerável, escapando ao alcance das nossas metralhadoras.

A caça de ontem

Pela manhã de ontem, uma esquadrilha aérea, voou de São Paulo em procura do ninho dos abutres de ferro da ditadura. No campo de aviação de Mogi-Mirim foram divisados sete aviões.

Os aviadores ditatoriais ao pressentirem ao longe os nossos aviões, trataram de fugir. Dois imediatamente pretenderam decolar, mas foram obstados pela perícia dos nossos. Um estacionou imediatamente atingido pelas bombas e outro conseguiu fugir.

Mais um aparelho conseguiu alçar o voo e escapar as nossas granadas. O nosso bombardeio, porém, era forte e preciso, e assim foram todos atingidos. Do campo de Mogi-Mirim três metralhadoras abriram fogo cerrado contra a nossa invicta destemerosa esquadrilha, em que conseguem amedrontar os nossos denodados pioneiros do azul.

Após a realização desse brilhante feito das gloriosas asas paulistas, que assim puniam os bombardeadores de Campinas e matadores do infeliz menino Aldo Chioratto e autores de ferimentos em 29 pessoas os nossos aviadores regressaram a sua base de operações.

Sou Brasileiro mais do que você

Não havia mãos a vencer. Todos queriam se alistar.

De minuto a minuto surgiam dezenas de voluntários.

Vinham de todas as idades. Desde o menor que era recusado, até os de mais de 60 anos. Todos queriam lutar por São Paulo.

Indescritível o movimento.

Depois de alistados faziam questão de seguir para o "front". Ninguém se alistava com o fito de ficar em São Paulo, para arrastar a sua pose" pelas ruas da cidade.

Você já se alistou?

Ah! então venha para o meu batalhão.

Os amigos preferiam sempre ir juntos.

Ao lado dos nacionais, surgiam os estrangeiros, longos anos radicados na terra paulista que também queriam prestar o seu quinhão a São Paulo e no Brasil.

Grande a relutância dos encarregados das seções.

Cabisbaixos voltavam para os seus lares os que não eram aceitos, por serem estrangeiros.

Mas um houve que conseguiu vencer não pela astúcia, mas pelo sentimento, pela grandeza de alma, pela entranha do amor que manifestou ao Brasil.

Foi um velho sírio, de cerca de 70 anos. Forte ainda, sem trepidar declinou o seu nome Fulano de tal.

Sessenta e oito anos.

Residente em São Paulo.

Natural da Síria.

Não pode, diz o rapaz do alistamento. O senhor é estrangeiro.

Como, não posso? E o senhor pode? Retruca o sírio.

Sim senhor. eu posso, sou brasileiro, responde rapaz.

Quantos anos o senhor tem? pergunta o sírio.

Estou com 32 anos.

Pois bem. Eu sou brasileiro mais do que o senhor, respondeu o sírio, pois há quarenta e dois anos que estou no Brasil.

E foi assim que os exércitos constitucionalistas contaram com um elemento que tinha sido brasileiro antes do que muitos voluntários nacionais.

Esteve em Cunha e tomou parte em diversos combates tendo constituído a admiração de todos, pela sua galhardia, entusiasmo e animo combatente.

Vi-o em São Paulo, fardado, com o seu bibi, onde tinha escrito com letras garrafais: CUNHA, passando pela rua direita, muito cheio de si e orgulhoso de ter sido soldado de São Paulo.

Menores Combatentes

Centenas de menores de 15 e 16 anos se apresentaram. Para burlar as ordens severas que havia a respeito apresentavam-se com maior idade.

Dezenas deles passavam, porque o físico os favorecia.

Quantos os que fugiram de suas casas, alistavam-se e seguiam para o "front" sem se despedir de suas famílias, com o receio justificado de que os pais os impediriam.

Aos postos de alistamento acorriam os pais e procura meus filhos para desligá-los, e quando sabiam que os seus, os menores tinham partido para o "front" seguiam no seu encalço para trazê-los ao lar.

Justifica-se a atitude dos pais. Quase crianças, se muitos conseguiram resistir a todas as agruras da campanha, a maioria devia sofrer com isso.

No meu batalhão, o 9º. B. C. R. Quando em Buri, após os combates de 15 e 16 de agosto, tivemos a visita inesperada de dois pais aflitos que acorriam em busca de 3 filhos menores, de 14 e 15 anos, pois que somente naquela data é que tinham sabido de seu paradeiro. Assim mesmo foi somente depois do conselho do nosso comandante que os menores se resolveram a voltar para os seus lares.

Num outro batalhão o pai foi em busca do filho. Concedida a licença aparece o rapaz em presença do pai e quando sabe o que vinha o seu progenitor, não concordou em voltar e respondeu ao pai:

“Só se o sr. ficar em meu lugar”

Conseguiu meter-se em meio a tropa e fez toda a campanha.

Admiráveis exemplos, na verdade. Diante deles ficam a imaginar o que pensariam a respeito todos aqueles que combatiam São Paulo, pelo só prazer de matar paulistas.

Deviam corar de ter crianças como anteparo a sua barbárie.

É logico que não me refiro a toda a tropa ditatorial que possuía elementos regulares, mas, aos mercenários que somente tinham vindo para combater os filhos de São Paulo.

Não me venham dizer que não havia gente desse jaez.

O Ardor Patriótico das Crianças Paulistas

Com este título publicou o "O Estado de São Paulo", de 24 de julho, o seguinte:

"Espetáculo comovedor, a cada hora estão oferecendo os centros de concentração de voluntários, quando os pais ali comparecem para reclamar desligação dos filhos menores, de conformidade com a ordem expressa das autoridades militares. E que os menores alistados prorrompem em copioso pranto, solicitando que se lhes não recuse os serviços por amor ao Brasil e a causa que São Paulo abraçou. Não raro os encarregados dos serviços de concentração de forças não podem conter as lágrimas diante de tão formosas manifestações de patriotismo com carinhos e exportações para que reservem suas energias para outros misteres, que cumprem o doloroso dever de levá-los, a força para fora das caseiras.

Hontem, um menino de oito anos de idade, Manuel Antônio Vicente de Azevedo Franceschini, filho do maestro Furio Franceschini e neto do Dr. José Vicente de Azevedo, revoltado porque seus irmãos mais velhos estão prestando serviços vários a causa sagrada de constitucionalização do Brasil, resolutamente, se pôs a caminho

foi apresentar na redação do "Diário Popular", declarando-se pronto para servir ao menos num hospital, de pudesse dar um copo de água a um ferido, chamar a sua enfermeira e o seu médico, enfim serviu-o como sua pouca idade o permitisse. Justificando o seu oferecimento, o menino paulista escreveu numa folha de papel, com caligrafia ainda incerta, o seguinte: "Paulistas, saibamos honrar São Paulo Defendendo São Paulo seremos vitoriosos! Tudo por São Paulo, tudo pelo Brasil!

Viva São Paulo e viva o Brasil!"

Causa que é assim amada, será fatalmente vitoriosa.

Conta 8 anos e quer seguir para a luta

Ontem, ficamos conhecendo uma interessante criança. E o menino Lunar, filho do sr. Lucidio da Costa Lima e de d. Rosa Gonçalves Lima. Conta apenas 8 anos, lê os jornais e interessa-se pela causa constitucionalista. Assim, ele sentiu, como toda mocidade brasileira, o exaltado entusiasmo pelo ideal.

Como sua progenitora seja uma das mais esforçadas organizadoras do serviço de costuras do grupo escolar Rodrigues Alves, que confecciona uniformes para os combatentes, ele, o pequeno entusiasta, "resolveu" partir para a frente...

O Dr. Castello Branco, organizador de voluntários naquele grupo escolar, procurou dissuadir o menino, dizendo-lhe que não havia farda que lhe servisse, que os fuzis são muito pesados etc. Mas Lubar, que por sinal é carioca, é irredutível.

Na visita que nos fez, participou-nos ele que, terminada a farda e pronto o pequeno fuzil, seguirá para a linha de frente. Seu entusiasmo é magnífico."

São do eminente prof. Alcantara Machado, diretor da Faculdade de Direito, de São Paulo, o seguinte trecho de sua irradiação do dia 25 de julho:

As crianças... Que lindas páginas estão escrevendo com as suas mãozinhas franzinas as crianças paulistas!

São meninos os escoteiros que partem, cheios de ufania, para a frente, com as ambulâncias da Cruz Vermelha. É um garotinho esse engraxate, flor nascida no esterquilínio dos cortiços e crescida na enxurrada da sarjeta de todos os tostões de sua fêria em benefício dos que estão arriscando a vida nas linhas de fogo. É comovente o gesto daquele menino, que convida as criaturinhas de sua idade a comungarem coletivamente pelo triunfo da revolução. E que diremos daquele moleque maltrapilho, que vara multidões, tocando familiarmente o braço de Pedro de Toledo, exprime o que lhe vai na alma com esta frase de uma eloquência empolgante:

"Aí, batuta!" Esse, o espetáculo com que São Paulo assombra os estrangeiros e nos enche, a nós brasileiros, de uma confiança inabalável nos destinos da nacionalidade.

Neste momento, dizia-me um de meus filhos, ao despedir-se de mim para cumprir o seu dever de homem livre, neste momento é preciso ser um herói, não para partir, mas para ficar."

E os batalhões infantis que passaram completos pelas ruas da capital? Soldadinhos, não de chumbos, mas ousados e valentes, traziam com garbo inexcedível o seu fuzil de pau, marchando sob as ordens de um general, muito cômico de sua responsabilidade e ufano da tropa que comandava. Não faltaram a esses batalhões o posto médico e as interessantes enfermeirinhas, com a sua cruz vermelha no braço.

Edificante, belíssimo espetáculo esse, o proporcionado pelas crianças paulistas.

Cartazes, com desenhos alegóricos e dizeres expressivos eles os traziam, concitando os que ainda não se alistaram a tomarem o seu exemplo e marchar para o "front", porque lá que se cumpria o dever e não nas artérias da grande cidade.

Benditas crianças paulistas! Olhando para o exemplo que nos dais, acreditamos num futuro de grandezas para a Pátria, porque vós fostes o testemunho da maravilhosa epopeia paulista e aquilo que vos ficou na retina nunca mais se vos esquecerá.

Pelo menos fica-nos este consolo, e este conforto.



No primeiro plano, a começar da direita: Conego Hugberto; Tenente Benedetti, delegado militar de Angatuba; Padre Amadeu Mendes, vigário de Angatuba; Padre Roque Viggiani; D. Firmino e Elias Karam. No segundo plano, pessoas gradas de Angatuba.

Assistência espiritual aos combatentes

As mães paulistas, que enviavam os seus filhos com suas bençãos para os campos da luta, apelam para o clero católico, a fim de que não desamparar de socorro dos espirituais os seus filhos.

A assistência não faltou... É de 25 de julho o seguinte comunicado da Curia Metropolitana de São Paulo:

"O serviço de assistência religiosa aos nossos valorosos combatentes vem-se fazendo com a possível regularidade, sem embargo de pequenos embaraços que facilmente se compreendem.

Desta arquidiocese partiram já, para diversas frentes, dezessete sacerdotes munidos do indispensável salvo conduto das autoridades militares.

Hoje mesmo foram designados mais cinco capelães que partirão brevemente.

Na zona de cruzeiro e adjacências, além dos padres diretamente enviados pelo arcebispado, trabalham ativamente os padres redentoristas, salesianos, capuchinhos e franciscanos.

Na zona de Itararé estão diversos padres, bem como na Ribeira.

O arcebispo está em constante comunicação com os sr. bispos das dioceses circunvizinhas, encontrando em todos eles, bem como nos seus respectivos subordinados, toda boa vontade e grande zelo.

Em outra zona de concentração, para onde ainda não foi possível enviar sacerdotes da arquidiocese, sabe-se que os respectivos vigários cumprem zelosamente o seu dever sacerdotal.

Na capital, diversos sacerdotes e, entre eles todos os vigários professores do Seminário, prestam assistência aos que se preparam para partir.

O clero de São Paulo, sem nenhuma exceção, se acha a postos, pronto para seguir a primeira requisição das autoridades militares.

A autoridade eclesiástica está vigilante, sempre pronta a apoiar as justas e santas aspirações das mães cristãs e dos próprios soldados, contando com o seu apoio e prestígio nesta dolorosa emergência.

Notícias recentemente vindas da Itapeva nos anunciam que todos os voluntários do batalhão universitário receberam a sagrada comunhão.

Damos a seguir os nomes dos sacerdotes que estão prestando socorros espirituais junto às tropas paulistas:

Padre Irineu Cursino de Moura, padre Fernando Pedreira e Castro, padre João de Castro e Costa, padre Nicolau Gut, padre Simão da Madre de Deus, frei Fidelis de Premiere, conego Humberto Looyens, padre Pedro Gomes, padre Firmino Schmidt, padre Norberto Nunes Vieira, padre Francisco Xavier, padre Estevam (benedictino), padre Arnaldo Arruda, padre Eliseu Murari, padre Roque Viggiano, padre Lino dos Santos, padre Carlos Marcondes Nitsch, padre Luiz Alves de Siqueira, padre Angelo Gioielli.

São Paulo, 25 de julho de 1932.

Padre Ernesto de Paula, chanceler do arcebispado.

De como esses revmos. padres se desincumbiram de sua alta investidura são testemunhas todos os combatentes.

Eu senti esse conforto desde o momento em que pisei o quartel de Quitaúna e lá encontrei prodigalizando conforto espiritual o revmo. padre Simão da Madre de Deus, passionista. No dia em que o nosso batalhão partia de Quitaúna assistimos à missa campal, tendo-se apresentado centenas de voluntários à mesa da sagrada comunhão. Profundamente católico, parti para o campo da luta confortado pelo Senhor dos Exércitos, que se digne naquela manhã de domingo descer ao meu coração.

No campo da luta tive ocasião de mudar a muitas missas dos revmos. padres D. Pirmino Schmidt, O. S. B. Conego Hugberto Looyens, vigário de Jahú e padre Roque Viggiani, coadjutor das Perdizes, todos os três capelães de diversos batalhões que operavam no setor sul, frente a Buri.

D. Pirmino caiu prisioneiro, tendo sido enviado para Curitiba, onde por intercessão do sr. Arcebispo teve como "ménage" o convento dos revmos. Franciscanos.

Assim também o padre Cursino de Moura, que não querendo abandonar os prisioneiros paulistas com eles seguiu até Curitiba.

O Testemunho de um Estrangeiro

São do "Estado de São Paulo", de 26 de agosto, a seguinte opinião de um observador estrangeiro, atestando a sua profunda admiração, pela organização, bravura e estoicismo do povo bandeirante:

A OPINIÃO DE UM OBSERVADOR ESTRANGEIRO

Demos, há dias, a tradução da carta que, em inglês nos dirigiu um observador anglo-saxão, acerca do movimento constitucionalista. Hoje publicamos a tradução de outra que, em francês, nos foi enviada por um observador latino. É a seguinte:

São Paulo, 22-8-32 – Direção do "Estado de São Paulo"

Senhores. O observador anglo-saxão, cuja opinião entusiasta foi publicada na edição de hontem, exprimiu o pensamento do elemento estrangeiro em geral; para uma grande nação chegou a hora de sair daquele cadinho em que, com algumas inevitáveis impurezas nativas, se amalgama uma enorme e preciosa massa de disciplina de abnegação, de renúncia, de caridade, de heroísmo, daquelas virtudes, enfim, que fazem os santos e os condutores de homens e que dão a uma coletividade lugar de honra no concerto dos povos povo paulista (assim compreendo a todos os brasileiros que abraçam a causa de São Paulo) está crescendo a história do mundo uma página sublime, das que só se encontram aqui e ali, nos annaes dos povos, desde as guerras de Esparta até os nossos dias. O misantropo que bem o ensejo raro de assistir a tal espetáculo é levado a reconciliar com a humanidade, pois tem de reconhecer que não existe apenas a borra individual no mundo, e horas fatais de penúria nacional, a alma humana tem destes surtos majestosos que bem lhe demonstra a origem divina.

O Brasil, Brasil verdadeiro, o que está aquém das trincheiras, tem doravante seu lugar na história universal não por causa destes feitos bélicos que constituem a face militar da Revolução, coisa corriqueira desde que o

mundo existe, não pelas causas desta Revolução, que de sobejo se encontram na crônica de todos os países, mais por causa dos sentimentos maravilhosos que esta Revolução suscitou ou trouxe a lume, e pela maneira prodigiosa por que tais sentimentos se exprimem.

Fiz a Grande Guerra; vi de perto o entusiasmo raciocinado do povo inglês, vi a sua fortaleza de animo quando o misterioso desaparecimento de lord Kitchner; vi pessoalmente a firmeza admirável do povo francês, o seu heroico patriotismo nas horas mais angustiosas; senti mais tarde, a meu lado, a indômita energia do povo Itália fazendo calar a sua dor e lavando a sua mágoa após Caporetto: como sensor da secção de Imprensa estrangeira, tive ensejo de apreciar o estoicismo do povo alemão.

Pois bem: o que estou vendo há seis semanas me leva a colocar este povo jovem na mesma plana dos seus irmãos mais velhos da Europa.

Povo tal é invencível: o ardor e o espírito de sacrifício e de adaptação dos soldados improvisados o valor profissional do alto comando, a atividade e o engenho dos dirigentes, a disciplina da turba, a generosidade, sem exemplo, de uma sociedade que acode, sem hesitação, todos apelos, o espírito de renúncia que nivela as classes, o patriotismo e a coragem simbolizados pelo gesto épico de uma cidade que envia cinquenta voluntários para substituir o filho tombado no campo da honra, tudo representa a vontade de vencer, tudo isso são arras de vitória.

Não se preocupe São Paulo com as fanfarronadas ameaças, nem se inquiete com o seu aparente isolamento.

Sejam quais forem as vicissitudes da titânica luta travada, prosseguir com firmeza e constância no seu caminho, posto ao alvo desejado; talvez a vitória não esteja próxima, mas ela é certa. São Paulo traz na frente o selo do Destino: volta dele, centro potente de atividade individual e social, ha de formar-se uma nação para grandes destinos.

O Engenho Paulista

Não contando lutar sozinho, dados os compromissos de outros Estados, São Paulo, foram colhidos de surpresa.

Então é que se viu o ânimo construtivo do bandeirante. Tudo se transformou. A forja de trabalho transmudou-se em forja de civismo. Do dia para a noite, o paulista se preparou para o grande embate.

Fabricas de município foram adaptadas. Providenciou-se para que não viesse a faltar alimento ao povo em luta.

Foram tomadas todas as medidas para que a lavoura não ficasse paralisada, a fim de produzir o necessário para uma possível luta de anos.

Articularam-se de tal forma todos os trabalhos, que a máquina social administrativa e guerreira, se movia numa coordenação perfeita, certa, precisa, concisa.

Os trens blindados surgiram desde a terceira semana de luta. Automóveis blindados foram confeccionados e enviados para o "front."

Trens sanitários com todas as acomodações indispensáveis¹⁷. Ambulâncias com todos os requisitos e comodidades foram construídas em número de dezenas.

Os capacetes de aço, tão perfeitos e eficientes quanto os da guerra europeia, custando um mínimo de 15\$000, per capita. Em meio a campanha todo o soldado já tinha o seu capacete.

Capuz de lã para o resguardo do frio. Mantas.

Ultimamente as capas impermeáveis vieram amenizar a quadra chuvosa.

"Lunch expresso". ao qual não faltava nem o pequenino frasco de álcool, ao lado de um "sanduíche de carne, laranja ou banana, um maço de cigarros e fosforo, uma agulha e linha, com uma oração e uma frase de incentivamento.

Faltou farinha de trigo? Outras farinhas surgiram e o pão de guerra saboroso surgiu como que por encanto.

Está escasseando a gasolina? Os laboratórios paulistas já estavam extraindo do xisto betuminoso.

O que não fez o gênio paulista? Somente aquilo que pão fosse possível por um ser humano.

Organização Sanitária

Esta foi perfeita. Hospitais de emergência foram instalados em todos os setores.

Cada batalhão levava o seu posto de saúde: dois médicos. dois dentistas, alguns enfermeiros, padioleiros e auxiliares.

Esse posto ficava sempre junto ao P. C. das tropas.

Ferido o soldado em combate, recebia os curativos de emergência, dentro da própria trincheira. Um padioleiro de ligação levava o ferido para traz das linhas de combate, onde, no posto médico, recebia novo curativo. Se o ferimento fosse de natureza leve, o ferido ficava em tratamento no próprio posto.

Se fosse grave ou demandasse mais de dois dias de cura o ferido era transportado pelo trem sanitário para duas estações atrás, onde havia o hospital de emergência.

¹⁷ O trem hospital da Sorocabana compunha-se de cinco vagões, assim distribuídos: uma sala de operações, com todo o instrumental cirúrgico indispensável; uma sala de curativos, possuindo tudo o que é imprescindível para o fim colimado; uma farmácia dotada de medicamentos de urgência um grande saldo com capacidade para 45 leitos devidamente equipados: uma cozinha destinada a preparar as refeições e a satisfazer às exigências dietéticas.

No Sul, por exemplo. Ferido em Ligiana era transportado para Angatuba, onde havia hospital de emergência.

Se precisasse de operação o ferido seguia para Itapetininga diretamente. Ali era operado. Havia também hospitais em Tatuí, Sorocaba e, finalmente, na capital. Assim

ferido, dada a natureza do ferimento ia para um ou outro. O hospital Intermediário ficou localizado em Rechan.

Em todos os setores articulação era a mesma.

No de Capão Bonito o Dr. Benedito Montenegro, emérito cirurgião paulista, operava os que necessitassem de intervenção, porque havendo somente estrada de rodagem, os feridos muito se ressentiriam numa viagem rápida de automóvel. Assim eram operados quase que no local da luta.

Não corriam menos perigo os médicos. Os que formavam junto aos seus batalhões estavam sujeitos as granadas mortíferas dos canhões e às excursões dos aviões inimigos.

Admiráveis nos seus sagrados mistérios médicos paulistas foram dignos do momento que os colheu inopinadamente. Cumpriram todos o seu dever. Este o melhor elogio.

Alisto soldados, não os compro.

São Paulo podia perfeitamente repetir a mesma frase de Galba, Imperador dos Romanos: "Alisto soldados, não os compro.

De fato. São Paulo não precisou fazer convocação de reservistas ou tornar obrigatório o serviço militar.

Bastou o grito dos seus maiores para que todo São Paulo, como se fosse uma avalanche única, se locomovesse em direção às trincheiras.

Isto porque todos tinham consciência da causa santa que São Paulo esposara.

Cansado estava o povo de ouvir os lábios mais infamantes a seu respeito e assim correu em massa para opor, com os peitos de bracos, o desmentido formal ao mal juízo que dele fazem os seus opressores e os seus irmãos.

Em 1930, São Paulo que aderira a Revolução, que lhe abre as portas inexpugnáveis de Itararé e da Ribeira, recebia os revolucionários com as maiores demonstrações de simpatia e de aplausos. São Paulo naquela ocasião estava integrado no movimento aliancista.

Mesmo assim não faltou quem dissesse querer pôr a prova a bravura do paulista e que fora pena não ter este resistido em Itararé!

Mas, o que se viu foi inteiramente o contrário. São Paulo deu provas de que, sendo grande na paz, podia perfeitamente transformar a sua forja de trabalho em oficina de guerra.

E os seus filhos nos campos da luta escreveram a mais bela das epopeias nacionais de todos os tempos!

São Paulo alistava e não comprava!

Justamente o oposto do que fazia a Ditadura. Esta comprava e não alistava. Os que formaram a seu lado, fora honrosa exceções, o resto era mercenarismo puro, que vinha combater somente a peso de ouro, ou com a esperança dada pelos seus chefes de que era só entrar em São Paulo e as forças teriam tudo, podendo saquear, cometer as maiores barbaridades e depredações!¹⁸

As tropas regulares e debaixo de um comando de oficial de carreira não cometeram distúrbios ou saque.

Honra lhes seja feita.

Verbero aqui tão somente as tropas irregulares que desconhecem os direitos mais mezinhas da guerra, principalmente da guerra civil, fratricida.

O que animava essa gente era precisamente aquilo que Virgílio zurziu em sua "Eneida". Era a AURI SACRA FAMES! A execrável fome do ouro!

O General Klinger perfil do grande cabo de guerra

E da "Folha da Noite", de 26 de julho, o seguinte perfil do Chefe militar da Revolução Paulista:

O GENERAL BERTHOLDO KLINGER

O cidadão - O soldado - O homem publico

O general Bertholdo Klinger é o grande homem do dia. A publicação do seu ofício ao ministro da Guerra, insurgindo-se contra a desordem reinante no exército, fez que para ele se voltassem todas as atenções do país principalmente de São Paulo.

Desencadeou-se o movimento armado em prol da Constituição. Só um estatuto político era capaz de pôr cobro á desordem reinante.

Para o passo inicial está claro que houve entendimentos. Em todos eles, o general procurou aproveitar, para a arrancada constitucionalista que aí está, oficiais maiores relevos no Exército, não só como chefes militares, mas como homens dignos de comandar o movimento, visando restabelecer a ordem, ao mesmo tempo que a harmonia entre brasileiros. No primeiro momento contou com oficiais do valor de Palimercio de Rezende e Euclides Figueiredo, que dirigia o departamento de Guerra e foi comandante dos Dragões da Independências; coronel Villa Bella, coronel Brasilio Taborda, que atualmente comanda, com grande proficiência o setor sul: capitão

¹⁸ De como eles o cumpriram tivemos a prova na zona de Ourinhos. As tropas de Joao Francisco passaram pelo Paraná, com 35 vagões de carga, apinhados de moveis, máquinas de costura tecidos etc.

Lemos Bastos, tenente Gazipo, um dos organizadores da conspiração: capitão Rogerio Albuquerque Lima comandante do G. Q. G. e que foi portador do celebre officio de Klinger ao ministro da Guerra do sr. Getúlio Vargas; capitão Sipião, chefe da 1ª secção do Estado Maior, e capitão Burgano de Menna Barreto, que pertence ao Estado Maior do coronel Euclides Figueiredo.

O general Bertholdo Klinger é considerado uma das maiores mentalidades militares do nosso Exército. Durante a guerra europeia, estudou a organização dos Exércitos Centrais e combateu na Europa sendo elogiado pelo Estado Maior do Exército Alemão. Os companheiros julgaram-no o maior dos nossos artilheiros. Fez, com brilhantismo inexcedível, todos os cursos superiores do Exército. Os que o cercam admiram, sobretudo, a sua capacidade organizadora. E senhor de poucas palavras.

Decide, comanda, passa adiante. No dia 24 de outubro de 1930, coube-lhe tomar conta da polícia civil onde lavrava a balburdia. Chegou, empossou-se, coordenar forças, centralizou o serviço e, horas depois, o importante departamento funcionava sem ao menos sofrer a menor solução de continuidade.

Naquele momento de odiosidades e perseguições, um chefe de grande prestígio, à frente dos negócios públicos do Rio, não pensou em perseguir. Contra isso se insurgiu o general que chefia no momento o movimento Constitucionalista. Alguns dos maiores da Aliança Liberal o procuraram para solicitar a demissão de determinado funcionário da polícia.

"Vou examinar," respondeu Klinger.

E no dia seguinte, ao ser interrogado a respeito respondeu, lacônico:

"Examinei. Não demito."

E passou a cuidar de outros assuntos que reclamavam urgência.

Notável o devotamento que lhe dedicam oficiais sob o seu comando imediato. Todos o querem e ninguém, nem por sonhos, pensa em pôr reparo a uma sua ordem. Apesar da energia férrea, o grande chefe a todos trata com brandura.

Promovido a general de brigada, juntamente com Sotero de Menezes de Góes Monteiro, rumou para Mato Grosso.

Ali, depois de visitar todos os corpos do seu comando, tudo organizou para execução das manobras manuais.

Ao rebentar o atual movimento, as forças das 4ª. Circunscrição estavam, como estão, disciplinadas e treinadas por Klinger, o que vale dizer, prontas, da melhor maneira possível.

A sua biblioteca é vasta. Além das mais notáveis obras sobre assuntos militares, ali se encontra o que de melhor até agora se tem escrito sobre a questão social, assunto que de há muito o preocupa.

No lar, ninguém é capaz de nele adivinhar o homem que toma a iniciativa de impor disciplina ao Exército e instituições ao seu país, à frente de um grande movimento armado. Esposo amantíssimo, pai carinhoso, todo

o seu desvelo, quando não vai para o quartel, o tem para a família. E sua esposa a exma. Sra. d. Leopoldina Klinger, tem seis filhos, sendo cinco moças e o menor Mario, de 19 anos de idade. Vive simplesmente, metodicamente. Levanta-se, invariavelmente, às 5:30. Almoça às 11 e janta às 18 horas.

No dia 23 do corrente, lamentámos o maior desastre desta revolução, O morteiro que vitimou o comandante geral da Força Pública, general Marcondes Salgado, e major José Marcellino Fonseca, causou um ferimento no braço esquerdo do chefe supremo das nossas forças gerais Klinger teve que se recolher ao Sanatório Santa Catharina.

Seu médico assistente, o Dr. Luciano Gualberto, auxiliado pelo Dr. Pedro de Souza Aranha, logo verificou que o ferimento não apresentava nenhuma gravidade. Mas o enfermo teria que ali permanecer alguns dias. E Klinger teve que ali permanecer com os seus dois ajudantes de ordem, tenentes Coutinho e Pedro Celestino Filho.

No momento, os médicos proibiram ao enfermo receber visitas. Numerosas pessoas tiveram que se resignar a deixar nomes no livro que para tal fim foi colocado na portaria. Depois, quando foi possível velo, todos entraram em seu apartamento: desde o governador do Estado a inferiores do Exército e da Força Pública.

A vida do grande cabo de guerra, no sanatório quase não sofreu alteração. Para lá foram levados mapas grandes patentes iam receber ordens diretamente. O general só se lembrava que estava enfermo a hora dos curativos. Em pessoa continuava a dirigir o movimento.

Foi sua enfermeira a superiora do Sanatório, que nessa tarefa teve o melhor dos prazeres. A boa religiosa, de nacionalidade alemã, entendia-se às maravilhas com o general brasileiro. O general fala corretamente o alemão, como o inglês e francês.

Mesmo no Sanatório, quando se fez necessária à sua presença em um dos setores de guerra, ele para lá foi de automóvel. E agora lá está no G. Q. G. da rua Conselheiro Crispiano, a distribuir ordens, rápido telegráfico, incisivo. Ali está, tanto quanto é possível coordenar nestes dias revolucionários.

Os principais traços que compõem a personalidade do grande chefe militar da insurreição constitucional encabeçada pelos Estados de São Paulo e Mato Grosso.

Se grande foi a atuação do general Klinger, na Revolução paulista, maior foi o seu gesto assumindo toda a responsabilidade do movimento, e colocando-se as ordens da ditadura.

Ninguém, por certo, esqueceu a figura simpática do grande chefe. Não ficará no ostracismo, porque há de voltar para dar ainda à Pátria os primores de sua técnica militar e do seu grande amor a Pátria, que tanto o estremece.



No centro, Ney Leprovost. A sua direita, Paulo de Medeiro e à sua esquerda Elias Karam: os três membros da Caravana Acadêmica Paranaense, incorporados no 9º B.C.R. Fotografia tirada após o combate de 15 e 16 de agosto de 1932.

A Ação da Mulher Paulista

A centelha do civismo nunca fora mais viva.

Jamais a história registrou movimento igual.

Homens e mulheres: validos e inválidos: pobres e ricos: felizes e infelizes; todos, como se um corpo só fossem, levantam o seu brado reivindicatório.

E a terra paulista que se ergue, desde a ossada gloriosa de sua ancestralidade, até a dinâmica formidanda do seu homem atual.

E o ritmo cadenciado das falanges bandeirantes que ressurgue de um passado histórico para dar à Pátria a seiva transsubstanciada no seu sangue heroico derramado no campo da luta, de vitalidade e de progresso dentro da ordem legal!

Como sempre é ainda São Paulo quem empunha a bandeira do civismo para a salvação do Brasil.

Não contente de ter sido o "primus Inter pares" de todas as nossas conquistas e de todas as nossas mais puras vitórias: não satisfeito de ser o maior contribuinte dos cofres da União: não querendo dormir nos louros do seu excedível progresso, ainda quer prestar a mãe comum o melhor serviço: integrá-la na Lei, na Justiça e na Liberdade.

Nessa campanha constitucionalista se locomoveram todas as energias paulistas. Ninguém se furtou ao dever imposto pelo momento. Pelo contrário, houve a volúpia cívica em sua maior expressão. Os lugares no "front" eram disputados. Cada qual queria chegar primeiro.

Santo-egoísmo que veio provar mais uma vez que o patriotismo do paulista é o seu maior apanágio.

Nessa luta sem precedentes, a mulher paulista foi quiçá o fator preponderante. Animadora, incentivadora, colaboradora efficacíssima, a mulher paulista deu tudo, porque deu o seu coração de esposa, de mãe, de filha, de irmã, de noiva!

Cadinho indestrutível de amor cívico, em seu coração e ao amor materno, o amor a Pátria!

Desprendimento sem igual!

Grande e admirável coração que, mesmo sangrando de dor, mas de olhos enxutos, oferece os seus filhos para o sacrifício no altar da Pátria!

A mulher paulista encontrava-se em toda a parte. No lar, nas oficinas para isso preparadas, confecciona fardamento para o soldado da Lei!

Nas cozinhas, quer nas de concentração de tropas quer no próprio "front". distintas damas na melhor sociedade paulista, na solidariedade impressionante com as filhas do povo, preparavam o rancho para as tropas.

Na Cruz Vermelha, com dedicação insuperável, na casa do soldado, nos departamentos de assistência civil, nos hospitais de sangue, estava a mulher paulista, prestando os mais assinalados serviços e contribuindo, de maneira decisiva, para mais rápida vitória dos exércitos constitucionalistas.

Tivesse permitido a mulher paulista e estaria está nas linhas de frente dando combate ao inimigo comum.

Mesmo assim inúmeras delas lá estiveram e combatem com a mesma bravura dos homens.

No nosso 9°. B.C.R. a senhora de um cabo, era a municidora de sua metralhadora. Dizia-nos aquele cabo que não tinha encontrado ainda quem melhor fizesse aquele serviço.

Na Legião Negra, a esquerda da nossa Companhia, cinco mulheres, vestidas de homem, burlaram durante mais de um mês a vigilância. Entraram em diversos combates, portando-se com grande bravura. Só se descobriu o caso quando uma delas baixou ao hospital.

Em São João da Boa Vista, distinta professora, incorporou-se as tropas, para substituir um parente. Outros, mil outros exemplos, por certo, são conhecidos e a história registrar esses atos dignificantes da mulher paulista.

A Campanha do Ouro

Depois de se ver despojada de seus filhos, esposo, irmãos e noivo, a mulher paulista, quiz despojar-se de suas joias.

Pois se as mais preciosas tinham seguido o caminho do dever, por que não havia de dar também as joias materiais?

E elas, maravilhosas em sua dedicação em seu abnegado desprendimento, entregando aos Bancos todas as joias.

Dezenas de famílias deram tudo o que possuíam, alcançando muitas vezes uma só oferta centenas de contos!

Não, não houve jamais movimento igual.

AS ALIANÇAS

Iniciativa comovedora. A troca das alianças de ouro pelas de ferro, com a inscrição: "Dei ouro para o bem de São Paulo."

Demos a palavra à D. Clotilde DE MATTOS MENDES, para que nos descreva com aquele seu formoso estilo, o que ela sentiu no momento de depor no altar a sua aliança.

"Tu¹⁹, que és o soldado da Constituição, trava um minuto o teu fuzil, abaixa a cabeça dentro da tua trincheira para ler este bilhete... E tu hás de ficar alegre pensando em mim depois... Eu vou falar do passado, de um dia lindo do nosso passado! Escuta!

¹⁹ Dirigir-se ao marido, o prof. Marcilio Mendes, que estava combatendo nas linhas de frente, no 9°. B.C.R. Na epopeia do 9°. B.C.R. Refiro-me a ele.

Mês de maio, fim de tarde, tarde de sol...

Convidados a sorrir, almofadas brancas de seda, véus, flores, um altar, um crucifixo iluminado, um sacerdote depois... uma salva de prata e sobre ela duas alianças...

Uma era tua e a outra tu me deste... Meu noivo de há cinco anos: aquela aliança que recebi de joelhos diante de um altar iluminado, eu, com a mesma alegria e com o mesmo orgulho com que recebi, acabo de colocá-la agora sobre a renda branca de outro altar, também sagrado o altar da Pátria!

Quando poderíamos nós, querido amigo, naquela tarde, cheios daquela alegria doida de sermos moços e de sermos felizes quando poderíamos nós suspeitar do Grande maravilhoso destino de aquele pequenino anel que me colocaste no dedo? Que importa o colar de sete voltas com que Salomão enfeitou o colo da rainha Belkiss! Que importam os braceletes famosos que Salomé agrou nas suas danças loucas! Que importam os anéis que viveram gelados nas mãos estéreis de Isabel da Inglaterra! Que importa? São joias sem história que se apagaram na solidão, que sumiram no esquecimento e nas quais ninguém mais pensa.

Mas o anel que tu me deste, dentro em pouco ao lado de muitos outros, ao lado dos anéis de honra de todas as mulheres e de todos os homens de minha terra, será a célula viva que sob a atração milagrosa de outras células irá formar a estrutura indestrutível desse novo Cosmo: o nosso Brasil redimido!

Dentro em pouco essa humilde parcela de metal sob o calor da forja imensa das nossas oficinas, a ferver e a refterver na ânsia de se corporificar, arrastará na sua força indômita de cobertor milhares de outras parcelas para se transformar não em ouro, mas em vitória!

Vitória sim! Porque dentro desta forja onde funde o ouro do sacrifício, esse revólver em delírio de cada molécula atraindo outras moléculas, esse perpassar escaldante dos átomos buscando outros átomos é a concretização perfeita desta nossa coragem suprema, desta nossa energia titânica, desta nova ânsia infinita de vencer!

Tu, que é o soldado da Constituição, trava um minuto o teu fuzil, baixa a cabeça dentro da tua trincheira, descansa e pensa um pouco... pensa no grande e maravilhoso dentinho da minha aliança de noivado: Ela será centelha imortal e sacrossanta sempre, a resplandecer dentro desse terno pedestal de glória que São Paulo está construindo com ouro e sangue! Esse pedestal que São Paulo está construindo para ligar às gerações vindouras como símbolo das nossas virtudes cívicas, como relíquia da nossa grandeza moral!²⁰

Adiante reservamos um capítulo especial para a transcrição dos admiráveis artigos desta brilhante escritora.

²⁰ Publicado na Folha da Noite, de 25-08-1932.

O que fez Ela pelos Bravos que partiam

Dentro de cada larda que confeccionava a mulher paulista deixava um bilhete de encorajamento. Cada soldado constitucionalista levava consigo a esperança do coração da mulher bandeirante.

Centenas de pensamentos cívicos seguiram nos culotes dos voluntários. Na impossibilidade de publicar todos, aqui deixamos somente alguns. Eis:

Leva por onde passares o facho de luz da liberdade!

Não há dignidade onde não há coragem. Soldado paulista, de tua coragem depende a glória do Brasil.

E a coragem que faz o homem de verdade. E São Paulo precisa de tua coragem, paulista que o és de verdade.

A palavra anima, a ação arrebatada.

Teu ideal é sublime, Deus te guie!

Lutar pela Pátria e pelo Direito é a honra das honras.

O forte não desanima, nem desmerece. E dizer paulista é dizer forte!

A pátria é a mãe, a irmã, a noiva. Lutar por São Paulo e lutar por elas.

Liberta o solo amado desses covardes e vis, valente e bravo soldado que para a luta partes.

Leva em teu coração uma só palavra - Brasil.

O heroísmo e a vontade vencem todos os obstáculos!

O sacrifício é o germe que engendra toda a glória.

Se a glória do Brasil e de São Paulo é grande, torna o maior bravo soldado!

Segue a tua jornada honrosa, confiante na vitória.

Parte, bravo soldado, levando a benção de um coração paulista.

Que as benções de tua Pátria te acompanhem!

Destemido soldado, leva a arma onde o teu amor patriótico a conduzir.

Valente voluntário, sacrifica-te pela magna carta que abraçaste!

Cumprindo o teu dever glorificarás a tua Pátria.

"Vencer ou morrer," não te esqueças de que este é o teu lema.

Antes morrer pelo Brasil do que viver escravo!

Que a tua arma seja mais fulminante do que o rajo na defesa de tua pátria.

Lembra-te que o teu sangue é semente fecunda que brotará nesta terra abençoada. Não temas a morte. Empunhe a sua espada para bater pela Honra e pela Justiça.

Bravo voluntário, semeia em tua jornada glorioso grão fecundo da Liberdade e do Direito.

Antes da partida de cada batalhão iam as moças, senhoras paulistas ao quartel fazer distribuição de cigarros e de "lanches expressos", dando com a

sua presença o testemunho de que o soldado bandeirante partia, mas que nas cidades ficava o coração da mulher paulista velando por eles pedindo por eles e acompanhando vivamente interessada a luta que se desenrolava no "front".

Nas cidades por onde passavam os batalhões eram entusiasticamente ovacionadas, coberta de flores belas mãos gentis das mulheres, que também proporcionaram aos voluntários todo o conforto, providenciando para que ao batalhão nada faltasse em sua passagem por aquelas cidades.

Em toda a parte, gigantesco como nunca, estava o coração da mulher paulista.

O Estoicismo da Mulher Paulista

Centenas foram os exemplos.

Diante do cadáver do filho valoroso que tinha pagado com a vida a defesa do ideal constitucionalista, a mãe bandeirante o contempla de olhos enxutos, bem trazendo a alma em retalhos, dando provas de um estoicismo sem igual.

Não se contenta com isso. Chama um filho, o único que lhe resta, menor ainda, mostra-lhe o corpo inanimado do filho que tombou, e lhe diz:

Vai ocupar lugar deixado pelo teu irmão! Mas, aí dos homens se eles não realizarem o que prometem!

Este é um dos exemplos diante de centenas de outros, qual mais belo, qual mais heroico.

Como homenagem as esposas que perderam os seus maridos nas linhas de frente, transcrevo para aqui a expressiva e comovente carta, que a viúva do intemerato voluntário Ary Cajado de Oliveira, enviou ao Secretaria da agricultura:

A delicadeza das palavras com que v. exa. quis, neste momento tão triste para o meu coração de esposa, trazer-me o seu conforto, muito concorreu para acalmar a dor imensa que a morte do meu Ary me ocasionou.

Como eu, muitas esposas, muitas mães, muitas noivas, choram o desaparecimento de entes queridos. As lágrimas, porém, cedem logo lugar ao patriotismo, que a todos nós anima, e, então, sentimo-nos orgulhosas por podermos afirmar que os nossos souberam morrer heroicamente, pela Pátria. E meu idolatrado esposo morreu conscientemente, na defesa do grande ideal que a todos nós armou: a redenção do Brasil, que queremos grande, unido, prospero e respeitado. A lembrança eterna do companheiro que não trepidou um instante em oferecer a sua mocidade pelo nosso Brasil, será o estímulo para prosseguirmos na luta, até a vitória final.

Agradecendo, pois, as palavras confortadoras que me enviou, subscrevo-me com alto apreço de v. exa.

Mensagens da Mulher Paulista

Todas as intelectuais paulistas prestaram o seu quinhão, escrevendo, declamando ou ocupando os microfones as estações de Rádio. Em todas havia o brilho invulgar de almas sedentas de justiça, clamando pela vitória, no incentivamento ao homem.

Junto aos próprios quarteis elas lá estiveram. Deram exemplos pela palavra e pela ação.

A dra Labibe Mady, presidente de uma associação feminina acompanhada de bravas companheiras percorre os quarteis levando a palavra que anima e conforta. Transcrevo aqui o vibrante apelo irradiado por D. Maria Antonieta de Castro, às suas irmãs do Brasil inteiro em 18 de julho:

Irmãs do Brasil inteiro! – Aqui vos fala a Mulher Paulista, que somos todas nós que nascemos nesta terra bendita e das que lutam conosco pelos mesmos ideais.

Fazemo-lo em nome de São Paulo e dos que se levantaram com ele, para repor o Brasil dentro do Regime Legal.

A vós nos dirigimos, denodadas reivindicadoras das prerrogativas da mulher, que outra não pode haver que a de reivindicar, para seus filhos, um Brasil unido e forte

A vos que vos congregais em torno da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que se norteia pelo mais bem elaborado dos programas e que, precisamente, em julho de trinta e um, reunindo-nos em congresso memorável fizestes se elevar a voz feminina para expor, a todo o Brasil., o pensamento da Mulher Brasileira em face dos problemas magnos da nossa nacionalidade, a vós nos dirigimos neste momento.

Sede, senhoras, nosso porta-voz perante nossas irmãs do Brasil inteiro. Dizei-lhes que, os paulistas, e com eles, todos os que se identificam, estão lutando por uma causa santa.

Dizei-lhes que o ritmo costumeiro da vida de São Paulo, o dinamismo da sua ação fecunda e honesta no entrecrocamento das máquinas, no lavrar do solo, no manejar da pena, não se teria interrompido, de repente, para dar lugar a um movimento novo e usado em que sobressai o rumor insólito de rodar pesado de caminhões e maqui nas levando para a frente todo São Paulo “num só homem”.

Não só nos levaria aos extremos dos que não compreendem que o Brasil foi feito para crescer e não para se diminuir e amesquinhar.

Senhoras! quando, até nossas crianças, são capazes dizer frases como esta: Mamãe, por que não ha de haver uma máquina que faça a gente espichar para ficar logo grande e ir defender o Brasil?" é que a causa é

grande demais e nós de pequeninos fazemos tudo para nós tornarmos grandes a fim de sermos dignos dela.

Senhoras! auxiliai-nos a espalhar pelo Brasil a voz que é a do bom senso e da razão, para desmentir nossos detratores que nos acusam de separatismo, quando São Paulo, através de toda a sua História, não tem feito outra coisa que afirmar o seu desejo de unidade, desbravador do terras e ajuntando tesouros para o Brasil.

Senhoras! Levai a vossa voz que é a nossa, a todo coração de mãe que pulsa e vibra neste grande Brasil para que sinta a grandeza do movimento que nos empolga.

Que cada mãe brasileira mande seu filho lutar, não contra nós, mas por nós, que é pelo Brasil que lutamos.

Dizei a todas nossas irmãs deste Brasil imenso que pela estabilidade de nossos lares, que é pelo futuro de nossos filhos, que pela afirmação de nossa nacionalidade que trabalhamos.

Irmãs do Brasil inteiro!

Formai conosco sob o pendão invicto. Não espereis que o sangue de nossos filhos tinta de rubro o solo desta terra abençoada.

Sede conosco na grande hora em que se decide o destino do Brasil. Todos unidos, pelo Brasil unido!

D. Clotilde de Mattos Mendes²¹

Brilhante escritora paulista. Os seus efeitos, vazados em estilo escorreito, tem ainda a agudeza suave de penetrar no recôndito das almas.

Li-os todos, nas trincheiras, ao lado de seu admirável do prof. Marcilio Mendes, lente da Escola Normal de Itu e catedrático de Literatura da Conservatório Dramático e musical, de São Paulo, onde vai, especialmente, duas vezes por semana ministrar as suas aulas.

D. Clotilde encarnou perfeitamente a alma da mulher paulista nos seus anseios, no seu civismo. no seu amor na compreensão justa da última traição.

La nas trincheiras de Buri, no 9º B.C.R. ao lado de Marcilio, ao ler os artigos daquela distinta dama paulista que era esposa, mãe e irmã, eu me lembrava constantemente de meus pais, e minhas irmãs também.

O meu livro, se nada valer, valerá pelos artigos de D. Clotilde que aqui gostosamente transcrevo, e pelo prelacio do Dr. Milton Carneiro.

Eis o seu primeiro artigo publicado na "GAZETA", de 18 de julho:

*UM BRADO DA MULHER PAULISTA
(Ao homem moço do meu Brasil)*

²¹ Professora, farmacêutica, bacteriologista notável, primorosa escritora e poetisa.

Homem valido da minha terra, de qualquer idade e de todas as distancias, onde quer que estejas:

Se trazes ainda contigo a mesma coragem daqueles que rasgaram clareiras plantaram cidades no seio dos ossos sertões povoados de férias; se ainda te queima peito o mesmo fogo que, em 1842, aqueceu de novo o coração do velho Padre Antônio Feijó, não poderá permitir, sem opróbrio para tua raça, sem infâmia para o teu futuro, que em seu país se perpetue o regime da força em lugar do direito, e vingue a violência em lugar da Lei.

Tu não podes permitir, nem um instante, mas, o triunfo daquele que te iludiu com promessas falsas de igualdade e de fraternidade, de democracias ilusórias e de liberaisismos que não se realizaram; daquele que com armas de uma ditadura inglória forja cada dia mais uma algema para o seu comércio, para a tua lavoura, para tua indústria, para o teu progresso.

Tu eras laborioso e util. O facho branco de fumaça subia das tuas fabricas e se adelgaça no céu, com fogueira santa de Abel Rebrilhava no interior das oficinas forja incandescente do trabalho. A música dos martelos retinia, o dia inteiro, nos andaimes das tuas cidades cor de telha nova. E O sol bendito da tua terra amadurecida nos campos as searas que plantadas cantando.

Mas Caim viu a fumaça abençoada que subia dos tetos das tuas fabricas. E ele se fantasiou de irmão e entrou na tua casa e pôs um grilhão nos teus pés.

Homem valido da minha terra! Veste depressa a túnica de guerreiro. E lá, é além, para lá da Serra da Mantiqueira, que se escondeu aquele que te traiu.

Lá, no fim do teu caminho, o Jesus do Corcovado espalha benções ao Brasil inteiro, te espera neste momento, de braços abertos, iluminando-te a passagem, porque a causa dos justos é também a causa de Deus.

Moço forte do meu Brasil! E diante de ti que se ajoelha neste momento a alma aflita da Pátria! Dá tudo por ela: tua bravura, tua coragem e tua vida, se preciso for.

Tens esposa? Parte depressa, vai buscar o orgulho de viver ao lado dela. Vai, porque si aqui ficares, serás inútil a terra onde construir o teu lar.

Tens filhos? Corre, voa, se puderes. E sob as leis, que vocês agora restaurar, que há de viver a tua geração, forte e livre como tu.

Fugir? Nunca. Fugir da luta é estar mais que morto. É arrastar com a fuga o remorso daquele que vive com a morte dos outros. Morrer pela Pátria é viver mil vezes, na prece agradecida dos que ficam.

Vai, soldado. Beija sem dor a tua mãe e abraça sem lagrimas tua esposa. E não leves sustos no coração.

Porque tu, que vais tão bonito com a tua roupa nova, voltarás mais bonito ainda, com a tua roupa nova suja de pó. Mas, todo a tremer de orgulho porque tu vais para mostrar que o bandeirante não morre... Vais para

trazer, desfraldado ao sol da liberdade, o auriverde pendão do Brasil redimido!

As suas irmãs, do Norte e do Sul, D. Clotilde escreveu o seguinte, para o Diário da Noite:

Ha dois anos um povo de boa-fé ergueu os braços de esperanças, para o falso idealismo de alguns homens que lhe prometeram um Brasil melhor...

Esse povo, que viveu apenas um minuto de ilusão, há dois anos que se estorce sob a mão de ferro de um governo que lhe matou as crenças e lhe roubou as leis há dois anos que este povo se debate no turbilhão da desordem ditatorial, como se fossem seus jeans noites de eclipse onde não se acha o rumo da liberdade, mas São Paulo, que é São Paulo de todos os tempos, o São Paulo do passado que afugentou para os garotos da Mantiqueira a horda feroz do índio Cunhambebe: o São Paulo que deixou na Praia Vermelha as setas todas da sua aljava no combate de Uruçu-Mirim e Paranapuan, quando o seu solo ainda era Piratininga e o seu povo ainda era Tupinambá; o São Paulo do presente, que palpitou no coração do Padre Feijó e de Prudente de Moraes, não podia permitir que as manobras da discutível ideologia de um grupo de mansões condenados, arrastasse a nossa Pátria para o caos da anarquia: não podia permitir a ruína do Brasil, que é o seu Brasil, esse Brasil que ele disputou ao bugre e às feras pela astúcia lendária de Bartolo meu Banco da Silva, esse Brasil que ele arrancou das matas insondáveis com as botas de sete léguas do Caçador de Esmeraldas, esse Brasil que ele deu aos brasileiros na colina histórica do Ipiranga, arrancando dos verdes mares bravios" as ancoras pesadas das caravelas portuguesas Não! São Paulo não podia permitir. O Brasil não morrerá enquanto existir o último descendente de Anhanguera...

E foi por isso que ele acendeu agora o facho da guerra. Não ouvis, brasileiras do Norte e brasileiras do Sul, o rufo dos tambores?

Não vedes lá no vale do Paraíba, o claro que já ilumina a horizonte?

É o reflexo da fogueira que São Paulo acendeu para calcinar a lama que os anarquistas do poder estão amassando para sepultar o nosso patrimônio cívico alcançado nas pelejas de quatrocentos anos.

Mulheres irmãs, do Norte e do Sul: Vai ser escrita agora a página mais luminosa da nossa História Pátria.

É a história de sete milhões de habitantes que, sentindo e vibrando como se

tivesse todos um único coração, se levantam para vencer ou morrer pelo Brasil, para receber a coroa de glórias ou a coroa de espinhos, na reconquista dos seus direitos arruinados.

Vinde para assinar conosco essa inesquecível e eterna página de ouro.

Vinde, brasileiras de todas as distancias. Não é o clangor da inúbia selvagem que vos chama para o festim da vingança e nem é o ruído das trompas inimigas que reboa nas coxilhas de Ituzaingô.

É o maravilhoso clarim da civilização que vos reclama, para repartir convosco e com vossos filhos a glória suprema de desfraldar de norte a sul a sagrada bandeira da redenção nacional!

Nas estações da Sociedade Radio Educadora e Radio Cruzeiro do Sul, D. Clotilde irradiou o seguinte:

O FAZEDOR DE MUNDOS

O herói bandeirante passou correndo como louco, levando a forja de Júpiter para dentro das trincheiras! E todo mundo que estava nos caminhos, todo mundo que o viu passar, correu também para lá como se fosse arrastado pelo encantamento fatal de uma inaudita maravilha!

O herói bandeirante agora está batendo na forja, está batendo com tanta força que a terra toda está cheia de tremores como se dentro dela perpassassem ondas escaldantes de átomos desagregados numa ânsia infinita de se fundir e de se corporificar para formar um novo cosmo!

O herói bandeirante está batendo, está batendo com mais força ainda e há tanta fagulha, tanta chispa, tanta lavareda saltando do seu martelo e há tanta claridade em roda e tantos relâmpagos que o céu até parece a abobada incandescente de uma imensa fornalha! O sol já está quase morrendo de tanta fumaça que sobe! E as estrelas estão brancas, brancas de susto, pensando que é o fim do mundo!

Não é o fim do mundo! E' o começo do mundo! O herói bandeirante está fazendo uma grande nebulosa na forja de Júpiter lá dentro das trincheiras! Está fazendo grande nebulosa para tirar de dentro dela o Brasil!

Bandeirante fazedor de mundo! Quando tu voltares carregando o meu Brasil Quando tu passares levando esse Brasil grande que tu fizeste sob a nevoa das metralha! Quando tu passares levando a alegria da paz vitoriosa dentro do tumulto violento de teu grande coração de herói! Quando tu passares mostrando a liberdade de teu povo dentro das feridas ainda rubras dos golpes que ganhaste nas pelejas!

Quando tu passares sob festões dos arcos triunfais, sob as palmas da multidão

que te aplaude delirando... Quando tu passares chega perto de mim eu quero também cobrir o teu corpo de rosas, eu quero também beijar a tua mão, quero encher de um milhão de beijos a tua mão, calejada e rude de Guerreiro vencedor!

Chega bem perto de mim e deixa que eu fique de joelhos diante de ti. deixa que eu fique de joelhos como se tu fosses UM DEUS QUE EU DEVO ADORAR.

Agora está página guerreira, irradiada na Educadora Paulista, por d. Clotilde:

UM! DOIS! UM! DOIS!

Julho...

Viva São Paulo Viva Mato Grosso! Revolução!

E do seio das matas, do fundo das fabricas, de dentro das escolas saiu uma multidão carregando fuzis! Tudo que era homem se transformou em soldado! Um! Dois! Um! Dois! Um! Dois! E lá vão! Rostos afogueados, corações a fremir! Um mesmo grito em todas as bocas:

Constituição! Um mesmo desejo ardendo em todos os peitos: Vencer! Um! Dois Um Dois! Um Dois! São Paulo vai só! Que importa! Não pragueja, não insulta, não blasfemou vai alegre, vai cantando:

Vem conosco oh! Brasileiro

Auxilia teus irmãos

Temos na frente o Cruzeiro

Temos Pátria das mãos!

Agosto...

Um! Dois! Um! Dois! Um! Dois! São Paulo acendeu as fomalhas de todas as fabricas subir para o céu o penacho negro de fumaça que saia quando o braseiro crepitava ele olhou para cima e viu de todas as chaminés... Deus abençoar o seu doloroso sacrifício do mesmo modo que recebera a piedosa oferenda de Abel.

E ó milagre espantoso. São Paulo revolve-se dentro de si mesmo e diante dos olhos atônitos dos seus próprios Filhos arranca das próprias entranhas, todas as armas de guerra: Trem blindado, canhões, morteiros, bombardas, capacete de aço.

Um! Dois! Um! Dois! Um Dois!

São Paulo, caminha... Caminha para o Norte, caminha para o Sul, caminha para o Oeste Itararé? É o Marnel Cruzeiro? E Verdun! E a ditadura repudiada e escarnecida investe... Mãos gotejantes de sangue, olhos em labaredas de fúria investem aqui, investem ali..., mas, em vão!

E nem vê, na cegueira do seu delírio que ante a muralha gigantesca de nossos peitos, vai deixando a sua vida esboroada no chão! E nem vê que ante os diques da nossa resistência, vai como a maré que recua deixando insepultos os frangalhos nojentos do seu corpo de cogumelo inútil!

Setembro...

Um! Dois! Um! Dois! Um Dois!

São Paulo está fazendo a festa da Ressurreição do Brasil! E Deus mandou também um lindo presente: a Primavera!

Os coqueirais esguios que o vento gelado, longamente agitou, varreram as nuvens perdidas e o céu ficou bem limpinho, e bem azul... Os santuários de todos os templos estão cheios de flores de todos os jardins... Ha lírios opalescentes em redor dos nichos como mãos postas, esquecidas, a rezar... Rosas vermelhas como gangrenas e rosas como caçoilas, derramando perfume na solidão das naves...

Entre os ramalhetes verdes dos cedros e entre a folharada macia dos plátanos há um novo pássaro cantando...

Um! Dois! Um! Dois! Um Dois!

Que linda vai ser a festa de São Paulo! Falta de bem pouquinho para soar a hora da Aleluia da Liberdade.

Quem vem lá? Santa Maria Caçapava? Itaquí? S. Pedro? Tupaceretan?

Bagé? Que barulhada é esta? É o tropel de cavalos de João Neves!

Corre gente! Abre a porta é o Rio Grande que está batendo!

E o galhardo irmão do Sul que vem a festa, é o conviva da festa que São Paulo está fazendo!

Em Cartas do "front", escrita para o Diário da Noite, D. Clotilde encarnou em si toda a ansiedade daqueles que aguardavam cartas das linhas de frente. Acompanhemos:

Eu estava a janela quando o carteiro passou... Ele caminhava depressa porque ia levando, talvez, a alegria a muita gente naquela braçada de cartas. Eu estava na janela e estava olhando para ele ansiosamente, desesperadamente, mas ele passou e nem fez conta de mim, mas olhou para o número de minha porta... Lá foi e me deixou miseravelmente só e triste dentro das 24 horas eternas do meu novo dia de espera... Mas eu não estou chorando, estou a pensar na alegria dos outros, na alegria que vai dentro daqueles retângulos de papel que vieram do "front," alegria que o carteiro vai deixando na porta de todo o mundo e não deixou na minha porta... alegria que tanto querê-la, de tanto desejá-la, adivinho:

"Minha querida mãe Deus protege o seu povo nas batalhas conduzindo-o de vitória em vitória, fazendo-os seus inimigos caírem vencidos... Teu filho José."

"Meu querido pai Felizmente até agora nada aconteceu nem a mim nem a nenhum dos meus colegas e assim espero que seja até o fim que cremos estar próximo. Saudades de Pedrinho.

"Esposa adorada Não te esqueças das tuas orações do tenente Lucio, que nos empolga com sua bravura e tino, que nas horas do fogo, como uma figura lendária, está sempre do nosso lado, mostrando que as balas dos que não tem razão só matam quando perdidas – Teu Marcio."

João Neves – Borges de Medeiros está muito bem-disposto apesar da dureza dos acampamentos durante esta quadra de inverno. Manda-te muitas lembranças. Ele e todos nós inabalavelmente firmes para a vitória...

Afetuosos abraços – Raul Pila."

Cartas do "front"! Só quem tem a glória de recebê-las é que pode saber quanto elas são caras!

E de que jeito é uma carta do "front"? É um pequeno pedaço de papel meio amassado, censurado, rabiscado, lido por toda, mas que a gente recebe tremendo da canção. É um simples pedaço de papel, escrito a lápis onde o pensamento vem sufocado dentro de uma pauta exígua onde a mão que escreve, de tanta pressa, esquece dos pontos das vírgulas, mas que a gente mal recebe mostra para todo mundo, orgulhosa, como se fosse a obra prima de Tagore... É carta que a gente lê com a emoção de quem estivesse sentindo dentro de cada período o calor e a vida da pessoa amada e distante...

É certo que a gente lê e relê, baixinho, a sorrir, como se estivesse ouvindo dentro de cada letra o bate apressado do coração desse alguém que escreve.

Esse simples pedaço de papel que só fala de heróis de batalhas, que nem tem uma palavra de amor, que tem traz um beijo escondido... Esse papel é tudo para o coração ansioso que o recebe... É a certeza de que esse alguém que escreve está lá, lá dentro da agitação tumultuosa de um campo de batalha, está lá com o seu fuzil em punho, com barba crescida, com seu rosto estado pelo sol de setenta dias de campanha, está com seu sapato roto de tanto caminhar, mas caminhando sempre caminhando orgulhoso. Caminhando para um mesmo rumo: para a vitória da Liberdade!

A carta que a gente recebe do "front" é mais que a de um rei com presente de Deus! É como se fosse a esperança que vem vindo para nos falar:

Ele está vivo, ele está forte, sossega! Ele verá São Paulo vencer!

Ai! me dera que eu tivesse agora nas mãos um pedaço do papel trazido do "front," rabiscado, censurado, lido por todos, sujo que importa sujo da ter abençoada da trincheira do 9º. B. C. R. Um pedaço de papel que não dissesse nada, mas que tivesse uma data, a data de hoje e que tivesse dois nomes... O meu nome e o nome daquele soldado que me escreve lá daquelas bandas de Buri, o nome daquele soldado que é só o que eu tenho no mundo...

Agora, silêncio, almas em suspenso, leiamos esse verdadeiro primor, esse diálogo ideado por d. Clotilde, diálogo que foi de todas as horas de todos os momentos, diálogo em que ela principal protagonista, em que uma amiguinha te perguntar: Que fizeste quando ele partiu?

Mas, não tiramos o sabor da resposta, que somente Clotilde seria capaz de escrever aquilo que sentiu, quando Marcilio Mendes partira:

"Que fizeste quando ele partiu?"

Eu fiquei a sorrir até que ele não mais visse o meu lenço branco que lhe dizer adeus...

Fiquei a sorrir até que ele se encobriu lá na trilha longínqua da estrada. Quando ele partiu eu vi que ele transbordava de orgulho e de fé, porque eu apertei o meu peito contra o seu e escutei seu coração de moço bater como nunca eu senti. Ele devia levar no seu semblante a aureola de alguma estranha luz ou o vestígio misterioso de alguma encantada beleza. porque a multidão parou nas ruas para vê-lo quando ele passou fazendo luzir ao sol o correio da cintura e fazendo ranger nas pedras a sola forte do seu sapato de campanha. Como eu o achei belo!

Com aquela roupa cor de telha nova da minha cidade com o fuzil no ombro, com o cantil ao lado, com o passo firme, com a cabeça erguida e com aquela alegria doida de ser moço e de ser valido, ele quase parecia um Deus!

E quem era ele?

Era o soldado voluntário da Constituição!

E tu estavas sorrindo, para ele, por quê?

Porque esse soldado é o pai da minha filhinha, é o amparo do meu lar, é toda a minha vida, é o meu grande amor!

Meu Deus e não endoideceste?

- Não! eu conheço palmo a palmo aquela trilha longínqua onde o vi sumir, é a estrada larga da honra! É o caminho inconfundível do dever! Nesta hora em que a pátria, de joelhos, estende as mãos postas para todos os filhos aquele que fugir desse caminho não é homem, não é nada, é um boneco de pano, e um pedaço de trapo que rola e que a gente pisa e não vê...

E se ele morrer?

- A morte só vive dentro do coração dos covardes!

Morto deve viver aquele que fugiu da luta: morre de remorsos! Morto de vergonha viveria aquele que tivesse de beijar pó onde a bota da prepotência deixasse um rosto! Maior que mil mortes seria a dor daquele que assiste a vitória de nossos inimigos! Ai desse! Porque ele também veria, como um pesadelo sem fim passar os funerais da pátria a caminho das ruínas eterna! Não!

Ele não morrerá! Ele voltará, porque a causa pela qual ele se bate é a causa dos justos e a causa dos juntos é a causa de Deus! Ele voltará para que eu sinta de novo o seu coração de moço bater como eu nunca senti bater como doido, bater de alegria pela vitória de São Paulo!

Soldado ditatorial: tu que combatestes contra os teus irmãos e São Paulo, só pela vontade doida de matar paulistas, não sentirás o peso subir a faces

depois de teres lido, transido de vergonha, essa formulavel lição de d. Clotilde?

Mas continuamos.

Em resposta a uma carta de Marcilio, que lhe descrevia grande combate de Buri, de 15 e 16 de agosto, D. Clotilde lhe respondeu lindamente:

Aquela carta que me escreveste depois que sentiste a terra tremer sob a explosão inútil das 800 granadas do teu irmão Caim! Aquela carta que me escreveste a sombra abençoada das matas de Buri, enquanto ao lado da tua trincheira, esperavas arrefecer o cano ignescente do teu fuzil, aquela carta tão cheia de coragem, tão cheia de fé, me veio trazer saudade, saudade louca da alegria de viver feliz ao teu lado!

Deus ha de me dar de novo essa alegria! Tu hás de voltar, porque todas as minhas forças, todos os anúncios de meu coração, tudo o que sinto é uma súplica sem fim pedindo uma graça... Tu hás de voltar porque tua filhinha e tua esposa fizeram da tua casa um templo onde sob a renda iluminada de um altar te esperam rezando noite e dia... Tu hás de voltar porque ai onde estás ali nesse campo de batalha, onde a minha imaginação alucinada perscruta os teus movimentos...aí onde tudo vejo de olhos fechados: valas abertas, homens de rastos, fuzis em riste, peitos a fremir olhos como labaredas, fixos num grande ideal ai onde eu tudo vejo, ai onde estás, também está minh'alma, de joelhos, de rojo sobre a terra, de mãos postas, erguidas pedindo ao céu que te de coragem, que te de força, que te de vida para veres São Paulo vencer!

Tu hás de voltar, porque tu és o cruzado de mais santa das guerras!

Tu es soldado da lei e o soldado da Lei é o soldado de Deus!

Tu hás de voltar...

E quando voltares...

Eu estava quase chorando e agora estou quase sorrindo, só de pensar nele dia! A multidão vibrando a cantar! Bandeiras desfraldadas: verde e amarela, preta e branca, branca e azul Clarins! Rufo de tambores! Tropel de cavalos Capacete de pano, capacete de couro, capacete de álcool Soldadinhos, soldados grandes, soldados brancos, soldados pretos... todos a sorrir, roupa cheirando a pólvora, roupa que nem tem cor... Suja de pó dos cominhos, coração que nem cabe no peito de tanto bater de orgulho! Asas grandes rasgando o céu: Aderbal Motta Lima, Ismael Guilherme! Gritos delirantes: Viva o Brasil Viva São Paulo! Morta a Ditadura!

Ai! Quando tu voltares não me deixe ficar perdida no meio da multidão Segura bem no meu braço, toma conta de mim, porque tenho medo...medo de enlouquecer ... De alegria!

Mas D. Clotilde se pode receber o seu marido de volta, não viu realizado o seu sonho, que era o de todo o paulista de todo aquele que combateu por

São Paulo. Em vez das fanfarras estridentes da vitória, tivemos o lúgubre pio da coruja da traição.

Toda a alma angustiante do constitucionalista sentiu o látego das traições e o punhal miserável dos traidores.

Estes hão de ser corridos por toda a vida, e quais outros ashaverus, não encontrado uma pousada amiga, um peito de companheiro, mas terão sobre si o dedo de Deus apontando-lhes a tradição e o ato execrando que perpetraram:

O crime de lesa-pátria!

Entretanto, D. Clotilde recebe o esposo. De que maneira?

Assim:

Soldado da Constituição, eu te conheci de longe quando voltasse da guerra...

Tinhas a cabeça tão baixa e caminhavas tão devagar e tão curvado para o chão que mais parece um pobre alguém que estivesse procurando um tumulto para esconder um pobre corpo cansado de sofrer.

Fui correndo esperar-te no caminho e quando te abracei comovidamente senti que estava tremendo. como se dentro de tuas veias turbilhonasse a caudal imensa de todas as amarguras do mundo!

Mas, não era carga do teu malote e nem a tua mochila que te afligia de tanto peso. Não era, eu sei, por que olhei para o teu rosto e dentro de teus olhos, no fundo dos teus olhos alucinados pela leitura de infindáveis noites de sentinela, eu vi tua alma...

Ela estava de joelhos sob um montão de ruínas. E tinha um diadema de espinhos na fronte e cicatrizes de cravos estigmatizados nas mãos.

Tu me deste tudo o que trazias da guerra teu capacete homologado de estilhaços de granadas e riscado de balas de muitos combates: teu poncho desbotado pelo sol, pela chuva e pela neblina de oitenta jeans e oitenta noites de relento. passados sob o céu de Buri. E me deste também a imensa caudal de amarguras que turbilhonar dentro de tuas veias...

Mas eu fingi que estava alegre porque tu precisavas de consolo. Fingi que estava brincando contigo e enchi de beijos as tuas mãos doloridas e calejadas dos rudes trabalhos da campanha, cobri de um milhão de beijos os teus lábios melancólicos e o teu rosto sem cor, onde o martírio deixara a eterna e misteriosa beleza dos santos.

Precisavas do meu consolo. Então, conversei. Falei de nossa casa, das minhas intermináveis horas de angustiosa saudade...

Depois te fiz pensar na insondável razão da fatalidade, na infalibilidade da Justiça dentro da vida e fora da vida, na contingência precária da Força ante o Direito.

E contai histórias. Uma começava assim:

"Era uma vez um povo de brio, um glorioso povo de uma gloriosa terra, que travou uma grande batalha para reconquistar um grande bem perdido.

Mas, um dia, apareceu no meio dessa batalha um homem despistado que enveredou pela mesma tela escura de Calabar...

A outra era engraçada. Era a do cavaleiro de chilenas que ficou com inveja de Judas e vendeu o irmão por trinta dinheiros para comprar uma pasta. E contei outras ainda.

Só não falei do meu São Paulo, nem do meu Brasil, porque para aquele São Paulo que viste rolar dentro da boca rubra do abismo que se abriu diante das tuas trincheiras. Deste Brasil por quem rasgaste as tuas carnes machucaste os teus ossos e partiste todas as veias do teu coração - este Brasil por quem tu deste tudo o que tirinhas: teu ouro e tua vida, na ânsia de arrancá-lo de um cárcere, e quebrar-lhe ferros de um grilhão maldito...

Não te falei do meu São Paulo e nem do nosso Brasil para não te ver mais desesperado do que estavas chorando perto de mim.

É ainda de D. Clotilde a "Canção da Mãe Paulista", que ela dedicou à mãe paulista. Vai ser musicada e o seu produto reverterá em benefício dos combatentes e suas famílias.

É o seguinte esse "mimo de delicadeza de sentimentalismo":

*Soldado da minha terra
A tua roupa de guerra
Tu sabes? Fui eu quem fiz!
Soldado da redenção
Ne tua blusa caqui
Em cada dobra escondi
Pedaços de coração!*

*Eu teci para te dar
De joelhos no meu altar,
A palma augusta da fé
É essa coragem louca
É esse sorriso lindo
Que brinca na tua boca!*

*Ó meu soldado bonito,
Ó meu guerreiro bendito!
Por tudo quanto eu te fiz
Faze a tua Pátria feliz*

*Ergue o braço
Mais um pouco
Mais um passo
Mais um gesto varonil!
E arranca e esmaga e atira ao chão*

*Esse grilhão
Que ensanguenta o teu Brasil.*

Pelos artigos de D. Clotilde, todos aqueles que não tiveram a ventura de presenciar a maravilhosa epopeia bandeirante, poderão ter, pelo menos uma visão do que ela foi do papel primordial que coube a mulher paulista, na maior das epopeias brasileiras e quiçá de toda a América.

Nem é de se esperar, ante as provas todas de estoicismo, mas, não terminou aí a ação da mulher paulista, de abnegação e de sacrifício, que se conformem elas com o último insulto: a traição.

Não, a mulher bandeirante é digna do seu passado.

Se “Em Cachoeira do Campo” há heroísmo e loucura num encontro, que foi um dos mais carnicieiros,

E deu a Nunes Viana uma lição bem dura!

Então cada paulista - exemplo de bravura!

Teve que combater contra dez forasteiros!”²²

A história se repetiu, não com dez, mas com vinte, e -Somente empalidece a estrela bandeirante, quando o inimigo emprega a tática dos vermes, E Bento do Amaral ergue o braço infamante, não para celebrar um feito triunfante, mas para assassinar prisioneiros inermes.”²³

Ainda:

“E o Capão da Traição foi negro cenário, a arena da vingança e das trucidações.

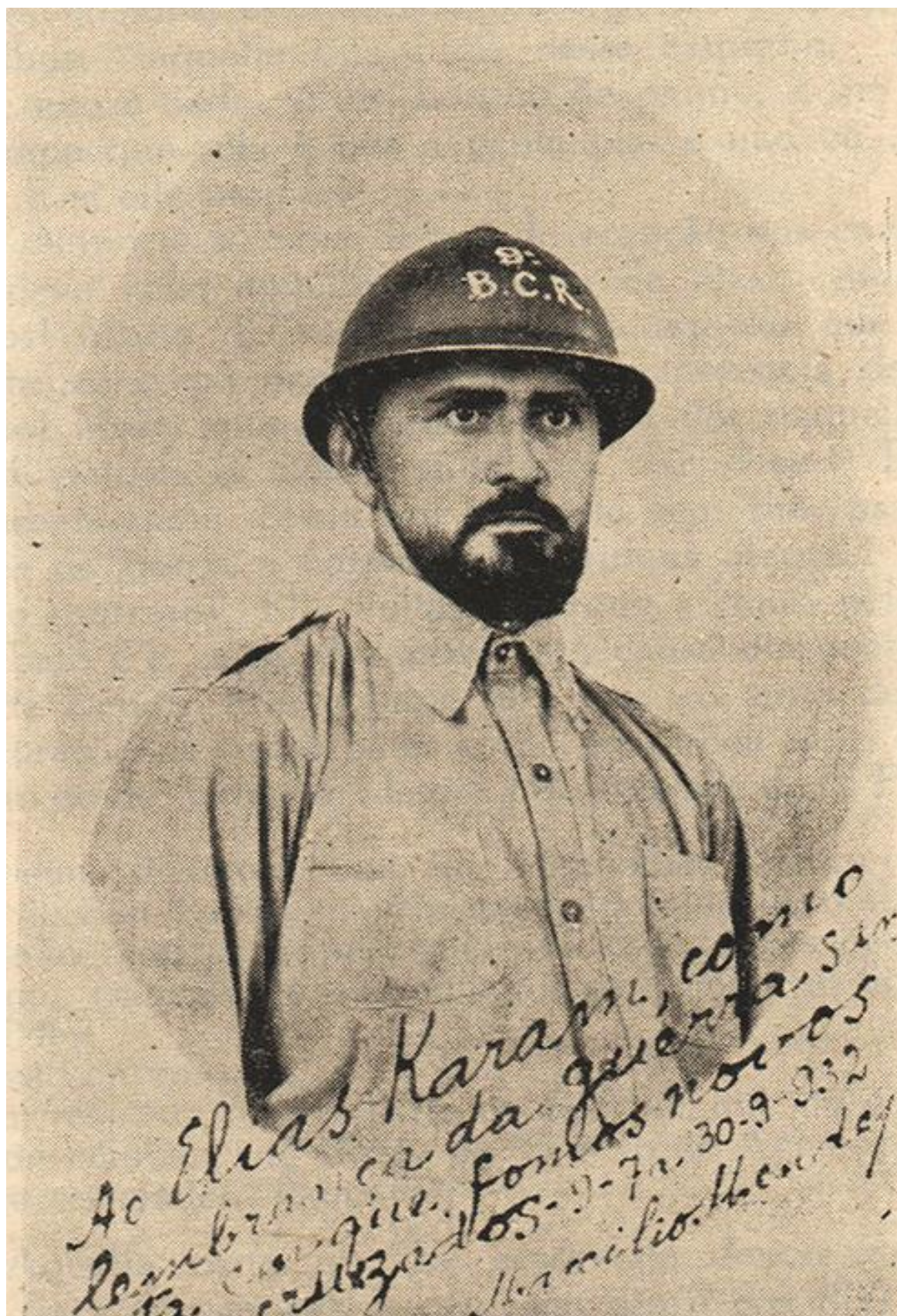
Em que se perpetuou esse crime nefário, que nos vem recordar as de Sylla e de Mario. E em que a boca se torce a rugir maldições!”²⁴

Vibrando de indignação ficou a alma paulista. Elas, as mulheres de Piratininga, como a sus heroicos hão de negar os seus homens todo afeto, estes não revidarem o insulto e a traição.

²² Do Poema “Os Bandeirantes”, de Baptista Cepellos.

²³ Do Poema “Os Bandeirantes”, de Baptista Cepellos.

²⁴ Do Poema “Os Bandeirantes”, de Baptista Cepellos.



O professor Marcelo Mendes, voluntário do 9º B.C.R.

A cooperação das colônias estrangeiras domiciliadas no estado

Todas as colônias estrangeiras, domiciliadas em São Paulo, integram-se no movimento constitucionalista. É verdade que impossibilitadas estavam todas elas de prestar à campanha o concurso de sangue e de armas, porque lhe vedava a qualidade de estrangeiros.

Entretanto, lícito lhes era o concurso de humanidade e nesta esfera deixaram bem patente o seu grande amor a São Paulo.

Nesse sentido, não padece a menor dúvida de que os alimentos estrangeiros, radicados no estado, podem agir porque não ia no facto nenhuma intromissão indébita na política interna do país.

Aliás, a bandeira desfraldada por São Paulo farfalhava aos ventos da mais santa das causas: a reintegração do país no regime da lei.

São Paulo quiz e quer a Lei, como expressão do Direito!

São Paulo quer o Direito como expressão de Justiça!

São Paulo quer a Justiça como expressão de Liberdade!

Sem lei, sem Direito, sem Justiça e sem Liberdade nenhum povo é-soberano, e escravizado fica à mercê de meia dúzia de aventureiros.

O estrangeiro não podia, por isso, ser indiferente a causa nacional, mesmo que não tivesse pego em armas, e isto porque o elemento estrangeiro, aqui domiciliado, é parte integrante do Brasil.

Com os brasileiros, lado a lado, ombro a ombro, num estoco hercúleo e gigantesco, colabora para o engrandecimento econômico e moral do Estado e da raça. Com brasileiros o elemento estrangeiro, radicado nesta terra, suporta as mesmas eventualidades, assim como se rejubila com as mesmas vitórias.

Menotti Del Picchia, em seu livro, "A Revolução Paulista", diz

"Os estrangeiros, testemunhas da mobilização dos europeus ao deflagrar a grande guerra, foram unânimes em confessar seu pasmo diante da mobilização paulista espontaneidade dos seus gestos e ardor da sua cooperação acabaram empolgando a todos, todos fizeram de São Paulo a pátria comum, generosa acolhedora, maternal e terna e todos deram a SÃO Paulo tudo o que podem dar. As primas ofertas foram feitas. Os sacrifícios mais grandiosos se consumaram."

A COLONIA ITALIANA

Esta, junto com a Síria, a que mais contribuem. Em todas as iniciativas vinham os seus elementos concorrer espontaneamente culminou o seu concurso com o oferecimento de uma unidade médico cirúrgica de primeira linha. A "Ars Médica -Unidade Cirúrgica Italiana"

Compôs-se essa unidade de um riquíssimo material, constituído de completo instrumental cirúrgico: roupas para feridos e pessoal; apurado material para curativos: farmácia de campanha, aparelho radiológico: grande bateria de cozinha para mais de 100 pesos, monetários em 7 caminhões que constituíram o meio de transporte da unidade e que, com modificações serviram para o cômodo transporte dos feridos.

Foi chamado para dirigir essa Unidade o acatado cirurgião paulista prof. Benedicto Montenegro, que teve como auxiliares os drs.: João de Lorenzo, Nicolau Pessolano, Eurico Bastos. Piragibe Figueiredo, Miguel Leuzzi, Roque de Lorenzo, um radiologista e mais dez acadêmicos, entre os quais alguns filhos de italianos, estudantes de nossas Faculdades e um grupo de "chauffeurs experimentados.

Essa Unidade teve o seu campo de operações no setor Sul, frente a Capão Bonito, tendo prestado os maiores serviços que se possam imaginar. As operações eram todas feitas na primeira linha de combate, oferecendo assim maior segurança de êxito nos submetidos à operação.

A COLONIA ALEMÃ

A colônia alemã ofereceu para a Cruz Vermelha 5 ambulâncias perfeitamente equipadas, além de uma mesa de operações e 30 macas.

Essas ambulâncias eram montadas umas em chassis Ford tipo 1932 e outras em chassis de igual marca tipo 1930, com gabinete para chauffeur, pneu de reserva e caixa de ferramentas.

O equipamento de cada carroserie era o seguinte:

Quatro macas, quatro colchoes, quatro cobertas de lona impermeável, quatro cunhas, seis cobertores de lã três assentos internos sustentados, quatro corrimãos, duas lâmpadas elétricas, quatro assentos, um tanque para água com 18 litros e um armário com medicamentos e prateleiras. Nos tipos de medicamentos havia em cada ambulância, o seguinte: meio litro de álcool retificado, uma gaze hidrófila, 5x6," uma dúzia dita quinze ctm. Hartmann, um tubo de cafeína, um de óleo canforado, dois vidros de Veramon, um Dukoplast, um tubo de vaselina, um de algodão hidrófilo de cem gramas, duas cubas reniforme, dois papagaios de vidro, um cubo retangular uma faixa de Smarch, duas seringas de dois cc2, duas ditas de dez cc2, seis agulhas de níquel, três intermediarias, um estojo de metal e um goteira.

Além disso existiam ainda nas ambulâncias uma caixa para pão, quatro colheres, quatro canecas, uma bacia para lavagem, um pacote de velas, uma tesoura, oito toalhas, um pacote de papel higiênico, quinhentos cigarros, três dúzias de alfinetes de segurança, dois sabões, quatro pratos e uma lanterna com vela.

As ambulâncias constituíram o que há de mais perfeito e moderno no gênero e se assemelham as que eram as na grande guerra nos últimos

tempos. Eram leves muito bem ventiladas, estáveis e resistentes. Prestaram todas os mais assinalados serviços.

Além disso os elementos da colônia alemã concorreram em todas as outras iniciativas.

A COLONIA PORTUGUESA

Além de grandes contribuições dos elementos da colônia Lusitana, formou-se uma grande comissão, composta dos elementos de maior destaque sob a presidência honoraria do sr. Consul de Portugal e eletiva do sr. Jayme Loureiro.

A comissão assim organizada prestou os mais relevantes serviços, não angariar donativos em espécie e em dinheiro, que atingiram elevada soma, como auxiliando as coletividades de assistência civil de São Paulo.

A COLONIA BRITANICA

A colônia britânica oferece à Cruz Vermelha um aparelho de Raios X, portátil.

A comissão da colônia inglesa foi presidida pelo sr F.C.Ford.

Também como as outras colônias os seus elementos muito contribuíram pessoalmente para maior eficácia de serviço de assistência.

AS OUTRAS COLONIAS

Não temos dados preciso que nos habilitem demonstrarmos os oferecimentos das demais colônias. Sabemos que todas elas contribuíram na proporção de suas posses para a Cruz Vermelha e outros serviços de assistência.

Assim, a colônia francesa, que se não me falha memória também oferece um aparelho de Raios X. portátil a espanhola, a nipônica e todas as outras domiciliadas em São Paulo.

A COLONIA SIRIA

Se antes eu me orgulhava dos patrícios de meus pais ainda mais me orgulhei diante de seus inúmeros gestos no movimento paulista.

Em face do que pude averiguar, sinto a uma dos meus generosos ascendentes Sírios.

Orgulhosamente filho de sírio e intransigentemente brasileiro, vai com dobra satisfação o concurso que sírios e jovens sírias, prestaram todos os postos de assistência na formidável campanha constitucionalista.

Para os campos da luta seguiram centenas de seus filhos, Brasileiros natos, olhos fitos num Brasil uno e indivisível, dentro da ordem legal²⁵.

Não podendo seguir-lhes o exemplo, porque lhe inibia

a sua situação de estrangeiros, na Capital e no interior, em todas as cidades paulista, as subscrições que promoveram pró Cruz Vermelha e outros departamentos de assistência subiram a muitos milhares de contos, em dinheiro e em espécies.

Nos corpos de saúde, médicos e enfermeiras, emprestaram os seus valiosos concursos.

Eu vi nessa cooperação estrangeira a glorificação de duas Pátrias: a Pátria dos pais dignificada pelo brio dos filhos heroicos e abnegados, e a Pátria dos filhos glorificada por uma progênie capaz do martírio de ver perecer os filhos, em nome da honra comum.

Amando ao Brasil, como sua Pátria de eleição, dignificaram os valorosos descendentes dos fenícios de, outrora a sua longínqua e generosa Síria. Esta, lá de longe, através de oceanos, ergueu, de certo, a altilhe destra para abençoar os filhos que a souberam honrar no estrangeiro.

Continue a querida colônia de meu pai a dar tudo por São Paulo, porque o Brasil, por São Paulo, nos merece tudo.

AS MOÇAS SÍRIAS

As jovens, linhas de sírios, congregaram-se numa associação: a Sociedade Beneficente das Moças Sírias, para prestar também o seu concurso no serviço de assistência.

Assim reuniram-se numa oficina de costuras, a rua

Itoby e em número de 100, as quais não faltou a experiência de distintas senhoras da colônia e pertencentes à Sociedade Mão Branca, confeccionaram roupas para os voluntários paulistas, além de inúmeras outras peças.

Visitei-as, antes de partir para o “front” e ali recebi maior estímulo para a luta. Falei-lhes como se falando estivesse a minha mãe e minhas irmãs, que no Paraná, ainda ignoravam que o filho e irmão pegara em armas pela causa constitucionalista.

Notei um surto beduíno, aliado à audácia fenícia na cooperação das moças sírias. Para os desertos infindáveis partiram com os seus homens as mulheres beduínas. Nas naves fenícias, descrevendo a maior epopeia de navegação, as filhas de Sydon acompanharam os seus esposos.

²⁵ Os filhos de sírios combateram com grande bravura. Saliento dois combatentes que prestaram serviços relevantíssimos: os Capitães João Maluf que recebeu cinco tiros, ao fazer um reconhecimento, e Moysés Karam, que gozou da confiança dos seus superiores e da tropa.

E no momento Bandeirante as descendentes desses povos imortais, sorrindo e cantando, enviaram para o front e seus irmãos e labutam ainda, com os seus, na confecção da farda do soldado paulista.

Advindo a quadra chuvosa, lembraram-se as jovens filhas de sírios dos combatentes nas linhas de frente. E idearam a grande iniciativa das capas impermeáveis.



Oficina de costuras pró soldado da Constituição das sociedades das moças Sírias e Mão Branca instalada especialmente nos primeiros dias da revolução.

Imediatamente surgiram de toda parte contribuições espontâneas para mais essa iniciativa que foi completamente vitoriosa.

Ao ficarem prontas as primeiras 2000 capas, uma comissão de senhoras dirigiu se aos campos Elyseus, interpretou o sentimento de todas a srta. Emily Gebara. Disse o Dr. Pedro de Toledo disse-lhe que -S Excia. Naquela dadiva tinha uma demonstração perfeita de que os corações das filhas de sírios, corações muito brasileiros, viram unissonante com os corações paulistas no mesmo anseio pela vitória da causa nacional e pela felicidade dos defensores da Lei e da Ordem-. Agradecendo o Dr. Pedro de Toledo pronunciou breves palavras, pondo em relevo a ação das mulheres de São Paulo, na jornada que empolga a terra das bandeirantes agora, como sempre, legítima interpretação dos verdadeiros deuses da nacionalidade. Agradeceu a atividade das Moças Sírias, afirmando que o governo de São Paulo iria providenciar a fim de que fosse feita a sua distribuição equitativa entre as forças constitucionalistas. Todas as capas tinham no anverso da gola, um carimbo com os seguintes dizeres: -VENÇA E VOLTE-.

Essas capas eram de lona dupla, impermeabilizada no meio, de modo que oferece as mesmas voltagens das capas de borracha. Otimamente

confeccionadas ninguém diria que somente tinham ficado em 20\$000 cada uma²⁶

Estava eu nas linhas de frente quando li nos jornais a iniciativa das moças sírias. Apresse-me em cumprimentá-las, enviando-lhes as seguintes linhas:

Querendo me dirigir as Galhardas "Moças Sérias", faço-o por intermédio de quem bem soube interpretar os seus sentimentos quando da visita dos intelectuais sírios a essa tenda de trabalho, onde o civismo impera pujante, audaz mirífico estupendo.

Até as nossas trincheiras chegaram os eixos de mais uma brilhante iniciativa das moças síria sejam todos os bravos que se batem pelo ideal constitucionalista isso constituiu emoção dobrada.

Confeccionar capas impermeáveis para os soldados da lei, mormente nesta quadra chuvosa, é um dos atos que mais legam a nossa gratidão a essas admiráveis coirmãs do ideal comum.

Nessas forjas de civismo, que são as oficinas de costuras, na qual trabalham corações de mães e corações de irmãs, formou-se, desde o seu início, um dos motivos da resistência bandeirante.

E isto porque na mulher bandeirante (e com essa expressão queremos nos referir a todas, sem distinção de nacionalidade, que propugna também pela causa sagrada), pela atual Revolução, pelo Direito, pela Lei, pela Justiça, pela Liberdade encontrou um esteio poderosíssimo.

Não contentes de enviar para o "front" as pérolas do seu coração de mulher, representadas pelos filhos, pelos esposos, pelos irmãos e muitas vezes pelos próprios noivos, ainda na Capital paulista e no interior do Estado elas se tornam eficientes no apoio dado a todas as campanhas e na confecção de roupas, capas e etc.

O soldado da Campanha, genuflexo ante heroísmo sem igual na história de todas as epopeias, envia a esses corações, onde arde diuturnamente o facho sagrado do civismo, expressão do seu reconhecimento e a confiança absoluta que tem na vitória da guerra santa, em boa hora iniciada por São Paulo para a salvação do Brasil.

²⁶ Confeccionaram capas num total de 4.500 e continuariam no seu vitorioso intento até a sua finalidade, não fora cessação da luta, que as iria surpreender em meio a jornada. Tendo restado a quantia de 12:782\$200 fizeram entrega do saldo a "O Estado de São Paulo", para a obra de proteção aos mutilados. Essa importância "O Estado" a entregou à Liga das Senhoras Católicas, que está realizando com eficiência a obra em boa hora preferida pelas nobres doadoras. É de justiça também citarmos a Sociedade Mão Branca, sociedade de senhoras sérias, que confeccionou mais de um milhar de peças para a Cruz Vermelha.

Particularmente as moças sírias, um descendente da nobre estirpe, valorosa e sempre generosa, felicita-as pela brilhante iniciativa, apresentando-lhes os seus respeitos.

Um Parêntesis

Lá do "front" corriposndi-me com inúmeros amigos de São Paulo, as cartas davam-me grande prazer.

A uma delas respondi do seguinte modo:

Escrever-me-ia você em árabe, mas achou que eu devia preferir a maravilhosa língua na qual João Neves profere os seus magistrals discursos.

Sim, no momento em que a música horrível do canhoneio, em orquestração violenta de todos os elementos bélicos, assegura, por São Paulo, ao Brasil a sua reintegração a Lei, arredando-o dos satânicos faunos que o queriam mergulhar no caos, eu prefiro a língua de Camões, no qual o épico luso canta a cólera de Adamastor.

Dia vira em que os céus orientais se deflagraram, transbordando toda a cólera enjaulada durante centenas de anos.

Nesse momento assistiremos ou praza aos céus sejamos participes diretos dele, ao mesmo movimento ensanguentando o solo árabe em geral, para que seiva gloriosa da redenção vivifique a arvore da Liberdade e a consolide definitivamente nos pagos do Oriente, a querida terra de meus abençoados maiores.

Então, folgarei ouvindo a melodia suave da música árabe, pela sua língua. E quero, então, que os meus ouvidos sejam feridos pela orquestra dos cascos dos cavalos árabes em tropel furioso e dantesco pela libertação da Pátria, livrando a dos que a oprimem e a esmagam no momento. Sim, dia virá em que as pequenas Ententes romper as cadeias de ferro e fogo dos que as martirizam e nós veremos o acordar das Nações, que de há muito aspiram a sua emancipação.

Sim, o meu coração pulsa de amor indefinido pelo meu gigantesco Brasil e eu seria um infame se assim não sentisse.

Esse amor vale para mim mais do que a própria vida e a está eu a darei gostosamente por este formidável torrão, onde primeiro vi a luz do mundo, estou cumprindo nesta hora história o meu dever de brasileiro e dela somente sairei quando São Paulo obtiver a vitória integral, cabal, completa.

Não esquecerei, finda a campanha, a minha também querida Síria e continuarei, si vivo ainda, a pugnar com todo o período e com todo o meu afeto por ela, a fim de vê-la um dia livre entre as nações livres. Eu também seria indigno descendente da gloriosa estirpe se reagisse ou deixasse de lutar também pela pátria de meus pais e de toda a minha valorosa ascendência.

Dizia você quem lhe dera possuísse a sua e a minha querida Síria homens ou uma porção de homens cujos corações pulsem no amor a pátria como o meu!

Não, não queira fazer uma injustiça aos sírios. Se é verdade que uma parte obscura dos altos interesses da pátria, não é menos verdade que a outra parte é formada de perfeitos cavaleiros nacionalistas. Os últimos movimentos disso foram a prova. E aí está essa plêiade vigorosa que nos desertos inclementes da Síria²⁷ até hoje ainda escreve a mais fulgurante página de amor cívico.

Eu que estou sofrendo as agruras da vida em campanha, agruras essas que são bastante amenizadas por um governo organizado, avalio a que sorte de desditas não estão passando os exércitos árabe sírios nos desertos, alimentados pelo ideal que lhes anima o coração!

Rendo a eles a homenagem de minha profunda admiração!

Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito do Paraná

Na manhã de 3 de julho, partia para São Paulo a Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito do Paraná, que ia em visita de confraternização com os seus colegas da Paulicéia.

Essa caravana era assim constituída: Fauzi Abib Abumussi, presidente; Elias Karam, orador: membros: Ney Leprevost, Paulo Medeiros, Clotario Lopes, Nagib Kalil Nasser, Francisco Zicarelli Filho e Norberto de Miranda Ramos. Ao todo oito pessoas.

A Caravana chegou a São Paulo no dia 4, segunda-feira, sendo hospedada no Hotel Forster e mais tarde considerada hospede oficial do Governo Paulista.

Nesse mesmo dia os caravaneiros visitaram o sr. Dr. Pedro de Toledo, então Interventor Federal, que os recebeu com a fidalguia que lhe é peculiar.

No dia seguinte, a Caravana foi recebida pelo Dr. Gofredo Telles, Prefeito Municipal que a cumulou de gentilezas.

²⁷ Referia-me ao Sultão Bacha Atrach e ao dr. Shahbander, o primeiro, guerreiro e estadista, o segundo, fino político e intelectual, que ainda permanecem nos desertos da Síria, com as forças revolucionárias dos últimos movimentos pró libertação da Síria. O que mais sobreleva a nossa admiração que as famílias desses que guerreiros se associam com os seus homens a todas as desditas nos desertos. O Sultão Bacha Atrach, descende de uma das mais nobres e mais ricas famílias da Síria, no entanto quis fazer causa comum com os seus soldados e com eles sofrer os mesmos gloriosos sofrimentos", depois de com eles, dispor de toda a sua fortuna. Possam estas linhas servir de lembrete para que as colônias sírias emigradas não olvidem aqueles que estão nos desertos, honrando a pátria mãe.

Todos os jornais paulistas foram visitados, tendo a "Folha da Manhã" publicado em seu número de 9, os objetivos da excursão da Caravana, resumidos assim:

"Precisamos fazer intercambio moral mais que material.

Este, os próprios sentimentos de egoísmo se encarregam de fazer progredir.

Hoje mais que nunca o Brasil sente a necessidade de uma cordialidade nacional mais intensa.

Os acadêmicos de Direito do Paraná desejam lançar essa semente, visando a pátria de amanhã.

Afinal de contas é das Escolas superiores que saem e sairão os dirigentes da Nação.

Assim nos, amigos desde já desde os bancos acadêmicos, fornecendo uma sociedade acadêmica nacional, sem regionalismo, amanhã, nos postos que nos couberam na grandiosa luta pela república saberemos, como velhos amigos, e não como amigos de ocasião, encarar os problemas futuros, inspirados em sentimentos puros de uma cordialidade vinda desde mocidade.

A ordem, a paz, a harmonia nascerão mais legítimas e duradouras, desses sentimentos, do que de simples princípios teóricos doutrinários ou de finalidades materiais e econômicas, são essas virtudes que vemos nesse intercambio que a nossa caravana representa.

Trabalhamos por maior e mais entusiástica solidariedade entre os brasileiros com responsabilidades nos destinos do Brasil de amanhã."

Na GAZETA, recebidos pelo seu diretor Dr. Eurico Martins e redactor-charlie sr. Arco e Flecha, os acadêmicos visitaram demoradamente as grandes oficinas onde é impressa aquela brilhante folha.

Na Visita ao Museu Ipiranga, os membros da Caravana tiveram o prazer de ser recebidos pessoalmente pelo eminente patricio Dr. Afonso Taunay, que com os mocos percorreu todas as dependências do monumento verdadeiro orgulho dos paulistas. Em palestra o Dr. Taunay rememorou os tempos que passou na Terra das Araucárias, quando o seu ilustre genitor inolvidável Visconde de Taunay, fora então presidente da Província do Paraná. O Dr. Alfonso demonstrou acompanhar com interesse tudo quanto se relacione com o nosso Estado.

Antes de sair de Curitiba percorri pessoalmente as diversas Secretarias e assim munido de dados estatísticos, com o fito de empreender uma propaganda do nosso estado, concedi uma entrevista nesse sentido ao "Diário da Noite".

Estando em São Paulo na mesma ocasião uma embaixada de estudantes superiores do Rio, esta confraternizou com a nossa e em conjunto deliberar as duas Embaixadas lançar o seguinte Código:

1) O estudante brasileiro sabe que só se distingue do meio social pelas responsabilidades oriundas da cultura que recebe e das oportunidades que tem para prestar relevantes serviços à coletividade cabendo-lhe a iniciativa ou cooperação nos movimentos em que a sua participação seja profícua.

2) O estudante brasileiro tem por primeira obrigação o zelo pelos seus estudos e o respeito honroso que troca pela delicadeza e devotamento dos mestres e superiores.

3) O estudante brasileiro tem como lema o ideal de “servir.”

4) O estudante brasileiro modela a sua personalidade na modéstia, simplicidade, lealdade, cortesia e probidade.

5) O estudante brasileiro é o símbolo da “cooperação”.

6) O estudante brasileiro compreende com tolerância os que não lhe comungam as ideias ou práticas, não transigindo, porém, com os injustos espoliadores, contra os quais estará sempre, em defesa dos pequenos, dos oprimidos, dos desamparados.

7) O estudante brasileiro é o vanguardeiro do aperfeiçoamento da raça, da grandeza material, do progresso intelectual e do aperfeiçoamento moral do povo brasileiro.

8) O estudante brasileiro cultiva o nacionalismo como meio de atingir o conagraçamento universal.

9) O estudante brasileiro é irmão dos moços que estudam e trabalham no mundo inteiro.

10) O estudante brasileiro sacrifica tudo em defesa destas afirmações.

Representava isso as bases de um movimento de cotação da mocidade em torno dos ideais e dos interesses da classe estudantil.

Representou a nossa Caravana na reunião havida o acadêmico Ney Leprevost.

Finalmente, no dia 9 de julho, partia para o interior de São Paulo a Caravana Paranaense, em visita a Jaboticabal, Ribeirão Preto, Araraquara e Campinas, tendo o Dr. Prefeito da capital, num gesto bastante gentil telegrafado aos prefeitos dessas cidades, no sentido de receberem oficialmente a Caravana.

Chegávamos a Jaboticabal na tarde de 9 de julho, mal sabendo que nesse mesmo dia teria início a maior Revolução brasileira, iniciada por São Paulo.

EM JABOTICABAL

No domingo pela manhã, dia 10, recebíamos as primeiras notícias vagas do levante paulista. Ao meio dia, já se sabia alguma coisa pelo rádio, tendo discursado o Dr. Morato e outros.

À noite já ouvíamos o Dr. Pedro de Toledo e estávamos inteirados do movimento.

A mocidade jaboticabense ofereceu, no clube de Jaboticabal, uma vespéral dançante aos membros da Caravana, tendo ocorrido a essa recepção as mais distintas famílias da cidade.

O orador do Clube saudou os membros da Caravana.

Em nome desta agradecer, referindo-me ao movimento que se operava em São Paulo. tendo ainda demonstrado o direito que assistia a São Paulo de revidar o ultraje a sua dignidade e soberania que tinha recebido da ditadura, em quase dois anos.

Na noite deste domingo a Sociedade Dante Alighieri também convidou a Caravana para um baile que realizava.

A Caravana foi saudada pelo acadêmico paulista Alfredo Buzaid, tendo eu agradecido em nome dos paranaenses, referindo-me ainda ao movimento constitucionalista.

Na segunda-feira, 11, visitamos a Fundação do Cav. Tonani, em cujo livro de visitas exaltamos a impressão de que levavam os membros da Caravana.

O Cav. Tonani, muito distintamente nos oferece os seus automóveis para a visita que íamos fazer a Ribeirão Preto.

E assim, na tarde desse mesmo dia, seguíamos para Ribeirão Preto, por uma admirável estrada de rodagem.

Recebidos pelo seu Prefeito Dr. Eduardo Leite Ribeiro, com este percorremos os principais pontos da cidade.

Fizemos também uma visita a Cia. Antarctica Paulista, a convite do seu gerente.

Os caravaneiros apreciaram muito a bela cidade, representa o centro cajueiro maior do Estado.

De volta a Jaboticabal, ainda na noite deste dia, os caravaneiros foram recepcionados pela sociedade jaboticabense no seu Clube principal.

Na terça-feira, 12, a Caravana foi gentilmente recebida pela família do sr. Abib Abumussi, pai do presidente da Caravana, que nos oferece um opíparo almoço.

Visitamos também o Dr. Pedro Doria, que foi um dos presidentes do Centro Acadêmico 11 de agosto, quando acadêmico, e o Dr. Elias Rocha Barros, tendo-nos ambos cumulado de gentilezas.

Fazemos as nossas despedidas. Na Câmara Municipal fomos recebidos pelo Prefeito Dr. Waldemiro Vieira Marcondes que estava acompanhado de proeminentes membros da municipalidade, dentre eles os srs. drs. Waldemar da Rocha Barros, Aristeu de Castro, Joaquim Baptista Ferreira Sobrinho e outros.

Agradei em nome da Caravana. O Dr. Prefeito em resposta saudou os caravaneiros dizendo da satisfação que Jaboticabal teve com essa visita.

A gare de Jaboticabal, na nossa partida pelo noturno da Paulista, onde comparecera, distintas famílias da cidade. Falei aí pela última vez, demonstrando o reconhecimento dos caravaneiros pela fidalga acolhida que

nos dispensara hospitaleiro e nobre povo de Jaboticabal. Referi-me as suas principais figuras, vendo no Dr. Elias da Rocha Barros a tradição gloriosa do nosso passado em comunhão de ideias com a nova geração que surgiu, galharda e invicta, representada na figura moça do prefeito de Jaboticabal sr. Dr. Waldemiro Marcondes. O Dr. Elias da Rocha Barros, num formoso improviso e bastante comovido deu-nos as despedidas da cidade.

E assim partíamos da linda Jaboticabal que tanto nos encantara não só pelo seu progresso e grandeza, como e principalmente pela bondade extrema do seu povo.

Tanto nos discursos, como nas palestras particulares já a Caravana ali fez menção da atitude que ia tomar em São Paulo, fazendo causa comum com o heroico movimento constitucionalista.

Em homenagem a Jaboticabal transcrevo aqui a promoção dirigida ao seu povo, pelos seus homens de responsabilidade:

JABOTICABENSES!

Eis chegado um destes instantes raríssimos em pátria reclama de seus filhos tudo o que eles são.

Cabe a São Paulo a glória de um corpo único, se ao campo da batalha na defesa da suprema finalidade da Revolução liberal, que é a reconstitucionalização do Brasil.

Que todos os filhos da grande pátria cumpram seu imperioso dever.

Concitamos os nossos conterrâneos, sem distinção de classe, a trazerem o seu concurso ao movimento dos nossos patrícios, ora a se concentrar na Capital.

Para tal fim os convidamos a inscrever seus nomes na lista colocada à sua disposição na Delegacia de Polícia desta cidade, a fim de se constituir um bloco de defesa da cidade ou do Estado e a deixar uma declaração dos objetos postos à disposição dos elementos de defesa dos reivindicadores.

Jaboticabal, 12 de Julho de 1932.

Valdemiro Vieira Marcondes

Aristeu de Castro

Elias da Rocha Barros

Joaquim Batista Ferreira Sobrinho.

De passagem, visitamos a cidade de Araraquara, por quanto o trem permanece nessa cidade mais de uma hora.

Lamentamos muito não nos ter permitido a ocasião uma permanência mais demorada na cidade de Araraquara porque numa hora em que a percorremos, e ainda de noite, vimos quão progressista e linda. Também não nos foi dado visitar Campinas, conforme desejáramos.

Assim, estávamos de volta a São Paulo, na manhã de quarta-feira, 13 de julho.

Hospedamos no Hotel Triangulo e continuamos até o final da Revolução considerados hóspedes oficiais do estado de São Paulo.

Estabelecemos o nosso quartel general na sede do trio Brasileiro de Comercio e Industria do qual é diretor e escritor e publicista paranaense sr. Napoleão Lopes.

Reunidos pela primeira vez, deliberaram os membros da Caravana que esta não mais teria presidente e que todos somente agiriam de acordo com as deliberações tomadas em conjunto.

Numa reunião memorável, em que tomaram parte somente os caravaneiros ficou assentada a nossa adesão ao movimento paulista e a cooperação que a ele pudéssemos dar.

A Caravana, pois, trazia ao público o comunicado, que a "Gazeta" inseriu nos termos seguintes:

"Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito do que aqui chegou, em visita aos colegas de São Paulo, alguns dias antes de ser iniciado o movimento constitucionalista está perfeitamente identificada conosco. A proclamação abaixo por si só fala com eloquência sobre o entusiasmo robusto que invade a alma dos bravos moços do Paraná:

"Exmo. sr. diretor da "Gazeta"- A Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito do Paraná, ora nesta Capital, onde testemunha, deslumbrada, com vida e solidariedade, esse empolgante movimento de São Paulo pelo Brasil, pede a essa ilustrada redação a gentileza de informar pelas suas colunas que quaisquer comunicações ou ordens que nos queiram transmitir no sentido da colaboração que ela se propôs prestar a grandiosa causa da reconstitucionalização do Brasil, podem ser endereçadas para "Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito do Paraná", na sede do Centro Brasileiro de Comercio e Industria, no largo da Misericórdia, 6, sobrado, ou pelo telefone 2-6766.

Diariamente irradiamos para o Paraná, proclamações e notícias sobre a revolução.

Agradecido a v. excia, por mais esta deferência, subscreve-se p. Caravana, Clotario Lopes."

MANIFESTO AO DR. PEDRO DE TOLEDO

Incorporada a Caravana, acompanhada do st. Napoleão Lopes²⁸, dirigiu-se ao Palacio dos Campos Elyseos, onde foi recebida pelo sr. Dr. Pedro de Toledo, Governador do Estado.

²⁸ Napoleão Lopes foi um amigo dedicado que a Caravana encontrou em São Paulo.

A figura simpática e veneranda do Governador dos paulistas impressionou-nos sobremaneira. Lhano no trato, nos cativou. E principalmente comoveu-nos ver na sua figura tradicional o ancião que se remoçou com o empolgante movimento, chamando a si toda a dignidade e altivez do bandeirante.

Nunca mais nos ha de esquecer o vulto morte do Dr. Pedro de Toledo.

Entregamos-lhe o manifesto que lhe dizia a Caravana Academia Paranaense. Leito para S. Excia, em tom declamatório o Dr. Menotti del Picchia. S. Excia. comovidamente nos abraçou a todos.

Li entao a S. Excia a irradiação que nessa mesma noite íamos transmitir ao Paraná.

S. Excim tese entusiástica as palavras para todos os caravaneiros, sendo acompanhado pelos drs. Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Luiz de Toledo.

Foi a seguinte a Mensagem entregue:

"Exmo. Sr. Dr. Pedro de Toledo, governador de São Paulo - A Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, ora em São Paulo, quer cientificar a v. exa, que, ante este movimento empolgante pró constitucionalização imediata do Brasil, que explodiu gloriosa terra dos bandeirantes - São Paulo, uno e indivisível pela Pátria integra dentro da Ordem, da Lei e da Liberdade está disposta a colaborar com este grande Estado no restabelecimento da verdade que se procura mistificar nas notícias tendenciosas que estão sendo irradiadas pela ditadura para desorientar a Nação. Ser contra a Constituição é uma atitude que não se coaduna com a consciência jurídica de brasileiros que cultivar e cultuam o Direito.

Queremos dizer ao Paraná, pela forma que v. exa julgar mais conveniente, não só ao Paraná, mas a todo o país, que é uma calúnia a São Paulo chama-lo de separatista, quando ele é uma expressão máxima da nacionalidade, neste momento cumprindo o destino das suas responsabilidades históricas, com um denodo e com um patriotismo que devem orgulhar a todos os brasileiros.

E assim. procedendo, queremos que São Paulo e o Brasil conheçam a consciência jurídica do Paraná que hoje, como ontem, como sempre, não será indiferente às arquiabancadas gloriosas em defesa das liberdades públicas e da integridade nacional, só possível dentro de uma constituição, que seja de facto e de direito a Constituição União Perpetua e Indissolúvel dos Estados Unidos do Brasil.

A Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito para que a viesse encontrar nesta grande metrópole justamente quando esta, por todo o seu povo heroico, se ergue, em armas, sob o comando de uma espada que se "desembainhou em continência à lei."

Seremos, nós da caravana, soldados do Brasil na necessária e urgente cruzada em prol da verdade contra a mistificação.

Viva o Brasil

Viva São Paulo

Viva o Paraná

São Paulo, 13 de julho de 1932.

Elias Karam, Ney Leprevost, Clotario Lopes, Norberto Miranda Ramos, Zicarelli Filho, Nagib Kalil, Paulo Medeiros e Fausi Abib Abumussi.”

Às 19 horas passamos pela RADIO RECORD – a consagrada PRAR, e transmitíamos ao Paraná a proclamação da Caravana.

Às 22 horas o fazíamos pelo microfone da radio educadora PRAE.

Falamos comovidos porque a nossa voz ia ser transmitida a distância, não só para todo o Brasil como principalmente para o nosso Paraná querido. Sabíamos que todos os nossos amigos e conterrâneos estavam ouvindo a nossa proclamação. E isso foi motivo de grande emoção.

Foi esta a proclamação da Caravana:

AO POVO DO PARANA

Paraná!

Paraná!

A verdade acima de tudo! E de São Paulo que fala neste momento a Caravana Acadêmica da Universidade de nossa terra Paranaenses, filhos desta grande Pátria Brasileira nunca nos sentimos mais brasileiros do que no orgulho com que presenciamos vibração cívica festa gigante unidade da Federação onde se processam, sempre, as mais gloriosas etapas da vida da nacionalidade.

Nunca Vistos mais acendrado amor pelo Brasil e integridade da Pátria do que nesta hora histórica em que São Paulo inteiro se desloca em armas com um único ideal.

A reconstitucionalização imediata da república em nome da soberania do povo Brasileiro.

Seria dispensável esta nossa atitude se não fosse dever em que nos encontramos de, no momento, em que, pelos ares, as mais tendenciosas notícias confundem o espírito nacional, mandarmos para o Paraná as verdades que testemunhamos.

Paraná!

Paranaenses!

Brasileiros que vivem no Paraná!

Sabei!

É o mais puro dos ideais que animam os sete milhões de paulista que fazem o progresso do Brasil. Eles não desfraldam, e não desfraldariam nunca em armas, outra bandeira que não fosse o auriverde pendão da pátria Brasileira.

E por isso que eles clamam pela solidariedade de todos os brasileiros.

Paraná tem responsabilidades históricas muito intimas com São Paulo, para dever atender, com entusiasmo, ao apelo que ele fez a todo o Brasil. Pela Liberdade, pela Constituição, pela Ordem e pelo Progresso contra a desordem e a anarquia.

Paraná!

Ouvi a voz de paranaenses que não podem ser acoimados de parcialidade.

São os nossos corações que falam aos vossos corações! E quando vemos um símbolo dos ideais republicanos reformadores da mentalidade política do país – um João Neves da Fontoura, embaixador republicano dos pampas, perseguido pela polícia da Ditadura, como um criminoso, quando ele é o mais puro dos arquitetos do Brasil novo que todos almejamos, é quando assistimos a atitudes desta ordem, que sentimos o dever em que estamos de bradar!

Paraná! De pé!

Com São Paulo, pela salvação do Brasil!

São Paulo, 13 de julho de 1932. Elias Karam, Ney Leprevost, Clotario Lopes, Norberto de Miranda Ramos, Zicarelli Filho. Nagib Kalil Nasser, Paulo Medeiros e Fauzi Abib Abumussi.

No dia seguinte, 14 de julho, ainda ocupei os microfones da Record, da Educadora e da Cruzeiro do Sul (PRAO).

Foi esta a irradiação então transmitida:

A MOCIDADE DO PARANÁ

Ouvi, mais uma vez, a Caravana Acadêmica de Direito da Universidade de nossa terra.

Não basta que os paranaenses estejam com São Paulo, neste momento, é preciso que no Paraná não possa existir uma opinião sequer, discordante.

São Paulo merece unanimidade absoluta do Paraná. Porque ele encarna o Brasil.

E a flor da intelectualidade brasileira que está nas frentes em que se luta pela Constituição, pelo Direito, pela Liberdade, pela Honra.

Companheiros...

Ser contra São Paulo, é ser contra o Brasil.

São Paulo ama o Brasil, quer o Brasil, e luta, neste momento, pela mais alta expressão de brasilidade.

O Brasil não pode abandonar São Paulo. Seja o nosso heroico Paraná de 93 e de 30, mais uma vez, a vanguarda do Sul, nesta arrancada gloriosa pela pátria, pela república e pela Constituição!

São Paulo, 14 de julho de 1932.

(a) Elias Karam, Ney Leprevost. Clotario Lopes, Norberto Ramos, Zicarelli Filho, Nagib Kalil Nassar, Paulo Medeiros, Fauzi Abib Abumussi.

Depois das irradiações a nossa sede recebeu a visita de muitos conterrâneos que vieram oferecer a todos os caravaneiros os seus préstimos, pondo à sua disposição tudo quanto necessitassem.

Diariamente vinham ter com nosso os srs. Dr. Flavio Suplicy Lacerda, Abrão Nacle David, Nejm Zugueib, José Fabiano Salles²⁹, Egas Andrade Gomes e outros, cuja presença, por serem do Paraná, muito nos alegrava.

A 15 de junho o nosso colega Ney Leprevost, pelas três Estações de Rádio, transmitia a seguinte mensagem:

AO PARANÁ ALTIVO

O Paraná da heroica Tijuca e da legendaria Lapa, com Dulcidio e Carneiro!

Levanta-te e vem com São Paulo e pelo Brasil da Constituição da República, tirando os brasileiros da anarquia e da desordem.

Entre a Revolução e a Ditadura não há o que optar.

De um lado está o Brasil, o seu passado, o seu presente e o seu futuro. Do outro lado, competições pessoais interesses subalternos.

Do lado de São Paulo: o Brasil. Contra São Paulo os que vem maiores encantos na desordem do que na ordem, na anarquia do que na lei, na dissolução do que na harmonia construtiva da família brasileira.

Paraná! Ouve São Paulo Atende a voz da cultura!

A força do Direito está conjugada com o Direito da Força!

A Revolução está triunfante!

O Brasil está salvo!

São Paulo, 15 de junho de 1932.

(a) Ney Leprevost, Elias Karam, Zicarelli Filho, Nagib Kalil, Paulo Medeiros, Clotario Lopes, Fauzi Abib Abumussi e Norberto de Miranda Ramos.

A 17, domingo, a Caravana oferece um almoço aos oficiais do esquadrão do 5º R. C. C. de Castro, que tinham aderido ao movimento

²⁹ Também se incorporou as forças constitucionalistas, sendo universitário no Paraná.

paulista: srs. 1°. Tenente Carlos Assumpção e Aspirante a Oficial José C. Lopes. Compareceram ao almoço os srs. Napoleão Lopes e Napoleão Carvalho, este secretário do Centro Brasileiro de Comércio e Indústria, e da imprensa paulista, representando está.

Os oficiais do 5° e o representante da imprensa foram saudados por mim, em nome dos caravaneiros. Respondeu o st. Napoleão de Carvalho, pela imprensa e o 2° tenente Lopes, por si e pelo seu companheiro.

PROJETADO VOO SOBRE O PARANÁ

De há muito vinha Ney Leprevost falando sobre o desejo que tinha de ir de avião ao Paraná, lançar manifestos da Caravana Acadêmica.

Afinal tendo externado esse pensamento aos oficiais de Castro, estes viram a perfeita viabilidade do caso, do Quartel General, receberam resposta afirmativa. Nesse sentido acompanhei-o ao Quartel General e fomos recebidos pelo major comandante das forças aéreas e mais tarde pelo St. General Bertholdo Klinger Este, em meio a dezenas de mapas, estudava os planos estratégicos quando entramos. Recebeu-o muito amavelmente, dizendo-nos palavras de muito estímulo e do reconhecimento de todos pela ação da Caravana. Também a figura do chefe revolucionário muito nos impressionou.

S. Excia. leu a mensagem que já trazíamos pronta e colocou o visto para ser impresso.

Mandou-nos ao Dr. Plinio Barreto, então, na chefia da Censura Civil. Recebidos pelo eminente paulista, na Secretaria da Agricultura, ele também após o seu visto, tendo elogiado a dita mensagem.

Em nome de S. Excia. dirigimo-nos a redação do estado de São Paulo, em cujas oficinas foram impressos exemplares do seguinte manifesto:

AO POVO DO PARANÁ!

A Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito do Paraná voa, neste momento, sobre a nossa querida terra, representada por Ney Leprevost.

Almoçamos, hoje, em São Paulo, com a oficialidade do esquadrão do Regimento de Castro que confraternizou com o exército Constitucionalista.

Todo o Sul de Minas, hoje, manifestou a sua adesão causa do Brasil, solidário com a unanimidade da opinião pública do grande Estado montanhês.

O comércio, a indústria, a lavoura, o operariado, as academias, a imprensa, a Polícia Militar, o Exército, todo São Paulo, sem nenhuma exceção, segue para as linhas de frente para dar combate à Ditadura. Milhares de contos de reis são entregues, espontaneamente, para as operações de guerra.

Toda a fortuna paulista, e toda a produção das indústrias paulistas, hoje só tem um destino: manter o Exército Constitucionalista, e levá-lo à Vitória pelo Brasil pela República, pela Constituição!

A Caravana Acadêmica do Paraná jura sob palavra de honra que esta é a verdadeira situação deste momento.

Ouvimos, nós mesmos, admirados, as mentiras que iam sendo transmitidas pelas estações de rádio do Rio.

O general Pereira de Vasconcellos dirigiu sensacional mensagem ao general Tasso Fragoso, dizendo que o dever do Exército é acompanhar o movimento de reconstitucionalização do Brasil, encabeçado por São Paulo, em defesa da própria disciplina das instituições militares.

Em todas as manifestações públicas e delírio quando se pronuncia o nome do nosso querido Paraná!

As forças de Castro foram cobertas de flores pelas famílias de São Paulo, na mais gloriosa consagração à sua antiga e esplendorosa 5ª. Comarca.

São Paulo é o berço do Paraná!

PARANAENSES! Entre a Ditadura sem causa, quase só apoiada por desvairados sócios do Club 3 de outubro e por amizades individuais de alguns interventores divorciados da opinião pública, não há lugar para hesitações!

A Honra só indica um caminho:

Rumo a Itararé para confraternizar com São Paulo!

Rumo a São Paulo para confraternizar com o Brasil!

Rumo ao Rio de Janeiro para salvar a dignidade da nação, na disciplina das nossas classes armadas e no estabelecimento de uma Constituição, em nome da Liberdade para os Estados Unidos do Brasil a nossa querida Pátria - em União Perpetua e Indissolúvel!

VIVA O PARANÁ! VIVA SÃO PAULO! VIVA O BRASIL!

VIVA O EXÉRCITO CONSTITUCIONALISTA!

VIVA A REVOLUÇÃO PELA LEI!

São Paulo, 17 de julho de 1932.

(aa) Ney Leprevost, Zicarelli Filho, Elias Karam, Fauzi Abib Abumussi, Paulo Medeiros. Norberto Miranda Ramos. Clotario Lopes, Nagib Kalil Nasser.

De acordo com a Caravana da Faculdade do Paraná que, neste momento, tão alto eleva o nome da nossa querida terra, integrando-a, antes da vitória, na maior causa brasileira que a nossa história registra, sentimos orgulhosos dando a nossa inteira solidariedade a esta mensagem de honra dirigida a um povo com honra em nome da maior expressão de honra

que o Brasil poderia apresentar ao mundo contemporâneo, esmagando em nome da Força do Direito e do Direito da Força, em sublime conjugado, a onda e anarquia em que queriam fazer sobrar o Brasil.

São Paulo, 17 de julho de 1932.

Pela Concentração Paranaense Constitucionalista:

(aa) Irineu Cunha, 1. Tenente Carlos Assumpção, Olegario Lisboa, 2º Tenente Severino Guedes, Cunha Britto, Aspirante a Oficial José C. Lopes, S. Serro Azul, Napoleão Lopes.

Os impressos seguiram em caminhão especial, com alguns milhares de jornais paulistas, que devem também ser lançados.

A meia noite, de domingo, 17, partíamos do Quartel General de São Paulo, num automóvel cedido pelo mesmo Q. G. e dirigido por distinto moço paulista, cujo nome não nos ocorre.

Acompanhei o nosso prezado companheiro Ney Leprevost, tendo também conosco seguido Fauzi Abumussi.

Um vento muito frio cortava-nos o rosto naquela admirável estrada de rodagem.

Felizmente, antes de decorridos 10 km. encontramos o caminhão que levava os impressos, e um sargento veio nos fazer companhia, trazendo consigo um abençoado cobertor, que muito nos protege do vento e do frio.

As cidades paulistas iam passando vertiginosamente São Roque, Sorocaba, Itapetininga (onde passamos às 4 horas da manhã), Capão Bonito. Daí rumamos para Itapeva, mas por estrada particular, tendo chegado a Buri às 8 horas. Aí numa casa de pessoas conhecidas do Dr. Aristides Toledo que vinha num automóvel também em direção a Itararé e que tinha passado para o nosso auto, tomamos café. De Buri tocamos para Itapeva onde almoçamos.

De Itapeva, passando por Itabira, dirigimo-nos a Itararé. Antes das horas divisámos Itararé de um morro e notamos o êxodo da população daquela cidade. Ficamos intrigados com isso.

A RETIRADA DE ITARARE

Ouvíamos, então, mais perfeitamente o canhoneio que rebombava longe, a fuzilaria do combate que se estava travando, entre as forças paulistas e as ditatoriais.

Apressamo-nos e chegamos a Itararé no momento preciso em que as tropas nossas, desocupando a cidade, rumavam para Itapeva.

Na precipitação do momento não nos foi possível conversar com nenhum oficial. O último trem de tropas a sair e nós precisávamos sair com

ele, porque do contrário cairíamos prisioneiros das forças da ditadura. Não podíamos voltar de auto porque a nossa retirada já estava cortada.

Embarcamos no trem, que parou em Ibiti.

O aí que notamos a indignação dos bravos voluntários do Batalhão Universitário e dos sargentos da Força Pública, que não podiam atinar com os motivos da retirada, porque estavam muito bem municiados e bem sarados nas posições que ocupavam.

Era a maldita traição, a primeira traição dentre as muitas que teriam depois as forças paulistas.

Nessa retirada o bravo Batalhão Universitário garantiu a retirada das tropas, retirando-se também em maior ordem.

Itararé não foi tomada a baioneta como alardearam as forças da ditadura. A retirada se operou com calma, sem precipitação. Aliás, esse negócio de facão e baioneta não passou nunca de uma balela dos adversários, porque não nos consta que em setor algum houvesse luta a arma branca³⁰.

Em Ibiti pudemos conversar um pouco com o Ten. Cel. Moraes Pinto que estava comandando a defesa de Itararé. Esse militar muito nervoso, não pôde nos dar a devida atenção.

Atendeu-nos, todavia, um distinto oficial o Capitão Kinglhoeffer, filho do Coronel do mesmo nome, que também tinha chegado naquele instante a Itararé, nada mais podendo fazer, em vista das tropas se retirarem. O capitão pediu-nos que nos dirigíssemos para Itapetininga e lá nos apresentássemos ao comando da praça.

Seguimos viagem e pernoitamos em Itapeva³¹. No dia seguinte fomos a Itapetininga, onde nos apresentámos ao comando.

Coincidiu encontrarmos no mesmo hotel o tenente Sylvio Hoentz, que era o aviador indicado para levar o Ney como observador até Curitiba, onde deviam lançar os manifestos.

O tenente Sylvio, disse-nos que o seu aeroplano estava aprestado para essa viagem desde segunda-feira cedo e que já tinha estudado toda a rota a seguir. Isso para voar itararé, mas para um voo de Itapetininga o seu avião de pequena potência não podia seguir. Nesse sentido o melhor era regressarmos a São Paulo e pedir ao Q. G. um avião de maior raio de ação.

Assim partimos eu e Ney, de Itapetininga. Fauzi já tinha regressado no dia anterior na capital paulista depois de -démarches- foi pelo Q.G. dito que

³⁰ O interessante que no dia 2 de outubro, depois da cessação da luta, um telegrama de ourinhos, publicado em jornais de outros estados, deva como tendo a coluna João Francisco se apoderado dessa cidade, a toque de baionetas!

³¹ O padre Arthur Silveira, vigário de Itapeva, não quis sair da cidade com a aproximação das tropas inimigas. Não quis abandonar o seu povo. Prestou muitos serviços aos prisioneiros constitucionistas. Idêntica atitude teve o pe. Cursino de Moura, capelão do 14 de julho. que não deixou Capão Bonito, para melhor assistir os prisioneiros paulistas. O pe. Cursino esteve prisioneiro em Curitiba.

não podiam dispor de nenhum avião para essa viagem porque todos estavam sendo ocupados nos campos de operações³².

Assim o projetado voo deixou de se realizar.

Em 18 de julho o acadêmico Zicarelli Filho irradiava pelo Cruzeiro a seguinte proclamação:

AO POVO DO PARANÁ!

"O nosso heroico companheiro acadêmico Ney Leprevost deve estar agora, voando nos céus paranaenses, levando, no avião, notícias da Revolução e da vitória da causa constitucionalista que empolgou todo o país.

As expressões mais representativas da opinião riograndense e mineira já se manifestaram ao lado de São Paulo.

São Paulo confirma, neste momento, as páginas gloriosas da sua História.

E São Paulo é o berço do Paraná!

Paranaense!

A Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito da constitucionalização imediata da República, com nossa Universidade está aqui servindo a causa sagrada da República, com os olhos fitos em sua terra e os corações palpitando por sua gente.

Ouçam! Atendam ao nosso grito!

Paranaenses!

Entre a ditadura sem causa, só apoiada por desvariados sócios do Club 3 de outubro no Brasil inteiro clamando pela volta no regime da Lei, não há lugar para vacilações.

A honra só nos indica um caminho:

Rumo a Itararé para confraternizar com São Paulo!

Rumo a São Paulo para confraternizar com o Brasil!

Rumo ao Rio de Janeiro para salvar a dignidade nacional e para o estabelecimento imediato de uma Constituição, em nome das nossas tradições e em nome da Liberdade, para os Estados Unidos do Brasil a nossa querida Pátria, em união perpetua e indissolúvel!

Viva a Revolução! Viva São Paulo! Viva o Paraná!

Viva o Brasil!

(aa) Zicarelli Filho, Elias Karam, Ney Leprevost, Clotario Lopes, Norberto de Miranda Ramos, Nagib Kalil Nasser, Paulo Medeiros e Fauzi Abumussi.

³² Disseram-nos depois no paraná que todos esperavam o avião de momento a momento e que seria de muito efeito esse voo com o lançamento do manifesto e dos jornais paulistas. Talvez com isso outro rumo tomariam as coisas.

AO PARANÁ E SANTA CATARINA

Paulo de Medeiro³³, o único bacharelado da Caravana, ocupou também os microfones das três estações de rádio, para a seguinte proclamação:

AO PARANÁ E SANTA CATARINA!

Quis o Destino que a Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito da nossa Universidade, viesse cumprir superior finalidade de ser o traço de união entre o heroico povo de São Paulo e o Sul do País, nesta hora de redenção nacional pelo sangue!

Quis Deus que Santa Catarina cativasse se representada, nesta Caravana, em dias tão gloriosos.

E se esta Caravana nos irmanava a nós, acadêmicos paranaenses e catarinenses no mesmo ideal acadêmico, hoje, sentimo-nos dominados por um sentimento mais largo de fraternidade, e não vemos diante de nós, senão imagem excelsa da pátria, e os deveres de cada um dos nossos Estados em prol da grande Cruzada pela pronta reconstitucionalização do País.

A vós. paranaenses, eu falo como acadêmico de direito e felicito-vos pela assunção brilhante dos vossos filhos civis e militares, no lado de São Paulo, pelo Brasil redimido!

A Santa Catarina! A minha terra amada, eu falo como catarinense e como brasileiro.

Catarinenses!

Vede a que ficou reduzida a autonomia do nosso estado, pela ditadura! Vede a miséria material e moral em que estamos!

Estendei as vossas vistas ao longo da nossa Pátria!

Só vereis a anarquia, a desordem, a indisciplina, a dissolução e a bancarrota!

E por sobre tudo isto a incompetência administrativa, a incapacidade política, agravadas por um militarismo energúmeno, que a consciência nacional repele. Catarinenses!

Honremos o nosso passado! Dignifiquemos as nossas brilhantíssimas tradições! Proclamemos, com mais sinceridade de que outros o fizeram, ditadura não é forma de governo! Queremos Constituição! Queremos Leis! Queremos Ordem! Queremos Liberdade para todos e Responsabilidade para todos!

Viva Santa Catarina!

Viva o Paraná!

Vivo o Brasil!

³³ Filho do desembargador Medeiros do Superior Tribunal de Justiça de Santa Catarina e neto de Hercílio Luz, ex-governador da terra barriga verde.

Viva a Revolução Constitucionalista!

São Paulo, 19 de julho de 1932.

(aa) Paulo de Medeiros, Zicarelli Filho, Norberto de Miranda Ramos, Nagib Kalil Nasser. Ney Leprevost, Fausi Abib Abumussi. Elias Karam e Clotario Lopes.

Mais uma irradiação transmite a Caravana pelo acadêmico Norberto de Miranda Ramos. Desta não conseguimos, infelizmente, nenhuma cópia.

A caravana dos estudantes paranaenses quer deixar São Paulo?

Com este título fomos surpreendidos pela seguinte notícia que dava a Gazeta de 30 de julho de 1932:

"A rádio "Philipps - PRAX" divulgou, ontem, à noite, que o chefe da caravana dos estudantes paranaenses, que se encontra em São Paulo, e que foi surpreendido pela "rebelião" telegrafou ao almirante Protogenes Guimaraes pedindo sua ação no sentido de conseguir o afastamento dos membros da caravana, de São Paulo, onde não querem permanecer mais. A "PRAX" disse mais que, o almirante Protogenes havia tomado providencias nesse sentido."

O que teria acontecido a respeito. A princípio não pudemos atinar com a causa desse disparate. Em absoluto nenhum de nós cogitava de regressar no Paraná. Não tínhamos também telegrafado para o Rio.

Mais tarde, com a chegada do acadêmico Osny Duarte Pereira e que soubemos que de Curitiba, indebitamente, Paulo Tacla tinha telegrafado para o Ministro da Marinha, em nome de todas famílias solicitando providencias no sentido de conseguir o nosso regresso.

Bem de calcular a indignação que nos causou a notícia propalada pela PRAX do Rio.

Procuramos incontinentemente todas as redações de jornais e em todas deixamos o nosso desmentido formal.

Assim o Diário da Noite, em sua 2º, edição, do mesmo dia 30, publicou o seguinte:

UMA INVENCIONICE DA ESTAÇÃO P.R.A. X. DA CAPITAL FEDERAL

As estudantes curitibanas que se acham nesta capital não pretendem retirar-se de S. Paulo, mas, pelo contrário, fazem causa comum com o movimento constitucionalista.

"Entre as invenciones irradiadas por intermédio das estações de rádio da Capital do país, figurava ontem, em São Paulo, extraordinário movimento cívico pela restauração da lei em nosso país deu, naturalmente, o menor crédito, justamente por ter sido transmitida pela P.R.A.X.

Anunciava o "speaker" da mencionada estico que os estudantes de Direito do Paraná, que se encontram atualmente em São Paulo, onde chegaram a cerca de 25 dias, haviam solicitado ao ministro da Marinha providencias para o seu regresso a Curitiba, pois, não estando solidários com o movimento constitucionalista, não desejavam de nenhum modo permanecer por mais tempos nesta Capital.

Justamente indignados ficaram os estudantes curitibanos e não se contiveram sem que viessem a nossa redação, a fim de que, por nosso intermédio, ficasse bem patenteado o seu formal desmentido aquela invencionice. Disseram-nos ainda os nossos visitantes que, como estudante de Direito, que são, não poderiam deixar de ser identificados com os anseios pelos quais se tem ardorosamente os paulistas, com os quais devem estar todos os brasileiros que prezam a lei como garantia de paz e da prosperidade do país.

Sendo assim, os valorosos estudantes paraenses em causa comum com os seus irmãos de São Paulo, dos quais fazem questão de constituírem também elementos ativos na grandiosa campanha constitucionalista."

A Folha da Noite, em sua 2º edição, deste meio dia de 5 de julho, publicava o seguinte:

A reportagem da "Folha da Noite" ouviu hoje membros da Caravana Acadêmica do Paraná. Srs. Elias Karam, Ney Leprevost, Paula Medeiros, Clotario Lopes, Norberto de Miranda Ramos, Negil Nasser, e Ziconarelli Filho que vieram ROM redação lavar o seu protesto contra a notícia irradiada pela P. R. A X (Radio Phillips do Brasil), ontem à noite:

Disseram-nos:

Não poderíamos nunca ter duas atitudes. Desde o começo da luta, definimo-nos

Estamos perfeitamente integrados com a causa paulina, que é uma causa nacional. Quando tomamos a atitude de cooperação com São Paulo, para a Cruzada Santa da nossa redenção, fazemos conscientemente, leva-os pelo ideal de recolocar o Brasil, dentro da lei, porque, como cultores do Direito, nos repugna ver uma ditadura que se eternizar no poder cerceando a liberdade, espezinhando os sagrados direitos de uma pátria liberal.

A notícia que a ditadura fez ontem irradiar não passa de manobra vil, destinada a colocar-nos em má situação perante a opinião pública de São Paulo. E isto, porque a nossa atuação desassombrada fez sentir, como uma claridade, em nossa terra natal, concitando os homens livres, a se arregimentarem, a se baterem sob a bandeira da Liberdade, que São Paulo desfraldou na histórica manhã de 9 de julho.

Nós nos sentimos mais brasileiros do que nunca diante da nobre atitude de São Paulo, levantando-se em armas para salvar o Brasil, restituindo o ao Convenio das nações livres.

Brasileiros como somos, não poderíamos deixar de cooperar para a vitória da causa constitucionalista.

Paranaenses, não poderíamos olvidar que somos descendentes da nobre raça bandeirante, e que em nossas veias corre o mesmo sangue generoso e quente que animou figuras lendárias dos nossos ancestrais.

Hoje, mesmo, a noite pelo microfone da Radio Educadora Paulista, Record e Cruzeiro do Sul, levanta temos o nosso protesto veemente contra as manobras vis da Ditadura, que procura diminuir a altivez do nosso gesto.

Não fazemos coagidos, como a Ditadura assoalha.

Fazemo-lo livremente, porque neste momento, em que te arregimentam todas as energias vivas da nacionalidade, em que se entrechocam as forças da escravidão e a luta forças da liberdade, não poderíamos assistir impassíveis.

Diga ainda que o Paraná, ouviu a voz dos seus filhos, e compreende o seu dever neste momento histórico e estará de corpo e alma com São Paulo."

E na noite desse dia ocupei o microfone das três Estações de rádio, com indignação na voz e irradiei pela caravana:

"É absolutamente inexato que a Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná tenha telegrafado ao ministro da Marinha, fazendo qualquer solicitação para regressar a Curitiba.

Não seria possível tal procedimento depois da atitude de que espontaneamente assumimos de incondicional solidariedade a São Paulo na sua cruzada de guerra contra a ditadura e a favor da reconstitucionalização imediata do país.

Hoje mesmo procuramos todos os jornais, junto aos quais formulamos o nosso protesto contra mais essa inverdade da ditadura agonizante.

E ainda mais: aos exmos. srs. Dr. Pedro de Toledo, general Klinger, hoje oferecemos os nossos serviços em qualquer posto que nos seja designado para a defesa da causa santa de São Paulo, que é a causa do Brasil.

Saibam todos...

É mais uma invencionice da ditadura.

São Paulo, 30 de julho de 1932.

(aa) Elias Karam, Ney Leprevost, Paulo Medeiros, Clotario Lopes, Norberto Ramos, Nagib Nasser e Zicarelli Filho.

Nossa Incorporação

E para melhor autenticar o que dizíamos, na segunda-feira, 1 de agosto, apresentávamo-nos. Ney Leprevost, Paulo Medeiros e eu, ao quartel da Quitauna e nos incorporávamos as forças constitucionalistas.

Procuramos de preferência esse quartel porque aí estavam também os acadêmicos paulistas que tinham vindo de Buenos Aires, depois de sua excursão.

Durante uma semana recebemos instrução. A princípio nas bombardas e depois definitivamente a irmã de infantaria.

Da nossa atuação dura o capítulo especial consagrado ao 9º B.C.R.

ÚLTIMA MENSAGEM

No dia 6 de agosto, data de nossa partida de Quitaúna, o acadêmico Norberto de Miranda Ramos, irradiou a última mensagem da Caravana. Foi a seguinte:

Mensagem dos membros da Caravana Acadêmica Paranaense ao povo do Paraná

"A Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito da nossa terra aqui está, já incorporada ao Exército Constitucionalista, pronta a dar o seu sangue por duas causas santas: pela causa do Brasil e pelo bom nome do Paraná, cuja solidariedade com São Paulo é um desses imperativos que, não cumprido, representaria a deserção do nosso estado da própria História.

Longe da nossa terra compreendemos melhor os deveres de solidariedade nacional.

Estamos vivendo, neste momento em São Paulo uma hora de guerra e da intelectualidade, numa concentração inédita de sentimentos e pensamentos a impulso de milhões de brasileiros pelo berço ou por afinidades eletivas mais fortes que o próprio berço, concentração que é um calvário do qual será redimido, queira ou não queira a Ditadura, o nosso querido Brasil.

A Força Pública da nossa terra já tem a sua oficialidade representada aqui, no invicto exército Constitucionalista.

São Paulo já ouviu, aqui a voz da mulher paranaense bradando pela paz da família brasileira dentro da Constituição.

Todos os paranaenses de São Paulo formam ao lado da grande causa nacional.

Em Ribeirão Claro acaba de ser formado o batalhão da Caravana Acadêmica do Paraná que marcha contra a ditadura homenageando os estudantes da nossa terra.

O Paraná foi sempre o Estado das situações definidas.

Curitiba não pode aguardar a vitória de braços cruzados ou em atitude de solidariedade passiva!

Curitiba não pode permitir que falem em seu nome, comprometendo sua honra e seus destinos, históricos, tropas ditatoriais do Sul, representativas da palavra empenhada e não cumprida.

Paraná!

Nosso estremecido Paraná!

Está à prova a solidariedade nacional.

A opinião pública do Rio Grande de Minas, da heroica Capital Federal e de todos os centros cultos do país manifestam-se diariamente e cada vez maior energia, mais eficiência, mais patriotismo, pela guerra santa que fizemos, pela guerra nunca jamais em parte nenhuma do mundo ferida em nome de tão alevantado ideal: a guerra pela lei.

O mundo está todo assombrado pelo idealismo e a coragem do Brasil, fazendo uma guerra para conquistar a constituição.

Brasil!

Brasileiros!

Bradai, do Sul a Norte de Leste a Oeste: Viva São Paulo! Viva Mato Grosso!

E vinde conosco entoar o hino nacional com as armas em continência a uma constituição escrita com o sangue de todos os homens dignos neste Calvário Glorioso de Piratininga que nos deu a Independência, a Abolição, a Republica e agora, ainda, a redenção da nacionalidade, proclamando bem alto: O Brasil abomina todas as Ditaduras e todos os governos pessoais ou de casta.

Só admite um governo: a República dentro da Constituição.

Paranaenses!

Paranaenses!

Nunca fomos ordenanças da vitória.

O nosso lugar é na vanguarda.

Viva o Paraná!

(aa) Ney Leprevost Elias Karam, Paulo Medeiros, Norber o Miranda Ramos, Clotario Lopes, Zicarelli Filho, Nagib Nasser."

Regresso da Caravana

Cessada a Lucina Caravana³⁴ partiu de São Paulo via Santos, no 11 de outubro, no vapor Itagyba, e chegou a Curitiba no dia 16.

Não quis, todavia, a Caravana deixar São Paulo sem mostrar ao povo paulista a admiração que lhe causara movimento constitucionalista e assim lançou a seguinte de pedida publicada no “O Estado de São Paulo” e “Correio de São Paulo”, de 15 de outubro:

A CARAVANA ACADEMICA PARANAENSE AO POVO PAULISTA

A Caravana Acadêmica da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná despede-se do povo paulista.

E nesta despedida quer deixar mais uma vez patenteado que, solidaria que foi com o povo paulista no momento histórico em prol da redenção da Pátria, a Caravana solidariza-se também neste momento com o altivo do povo de São Paulo,

Testemunhas e coparticipes que fomos da maior epopeia que jamais empolgou a terra sul-americana, mentiríamos a nós próprios se deixássemos de reconhecer que o povo paulista é a mais bela expressão de brasilidade.

Vimos a bravura indômita de sua mocidade nas refregas sangrentas e tivemos a felicidade de estar ombro a ombro nas mesmas trincheiras, que foram as trincheiras dos seus princípios e do civismo mais levantado.

Vimos o estoicismo heroico e sublime da mulher bandeirante atingindo as raias do impossível.

Os seus homens foram um só: heroicos na guerra como lidadores na paz mantiveste, povo paulista, com inextinguível entusiasmo e bravura, 80 dias de lutas! Não fossem traições internas e externas, nas quais se mancomunaram Judas e Cain, terias vencido a grande peleja, e reintegra a Pátria na Lei e na Justiça.

Mas não importa. Nem por não teres vencido menor foi o brilho da epopeia bandeirante.

Quase que unânimes foram todos no brado de crucificação.

E que crime estava cometendo São Paulo?

O único e maravilhoso crime de querer a Pátria sob o império soberano da Lei, a fim de que o Brasil retomasse o seu ritmo natural na órbita do Direito, da Justiça e da Liberdade!

Tarde virá o arrependimento e quando tal se der São Paulo de Piratininga terá a sua justiça.

³⁴ Tendo sido imprescindível, a minha permanência em São Paulo, a serviços particulares, ainda aí fiquei até o dia 27.

Povo de São Paulo: a Caravana Acadêmica Paranaense volta a seus pagos, certa de que, não muito longe de novo estará contigo na defesa de novos ideais.

Paulista: Até a volta. Terra bandeirante: Salve!

São Paulo, 13 de outubro de 1932. Elias Karam, Paulo Medeiros, Nagib Kalil Nasser, Norberto Miranda Ramos, Osny Duarte Pereira, Raul Vaz.

Tendo chegado a São Paulo os acadêmicos Osny Duarte Pereira e Raul Vaz, fizemos com que estes também assinassem a despedida. Osny Duarte Pereira tinha-se incorporado as forças, Raul Vaz presta relevantes serviços num dos Departamentos de São Paulo.

Fausi Abib Abumussi também se incorporou ao Batalhão Amador Bueno, no posto de 1º. tenente, mas não chegou a sair de São Paulo, porque em vésperas de partida, terminou a Revolução.

A caravana foi recepcionada com carinho pelo povo curitibano. Este levou aos ombros os caravaneiros, a chegada do trem, estando a estação apinhada de povo, dando Vivas a São Paulo e a Constituição.

Só a Caravana e o Tenente Coronel Plinio Tourinho tiveram manifestações no regresso a Capital do Paraná. Donde fácil é de deduzir que o povo paranaense se tinha integrado com o paulista.

Assim volta a Caravana a seus pagos depois de três meses e meio de ausência, tendo tomado parte no maior movimento cívico destes últimos tempos.

A Caravana cumpriu conscienciosamente, o seu dever.

UM ARTIGO DEDICADO A CARAVANA

A 20 de julho, na “Folha da Manhã”, o sr. L. Amaral Gurgel, escrevia o seguinte sobre a Caravana:

CARAVANA PARANAENSE

L. Amaral Gurgel

"Nesta cruzada admirável, em que São Paulo transformou-se num adail intemerato, é sabido que o Brasil não pode deixar de locomover-se a nosso lado, numa explosão magnífica de beleza cívica!

Bem sabemos que, modernamente, existem alguns espíritos de elite, partidários das supostas vantagens do bom ditador... E que mesmo na França dos grandes pensadores há gente que assim pensa. Mas neste

terreno estamos com o ilustre mestre de direito, João Arruda, no seu livro magnifico "Do Regimen Democratico."

Não é aqui lugar de discutirmos esses passageiros estados patológicos das nações. O movimento moderno que se agita em todo o mundo culto é marcha das inteligências para completa realização da democracia.

E o Brasil nestas demonstrações de ultraliberalismo sem cair nas teorias de seitas demolidoras, é um galhardo vanguardeiro destemido, que caminha a frente de suas irmãs do continente rumando francamente para os ideais democráticos.

E São Paulo é o perfeito cavaleiro andante, neste reide estupendo de fé e brasilidade, é o ardoroso Bayard, elegante e pleno de galhardia, que rompe a dianteira de outros Estados, para repor o Brasil nos eixos constitucionais a fim de integrá-lo a consciência nacional.

A voz de São Paulo, o apelo entusiasmo dos filhos da gloriosa Piratininga de Anchieta, já atingiu as populações circunvizinhas e breve atingirá também os Estados situados nos extremos norte e sul do país.

O rufar dos seus tambores, os hinos entusiásticos com que os paulistas correm ao grande sacrifício, em prol da civilização, o troar potente dos seus canhões da campanha e o tropel insólito dos seus exércitos invencíveis talvez hoje, talvez amanhã, serão secundados com o mesmo garbo, pelo seus irmãos de todos os Estados do Brasil, em plena comunhão de ideal, numa confraternização admirável, de onde ha de irradiar-se um clarão deslumbrante de apoteose, que ficará na história de nossa terra!

E entre os Estados vizinhos que muito breve se aliarão a São Paulo e Mato Grosso, comungando conosco o pão do sacrifício, em prol da pronta constitucionalização do país por certo está o Paraná heroico, principal vítima territorial de todas as tropelias e revoluções que se desencadeiam no sul. Verdadeira Bélgica sofredora, em virtude da sua contingência geográfica...

O Paraná que fez parte da antiga Província de São Paulo e que é geográfico e etnograficamente um prolongamento da terra paulista, não pode mentir indiferente a aurora libertadora que surgirá, desta jornada cavalheiresca, cujos frutos serão fecundos para a nossa nacionalidade.

E para apressar a gesto próximo dos irmãos paranaenses, aí está em São Paulo, essa nobilíssima caravana de acadêmicos daquele Estado invicto, transmitindo constantemente a sua terra natal, pelo rádio amigo, o apelo ardoroso de São Paulo, em mensagens patrióticas, convidando seus conterrâneos a colaborarem eficientemente, "manu militari," junto de São Paulo e Mato Grosso só para levantarem se, caminhando célere, a fim de integrar nossa terra ao regime da moral e da lei.

De lá, do Paraná, já veio uma plêiade de bravos cavalarianos que, numa bela espontaneidade de fé ardorosa, causa sacrossanta agitada por São Paulo, passaram pelas ruas da nossa capital, apoteosados pela população paulista, num delírio justo de entusiasmo patriótico.

Os moços de hoje serão os dirigentes do Brasil de amanhã. E está confraternização que vemos entre os acadêmicos do Paraná e de São Paulo, no intercâmbio de fundo de idealismo sadio e nobre, é uma garantia para o Futuro, quando eles ocuparem os cargos de alta responsabilidade.

Moços do Paraná, continua a vossa jornada cívica e clamai, clamai sem cessar! Também sois descendentes dos bandeirantes arrojados, plasmadores das divisas territoriais do Brasil! Gritar bem alto, e que vossa vos poderosa suba pelas grimpas agrestes, desça às lindas planícies, transponha rios caudalosos, escale abismos hiantes e passe triunfalmente, através dos formosos pinheirais nativos, chegando al fim a linda capital do vosso Estado e pregando aos seus povos o Evangelho do Direito.

Em prol do Brasil unido e grande, dentro da Constituição!

Precisamos destruir, em suas mais ínfimas raízes, a nefasta ditadura que empolga o organismo da nação.

Destruir de vez, para sempre, a fim de que jamais visse nesta terra de liberdade, a planta truculenta da tirania de um homem. A lição precisa ficar, embora tingida pelo sangue heroico dos soldados constitucionalistas: "De lenda Carthago!"

O Ambiente no Paraná

O ambiente paranaense era francamente favorável a causa constitucionalista.

Não se pode concretizar essa adesão por um meio mais eficaz, pelas armas, não só porque pelo território paranaense passavam todas as tropas do Sul e algumas do Norte, como devido à forte pressão dos aleatórias sobre todos aqueles que se manifestam abertamente partidária da causa bandeirante.

Assim foram presas diversas personalidades em evidência no nosso mundo social.

O Dr. Ulysses Vieira, catedrático de Direito Penal, foi preso duas vezes e vê a sua casa continuamente debaixo de cerrada vigilância. Outros presos foram: o Dr. Heraclio Gomes, catedrático de Direito Público e Constitucional, Dr. Hostilio Araujo, ex-diretor da Instrução Publica; Desembargador Leme, do Superior Tribunal do Estado: Dr. Oliveira Penteado, juiz federal em disponibilidade; Dr. Luiz de Albuquerque Maranhão, ex vice-presidente do Estado: Dr. Filinto Teixeira notável jurista paranaense, Dr. Marins Camargo ex-senador pelo Paraná, 'Ildefonso Rocha, industrial. Fidelis Reginato o pe. Leopoldina Fernandes, que na Revolução de 30, foi uma das figuras mais populares, tendo acompanhado o 9º R.A.M. como capitão capelão: Elisio Simões e outros.

Numa das vezes encontram-se presos o sr. Dr. Ulysses Vieira, e outros numa sala da Repartição de Polícia, sem conforto algum, porque não havia

ali cadeiras, bancos ou outra qualquer coisa em que se sentar. O café que lhes serviram foi em canecas de lata, que causavam náuseas só em vê-las...

O Dr. Caio Machado só porque tinha regressado de São Paulo nos primeiros dias da Revolução fora também mimoseado com a prisão nesse quarto onde a higiene não costumava entrar.

Outro ato arbitrário foram as prisões do velho Barbosa Ferraz e de seu filho Braulio Barbosa Ferraz, fazendeiros conhecidos no Norte do Paraná, pelo crime de terem um filho e irmão, o Léo Barbosa, chefiando a Revolução constitucionalista em Cambará.

No princípio houve proibição expressa da polícia de permanecer além das 22 horas nas ruas.

Os rádios particulares foram selados e com receio dos clandestinos usarem mil processos para atrapalhar a audição dos Rádios paulistas, dando isso como resultado obrigarem os adeptos da causa constitucionalista a permanecerem até as 5 horas da manhã, esperando que cessassem esses processos, ou que os promotores se cansassem, para então ouvirem as notícias irradiadas de São Paulo³⁵.

Os entusiastas constitucionalistas e mais ousados faziam tudo pela causa. Distribuíam ingressos dando notícias apanhadas nos Rádios, desmentindo balelas da ditadura e fornecendo "boas notícias" tendentes a lançar o desanimo nas hostes outubristas.

Os "boateiros" eram presos, chegando a ponto de não se poder pronunciar nas ruas o nome de São Paulo.

Para se demonstrar o arrocho que existia basta afirmar que o sensor do "Correio do Paraná", por sinal um ditatorial franco, foi demitido, porque este jornal paranaense publicara simplesmente um cliché do General Klinger.

Eram diretores de jornal os Adherbal Stresser, Oscar Wanderley da Costa. Este último fora chamado ao palácio e ameaçado pelo sr. Interventor de ser mandado para a Coluna João Francisco e ele persistisse em manter uma atitude franca São Paulo. Quer dizer que a fama daquela Coluna chegara até o Palácio do Rio Branco, é bom que as crianças tomem cuidado e que os pais para as amedrontar ameçam de enviá-las ao seio de Abraão dessa famigerada Coluna.

Esse, pois, o ambiente no Paraná, francamente favorável à causa constitucionalista. Que o atestem os prisioneiros paulistas, eles que receberam do povo um carinho todo especial.

É verdade que pessoas houve, em número bem diminuto, que disseram cobras e lagartos de São Paulo, mas nós perguntamos:

Se outra fosse a atitude de Flores d Cunha, a maioria destes gritadores não teria evado São Paulo com o mesmo calor com que o diminuíram?

³⁵ Na confusão do momento foram pesos ardorosos ditatoriais, como o Sr. Fidelis Reginaldo e outros. Daí se infere a pressão havida pela polícia, tão cega que não sabia distinguir constitucionalistas de ditatoriais.

É! As causas de cálculo são fortes razões de desequilíbrio ou de equilíbrio.

Mas, fiquemos por aqui, porque se outra fosse a atitude do sr. Flores da Cunha, o próprio oficialismo paranaense teria formado com São Paulo. Esta é que é a verde de nua e crua.

Não teria o Paraná compromisso com São Paulo?

Antes da partida para Itararé, fomos apresentar as despedidas ao governador do Estado. Estando este ainda fazendo a sua refeição, recebeu-nos o Dr. Francisco Morato, uma das figuras de maior evidência da campanha constitucionalista.

Na palestra mantida S. Excia, nos disse ter havido precipitação do movimento constitucionalista, porque só depois da reunião de 15 de julho, em Belo Horizonte é que seria marcada a data para o movimento. Entretanto, circunstâncias várias fizeram com que se precipitasse o movimento.

Perguntamos-lhe sobre o que pensava da atitude do sr. Manoel Ribas, Interventor do Paraná.

S. Excia. Nos respondeu que anteriormente tinha conversado com o Interventor paranaense e pelo que ouviu dele, contava com a adesão do Paraná.

Aliás, outra não devia ser sua atitude diante do telegrama de **incondicional solidariedade** que passou ao governo paulista, em face dos acontecimentos de 23 de maio³⁶.

OS UNIVERSITÁRIOS AO POVO DO PARANÁ³⁷

Quando, há quatro meses, em memorável assembleia do Centro Acadêmico de Direito, pela quase unanimidade da nossa e da universitária em geral, resolvíamos tomar aos nossos ombros, os sagrados e graves encargos da propaganda no estado, pró reintegração imediata do país ao regime da ordem, ao império da lei, único compatível com os povos civilizados do planeta, longe estávamos de supor que em São Paulo, o São Paulo grande, O São Paulo generoso, o São Paulo forte e tenaz, São Paulo essa tenda maravilhoso de trabalho de ordem, lidimo orgulho da força construtora da nossa nacionalidade, rincão encantado da nossa Pátria, que, no concerto dos Estados, é como que um soberbo castelo de Aldino, aparecido em sonho róseo. São Paulo se fizesse vanguardeiro das nossas aspirações, o pioneiro inigualável das nossas conquistas democráticas!

Jogando a grande cartada pela salvação do país, consubstanciada na pujante atividade doutrinária pelo verbo aparelhável dos representantes da sua cultura elevadíssima, na dedicação em par das suas classes

³⁶ Entretanto, tal não foi a atitude do interventor paranaense. Este apesar de saber a que estado a ditadura reduzira o Paraná e de conhecer qual era à vontade unanime do povo paranaense, colocou-se ao lado da ditadura.

³⁷ Esse manifesto foi profusamente espalhado nos dias da revolução.

conservadoras, pela ação miraculosa da totalidade dos seus elementos constitutivos, no concurso do grande e valoroso proletariado, pela tarefa ingente a que se consagra pelo bom êxito da causa sacrossanta, no consenso unanime da sua população imensa, que corre em massa, em defesa da dignidade da honra do povo bandeirante e conseqüentemente da dignidade e da honra do Brasil, postas em jogo pelo exclusivismo de uma política estreita, de clubes extremistas e de gabinetes secretos, sedento de justiça, desdobrando aos olhos solertes da nação, todo um programa de trabalho e de honestidade, e, principalmente de proteção as normas democráticas, na revelação inigualável do sacrifício da renúncia São Paulo escreve em letras de sangue - do sangue morno e palpitante da sua juventude idealista uma das maiores páginas, senão a maior do livro áureo dos seus gastos glorioso e imorredouros!

São Paulo mais uma vez influir e propagar como um manancial pleno, inesgotável de ideias e aspirações de que a república está tão avida!

A terra soberba e culta, gloriosa e incomparável de José Bonifácio, em cujo lábaro se inscreveu a divisa do

bandeirante indômito e audaz: NÃO SOU CONDUZIDO, EU CONDUZO!

- Não mais poderia continuar sob a pressão e o mando de um governo anacrônico e retrogrado e arbitrário, que a atirava á ínfima condição de colônia tributaria, zombando das suas construtoras elites menoscabando da sua grandeza, maculando a sua honra, diminuindo a sua dignidade de povo livre, reduzindo o seu patrimônio imenso, enxovalhando o seu passado luminoso.

A terra bandeirante, viveiro do liberalismo, dignificando as suas tradições, levantou a bandeira da revolução, porque não se submete a governos de arbítrio e de força. E a população civil do Brasil inteiro acompanhada, comovida e acorrentada, mas revelando sempre, em todos os seus gestos que não sofre a nostalgia da chibata.

A terra bandeirante, cujos homens são, no momento, mais irmãos, primeiro porque sofrem juntos, após porque se lhes vai gravando na alma a consciência do destino e da solidariedade. que os leva a grande obra, a obra imortal da redenção do Brasil: o padrão da federação sob cujo ambiente se formaram espíritos da envergadura de Ruy, o impertérrio campeão da liberdade; Campos Salles, o insigne reconstrutor da república: de Rodrigues Alves e de Glicério, o padrão, repetimos, em boa hora - compreendida e estudada a sua situação e a do Brasil atirou sua sorte em jogo, mas cresceu, cresceu prodigiosamente aos olhos ansiosos da nação, porque sua bandeira é a da lei e da ordem em contraposição a da anarquia e do arbítrio.

Rebeldes! (dizem), mas se isso é rebeldia, se a luta em defesa dos sacrossantos direitos de um povo que se tem na conta de livre, em que se atiram de corpo e alma estadistas e militares, médicos e advogados,

banqueiros e proprietários, juristas e professores, operários e agricultores, acadêmicos e sábios, funcionários, toda uma população forte, valida respeitada de 7.000,000 de habitantes dispostos os maiores sacrifícios pela causa constitucionalista, se isso é insurreição, é mashorca, é a volta, então abençoada seja essa insurreição, bem vinda seja essa revolta, bendita seja essa mashorca, porque nos liberta, porque nos desoprime, porque nos conduz e eleva a condição de povo livre que vai ser entregue a posse de si mesmo, para que possa prosseguir na rota dos seus altos destinos!

E, por isso, a classe acadêmica do Paraná, a exemplo da de São Paulo, que luta de armas na mão, e das do Rio, Minas e Rio Grande, que se não acordam com os cascos de cavalos, chanfalho e coices de armas, proclamando ao povo da nossa terra, nesta hora de amarguras e de vacilações, que se solidariza com a campanha constitucional paulista "manu militari", porque ela traduz e representa a opinião do povo, que está bem acima do oficialismo intolerante, povo que quer, que aspira, que deseja, que sonha com a constituição!

Abaixo a ditadura! Abaixo o caudilhismo!

Viva o Paraná! Viva São Paulo! Viva a Constituição!

VIVA O BRASIL UNIDO!

A atitude digna do Ten. Cel. Plinio Tourinho
S. Excia. encarnou de facto a alma paranaense!
toda ela solidaria com São Paulo

A 4 de Agosto recebia o bravo Ten. Cel. Plinio Tourinho³⁸ o seguinte telegrama:

ITAPEVA, 3 - Tenente Cel. Plinio Tourinho, Curitiba, - Sr. General Valdomiro vos convida assumir chefia Serviço engenharia este Quartel General. Por ordem, (a) Capitão Dimas, chefe do estado maior.

A este convite, respondeu o Ten. Cel. Plinio Tourinho, nos seguintes termos:

"Exmo. Sr. Valdomiro Lima, ITAPEVA. – Quando em outubro de 1930, o povo brasileiro clama unanime contra a tirania do governo, alistei-me com entusiasmo ao lado dos bravos gaúchos para a vitória dos nossos ideais.

³⁸ O Tte. Cel. Plinio Tourinho foi o chefe da Revolução de 1930, no Paraná. A seu braço levantam-se todos: forças e povo, é além de brilhante oficial do exército, engenheiro civil, sendo catedrático da Faculdade de Engenharia do Paraná. É uma das inteligências mais brilhantes do estado, aliada ao caráter impoluto de que deu provas com a sua digna atitude.

Hoje, embora em compromissos nem ligações de quaisquer espécies com os revolucionários paulistas, apenas coerente com o meu passado, minha consciência de brasileiro me impede de concorrer para o aniquilamento do povo de São Paulo, orgulho da nossa nacionalidade, tão digno do nosso afeto de patriota como o fora, é e será o bravo povo gaúcho, si por ventura as circunstancias de política o colocarem, amanhã, nas duras contingencias em que se encontra aquele grande povo.

Assim; agradeço a V.ex. o honroso convite que não desejo aceitar e sereno aguardo as consequências desse meu ato, (a) PLÍNIO TOURINHO."

Respondendo a cate despacho, o general Valdomiro Lima endereçou ao Tenente Cel. Plínio Tourinho, o seguinte telegrama:

"De ITAPEVA - Tenente Coronel Plinio Tourinho, Curitiba.

Acabo receber vosso telegrama exaltação revolucionária ao lado povo paulista. Aplaudo vossa atitude definida, e como uma homenagem e dignidade militar que o camarada deve possuir, ofereço em meu nome, do que assumo inteira responsabilidade, os meios passardes para as forças rebeldes e nos combater de viseira erguida.

Assim sereis digno e não enxovalhareis a farda de soldado brasileiro. Não é hora de palavras, é hora de sacrifícios. Sacrificai-vos, camarada. Podeis transmitir a todos que pensam como vós, que a todos darei oportunidade de lutar de armas na mão. (a) General Lima.

Aceitando a proposta que lhe fez o General Valdomiro Lima, o bravo soldado paranaense telegrafou nos seguintes termos ao comandante das tropas fiéis a ditadura:

CURITIBA, 6. – Snr. General Lima, Itapeva.

Propositadamente destes ao meu telegrama interpretação diversa daquela que minha consciência ditou, procurando deprimir-me perante o Exército pois se assim não fosse, teríeis também publicado o meu telegrama para que meus camaradas o apreciassem no quanto ele encerra de altruísmo, no sentido de não concorrer a luta fratricida, antes procurando evitar derramamento doloroso de sangue brasileiro.

Não fiz profissão de fé revolucionária paulista, mas neste instante doloroso em que assisto marcha triunfal vinte interventores prontos esmagar laborioso povo paulista, vítima politicagem, tive necessária coragem cívica de não desejar concorrer para esse aniquilamento, quando me seria mais cômodo cobrir-me de glorias á custa sangue irmão trabalhando no vosso Estado Maior Alimento convicção essa guerra fratricida cessaria sem desonra para ninguém se porventura houvesse maior boa vontade por parte políticos dirigentes Nação.

Não tenho dúvida de que meu gesto de humanidade e brasilidade foi desvirtuado perante vosso espírito julgamento, em detrimento minha honra e dignidade pessoal, pelas sugestões talvez da intriga insidiosa, porém sem fundamento concreto algum.

Pois bem; mesmo tendo certeza do esmagamento, São Paulo, inteiramente cercado, sob ameaça centenas bocas fogo, aceito vossa generosa proposta para que me seja permitido participar da desdita paulista, pedindo seja o Cmte. desta Região autorizado, a conceder-me bem como às pessoas amigas que me salvo conduto que me permita com elas, transportar-me a São Paulo por onde me aprouver.

Penso assim não deixar dúvida ao espírito de meus camaradas e meus cidadãos de que o labéu de covarde, que injustamente pretendes me lançar, não me atingiu nem me atingirá nunca.

(a) Tenente Coronel PLINIO TOURINHO.

O povo, sabedor da resposta do chefe paranaense, correu em massas a sua residência. Mais de 1.200 pessoas se ofereceram para seguir com ele a fim de lutar ao lado de São Paulo!

“Em resposta ao telegrama do tenente Cel. Plinio Tourinho, o General Waldomiro Lima, lhe ordenou que se apresentasse dentro de quarenta e oito horas, as tropas paulistas, pelo caminho indicado, isto é, pelo quartel general de Itapeva, tendo para isso o General Lima posto a disposição do tenente Cel. Plinio e das pessoas que desejassem o acompanhar, uma composição de trem de entrada de ferro.

Não aceitou o bravo militar essa condição, porquanto era seu desejo ter salvo conduto para São Paulo "POR ONDE LHE APROUVESSE."

Assim renovou o Tenente Coronel Plinio o seu pedido de lhe ser concedido e aos seus companheiros salvo-conduto para seguir para São Paulo por caminho por este escolhido e não por Itapeva, tendo para isso o General Lima posto a disposição do Tenente Coronel Plinio se apresentasse ao Ministro da Guerra.

A 9 de agosto partia para o Rio o bravo paranaense que tão alto soube elevar a dignidade do altivo povo das araucárias.

Ao seu embarque centenas de pessoas apareceram a estação, num atestado frisante do quanto eram solidários com o nobre oficial.

Em Paranaguá também muitas centenas de pessoas aguardaram a chegada do trem.

Depois de terminada a revolução, não houve festejos de espécie alguma. Os soldados que regressaram a seus estados não receberam nenhuma demonstração pública.

No entanto o bravo Ten. Cel. Plinio Tourinho ao regressar ao paraná, após a revolução, teve a merecida consagração em verdadeira apoteose.

O jornal "Diário da tarde" noticiando a chegada do bravo militar afirmou que 95% da população estava com o Ten Cel Tourinho, o que equivale a dizer que esse número esteve com São Paulo

Visitei o Ten. Cel. Plinio Tourinho. Convers mos. S. Excia. me reafirmou que queria licença do sr. General Waldomiro Lima, ele que se dizia todo poderoso, para dirigir-se a São Paulo por onde bem entender se. Assim partiria ele de Paranaguá a Cananéia, rumo a São Paulo. No entanto, o Gen. Lima queria que lhe dar licença, dizia, por Itararé, isto é, queria que o Dr. Plinio Tourinho passasse a ridículo entre as tropas.

Perguntei a Dr. Plinio se não pôde tentar um levante em Curitiba.

Respondeu que foi impraticável, porque vivia vigiad ssimo e a sua casa cercada de secretas.

Além disso era preciso um núcleo aguerrido de início, pelo menos uma companhia. de tropa regular, para que se tentasse apoderar do deposito de Material Bélico, porque este estava guarnecido de muitos soldados, com metralhadoras etc.

Se isto se conseguisse, num só dia 5.000 pessoas adeririam ao levante, pegando em armas.

Assim todas as tentativas, infelizmente, falharam.

Que o povo paulista veja na altitude do Ten. Cel Plinio Tourinho o quanto lhe era solidão o povo paranaense que não se pode taxar de conivente com a ditadura porque em peso esteve com a causa paulista.

Capitão Herminio da Cunha Cesar

A sua adesão as forças constitucionalistas

Na seguinte entrevista concedida pelo sr. Capitão Herminio a Folha da Noite, de 29 de julho, vemos de que maneira conseguiu o bravo militar chegar a São Paulo:

"Vim, como sabe, da Capela da Ribeira, onde me apresentei ao coronel Azarias, depois de ter abraçado a causa constitucionalista, que, de início, reputei uma cruzada verdadeiramente nacional.

Servi no 1 . B. I. do Paraná, na qualidade de subcomandante.

Essa força recebera ordem de seguir para Capela da Ribeira, a fim de combater os constitucionalistas desse setor.

O contingente em questão teve que ser transportado em pouquíssimos caminhões por uma estrada de rodagem inteiramente abandonada. A força, além de uma marcha extenuante, teve que empurrar os veículos para poder transitar pelo caminho. No fim da jornada estava completamente estropiada.

Esses veículos eram os únicos de que as forças do Paraná poderiam dispor. Quanto ao abastecimento de viveres, a tropa certamente morreria de fome, se eu não conseguisse alguns viveres pelo caminho.

Da guarda não se recebia coisa alguma para atenuar essa situação.

No dia 18 do corrente, o segundo tenente Alencar Guimarães, da cavalaria da Força Pública do Paraná, pernitoou num lugar chamado Pinhalzinho, na residência do comerciante paranaense João Guimarães. Eram 9 horas da manhã, quando o destacamento sob o seu comando foi surpreendido por 65 praças das forças constitucionalistas sob o comando do tenente Severino, da Força Pública Paulista. O tenente Severino aproximando-se do local fez uma descarga ao ar, só para prender os componentes do destacamento paranaense. O destacamento do tenente Alencar Guimarães, ao ouvir os tiros fugiu para o mato abandonando toda a cavalaria e um prisioneiro em poder dos constitucionalistas.

O tenente Alencar comunicou o ocorrido ao 1º. Batalhão, exigindo que este se pusesse em perseguição do destacamento do tenente Severino.

O major Waldemar Kost, assistente do comando geral, das forças do Paraná, assumindo comando da tropa, tentou tomar a ponte Capela da Ribeira. Os constitucionalistas estabeleceram alguns entrincheiramentos no território paranaense, com o fito estratégico de atrair as forças do major Kost, ou quaisquer contingentes vindos do Paraná.

O major Kost, chegando ao reduto surpreendeu os constitucionalistas justamente a hora de almoço. As forças de São Paulo não se perturbaram com esse ataque, respondendo-lhe com um fogo nutrido. Em seguida o contingente constitucionalista foi abandonando as trincheiras do território paranaense e foi atravessando a ponte, para atrair os adversários. O major Kost, longe de desconfiar de qualquer plano estratégico, pôs-se a perseguição dos constitucionalistas, até atingir a ponte. Neste momento um formidável fogo de barragem de armas automáticas bateu em cheio a tropa comandada pelo major Kost, infligindo-lhe uma fragorosa derrota. Na sua debandada, essa força deixou no campo da luta cinco mortos, grande quantidade de material bélico e viveres e teve 26 feridos.

Entre os mortos contou-se o tenente Imbuia, da Força Pública do Paraná. Quatro cadáveres foram sepultados em território paranaense e um em Capela da Ribeira, ao qual o coronel Azarias ordenou que se prestassem todas as honras militares.

Protestei então energicamente contra a remoção da tropa cansada para o setor da luta. Solicitei então a minha demissão do meu posto de subcomandante, justificando na íntegra essa atitude e fazendo publicamente a minha profissão de fé constitucionalista. Por esse motivo, foi posto à disposição do chefe de polícia de Curitiba, a fim de, com os demais presos políticos, ser recolhido a fortaleza da barra de Paranaguá.

Ao anoitecer do dia 20 do corrente, sai pelo sertão a fora, levando um mapa da região, uma bussola fosforescente. Esse mapa ofereci ao coronel

Azarias. Antes de sair, convidei os soldados do meu batalhão para seguir-me. Eles ficaram com receio de não ser bem recebidos pelos constitucionalistas. Preferiram debandar pelo sertão, abandonado assim o serviço da ditadura.

Cheguei no dia 23 a Barra das Criminosas. Dali segui para Ribeirãozinho, onde encontrei os primeiros elementos paulistas.

No dia 24 alcancei Capela Ribeira, onde me apresentei ao coronel Azarias, que me tratou com a máxima distinção. Foi o Coronel Azarias que me apresentou em seguida ao coronel Brasílio Taborda, comandante das forças constitucionalistas do setor sul. O coronel Taborda foi igualmente gentilíssimo para comigo, tendo me apresentado por escrito ao general Bertholdo Klinger.

Agora aguardo apenas ordem do Quartel General para seguir para um dos setores da grande campanha constitucionalista.”

E a situação no Paraná?

”Posso resumi-la:

Estão presos todos os políticos do Partido Liberal e P.R.P. A opinião pública é inteiramente favorável à causa constitucionalista. Reina a mais completa indiferença do povo por todos os lados da ditadura que visam hostilizar São Paulo, mesmo de leve. Ninguém se alista voluntariamente para combater o movimento constitucionalista. Os contingentes da Força Pública do Paraná, quando partem para os setores da luta não recebem uma aclamação sequer do povo. As forças ditatoriais só saíram para as fronteiras com São Paulo graças ao dinheiro enviado do Rio de Janeiro. As requisições das tropas são pagas à vista. A ditadura não tem o mínimo crédito junto ao comércio paranaense.

É o que lhe posso dizer.”

O Capitão Herminio irradiou diversas vezes, concitando os paranaenses para a luta ao lado de São Paulo.

Respondeu a pecha de desertor que lhe lançaram, respondeu ele pelo rádio:

”Eu não desertei, eu abandonei a causa má.”

Quando no Quartel de Quitaúna formou-se o 9º B.C.R., Capitão Herminio saiu com ele comandando a 1. Cia. No setor Sul foi depois elevado a subcomandante do mesmo batalhão.

De sua valorosa ação deixamos dito na parte deste livro referente ao 9.º B.C.R.

O Capitão Herminio, pelo seu gesto digno, foi excluído das fileiras da Força Pública do Paraná, depois de ali ter servido 29 anos, nos quais prestou os mais assinalados serviços. O ilustre militar, se quisesse ter honrarias fáceis, recalcando os protestos da consciência, teria ficado na Força Pública

a que servia, e possivelmente teria subido de posto e ter-se-ia aposentado com todos os vencimentos e honras. Mas o Capitão Herminio preferiu todas as desditas a ficar mal consigo mesmo.

Além de ter perdido 29 anos de serviço, viu também a sua carreira cortada, porque estava no 3º. ano de medicina.

Mas, não importa. Dia virá em que tudo isso será compensado. Pelo menos ele valerá a satisfação de ter agido com honra e dignidade.

Ao meu bravo Capitão do qual fui a princípio ordenança, a minha homenagem.

Exortação de um Bispo Paranaense

D. Alberto Gonçalves, bispo de Ribeirão Preto, pelo microfone da PRAI, dirigiu-se aos seus coestaduanos, nos seguintes termos, a 21 de agosto:

“Com o coração dilacerado pela mais acerba dor é que a vós me dirijo nesta hora angustiosa em que se derrama abundante sangue de irmãos. Não preciso fazer profissão do entranhado amor que consagro a essa porção da pátria onde tenho o meu berço e a minha família e a esta onde se abrirá o meu tumulo. A essa eu dei sem reservas as energias de minha mocidade e os impulsos do meu coração, correspondendo assim as respectivas provas de confiança que aí recebi. A esta eu devo o testamento do meu reconhecimento pelo muito que me tem feito.

Eis o motivo destas palavras que vou dirigir-vos, para as quais ousou pedir a vossa atenção.

Vós bem me conheceis e tendes certeza que não sei faltar à verdade.

O Brasil inteiro sabe as causas que o levaram a tomar a atitude que tomou: humilhado, ferida sua dignidade, resolveu apelar para a resistência de seus filhos a fim de reivindicar os direitos a sua autonomia, desejando viver sob os ditames da lei máxima; e eles, como um só homem se ergueram e porfiaram em dar mostras de uma energia fora do comum, fazendo sacrifícios e que ficará gloriosamente registrada na sua história.

Pois bem. Auscultando de perto o movimento que paulista, quero garantir vos que não retalhamento da nossa pátria, e posso assegurar-vos que eu não represento a verdade os moveis que lá fora se lhe atribuem.

Aqui ninguém, absolutamente ninguém pensa no retalhamento da nossa pátria;

e posso assegurar-vos que eu não estaria um só instante ao lado dos que pensassem tão criminosamente e já teria lavrado o meu protesto, pois quero o brasil unido para ser grande e respeitado.

Tão pouco se cogita aqui em dar mão a quaisquer elementos dissolventes da sociedade.

Como garantia do que acabo de afirmar empenho o meu passado e os meus cabelos brancos. O tempo se incumbirá de provar estas verdades.

Bispo, que sou, rogo e espero que Nosso Senhor e sua Mãe Santíssima, atendendo às orações, aos sacrifícios e a abnegação de tantas almas, farão com que em breve termine esta luta deplorável e concedam a paz desejada e necessária para a prosperidade da nossa Pátria.

A todos vós as minhas saudações amigas.”

Universitários do Paraná que aderem a causa constitucionalista 120 quilômetros a pé!

A 23 de julho chegaram a São Paulo oito acadêmicos que cursam a Universidade do Paraná, depois de terem viajado nada menos de 120 quilômetros a pé, por florestas e banhados, com o fito de alcançar São Paulo e oferecer aí os seus serviços a causa constitucionalista.

São eles os jovens: Kleper Gonçalves Palhano, agrimensor, maranhense; Eloy dos Santos, mineiro; Nelson Straub, estudante de medicina, paranaense; Paulo Ferreira de Barros, estudante de medicina, paulista; Arthur Campanha Affonso, estudante de medicina, paulista; e Octavio do Amaral Carvalho, estudante de direito, paulista.

"Estes moços, não se conformando com a situação intolerável que foi reduzido Paraná, tiveram a ideia de abandonar aquele estado e vir a esta capital, a fim de oferecer os seus serviços a revolução constitucionalista, assentada esta resolução, partiram de Curitiba, no dia 16 chegando ao porto de Antonina às 24 horas. Ai guiados pelo agrimensor Kepler Gonçalves Palhano, que trazia consigo uma pormenorizada carta do litoral, tomaram o picadão do telegrafo e por ele vieram em demanda ao território paulista. Em certo ponto perderam-se e durante duas horas se afastaram do roteiro. Depois, retomaram o caminho desejado, tendo para isso de abrir uma longa picada a facão, no mato bravo.

Vinham quase desarmados desprovidos de recursos.

Para obter alimentação, nas poucas propriedades que encontraram, apresentaram-se como fazendo parte de uma hipotética comissão do governo, tendo um deles, para tal efeito, sido promovido a tenente-chefe, o que muito os divertia.

Não encontraram forças da ditadura. O rio Cananéia foi atravessado, com água pelo peito. Galgaram a Serrinha, que apesar do nome no diminutivo, se eleva a cerca de 500 metros. Transpuseram o celebre banhado de três quilômetros de largura onde, em 1930, o batalhão "João Pessoa" passou horas amargas. Enfim, passaram por Tagaçaba e chegaram à colônia Santa Maria, que já fica neste Estado.

Em Iguape foram recebidos pelo major Henrique Franzoi, delegado técnico da prefeitura, que logo lhes facilitou tudo, de modo a que, no dia seguinte, já pudessem estar na capital. Mas a sua estada na linda cidade litorânea foi encantadora, segundo disseram. A noite realizou-se um grande comício em prol da constitucionalização do Brasil, tendo falado alguns dos excursionistas. As moças por essa ocasião, ofereceram-lhes medalhas do Senhor Bom Jesus de Iguape, com um lacinho auriverde, que os moços traziam da capela.

De Iguape seguiram embarcados a Juquiá, onde tomaram o trem que os trouxe até Santos e da vizinha cidade até esta capital vieram em automóveis³⁹

Esses intemeratos e audazes moços fizeram toda a campanha constitucionalista, servindo no Setor Sul.

O Norte do Paraná manifesto ao povo de Cambará

Das cidades do Norte do Paraná, Jacarézinho, Cambará, Ribeirão Claro e outras, partiram centenas de voluntários que se integram ao glorioso exército constitucionalista.

Ribeirão Claro até organizou um Batalhão "Caravana Acadêmica Paranaense", em homenagem a nossa Caravana. Esse batalhão formou na coluna Cel. Pedro Dias de Campos, em operações setor de Ourinhos.

Eminentes vultos de Cambará dirigiram ao povo dessa cidade o vibrante manifesto seguinte:

PAULISTAS! PARANAENSES! BRASILEIROS!

São Paulo, a valorosa terra das bandeiras, torrão abençoado onde os exemplos de civismo foram sempre o seu melhor característico, num desses impostos de independência e patriotismo, acaba de se levantar em armas, como um só homem contra a malfadada ditadura que, há quase dois anos, vem enfraquecendo a pátria brasileira.

São Paulo, que sempre defendeu as causas justas da nação, não podia permanecer indiferente diante desse desgoverno.

Eleito para dirigir a nação a sombra de normas democráticas, eleito para cumprir o programa da Aliança Liberal o ditador, dominado por uma corrente ultra extremista, composta, em quase sua totalidade, de tenentes sequiosos de mando, desmentiu e desmoralizou os postulados aliancistas, preferindo enveredar pelo caminho da desordem administrativa, guindando aos ministérios homens incapazes de fazerem uma administração medíocre.

³⁹ Jornal O Estado de São Paulo.

O ditador, escarnecendo da memória daquele derramaram o seu sangue em prol de uma pátria melhor, deslustra o cargo que ocupa e, com um carrancismo que iguala ou mesmo ultrapassa o de seu antecessor, teima, obstinadamente, contra a opinião pública, em permanecer no Catete, como um novo Nero, para assistir, com desejo satânico, a uma luta fratricida e profundamente desoladora.

É esse homem, brasileiros, que trai a palavra empenhada perante a nação de bem servir a nossa terra, a hoje apela para que os paulistas cessem a luta.

Ele, o instigador, ele, joguete nas mãos de alguns tenentes, provocador que foi desse amazonas de sangue que já corre nas fronteiras paulistas, ainda se sente com hipócrita coragem para apelar para o patriotismo paulista.

A sua tibieza, a sua indecisão, a sua fraqueza se evidenciam, exuberantemente, no caso do "Diário Carioca" cujos criminosos, impunes são hoje esteios do seu miserável governo.

São Paulo! terra do trabalho, revela aos olhos de todos os brasileiros o seu acendrado amor à justiça, lutando heroicamente, espartanamente, pela implantação imediata do regime constitucional!

Mas o ditador tem companheiros nesse inglório governo.

Oswaldo Aranha, que teve que engolir a contragosto o secretariado paulista, ainda há dias, pelo rádio, declarava angelicamente que São Paulo havia obtido tudo.

Mentira! São Paulo obteve porque impôs, mas não porque pedisse.

São Paulo, berço dos Andradas, cabana dos intrépidos bandeirantes, simboliza hoje, altaneiramente, com a aprovação de todos os brasileiros o facho da redenção!

Paulistas! Paranaenses! Brasileiros! que habitais o norte do Paraná não titubieis!

É chegada a hora de salvar o Brasil.

Viva o Brasil constitucional!

Cambará, 20 de julho de 1932.

RAUL VAZ
LÉO BARBOZA
CLARO ARANTES
DR. FLAVIO ITAPURA MIRANDA

Manifesto das Classes Universitárias ao Povo

Em 20 de julho reuniu-se a classe universitária do Paraná e após calorosos debates foi aprovada a relação do manifesto do qual foi redator o acadêmico de Direito Osny Duarte Pereira. Esse manifesto que não chegou

a ser lançado porque houve o impedimento por parte da polícia, era assim concebido:

MANIFESTO DAS CLASSES UNIVERSITARIAS DO PARANÁ AO POVO

Cumprindo um dever elementar de patriotismo, fazendo uma demonstração da liberdade de consciência que sentem em si próprios, lançando luz nas trevas da hora

presente, vem a mocidade Universitária do Paraná dizer o Povo, como pensa pôr termo a hora amargurada em que atravessamos o abismo mais tenebroso da história.

Quem vos dirige a palavra são os moços acadêmicos que sempre quiseram ver um Brasil melhor. livre da pestilenta politicalha, raiz mais profunda de todos os males livre do analfabetismo, polvo que entorpece nosso progresso e nossa civilização, e livre da desigualdade econômica, depauperada das energias populares. causa da miséria material do povo. Nessas três doenças definhantes se assenta, pois, a enfermidade do Brasil: deficiência moral, nulidade intelectual e desorganização econômica.

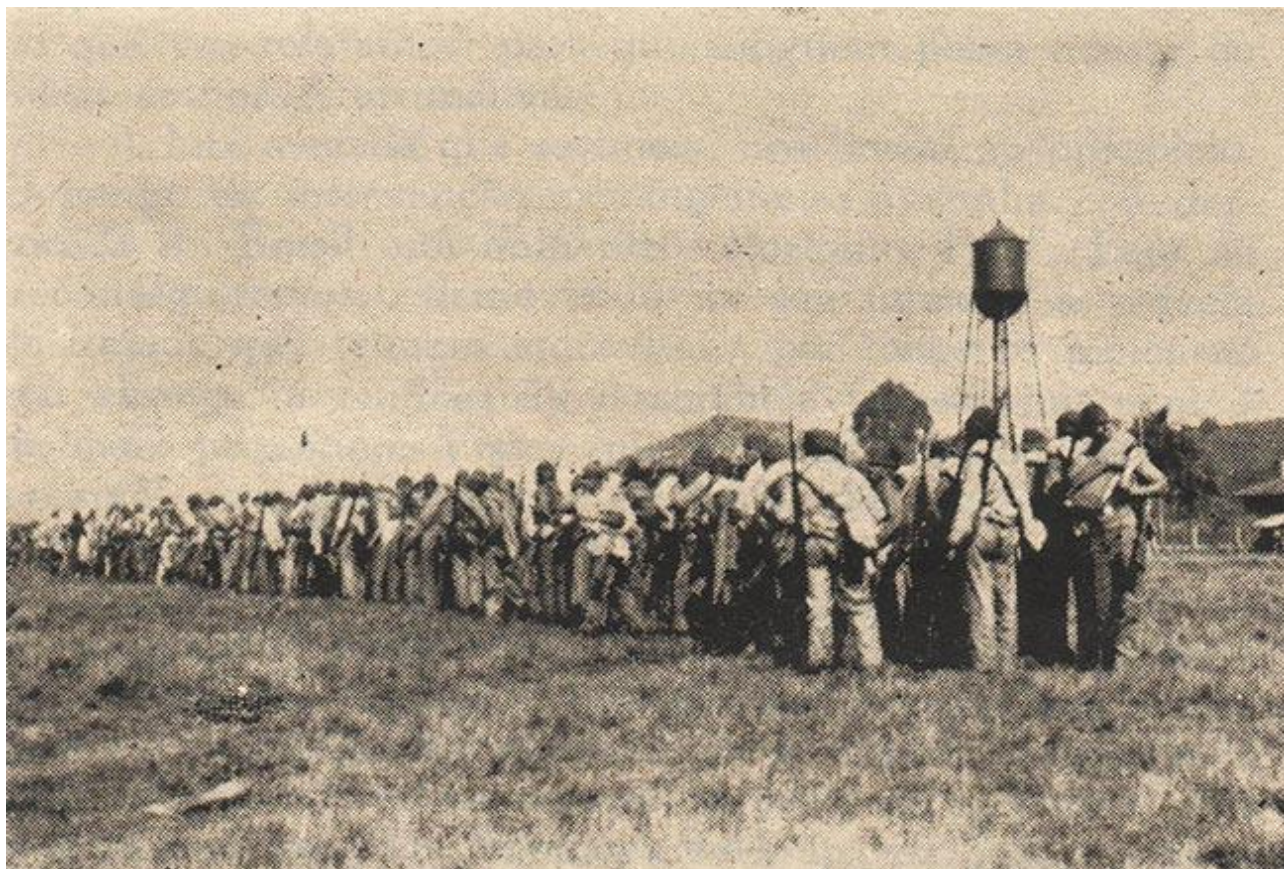
Para combater a primeira das moléstias enumeradas, fonte da angustiosa confusão de hoje é que unindo nossos conhecimentos, nos dirigimos ao povo, sintetizando nesta página a solução do caos hodierno. E aproveitando o duríssimo, o insuportável sacrifício exigido por um regime sem lei, nesta hora de desespero lancinante, em que irmãos te rebelam, que pedimos, escuteis nosso brado de pacificação. Unimo-nos para cantar bem alto pela PAZ pela LEI, pelo DIREITO.

Fomos nós, foi o povo que fez a revolução de 1930.

Fomos nós, foi o povo quem deu aos chefes outubrinos poderes para destruir a pútrida organização do regime passado. Somos nós, é o povo quem hoje quer a constituição, porque um país sem leis é, como já disse alguém uma religião sem deus um corpo sem alma. E inegável que nossos mandatários, nem sempre, usaram dos métodos que a moralidade a ciência da administração aconselhou. E se assim foi, falharam as exigências da expectativa popular. Portanto, dai-nos eleições que saberemos escolher nossos representantes. Não serão os decrépitos corrompidos da Primeira República, nem os ilusionistas de 1930 Sem constituição não há confiança, consome-se o crédito, periga a estabilidade, as atividades se suspendem. Sem constituição é nula ou ineficaz qualquer garantia jurídica, os capitais se retraem, desaparece a riqueza, o comercio se aniquila sem constituição não é possível PROGRESSO, CIVILIZAÇÃO um mito, DIREITO do mais forte, JUSTIÇA é uma farsa.

Não se diga que nossos cofres estão depauperados, que a situação financeira é insustentável, como motivo para o retardamento da reconstitucionalização, porque cada dia que passa com o regime da força é

uma pedra que se retira do edifício financeiro do País. Não se diga que o povo não está saturado dos ideais revolucionários para poder voltar aos quadros legais, porque foi a nação unanime quem fez a revolução: tanto os revolucionários espezinhados e insubmissos como o humilde caboclo perrepista que sustentava, através dos coronelões de roca, a camarilha ladra. Não se diga enfim, que o retorno ao regime constitucional trará para os postos administrativos os políticos antigos.



Força de voluntários constitucionalistas prestes a partir do Quartel de Quintaúna.

O povo é soberano, tem direito de escolher os representantes que lhe aprovar. Entretanto, se com a volta da magna carta, o povo repudiar os chefes da revolução de 30, não irá buscar no velho regime seus dirigentes, porque não é tão ignorante e pungem-lhe ainda, no dorso, vergastadas de uma política odiosa e intemperante. Procurara, estamos certos, entre os que nunca compartilharam das traições aos interesses da pátria. Felizmente, povo, estais vivendo a realidade do que vos relatamos, para que ninguém por acusar de falsas as nossas afirmativas.

A luta armada que se inicia, nos levará ao precipício.

O perigo da intervenção estrangeira se avizinha. A derrocada da Brasil está iminente. Portanto, Paz! Essa a conseguiremos demovendo de seu intento, a parcela de irmãos que teimam em evitar por todos os meios ao seu alcance a reunião da Assembleia Constituinte, em 3 de maio próximo. Vistes que sem constituição não será possível acompanharmos a evolução das

nações, e por isso, auxilia, POVO, aos acadêmicos do Paraná a evitar o derramamento do sangue que envolve em crepe o

nosso pavilhão. Povo altivo, fostes vós quem teve a chave da jornada de outubro e que abristes a porta aos caudilhos. Tendes, portanto, mérito para impedir que a terra paulista seja lavada no sangue do escol da mocidade acadêmica paulista, dos humildes soldados da força pública do Paraná e do exército nacional, para a satisfação de apetites inconfessáveis. Sede, pois, patriotas! Queremos evitar o esfacelamento do Brasil. Queremos conciliação.

Queremos a união da família brasileira. Ajudai-nos a pedir PAZ!

Curitiba, 20 de julho de 1932.

D.Osny Duarte Pereira; M. José Rocha; D. Iraci Queiroz; M. Sebastião Ribeiro do Amaral; M. Nilo Franco; D. Candido de Oliveira Machado; M. Idreno Cavallari; D.J.A. da Rocha Loures sobr.; M. Jaiyme Bertazo: E. J. Ribeiro Leite: M. Dario Vilela Bitencourt; E. S. E. Bertazo; M. Paschoal Lobocque; M. Simão Andrade Ribeiro; M. Mario de Campos; M. Orlando Melloni; D. Francisco Pimpão: M. Orlando Lobo; M. Tacito Meirelles; M. Milton S. Pereira; M. Ignacio Vasconcellos; M. Achilles Giova; M. Ruy de Souza Pacheco; E Antonio Mazza; M. Mario Aurelio Cidade; D. Joaquim Miró Jr.; M. Nilson Ribas; D.Sinval Leme; Cesar FeuerschueTenente; M. Dario Stolzenberg; E.D.P. Pinheiro; M. Rubens Vieira Borgea; M. Argos Amaral; M. Edgard Meira Vasconcelos; M. Nylton Fernandes Lima; M. Caetano V. da Costa; M. Lauro de Souza Melloni; M. Horacio Almeida; M.Helly Souza; M. Saverio Annunciato; M.Paulo Melloni; M. Zelindo Martini; D. Manuel Diderot de Souza Lima; M. José Campelli Filho; M. Linneu Beltrão; M. Antonio David Vicente; D. Manoel de Oliveira Franco Sobr.; M. Lauro ; M. Firmino Cordeiro; M. Nelson de Paula Eduardo; D. Edgard Linhares Filho; M.Paula Mayerle Junior; M. Abdon Nascimento; D. Narciso V. de Castro; D. Orlando Gradowsky; M. Silvio BiTenentencourt Linhares; M. Dermeval dos Santos Gomes; D. J. Vieira Neto; M. João Bartoloni; D. Israel Flakes; D. Hercules de M. Rocha; D. Adolfo de Oliveira Franco; D. Generoso Marques Neto; D. Oscar Virmond de Arruda.

Uma página de D. Martha Silva Gomes

Quando da deportação dos presos políticos, de. Marta Silva Gomes, expressão admirável da cultura feminina em nossa terra, escreve para o Correio do Paraná a brilhante página que se segue:

BRASILEIROS, EM CONTINÊNCIA!

Podemos, enfim, ufanar-nos de nossa raça.

País algum, em tempo algum, mandou jamais para além de suas fronteiras, embaixada de mais alta expressão cívica do que essa que o governo do sr. Getúlio Vargas acaba de enviar pelo "Pedro I". A Brasileiros, em contingência!

Singra hoje os mares, rumo a outras terras, um pugilo valoroso, irmanado pela mesma afinidade patriótica, nesta hora decisiva da nacionalidade.

Honra aos que vão levar ao estrangeiro a convicção de que brasileiro é o povo que escreveu nas páginas da história da Humanidade a epopeia imortal de abnegada bravura, na defesa da Lei e do Direito.

Honra aos que vão desfraldar lá fora a bandeira branca de idealismo puro, do sacrifício heroico, tinta embora do sangue dos que receberam a sonhar com a terra redimida e livre, reintegrada na soberania dos seus princípios de honra aos que partem levando n'alma a efígie da pátria e deixando em cada coração que aqui pulsa a lembrança da grandeza do seu valor e da do seu caráter.

Brasileiros, em continência!

E ISIDORO DIAS LOPES que passa!

Bastaria o seu nome de varão sem macula para sagrar a embaixada do brio, da dignidade, da bravura, do heroísmo de uma raça!

E ao lado de Isidoro desfila a plêiade dos que representam a legião dos soldados da Lei e do Direito, a alma e o cérebro de São Paulo.

GUILHERME DE ALMEIDA!

Embaixador dos poetas-soldados da terra bandeirante, disposto a escrever com o próprio sangue os poemas da glória e da imortalidade de um povo! Embaixador da mocidade ardente e valorosa saída do relicário das escolas para o fogo cruento das trincheiras.

FRANCISCO MORATO e WALDEMAR FERREIRA, embaixadores da veneranda e secular Faculdade de Direito de São Paulo, sacrário donde se tem irradiado o espírito jurídico que alicerça a organização política do maior Estado da Federação e onde o fogo sagrado do constitucionalismo continua sob a guarda de mestres da estatura de Reinaldo Porchat.

CARLOS DE SOUZA NAZARETH, delegado da indústria e do comércio de São Paulo, a encarnar a pujante capacidade, o espírito da iniciativa, empreendimento e tenacidade do seu povo, que transformou o Estado a potência econômica, propulsora do progresso na paz, dentro da ordem, prodigiosa geradora dos recursos de defesa na guerra.

JULIO DE MESQUITA FILHO e VIVALDO COARACI, embaixadores da Imprensa impávida da Paulicéia, aqueles que souberam demonstrar que a mesma mão que maneja a pena no embate das ideias, maneja também arma que há de defendê-las nos campos de batalha! Que a pena que analisa, critica, aconselha e constrói, na função quotidiana da imprensa de pensamento e altas finalidades sociais, pode transmutar-se, de súbito, no aríete demolidor das prepotências aviltantes!

E desfilam todos diante do nosso respeito e de nosso entusiasmo, para elevar bem alto, entre estranhas gentes, o nome do BRASIL!

4 de Novembro de 1932
MARTHA SILVA GOMES.

Depoimento do acadêmico de direito Osny Duarte Pereira

Osny Duarte Pereira, vendo a impossibilidade de um levante no Paraná, aventura-se a passar para São Paulo, a fim de combater com os constitucionistas.

Foi assim integrar, com Raul Vaz, a nossa Caravana Acadêmica Paranaense. De como conseguiu ele frustrar a vigilância da vida, vamos ver nas seguintes páginas de seu depoimento:

"Como é sabido de todos, Curitiba fervilhava. O povo ansioso esperava a todo o momento, a eclosão na cidade. Nos grupos que se formavam, aqui e ali, nadava o entusiasmo e florescia a esperança. Na Universidade o estado de espírito era o mesmo. Após a frustrada tentativa de lançar um manifesto, em que indiretamente nos colocávamos ao lado da causa constitucionista, e de provocarmos o levante, devido á densa rede de policiamento secreto, ficou resolvido entre os amigos do depoente que iríamos para São Paulo. Reuníamo-nos em lugares diferentes para combinar a partida. Afinal, determinou-se que um de nós iria na frente, sondar o ambiente e verificar a possibilidade do empreendimento. Pelas relações que possui o depoente em e em Paranaguá, a ele cabia essa missão.

Com um salvo conduto retirado por um amigo viajou o declarante para Paranaguá. Lá reuniu-se aos elementos constitucionistas locais. Declararam a impossibilidade de partir, dada a vigilância severíssima no porto. Instou o depoente, então, para seguir só, pois não poderia assumir tal responsabilidade pelos demais colegas. Conseguiu arranjar um canoeiro (Joaquim Fernandes da Cruz) que o transportasse ao Varadouro.

Dormiu no Rocio em casa de um comerciante e partiu às três horas da manhã do dia 6 de agosto. Após uma exaustiva viagem, remando ininterruptamente desde a saída do porto de Paranaguá, onde conseguiu iludir a guarda nos trapiches, chegou o depoente à casa do pescador José Mendonça, às 8 horas da noite.

Lá pernitoitou. Durante a noite borrasca tremenda se desencadeou, ameaçando levar pelos ares o casebre. Pela manhã recomeçou a viagem. Chegando à casa de José Martins, onde se instalara a guarda do Varadouro, tratou de pôr em pratica um estratagema, com o objetivo de atravessar. Foi o seguinte: O escrivão da polícia de Curitiba ao redigir o salvo conduto,

escreveu de tal maneira Paranaguá (lugar do destino do portador) que pude com relativa facilidade ser transformado em Ararapira. A imitação, entretanto, não era das mais perfeitas. Era mister evitar que o comandante da guarda se entregasse a um exame minucioso do passaporte. Para isso conseguir o depoente declarou-lhe o seguinte, esforçando-se por imprimir o maior respeito e a maior autoridade possível no seu porte:

Sr. Guarda! Eu venho como delegado militar do Governo Provisório, por parte do Dr. Chefe de Polícia do Estado. Minha missão é inspecionar a fronteira sudeste.

Trago as seguintes instruções para serem cumpridas á risca:

a) O Sr. não deixará absolutamente, quem quer que lá passar sem salvo conduto.

b) Todas as pessoas que passarem, para um ou outro lado, deverão ser anotados os seus nomes.

c) Organizará patrulhas de reconhecimento que deverão percorrer toda a região.

d) Do serviço resultante dessa patrulha fará ampla e minuciosa descrição em relatório dirigido ao Sr. Chefe de Polícia. Além disso, minha obrigação é prosseguir até onde encontrar forças paulistas, a fim de localizá-las. Dentro de dez dias, no máximo, deverei estar de volta. Trouxe, como vê, salvo conduto para Ararapira e mostrei-lhe nervoso, com o coração aos pulos meu documento. Mas retorquiu sensatamente o guarda o Sr. possui alguma prova de que realmente é o funcionário que afirma ser?

Encheu-se o depoente, mais ainda de falsa autoridade e coragem e continuou:

Ora! Isto não é pergunta que se faça O Sr. pode muito bem raciocinar que, sendo eu um funcionário da Ditadura que tem por missão ir ao encontro das forças de São Paulo, não pode absolutamente ser portador de um documento comprometedor como esse, a que se refere! Seria a ineficácia total da tarefa, desde que encontrasse o inimigo. De resto, em Curitiba, é tido como certo que Guaraqueçaba que encontra em poder dos constitucionalistas!

Daí a necessidade da remessa quinzenal desses relatórios que o Sr. irá redigir, para pôr o Chefe de Polícia ao corrente da real situação.

O guarda arrependeu-se da pergunta. Desmanchou-se em desculpas. Chamou um companheiro para me acompanhar, se eu quisesse, até ao outro lado do charco.

Agradei e perguntei, onde encontraria as mais avançadas patrulhas inimigas.

Em Cananéia, talvez!

Então, no reverso do salvo-conduto, o Sr. escreverá: Válido até Cananéia. Date e assine ordenou o depoente, quais cômico de que era realmente o imaginário delegado militar.

Enquanto isso, José Mendonça atravessava o banhado, para arranjar canoa da outra banda.

É aproximadamente, uma légua de pantanais. A chuva da noite anterior torna ainda mais difícil a travessia. As vezes os paus estendidos sobre ele afundavam ou o pé resvalava e a lama ameaça tragar o transeunte inteiramente.

Da outra margem do lodo. prossigamos em canoa, rumo a Cananéia.

Em Arari, primeira localidade paulista, alugamos uma vela de Urbano Cunha. Em Ararapira, na margem paranaense tomamos água para a viagem, da casa de Manoel Gomes Barbosa, o inspetor de quartirão.

Chegamos a Cananeia pelas seis horas da tarde. Depois de muita dificuldade em conseguir demonstrar que era efetivamente soldado constitucionalista, o prefeito Dr. Nino Cavagna me cerca de todo o conforto.

Dormimos em Cananéia e (ironia do destino) na cama, onde descansou Afonso Camargo, ao fugir do Paraná, em 1930.

Telegrafou ao Governador Pedro de Toledo, o depoente e ao General Klinger.

Na manhã seguinte, após relutância do feitor da firma Matarazzo, foi posta à disposição, a lancha Santa Maria, a fim de conduzir o depoente para Iguape. Encontramos um hidroplano Savoia-Marchetti abandonado e levamos a notícia de que apesar do destroier Mato Grosso haver encostado ao cargueiro Maria do Matarazzo, 1.200 sacos de açúcar eram desembarcados.

Em Iguape, o depoente foi carinhosamente recebido pelas autoridades locais e hospedado no Hotel São Paulo.

O prefeito Sr. Floramante Giglio, o delegado, Dr. Demétrio Barreto e o Sr. Augusto Carvalho, cercaram-no das maiores gentilezas.

Na madrugada do dia 9 de agosto, uma lancha, subindo o rio Ribeira o leva a Registro. Lá é cavalheirescamente tratado pela oficialidade. Recebido pelo Tenente Emidio, é conduzido à presença do Tenente Monteiro, comandante da praça, que por sua vez o apresenta ao Cel. Gonçalves Barbosa, comandante do setor.

Explica-lhe a possibilidade de ser enviado, pelo Varadouro, uma coluna que tomaria, sem resistência. Curitiba, dada a inexistência de tropas na Capital e o animo da população. Entusiasma-se s. s. pela ideia e levando o depoente diante da oficialidade reunida, mostra a necessidade da ida urgente de dois oficiais a Capital, conduzir a presença do General Klinger, o declarante.

Designados pelo Cel. Barbosa seguem com o depoente, o Dr. Vitor Luiz Pereira de Souza (tenente médico) e Carvalho e Silva, sobrinho do Coronel Comandante da Força Pública. Após uma viagem penosa, ora a pé, ora de automóvel, de caminhão, chegámos a Jequiá. Lá tomámos o trem, deixando o tenente Epaminondas que aproveitava nossa companhia.

O D. Flavio Dias, tenente médico, deram-me uma recomendação para seu tio o Dr. Pedro Dias, ex-diretor da Faculdade de Medicina. Muito solícito se mostrou em São Paulo.

No Quartel General. em São Paulo, fui recebido por um coronel que substitui na ocasião, o General Klinger.

Dei-lhe todas as informações.

Mandou, então, que o nosso colega Roberto Vitor Cordeiro, vice-presidente do Centro XI de Agosto me conduzisse ao hotel, onde se encontrava a Caravana Acadêmica.

Dois dias depois, somente, é que consegui me avistar com o General Klinger. Falámo-nos muito ligeiramente. Elogiou a atitude do depoente que se mostrava inteiramente confundido.

Foi encarregado de estudar o plano da coluna pelo Varadouro, o major Mancebo. Depois de dez dias, durante os quais estive em presença das autoridades civis, redações de jornais e rádios, o Major comunicou ao depoente que seria impossível. Incorporou-se então, o depoente ao Batalhão Santos Dumont, onde recebia instrução militar e prestara o serviço de policiamento militar da cidade. Era já granadeiro da 1º. Companhia.

Fez várias tentativas de se incorporar ao 9º. B. C. R. onde se encontravam os membros da caravana que prestavam serviços na linha de frente, mas foi sempre impossibilitado, pois era esperada a transferência dos colegas, para outra frente de combate e no Q. G. o tenente Aramis negou vários pedidos que, nesse sentido, o depoente fizera.

Finalmente estava assentado que iria na companhia dos rapazes, acadêmicos do Paraná, que voltaram, em licença, do seu setor. Nesse interim, deu-se o epílogo da vergonhosa traição."

Mensagem das forças constitucionalistas da Universidade do Paraná à Federação Universitária de São Paulo

O acadêmico Osny Duarte Pereira foi portador da seguinte mensagem aos universitários paulistas:

"ACADEMICOS PAULISTAS!

Há corridos muitos dias desde que ouvimos o vosso apelo e o de nossos representantes junto a São Paulo, pedindo-nos auxílio nessa cruzada de transição de um período de história, apagado de brios, de energias e de cultura para uma nova era de moralidade, de vitalização e de progresso. Também muitos meses antes que houvesse empreendido. materialmente, a tarefa de impor a civilização política no Brasil, a Faculdade de Direito do Paraná, em memorável assembleia constitucionalista, tomara o compromisso solene de pegar em armas, se necessário fosse, para implantar a lei, no

país. Coerentes com tal promessa nossa caravana, sem vacilar, imediatamente, formou convosco no batalhão da Magna Carta. Não trepidamos também, aqui, nas margens do Iguaçu, em vos hipotecar irrestrita e real solidariedade.

Entretanto, separa-nos do povo constitucionalista, inteiro e até a alma, amordaçado pela tirania mais rude que a história pátria terá registrado, num deserto de cérebros a se erguer contra o despotismo, e uma muralha de violências a cercar nosso desejo de pegar em armas, a fim de levar-vos nosso pequeno, obscuro, mais sincero e leal apoio.

Cerceada nossa mais expressiva e eficiente demonstração da vontade de vos ajudar, apelou a Universidade inteira na sua grande maioria, apelou para uma prova intelectual.

Redigimos manifestos. Todos os meios de divulgá-los fomo-nos, contudo, subtraídos e presos nossos dirigentes.

Por último havíamos preparado um pelotão que iria mostrar serem os acadêmicos, arautos das aspirações populares, partidários vossos, até a derradeira fibra. Nesse contingente, vigiado em todos os passos, foi designado o portador da presente mensagem Osny Duarte Pereira, para abrir caminho até alcançar nosso território, onde pôde ser respirada, a plenos pulmões a liberdade que nunca haurimos.

A Liberdade de um regime constitucionalista e honesto. Oxalá o consiga!

Acadêmicos Paulistas dissei aos soldados do nosso ideal ser dispensável combater as praças de pret humildes e subjugadas, sob a capa da disciplina para defender os discricionarismo. Essa ditadura formada por um grupo reduzido que, como mandatário do povo, subiu as escadas do Catete, pisando o chão encharcado em sangue fraterno, a fim de aniquilar os energúmenos que nos acoitavam, mas que os expulsou da cela, para eles mesmo cavalgar usando dos mesmos chicotes.

Informei lhes mais que o povo de Iguaçu, com o do resto do Brasil já vos considera vencedores. Apenas, para a consolidação, é necessário que alcanceis o amago de nossa terra e aqui griteis bem alto: Viva a Constituição! Para que, paranaenses e catarinenses, rompendo as algemas da ditadura, vos coroem com os loiros mais verdes e recebam os governos dos Estados que talvez só o tenham possuído, quando esse não existia.

As Interventorias federais de Iguaçu e seus auxiliares, escudadas numa legião de mercenários para sustentar as, estão completamente divorciadas do povo. Este exausto e entorpecido, dá a impressão de calma pesada a anunciar borrasca tremenda.

Ele não foi consultado no levante pelas armas. Agora aqui estamos acostumados a cumprir o que prometera, espontaneamente, deseja contrair esse compromisso.

Não confundam representantes sem mandato acostumados a ludibriar, com esta briosa e altiva massa popular do sul.

Paranaenses e Barrigas-verdes vos darão o conforto de seu auxílio, porque o povo dá aos universitários idealistas, desassombrados e desprendidos de interesse o lugar de timoneiros da opinião pública. E nós queremos a constituição porque o Povo a quer, o Direito a reclamar, a civilização a exige.

Estai, pois colegas de São Paulo tranquilos que o Paraná e Santa Catarina estão convosco e que, dentro de pouquíssimos dias, raiará entre as araucárias, searas e ervas, a aurora engalanada da redenção do povo, determinando seus próprios destinos. Estamos no século XX. Queremos acompanhar seu progresso. Não suportamos ditadura. Somos, por índole liberais. Qualquer opressão será repelida. Universitários bandeirantes estai firmes nos postos!

Nós, acadêmicos do Paraná estaremos convosco, de armas na mão e de pé para a implantação da lei quando soar o clarim, exigindo o sacrifício das nossas vidas, unamo-nos pelo Brasil, pela unidade da querida Pátria tão dilacerada pela ingratidão de seus filhos.

Demos Lei, Justiça, Ordem, Moral, Conforto, Cultura a este Povo tantas vezes enganado!

Curitiba, 1º. de agosto de 1932
Comité Constitucionalista Universitário
Centro universitário Nove de Julho.

TOMO III

A Ação do 9º. B. C. R.

No quartel de Quitaúna

Na segunda feira, 1º. de agosto, dirigimo-nos Ney Leprevost, Paulo Medeiros e eu ao Quartel de Quitaúna, que dista bem alguns quilômetros da Capital.

Lá, nos incorporamos as forças constitucionalistas. Na mesma ocasião nos pagaram⁴⁰ todo o fardamento que levamos para o hotel. E assim, desde o dia 2, íamos diariamente ao quartel de Quitaúna receber instrução. A tarde voltávamos para a capital.

A princípio fizemos exercícios com as tais bombardas. Depois só nos adentramos em exercícios de infantaria.

Íamos, todavia, travando amizade com os voluntários que se apresentaram a Quitaúna e que depois seguiram conosco no mesmo batalhão. Aqui alguns nomes: drs. Dimas de Oliveira Cesar⁴¹, Alberto da Rocha Barros (filho do Dr. Elias, que tínhamos conhecido em Jaboticabal). Adhemar Paim Pinto e Heitor Bastos Cordeiro, todos advogados: prof. Marcilio Mendes, prof. Salvador Assumpção, meu antigo conhecido de Itapetininga. Victor Bambini, Victorio Navarro, José Luiz de Almeida Nogueira Chaves, José Cassio de Toledo, Dr. Camargo, (engenheiro) e outros mais.

Essa a nossa "rodinha" nas horas vagas.

Afinal a ansiedade de muitos foi compensada. No sábado 6 de agosto, todos os reservistas entraram em forma para a organização de um batalhão que devia partir.

O tenente Adaucto de Mello, comandante do Quartel contou os primeiros 144 homens e mandou dar dez passos em frente. Era a primeira companhia na qual figuram eu e Ney e Paulo Medeiros.

Depois contou outros 144 homens. Era a 2º. companhia.

Dezenas de outros que ficaram não se conformaram com isso e em altos brados exigiam também a sua inclusão no Batalhão que partia, porque, diziam, estavam apodrecendo no Quartel e não tinham vindo ali para somente fazer exercícios; o que queriam era seguir para o front o mais depressa possível.

⁴⁰ Termo de quartel, -pagar- por dar.

O dr. Dimas ia seguir conosco, mas bastante doente. Não quis, todavia, abandonar os companheiros. Fui então forçado a denunciá-lo ao Comando. Submetido a exame, foi excluído.

Afinal alguns dos mais exaltados foram satisfeitos, foram incorporados ao batalhão recém-formado que é o 9°. B.C.R.

9°. Batalhão de Caçadores da Reserva

O Comando Geral ficou entregue ao Major Antônio Sales Accioly, da Força Pública de Mato Grosso.

A 1° Cia. ao Capitão Hermínio da Cunha Cesar, da Força Pública do Paraná, e que de forma brilhante aderira à causa paulista.

A 2° Cia. ficou entregue ao Capitão Joaquim Vieira de Miranda, Capitão reformado da polícia marítima. A seção de Metralhadoras Leves, formada de ex-combatentes da Grande Guerra, era comandante pelo tenente Victorio Tarrasca.

Devíamos partir no mesmo sábado, dia 6 de agosto, tanto que tínhamos todos nessa mesma data passado para a composição que nos devia levar.

Por falta de munição, tivemos que pernoitar no Quartel.

Às 22 horas, gentis senhoritas vindas da Capital, fizeram larga distribuição de "lanches-expressos" e nos desejavam felicidades a jornada gloriosa que íamos empreender.

No domingo, às 8 horas, houve missa campal celebrada pelo revmo. pe. Simão da Madre de Deus, que proferiu vibrante exortação aos soldados que partiram.

A PARTIDA

A noitinha, com a presença de inúmeras famílias dos combatentes a composição partia do desvio de Quitaúna em demanda do Sul.

Não sabíamos qual o rumo a seguir. A princípio diziam-nos que íamos guarnecer Iguape, mas quando o trem seguiu pela Sorocabana fomos despistados.

Depois os "peixes"⁴² corriam: o nosso destino era Bom Sucesso onde teríamos que desalojar um batalho de fato inimigo. Esse boato tinha seu viso de veracidade. Porque ao chegarmos em Itapetininga os nossos comandantes foram ao Quartel General do Setor do Sul, tendo recebido ordens do Cel. Taborda. E o nosso destino era mesmo Bom Sucesso.

Em Itapetininga almoçamos, já no dia 8 de agosto, nessa cidade residira eu, três anos e por isso foi com prazer que tornei a ver velhas amizades.

Em Aracassú, estava instalado o comando do subsetor do Sul, frente a Buri, debaixo das ordens do Cel. Kinglhoeffer. Aí o comando do 9°. B. C. R.

⁴² Peixe, no sentido de boato.

recebeu novas instruções. Não mais iríamos a Bom Sucesso, porque para aquela localidade seguira uma companhia do 7º. B.C.R.⁴³

Assim o nosso destino era a frente de Buri.

De Aracaju até Victorino Carmillo passei para o tender da máquina, com o sargento José C. Nacif, sargenteante da 2º Cia. e mais voluntários, a fim de formarmos a patrulha da vanguarda. O trem avançava lentamente e de farol apagado, o que muito dificultava a marcha.

O receio era fundado, porque as forças inimigas podiam perfeitamente localizar o trem, se de farol aceso, e bombardeá-lo. Assim chegamos a Victorino Carmillo sem mais novidades. Pernoitamos ainda no trem, da mesma forma que o tínhamos feito na noite anterior.

Pela manhã, de 9 de agosto, terça-feira, acampamos nas imediações da estação, tendo o nosso comando instalado o seu P. C. (Posto de Comando) numa das casinhas 150 metros aquém da estação e o Posto de Saúde, numa outra paralela ao P.C., mas a 100 metros de distância deste.

Toda a tropa recebeu munição e como já disse num dos capítulos anteriores, cada soldado somente recebeu 3 tiros!

E com eles teoria de entrar em muitos combates.

A tropa almoçou e jantou onde estivera acampada somente ao descer da noite é que se encaminhou para as trincheiras que distavam 2 quilômetros da estação, em linha reta. Entraram os nossos nas trincheiras resguardados pela noite, porque se assim não fora teriam sido recebidos "cortesmente" pelos adversários. O 9º B. C. R. substituíra, pois, duas companhias da Força Pública, que se retirava para o descanso de alguns dias.

Fiquei no P. C. porque tinha sido escolhido pelo Capitão Hermínio como sua ordenança.

Com os elementos do P. C. fizemos ronda até a manhã seguinte, tendo somente dormindo, no estrado da cama, três horas. Para os comandantes havia camas de campanha.

O pessoal do P. C. foi-se arrumando de qualquer forma. Alberto Carlos da Gama Camargo, Lourenço Giamusso, Antonio Calderaro de Almeida, Carlos Flud, Carlos

Kehdy e outros fizeram um rancho de "barba de bode" e constituíram a sua real morada. Não preciso dizer que o pessoal "engolia" vento de todo o lado.

Só no terceiro dia (porque no segundo dormi em cima de caixas de gasolina, e que bom sono!) é que alguns amiguinhos arranjaram para o seu doutor⁴⁴ um lugar num rancho abaixo do P. C. Dei-me por contente porque conseguiu barba de bode que me serviu de colchão, se bem que muito espinhento, além de dezenas de seteiras por onde passava um vento frio, o nosso tormento dessas noites frias.

⁴³ Formado por elementos de Santos.

⁴⁴ Era eu tratado de -Dr- pelos companheiros.

Na quarta-feira pela manhã acompanhei os distribuidores de café até as trincheiras para conhecer a posição dos nossos e para ver os amigos meus, entre eles os colegas Ney e Paulo que tinham também ido para as trincheiras.

O trem que nos conduzia parou antes da linha de frente uns 50 metros, e nós, depois, com muita precaução para ali nos dirigimos.

Cumprimentei o tenente Lucio, da Força Pública de Mato Grosso, que agora estava comandando a 1º Cia. Tendo o Capitão Herminio ficado como subcomandante do batalhão.

A nossa 1º. Cia. estava localizada à esquerda da linha férrea e a 2º. Cia. à direita. Ambas numa colina, frente a Buri, cidade que se avistava a olhos nus, porque dessa cidade as nossas trincheiras estavam a menos de dois quilômetros.

As trincheiras eram individuais e algumas comportavam dois e três soldados. De uma a outra distavam três a 4 metros.

Os distribuidores de café e almoço fazem esse serviço completamente descobertos e podiam ser alvejados pelo inimigo, mormente tendo-se em vista que os caldeirões eram enormes e reluziam sob os raios solares. Diversas vezes, por falta de distribuidores, auxiliei a distribuição da "chépa"⁴⁵

A tarde com o Capitão Herminio visitei o local da 2º. Cia. De ambos os lugares se tinha a perspectiva de uma linda paisagem e verdadeiramente foram os lugares mais aprazíveis que tivemos no Sul.

Plano de combate

O comando do nosso batalhão ficou sendo uma parte de comando do subsetor. E assim as ordens que vinham do Cel. Kinglhoeffer eram transmitidas pelo nosso comando.

No dia 10, quarta-feira, às 22 horas, o nosso comandante Major Accioly recebeu ordens que era preciso ser transmitidas e distribuídas.

Assim fechados, o Major Accioly e o capitão Herminio num dos compartimentos do P. C. elaboraram as ordens a transmitir. Estive presente a este trabalho tendo auxiliado os meus comandantes.

A ordem de combate para o dia seguinte era a que segue:

Às 5 horas de 11 de agosto, quinta-feira, os batalhões que guarneciam os flancos esquerdo e direito deviam comprimir o inimigo em direção de Buri, E os batalhões que guarneciam o centro quando ouvissem a fuzilaria partida de qualquer dos flancos deve avançar em direção à ponte de Buri, em lances curtos.

Assim contava o comando do Setor Sul se aporar de Buri fazendo retroceder o inimigo.

⁴⁵ Chépa significava bóia.

O tenente João Franciscato, então 1º sargento, foi carregando de distribuir as ordens escritas para as diversas unidades que operavam na frente de Buri.

O número de combatentes em toda frente, numa linha de extensão de 14 quilômetros era de 946 homens!

Quer isto dizer que antes da chegada do 9º. B. C. R que levara cerca de 300 homens o número de combatentes nessa frente não ultrapassava a casa dos 600.

E foi esse número que sustentou um mês o inimigo dentro de Buri, tendo-o antes feito afastar de Victorino Carmilo. 600 homens a princípio, 946 homens depois, os que enfrentaram milhares de ditatoriais.

VIM-ME ENTREGAR PRESO

Pela manhã, 9 horas, fomos surpreendidos com a notícia de que a nossa 2º. Cia. não estava nas trincheiras e que estas estavam completamente desguarnecidas numa extensão de mais de um quilômetro.

O Capitão Herminio, de automóvel, segue para ver o que tinha acontecido. Segui com ele.

Encontramos os combatentes atrás das trincheiras completamente desnorteados, sem o seu comandante. O Capitão Herminio reuniu os soldados e o fez entrar nas trincheiras, entregando o comando ao sargento Nacif.

Assim voltamos para o P. C. e aí encontramos o Capitão Miranda, da 2. Cia. que disse ao Capitão Herminio.

"Vim-me entregar preso."

Riu-se o Capitão Herminio e disse-lhe que ficasse descansado e que voltasse assumir o comando da Cia. que esta já estava nas trincheiras.

"Você me salvou," respondeu-lhe o Capitão Miranda. Então o Capitão Miranda descreveu o que tinha sucedido. Interpretando mal a ordem, julgou que a sua Cia. Era que devia avançar sobre Buri, em direção à ponte, às 5 horas da manhã. E assim nessa hora fez todos os seus homens se locomoverem em pequenos lances chegando mesmo até bem perto do rio que banha a cidade, tendo visto até uma lancha, amarrada ponte. A serração da manhã permitiu esse avanço sem ser a companhia, avistada pelo inimigo.

Quando este pressentiu a aproximação de inimigos, sem, todavia, vê-los, nem calcular o seu número metralhou-os. Os nossos retrocederam, porque só então viram o erro em que tinham incorrido, não tendo ouvido a fuzilaria dos Flancos.

Esse erro podia ter custado muito caro, porque se o inimigo pressentisse o que havia, teria entrado perfeitamente pelas trincheiras da 2º companhia, completamente desguarnecidas e assim envolveria todos os corpos que estacionavam ali, ficando com a passagem completamente livre para São Paulo, porque não tínhamos apoio em segunda linha e tão pouco as cidades

que mediavam até São Paulo tinham forças para impedir o avanço das tropas ditatoriais, estava, pois, conjurado o perigo.

Por que não se realizou o plano tão bem delineado?

As tropas do Major Arlindo executaram o plano e deram dois dias de combate ao inimigo, tendo voltado para as suas trincheiras primitivas.

Assim também o esquadrão do tenente Feijó, comandante da Cavalaria de Rio Pardo.

Batismo de Fogo do 9º. B. C. R.

Na quinta-feira, dia 11 de agosto, tinha eu ido às trincheiras auxiliar a distribuição da "bóia." Antes, pela manhã, os nossos aviões tinham ido bombardear as posições inimigas. Já contávamos, pois, com uma represália, nosso trem avançou demasiado, ficando rente à linha de nossas trincheiras.

Eu tinha descido e ia à procura do Dr. Paim Pinto, em sua trincheira, enquanto os companheiros descem os caldeirões.

Os inimigos avistando o trem julgaram que fosse blindado e assim mandaram-lhe de presente quatro balaços de canhão: dois nos flancos e dois bem na frente. Felizmente, nenhum deles alcançou o objetivo. O maquinista dando marcha-ré colocou o trem de modo que não fosse molestado pelo bombardeio inimigo.

Estava eu, a procura do Paim. Passando por trincheiras vi emergindo as botas do Dr. Dimas de Oliveira Cesar. Apreendi logo que ali devia estar Paim, porque Dimas lhe havia dado as suas botas.

"Paim Pinto!" exclamei.

"Pronto", retrucou e logo vi a sua fisionomia simpática. Nesse interim começou o bombardeio.

"Deita-te logo" - disse-me o Paim.

E eu mais do que depressa me enfiei pela trincheira adentro, apertando o Paim de encontro aos bordos, porque ela não comportava dois. Mas, diante de um apuro era forçoso nos comportasse.

"Abra a boca e conserve-a aberta" aconselha-me Paim.

Por quê? respondi-lhe eu.

"É porque assim com a explosão das balas os tímpanos não rebentam com a correspondência de saída do ar pela boca"

Desta forma aprendi que era preciso toda a vez de bombardeio conservar a boca aberta.

As granadas passavam assobiando por cima de nós e iam explodir justamente próximas ao nosso P. C.

O inimigo bombardeava a estação de Victorino Carmillo.

Soube depois que os que lá estavam passaram um mal bocado.

Cessado em parte o fogo, a distribuição da comida continuou e eu deixei a trincheira do Paim para procurar a do Ney e do Paulo. Nessa estava também o Dr. Alberto Rocha Barros e os três a tinham por "menage." Mal

acabara eu de chegar ali e o bombardeio recomeçou. Mediatamente deitei-me na trincheira, ficando com parte do corpo dentro, incomodando o Rocha Barros, e parte para fora.

Passando ali um voluntario, desatou a rir-se. Mas ele me apontou para as minhas pernas, que se achavam fora. Gostei do riso, mas escondi as pernas, porque as granadas não respeitavam caras, nem Karam.

Cessado o fogo, com João Rocha, que depois se tornou muito amigo meu, fizemos toda a caminhada a pé para o P. C. levando um caldeirão vazio.

Depois do bombardeio começou a fuzilaria.

Do que ela foi dirá uma crônica de campanha enviada à Gazeta, de São Paulo, que a publicou assim:

Crônica de Campanha

“De Elias Karam, um dos moços componentes da Caravana Acadêmica Paranaense, a estas horas no campo da luta incorporados ao 9º B.C.R. em operações no setor Sul, recebemos esta interessante crônica de campanha”:

A BELEZA DA CAMPANHA

“Desde que o Estado "líder" da Federação se levantou em armas para reintegrar o país dentro da lei, estamos presenciando espetáculos verdadeiramente empolgantes.

A mobilização geral e voluntaria que se operou não encontrou igual em nenhum outro país, nem mesmo em guerra com o estrangeiro.

Todas as classes sociais deram o seu contingente.

Aqui, por exemplo, no 9º. B. C. R., nós vemos formados indistintamente como simples soldados, engenheiros, advogados, universitários, funcionários, operários, artífices e outros tantos representantes de classes num conglomerado sublime, vivendo das mesmas eventualidades de campanha, no estreito convívio em que o espírito de solidariedade impera.

E a beleza reside justamente em vermos pessoas da melhor representação sujeitar-se não só a disciplina, como à autoridade muitas vezes do seu cabo de esquadra.

Na verdade, tudo isso forma um conjunto de circunstâncias que somente a causa santa, que a todos animais, pode realizar.

MAU ARTILHEIRO!

O nosso mestre de cozinha e o rechonchudo cabo Raymundo, um preto muito bom que nos proporciona um acepipe ótimo, relativamente ao fato de estarmos em campanha.

Quando o cabo Raymundo vê um avião, vai dizendo: "Lá vai aquela galinha botar um dos ovos pra riba dos inimigos."

Pois bem, uma dessas "galinhas" botou oito ovos que causaram pânico nos nossos vizinhos contrários. Em represaria, os defensores injustificados da ditadura bombardearam as nossas posições.

Deitados, por precaução, ouvíamos as balas assobiarem por cima de nós e explodirem muito além.

Os nossos camaradas chasquearam, dizendo à medida que explodia uma: "mau artilheiro."

O TREM BLINDADO

O trem blindado causa pânico ao inimigo. Aliás, isso era natural, dado as grandes baixas que ele lhes causou em sua estreia.

Nenhum trem pode-se aproximar de suas posições que não seja bombardeado, na presunção de que seja o fantasma blindado.

Ha dois dias fomos levar o almoço até as nossas trincheiras. Ousadamente o maquinista conduziu a máquina até as linhas de frente, mesmo ao lado de nossas posições e bastante visível aos inimigos.

Mal tínhamos retirado os cavaleiros da gondola e quatro balas de canhão explodiram nos flancos e na frente da máquina, sem ter, felizmente, nenhuma outra consequência, a não ser o susto natural do que não se previa.

O 9º B.C.R. RECEBE O SEU BATISMO DE FOGO

O nosso 9. B. C. R. ficou localizado na 1. linha de frente, a mais próxima do inimigo.

Na noite de quinta-feira última, o inimigo ensaiou avanço sobre as nossas trincheiras, atacando justamente os flancos defendidos pelas nossas 1. e 2. Cias.

Os nossos bravos rapazes portaram-se com calma e maior bravura.

Por espaço de duas horas de intenso fogo bateram-se os nossos. Afinal, ante a impetuosidade do nosso tiroteio o inimigo rechaçado volta a sua primitiva posição. O nosso comandante do 9º. B. C. R., foi um técnico militar que se revelou. Os comandantes da 2 e da 1 Cias. Durante todo o combate animaram e dirigiram pessoalmente o combate.

Cabe também uma referência ao sargento ajudante. dá 1º Cia. Ney Leprevost, da Caravana Acadêmica Paranaense, que no decorrer da luta mostrou-se de uma bravura inexcédível expondo-se às balas inimigas para transmitir as ordens do seu comandante.

O subcomandante do batalhão, audaciosamente estabeleceu pessoalmente a ligação entre a 1º e 2º Cias. debaixo de metralha.

Quer isto dizer que ao lado de chefes tão compenetrados dos seus deveres e que batalham com os seus na linha de fogo, os bravos soldados têm toda a confiança e lutam com entusiasmo e denodo.

Auspiciosa, pois, a estreia do 9º B. C. R.

Todos confiam na vitória breve da causa constitucionalista.

E de fato ela virá, porquanto é a mesma energia que anima os bandeirantes de hoje.

E dentro do "Non ducor duco" São Paulo entoará o hino intangível de brasilidade, de que é a mais alta expressão.

O POSTO DE SAÚDE

O chefe do Posto de Saúde, do 9º. B. C. R. era o Dr. Adhemar Godoy, dedicado ao extremo, tanto que tendo-se, um mês depois, submetido a um exame, este não lhe foi favorável e acusou infecção nos pulmões. Pois nem assim o bravo médico constitucionalista quis abandonar seu batalhão e foi necessário que o viesse buscar um irmão e depois de muita insistência de todos é que seguiu para São Paulo. Isto já nos fins da luta.

Teve como companheiro o Dr. Plinio Alberes da cidade de Leme. Este médico tinha-se incorporado em Quitaúna como soldado raso e só permitiu que o incluíssem num posto de saúde quando tal exigiram pela necessidade que tinham de médicos. Por aí podemos avaliar os bons serviços que ele prestou.

Como dentistas no Polo estavam os srs. Geraldo de Macedo Costa, a bondade personificada e Clovis Silva Araújo, homem fatalista que sempre era encontrado com a mesma fisionomia, nunca tendo sentido sequer a impressão com o bombardeio dos aviões.

Como farmacêutico e chefe dos enfermeiros seguira Getúlio Guimarães que era, além de farmacêutico acadêmico de Direito. Getúlio era de Jaboticabal e eu já o conhecia, quando da visita da Caravana Acadêmica Paranaense àquela cidade.

Outros bons elementos formavam parte integrante do nosso Posto de Saúde.

Devo citar nesta página o nome do Dr. Gandra, chefe médico dos Postos das linhas de frente e que sempre era solícito em atender a tudo e a todos.

O nosso Posto era o mais divertido de todos. Não faltou durante todo o tempo, um violão que muito nos divertia e até um joguinho" de cartas, nas horas de lazer, para quebrar a monotonia dos dias em que não havia combate ou serviço

Das noites de serão dou um ligeiro relato na crônica publicada na GAZETA e que era a seguinte:

UMA NOITE NAS TRINCHEIRAS

"O desanimo jamais medrará em nossas fileiras. Quanto mais se passam os dias mais acentuado é o entusiasmo da tropa.

A ânsia dos soldados do 9º. B. C. R. foi ontem satisfeita: pernoitaram nas trincheiras.

Hoje percorremos uma longa parte das linhas, na distribuição do café e notamos o moral levantamento nossos soldados. Dos adversários só pudemos deduzir ausência completa de entusiasmo. Em mais de uma hora da distribuição, agindo completamente a descoberto, não fomos sequer molestados. Parecia-nos não termos inimigos vista. Aliás, há 4 dias que não nos hostilizam.

Não tem faltado aos nossos o bom humor e a alegria que caracterizam a nobreza da causa em que estamos empenhados.

Ontem, no fazemos uma ronda, ouvimos à distância os acordes de um violão. Aproximamo-nos e tive o prazer de ver agrupados uma dezena de soldados, dos postos de saúde, em torno de um exímio tocador de violão, não tendo faltado cantores. As nossas canções típicas ecoaram pela voz dos improvisados cantores, noite adentro.

E a ronda continuou na sua vigília, tendo aos ouvidos a suavidade das nossas canções, que naquela noite estavam preconizando os hinos da vitória final para completa felicidade do Brasil uno, indizível e forte.

ELIAS KARAM

(Da Caravana Acadêmica Paranaense, incorporado com os seus colegas no 9º. B. C. R. em operações no setor Sul)."

O combate dos dias 15 e 16 de agosto de 1932

Manhã de 15 de agosto. Dia consagrado excelsa Senhora da Glória. O meu coração de católico e de filho de Maria, nesta manhã, ergueu-se até os céus numa fervorosa prece pelo nosso Brasil, que mais do que nunca necessitava de paz, mas paz dentro da ordem legal.

E foi com essa disposição que iniciei os trabalhos daquele dia.

O Capitão Herminio tinha-me convidado para ir às trincheiras com ele, a serviço e mesmo em visita aos companheiros de luta.

Antes, porém, que terminasse o convite já os canhões adversários anunciavam o início do maior combate havido em terras sul-americanas.

O nosso P. C. foi atingido pelas granadas. Mais de 200 delas explodiram num raio de 1.000 metros. Isto só as atiradas na direção da Estação de Victorino Carmillo.

Vivíamos quase que deitados nesses dois dias, porque de momento a momento rugiam os canhões e as granadas vinham cair ao redor de nós.

Nas trincheiras, então, era o caso sério demais. Um fogo de barragem preparava o ataque geral. O canhoneiro era dirigido a alça zero direto às trincheiras nossas. Os bravos soldados constitucionalistas ficavam às vezes submergidos na terra caída das trincheiras ao golpe das granadas que explodiram mesmo no bordo delas. Por uma sorte única nenhuma granada, das 2.000 lançadas nesses dois dias, explodiu dentro de trincheira. A que caiu dentro de uma trincheira de 5 voluntários não explodiu. Foi desenterrada e levada ao comando.

A fuzilaria com grande intensidade não poupou nossos. No dia 15 de agosto, o combate foi até as 19 horas, sem interrupção. Os nossos sustentaram galhardamente o fogo e só respondiam quando inimigo estava visível.

Só depois dessa hora é que se pode mandar "lanches" para as trincheiras. Os bravos constitucionalistas só tiveram essa pequena refeição durante os dois dias, porque no dia seguinte não se pode romper a distância que ia de nosso P. C. às trincheiras, pois seria fulminado pelo canhoneio e fuzilaria todo aquele que se aventurasse a tal.

No dia seguinte, 16 de agosto, cedo começou o canhoneio e fuzilaria. O inimigo queria avançar. De como conseguiu isso veremos adiante.

Pela manhã, chegou de São Paulo "9 de julho" que foi para as trincheiras, a esquerda da nossa 1ª Cia. e da Legião Negra. Logo que desembarcaram na estação foram recebidos pelo inimigo que lhes mandou cartões de visita, em quatro granadas que explodiram nos flancos do batalhão, sem, todavia, melindrar nenhum combatente.

Nos dias 15 e 16 de agosto recebemos a visita dos aviões ditatoriais, que lançaram dezenas de bombas sobre as composições que estavam em Vitorino Carmillo. A 30 e 40 metros de nós explodiram as granadas. O pessoal do P. C. deitado por precaução atirava de fuzil nos aviões. Era impraticável isso e somente as peças antiaéreas é que teriam conseguido algum resultado.

Passamos, não resta dúvida, um mal bocado com essas visitas aéreas.

Os do "9 de julho" não sabiam que a munição era escassa e que só se devia atirar avistando o inimigo, tendo-o debaixo de sua mira e com probabilidade de êxito no tiro e assim respondiam com calor ao fogo do inimigo. Quando chegou aí pelas 19 horas, ficaram os seus componentes sem munição e tiveram que recuar, sendo as suas trincheiras ocupadas pelo inimigo.

Tomava-se inútil qualquer resistência e, pois, toda a Kinglhoeffer.

Quando recebemos uma ordem no P. C. ficamos chocados, porque o nosso batalhão estava sustentando admiravelmente o fogo e por ali o inimigo não entraria.

De fato, tivéssemos-nos mantido mais uma hora nas trincheiras, e o inimigo teria até recuado, conforme soubemos posteriormente.

Os tiros chegavam a atingir a casa do nosso P. C.

Diante disso começamos a retirar os mantimentos que ainda ali estavam. Carreguei também alguma coisa. Em caminho, o jovem Atugasmin Medici Filho auxiliou me porque, além de cansado, estava um tanto sobrecarregado.

O voluntário Atugasmin, acadêmico de Direito da Faculdade de São Paulo, com um seu mano, o jovem Fernando Penteado Médici, faziam parte do trem blindado. Fiquei-lhe grato por essa prova de solidariedade.

O Rocha Barros tinha deixado comigo o seu bernal cheio de roupas, porque dizia: "em caso de precisar avançar ou recuar, para mim é penoso fazer com o bernal assim pesado, e para você é mais fácil."

Foi justamente o contrário. Tendo restado ainda um cunhete de munição, o Capitão Herminio e eu o levamos para o vagão que estava distante mais de um quilometro, e assim não pude levar comigo o meu bernal e tão pouco o do Rocha Barros. A tudo era preferível carregar a munição. Os adversários devem ter ficado contentes com as nossas roupas.

As nossas tropas vinham recuando. Aflito estava eu pela sorte dos meus companheiros do 9º. B.C.R, especialmente do Ney e Paulo, meus colegas da Caravana.

Quando ia a caminho do vagão, deparei-me com eles que vinham de regresso. É bem de se calcular a minha alegria, em meio a dor do momento.

Restavam ainda os meus queridos companheiros do 9º B.C.R. Também eles vinham nas gondolas do blindado. Um a um fui chamando pelo nome de todos os meus amigos mais chegados e tive a satisfação de me ver correspondido por eles. Perdemos a batalha. mas, graças a Deus, ainda nos restavam os queridos amigos.

Recuámos até Ligiana, onde pernoitamos, muitos no trem e outros ao relento. Nesse dia ninguém tinha mastigado coisa nenhuma. A fome era um fato, mas acima dela para entretê-la havia a dor causada pelo recuo.

A Ação dos Componentes do Trem Blindado⁴⁶

O trem blindado foi de grande eficiência nas linhas do Sul. Assim no mais aceso da luta lá ia o blindado atemorizar os adversários.

No combate do dia 16 de agosto, os homens do blindado puseram à prova toda a sua valentia. Dizia-se por despeito, naturalmente, que os homens do blindado só lutavam abrigados pela couraça de aço de que era revestido o trem.

Engano e ignorância. Porque os homens do blindado corriam dois perigos: o de ficarem isolados completamente se lhe cortaram a retirada, com o levantamento dos trilhos em sua retaguarda ou com o dinamitaram a linha por onde passasse. É verdade que para este último que carregava pela frente e que num caso assim seria fácil desprender o blindado das gondolas por meio do desligamento automático que partia da locomotiva. Mas, também a carga de dinamite poderia suportar o peso das gondolas e só explodir na passagem da locomotiva.

Entretanto, para se desfazer a intriga, ainda estamos em tempo de citar um ato de grande heroísmo dos homens do blindado.

Nesse dia 16, uma de nossas linhas estava fraca. Pois o tenente Negrão, bravo comandante do blindado, levou consigo 18 homens do trem e com eles foi guarnecer o ponto fraco e batalharam valentemente o dia todo.

Eram bravos os homens do blindado!

O Medici ficara tomando responsabilidade da composição blindada. No momento da retirada geral não abandonou os seus. Deu ordem para o blindado prosseguir e chegar bem junto das nossas trincheiras e aí não só recolheu os 18 bravos, mas também todos os nossos companheiros do 9°. B.C.R. e de outras unidades. Se não fora o blindado, teriam eles que fazer longa e penosa caminhada de recuo, senão caíssem muitos deles em mãos inimigas.

⁴⁶ São do boletim de 24 de agosto as seguintes palavras de elogio do sr. Cel. Taborda: No trem blindado: Capitão Afonso Negrão, a coragem em pessoa, marchando para a frente a qualquer hora do dia ou da noite, prestou os mais relevantes serviços desde o dia que assume comando do blindado. 2° tenente Romão Leite de Campos, o companheiro inseparável do Cap. Negrão. Sargentos Fernando Penteado Medici, Atugasmin Medici filho e Thomaz Nunes da Fonseca. Ditos: Júlio Carmello Manteiro e Serapião de Moraes. Cabos: Silvino Lopes de Faria, Arlindo de Azevedo, Josué Charaba, Paulo Fernandes e Lucindo Mamede da Silva. Soldados: João Bueno da Silva, José Soares. Nelson Sacramento Lorena, João Paulo Filho, Antônio Benedito Ramos, Oscar Bueno da Silva, Serafim Leoni, Clovis dos Santos Aguiar e Homero da Silveira. É difícil dizer qual desses homens é o mais digno de louvor; todos foram admiráveis e merecem os maiores elogios.

Em Aracassú

Só no dia seguinte ao da retirada, na quarta-feira 17 de agosto, é que as forças tomaram café com bolachas. Dois dias sem comer num fogo incessante.

Ao meio dia, as tropas partiram de Ligiana. avançando sobre Aracassú. A 1º Cia. do 9º. B.C.R. entrincheirou-se a esquerda da linha férrea, no quilometro 276, à 7 quilômetros além de Aracassú⁴⁷.

A 2º Cia. ficou à direita da linha férrea. Um pelotão da 2. Cia. ficou isolado num morro a esquerda da 1. Cia. Comandou o pelotão o tenente Mario Barreto França que era do 7º. B.C.R e veio adido ao nosso batalhão durante o impedimento do comandante da 2º. Cia., Capitão Miranda.

Eu e os meus companheiros de Caravana, Ney e Paulo, conseguimos alguns dias de licença e fomos até Itapetininga, onde refizemos as forças e regressamos junto ao nosso batalhão.

O Dr. Alberto da Rocha Barros, adoentado depois do último combate, baixou no hospital, tendo ido a São Paulo.

Quando regressava para junto dos companheiros, foi requisitado em Itapetininga para servir no 3º B.E. que prestava serviços no subsetor de Capão Bonito.

O Dr. Adhemar Paim Pinto foi requisitado para o serviço de aviação, na capital paulista.

Da ação do 9º B.C.R. nas trincheiras de Aracassú escrevi para a GAZETA a seguinte:

CRÔNICA DE CAMPANHA

As hostes aguerridas do 9º. B.C.R. Diversos aspectos da luta.

A bravura do Exército Constitucionalista.

"Noite de borrasca. O céu, em meio a torrente de chuva, é riscado de raios.

Como se os do céu não bastassem, há ainda os raios feitos pelos homens. Fuzilaria intensa. Canhoneio incessante.

Mesmo durante a caudal que cai do céu sobre os combatentes, a luta não deixa de tomar proporções gigantescas.

Para o combatente não há bom ou mau tempo.

Em todo o setor do Sul há luta.

O nosso bravo 9º B.C.R. luta com grande entusiasmo.

Esquece-se o nosso soldado de que o inimigo avista, e a descoberto, de pé, dentro da trincheira, completamente exposto ao inimigo, faz a pontaria com a maior calma e atira.

⁴⁷ É preciso notar-se que eu me coloco sempre do angulo paulista, quando me refiro às localidades.

O seu manto esvoaça tangido pelo vento forte e ele parece um semideus a enfrentar os inimigos da Lei.

Será isso privilégio do 9º. B.C.R.?

Não, leitor, não é. Em todos os setores e onde quer que haja luta o soldado da Lei é o mesmo. Combate com o mesmo ardor e tem o mesmo heroísmo.

Lembram-se do bravo Rubens Fraga de Toledo Arruda? A morte o foi também encontrar de cabeça erguida, visando o inimigo. A granada que o vitimou, bateu-lhe bem em cheio no rosto admirável de soldado e de herói. E ele era do 14 de julho!

Assim o mesmo animo combatente reina em toda a parte.

O combate em meio a borrasca efetuou-se na sexta-feira, 2 deste, á noite.

E o inimigo foi mais uma vez rechaçado e os heróis anônimos do 9º B.C.R. continuaram firmes nos seus postos.

A 1. Cia. tem como comandante o bravo tenente Lucio, de Mato Grosso, um valoroso oficial que é, além de tudo, um amigo dos seus homens e que reconhece a bravura de sua tropa. Em meio ao combate, ei-lo percorrendo a sua linha e animando os seus.

Comanda a 2. Cia. o Capitão Miranda, que apesar dos seus quase 60 anos, está sempre ao lado de sua tropa.

É subcomandante do Batalhão o brilhante oficial Capitão Herminio Cezar da Força Pública do Paraná, que tem sido incansável dentro das atribuições do seu cargo.

É comandante do 9º. B.C.R. o Major Accioly, de Mato Grosso, oficial com uma brilhante folha de serviços e que tem demonstrado capacidade e técnica militar.

Todos os outros oficiais inferiores secundam com brilhantismo a ação dos seus superiores.

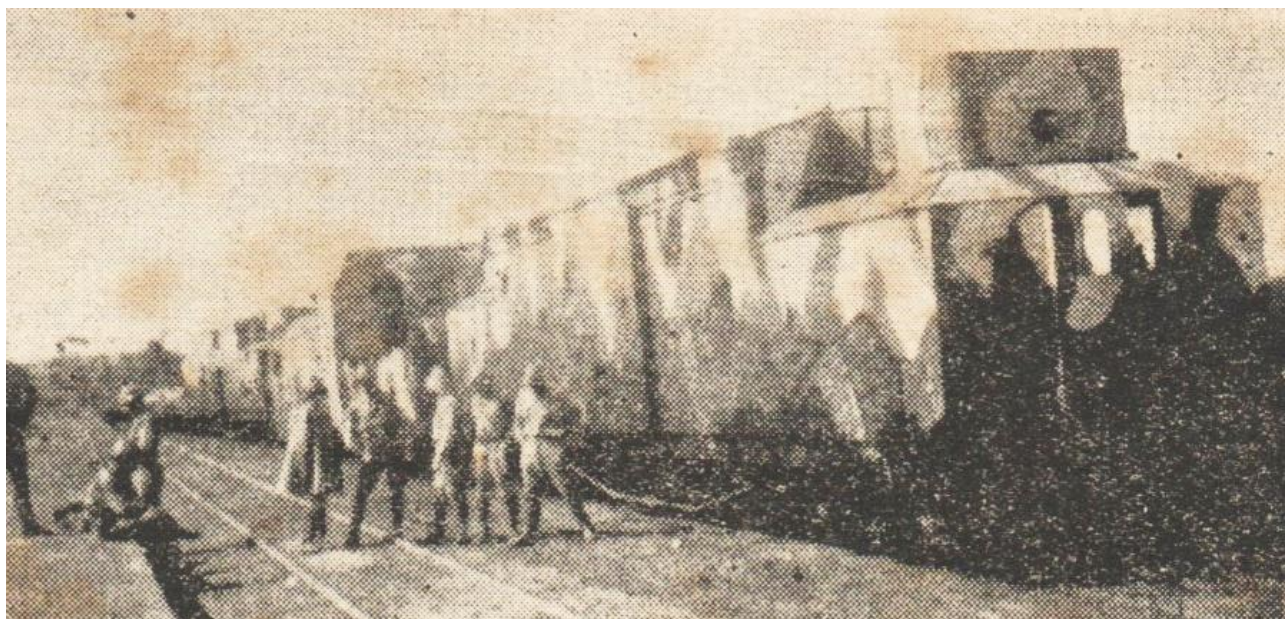
E a tropa tem-se portado, simplesmente, altura do gigantesco empreendimento paulista.

Com tropa assim não devemos temer nem imprevistos.

Conscienciosamente ela saberá cumprir o seu dever em quaisquer circunstâncias.

Aliás a bravura dos soldados do 9º B.C.R. é confirmada aí em São Paulo e na P. R. A. X. do Rio⁴⁸. E esse testemunho é o mais eloquente, porque insuspeito.

⁴⁸ Esse Radio do Rio dizia que as forças do 9º B.C.R. tinham sido totalmente rechaçadas pelos ditatoriais, reconhecendo estes a bravura admirável dos voluntários que o compunham. Diante desse Radio a senhora do voluntario Victorio Navarro, um dos mais distintos soldados do 9º, veio aflita até as nossas trincheiras saber do seu marido. Felizmente constatou que era mais uma balela da ditadura no respeitante a primeira parte, tendo, porém, uma vez na vida falado a verdade quando atestou a bravura do 9º B.C.R. Um irmão de Victorio, o sr. Henrique Navarro que tinha vindo com a sua cunhada



O último trem blindado em operações no Setor Sul



Missa campal celebrada em Ligiana, na manhã de 31 de agosto de 1932, perto da ponte que se vê lateralmente. No fundo, de pé, vê-se o capitão Perroni. Celebrou a missa D. Firmino, O.S.B. tendo como acólito o intelectual santista Sr. Lino Vieira, ordenança do coronel Fávila. Momentos após a missa, quando todos ainda se achavam no mesmo local, aviões da ditadura metralharam os fiéis. Foi nessa ocasião que tombou ferido de morte por estilhaço de granada de avião, o voluntário Gustavo Borges, do 9º B.C.R.

ficou ao lado do irmão, não mais querendo voltar para São Paulo. Foi mais um soldado que integrou o 9º B.C.R.

ADMIRÁVEIS EXEMPLOS DE PAI E DE ESPOSA

"Cada correio que chega é uma alegria nas trincheiras.

Os que recebem cartas, resplandecem.

E os que não as recebem, ficam tristes, consolando-se às vezes, em ler as cartas que os companheiros recebem.

Inúmeras delas trazem entusiasmo novo que se comunica a todos os soldados.

Cartas ha que são admiráveis exemplos de desprendimento e de heroísmo, em face do Altar da Pátria.

Assim a ilustre escritora paulista D. Clotilde de Mattos Mendes, virtuosa dama, tem escrito estimuladoras cartas a seu marido, incentivando-o à luta. Todos lemos as brilhantes crônicas por D. Clotilde publicadas pelas "Folhas" e "Gazeta". O seu marido, o prof. Marcilio Mendes, catedrático da Escola Normal, de Itu e do Conservatório Musical e Dramático, da Capital, espírito culto, é um bravo que, apesar dos seus achaques reumáticos, foi um dos que repeliram o inimigo, de pé, em sua trincheira. Era a Ciência a serviço da Força, tendo como objetivo a Lei. Vi o seu manto varado de balas. Felizmente nenhuma o atingiu. As preces de sua filhinha e a confiança de sua distinta esposa, operaram o milagre.

Saudamos em d. Clotilde, a abnegação e o estoicismo sem par, da mulher bandeirante.

Também os velhos pais têm secundado a ação dos filhos, e animando-os pelas cartas.

Leiam comigo, os leitores, estas linhas, que o sr. Ângelo L. Bambini, enviou a seu filho, o bravo sargento Victor:

"Saúde e coragem são os meus votos, não só para você como para todos os que batem por São Paulo. Nós aqui todos bons, sempre com a mesma fé inabalável na Vitória sempre com o mesmo entusiasmo que não arrefece em nenhum coração paulista. Ou São Paulo vencerá ou será uma nova Carthago; o valor dos soldados paulistas ha de ficar legendário na história não só desta terra, mas do mundo inteiro. Um Estado contra 19 e resiste, e se impõe aqui se fazem milagres e não há força humana capaz de nos vencer. Algum revés é uma consequência lógica da guerra que não altera o resultado que será a nosso favor. Mais áspero é o caminho e maior gloria será para esta terra incomparável e para os seus invencíveis defensores. Adiante, pois, tudo por São Paulo."

Não se entusiasmarem também?

Aí um coração de pai, filho da Itália, que com grande espírito de renúncia anima, ainda o seu único filho!

E este honra a estirpe gloriosa do seu nobre pai, porque é um combatente destemeroso.

Poderemos perder com exemplos assim?

Jamais.

Bombardeio de Aviação

No domingo 4, a aviação inimiga excursionou pelas nossas linhas chegando até os pontos de comando, aonde estavam tomando novas posições o nosso 9º. B.C.R. e outras tropas.

Fomos atacados quase de surpresa. Corremos todos, em direções diversas para os campos.

Os aviões atiraram cerca de 30 granadas, ocasionando somente 5 mortes e cerca de 12 feridos.

O susto foi grande, mas passado o bombardeio a alegria voltou a reinar no meio da tropa.

TAMBEM SEM REZA

A fé também nos acompanha. Todos os batalhões têm o seu capelão. que também é bravo, que enfrenta com a tropa, a metralha inimiga.

Na quarta-feira, 31 do mês p. p. rezou-se missa no P.C. em sufrágio das almas dos mortos constitucionistas.

Quando os assistentes se retiravam foram surpreendidos pelos avides inimigos que não só atiram granadas como despejar as suas metralhadoras sobre os fiéis soldados. Mas, Deus é brasileiro e principalmente bandeirante. Nenhum foi ferido.

À noite, promovido pelo distinto brigada sr. José Estanislau Barboza, intendente do 10º B.C.R. reunimo-nos, cerca de 12 soldados, e rezamos o terço e entoamos a ladainha de Nossa Senhora. Confortou-nos muito essa oração, porque profundamente católicos repousamos confiantes nas promessas do Divino Mestre.

No céu esplêndida expressivamente o Cruzeiro do Sul, como que marcando os novos destinos da nacionalidade ante o toque de alerta e de luta empreendida por São Paulo para a salvação do Brasil.

CARAVANA ACADEMICA PARANAENSE

Os meus bravos colegas, da Caravana, incorporados no 9º B.C.R. Ney Leprevost e Paulo Medeiros identificaram-se completamente com as agruras da campanha assim com as inéditas sensações que está nos oferece.

Por intermédio da invicta "Gazeta enviamos notícias aos nossos colegas que trabalham aí também pela causa."

ATAQUE DA AVIAÇÃO INIMIGA

No sábado, 3 de setembro, houve o retraimento de todas as forças de Aracaju para Ligiana. Motivou tal fato não só o recuo de Capão Bonito, para

nos colocar na mesma linha, como seria mais fácil a defesa nas margens feito trincheiras esplendidas.

Não mais eram trincheiras individuais, mas grandes do Paranapanema, onde os nossos sapadores tinham valas abertas e com seteiras para o atirador melhor e com mais segurança visar o inimigo, assim podia-se não só municiar a tropa sem perigo, como também fazer a distribuição da bota até mesmo em pleno combate.

No domingo 4 de setembro tomaram-se as instruções necessárias antes da entrada nas trincheiras, assim como se distribui roupa e calçado para toda a tropa.

As 15 horas ouvimos o roncar dos motores de aviões.

A princípio diziam que os aviões eram amigos e somente quando eles estavam voando sobre nós e lançando as primeiras granadas é que se viu que não eram nossos.

É fácil avaliar-se a situação de todos.

As tropas ali em repouso atingiam cerca de 2.000 voluntários, porque só o 10° B.C.R. com o nome de Coluna Adauto de Mello tinha 850 homens, os quais vieram para o front no dia 17 de agosto.

Os aviões chegaram precisamente quando esses 2.000 homens estavam já em forma para marcharem para as trincheiras.

Todos correram para os matos e para os campos. De cima os aviadores puderam perfeitamente localizar os nossos abrigos e à vontade atirar firme.

Eu e Paulo Medeiros a princípio pudemos somente correr 100 metros, para fugir do grande bloco e nos deitamos no campo.

Os aviões, com o seu ronco punha os nervos da gente em alta excitação, ainda mais sabendo nós de que os aviadores nos tinham perfeitamente localizado e dispostos a desta vez fazer uma faxina geral.

As granadas vinham assobiando explodir em todos os recantos. Ouvimos gritos de dor, mas continuamos firmes agarrados ao solo.

Em nossa frente a uns 30 metros diversas senhoras retirantes de Aracassú corriam atrás de um garoto que lhes fugira. Por mal de nossos pecados vestia roupa clara e eram facilmente visíveis aos aviadores. Gritaram-lhes que se deitassem.

Quando julgamos que estava findo o ataque, eis que surgem mais dois aviões. Eu e Paulo tínhamos corrido mais uns 200 metros.

Os aviões vinham justamente em nossa direção.

Disse ao Paulo: é agora a nossa vez. Recomendamo-nos mutuamente e aguardamos o desfecho final. Tínhamos a impressão de que naquele momento findaria a nossa vida.

Um dos aviões faz o piquet bem em cima de nós e atira a granada. Vimo-la quando se desprendia do avião. Depois com a velocidade adquirida na queda desapareceu de nossos olhares, mas vinha anunciando a sua próxima chegada no seu assobio característico. A uns 30 metros explodiu deixando uma longa zuada nos ouvidos. Desta ainda escapámos, dissemos.

Não era, porém tudo. Eu e o Paulo, seguindo o exemplo de muitos, nos afastamos ainda mais do local da concentração das forças. Estávamos já a uns 500 metros da estação de Lygiana.

De nada nos valera esse adiantamento. Ouvimos novamente o roncar de motores e por cima de nós voaram dois aviões, um dos quais o celebre vermelhinho. Rodearam algum tempo o local onde nos achávamos e eis que duas granadas se desprendem do avião e vem assobiando ferir os nossos ouvidos. Explodiram a 40 metros do local onde estávamos.

Eram 17 horas. O ataque durará perto de 2 horas. O que foram essas horas não se descreve, porque todos aqueles que as viveram nunca mais delas se esquecerão.

Tivemos, somente 5 mortos e perto de 12 feridos. Do nosso batalhão só tivemos dois feridos levemente.

Dois voluntários ficaram doidos foram recolhidos ao hospital.

Cabo Raymundo

Já se disse que o cabo Raymundo era o cozinheiro do 9º B.C.R. Alma boa, amiga da tropa. Proporcionou nos bons pratos. As vezes o arroz a queimado, mas não fez tanto mal.

O cabo Raymundo não gostava de aviões, também quem era que deles gostava?

Quando o bicho roncava, o cabo Raymundo já estava longe. De uma feita foi ele passar as suas "banhas" por entre a cerca de arame e ficou preso no meio do arame, a gritar que o livrassem dali.

Afinal os aviões eram nossos ele somente viu a sua pele cor de jambo riscada pelo farpado.

Quando se lhe dizia que os aviões eram nossos, nem assim ele dava por entendido. Sumia, dizendo: Eu lá sei se são nossos? Não fui eu quem os comprou!"

No ataque da aviação do dia 4 de setembro, o cabo Raymundo ficou alucinado. Aproveitou-se da confusão do momento e à noite "pirou"⁴⁹, com mais um companheiro, levando metade de um peru para a longa caminhada.

Não resistiu, porém, e em Tatuí baixou ao hospital, tendo seguido para Sorocaba onde o internaram numa casa de saúde, porque as suas faculdades mentais estavam um tanto abaladas. O pobre do rapaz tinha-se apavorado tanto por causa dos aviões.

De Sorocaba, escreveu ao comandante Accioly, que o trouxera de Mato Grosso, uma interessante carta. Por ser justamente interessante transcrevo-a aqui na entrega e da forma porque ele a escreveu para não lhe tirar o sabor.

⁴⁹ O termo pirar significa fugir. Assim me dizia o prof. Marcilio que havia um neologismo: a pirotécnica, ou a técnica de saber fugir.

Em 9 de Setembro de 1932

Aos meu DD. Comandante e Senhor Major Antônio Salles Aseiolle respeitosas saudações. Venho por meio destas mal traçadas linhas pedir-lhe perdão do que fiz pois me acho internado no hospital da Cruz Vermelha aonde estou sendo bem tratado, mas me sinto completamente inutilizado pois parece-me que não posso escapar desta vez porque sinto o corpo todo apodrecido e a minha cabeça parece que não é minha. Estou completamente sem juízo, mas estou com vontade de ver o senhor mais uma vez o Canuto⁵⁰ José⁵¹ e todos os companheiros de Mato Grosso. Sem mais saúdo-vos de seu sempre subalterno e criado Raymundo.

A censura do hospital escrevia na mesma carta uma nota assim:

"O estado geral do doente é bom. Está com febre, motivo pelo qual escrevo esta carta."

A mentalidade dos que nos combatem

Na Gazeta de 12 de setembro publicávamos o seguinte artigo:

O general Valdomiro Castilho de Lima, sob cujo comando operam as forças ditatoriais em Buri, mandou lançar pelos seus aviões, sobre as nossas trincheiras uma proclamação aos soldados paulistas, de cujo intuito destacamos as seguintes palavras, em torno das quais gira toda a proclamação:

"Todos os prisioneiros, feitos ultimamente nas diversas frentes, de unânimes na afirmativa de que seus chefes falseando verdade dos fatos, assoalham maldosamente não passam nas tropas de uma horda de facínoras, prontas sempre a perpetrar hediondas barbaridades. Entre outras coisas, fazem constar, com o evidente intuito de argumentar, pelo horror, o ânimo combativo de suas tropas, que os prisioneiros, em nossas mãos, ou são degolados ou castrados, como se nesta luta entre irmãos, nos animassem apenas os instintos de destruição."

Rebate essas pseudo afirmativas, dizendo que os nossos prisioneiros são bem tratados.

⁵⁰ O Canuto era a ordenança do tenente Lucio.

⁵¹ O José, idem do Major Accioly.

O chefe ditatorial labora um grande erro. Estamos nas trincheiras e nas linhas do front e nunca ouvimos dos nossos chefes as aleivosias que quer rebater o general Valdomiro.

Se algum viso de verdade há no que afirmaram prisioneiros constitucionalistas não partiram tais afirmações de nossos chefes. Pelo contrário, elas vieram das próprias trincheiras ditatoriais. Na calada da noite, em meio à intensa fuzilaria, comumente, os nossos soldados ouviam as promessas mais hediondas. Os ditatoriais diziam que não tardaria muito e seríamos pegos e degolados ou castrados.

Daí se afere perfeitamente que não foram os nossos chefes que “assoalharam maldosamente perpetrarem eles hediondas barbaridades.”

Admira-nos venha o sr. general Valdomiro Lima, rebater uma coisa que ele devia saber inverídica e incapaz de partir de chefes dignos, como bem deve saber, porque

os conhece sobejamente. O que o general Valdomiro devia fazer era admoestar severamente uma parte de suas tropas que de suas trincheiras nos dizem os termos mais soezes, dignos somente de párias inqualificáveis.

Além das palavras de baixo calão, eles as fazem acompanhar de “paulistas comunistas.” “separatistas,” “italianos” etc.

E nós, com mais justificada razão, poderíamos dizer que os seus chefes é que assoalham assim. Aliás, a ditadura, filha do embuste, não tem tido outras armas de que as de acoimar a grandiosa epopeia paulista, eminentemente brasileira, de fins separatistas, comunistas e outras tais.

Como o sr. general Waldomiro Lima, podíamos dizer que os chefes ditatoriais assoalham que as forças constitucionalistas maltratam os seus prisioneiros e isto estribados no que nos afirmou um prisioneiro ditatorial, Apresentado este, a um dos comandos das forças do nosso setor, de joelhos implorou ao comandante que não o matasse, porque era pai de quatro filhinhos.

Sossegado quanto ao modo com que eram tratados os prisioneiros, disse ele ser voz corrente entre os ditatoriais que os paulistas costumam esfolar os prisioneiros, salgá-los e expô-los ao sol.

Felizmente é grande a diferença entre mentalidade dos constitucionalistas e a daqueles que os combatem.

Gustavo Borges

Desse bravo soldado constitucionalista do 9°. B.C.R. tombado gloriosamente no campo da luta escrevemos para a Gazeta, que publicou em sua edição de 13 de setembro, o seguinte artigo:

"É o segundo morto, sobre cuja tumba em Itapetininga, se debruçar os seus companheiros do 9°. B.C.R.

Era um bravo que combateu sempre com denodo.

Desconhecia o que era perigo e visava o inimigo com desassombro.

Um dia, foi na quarta-feira, 31 de agosto, tombou ferido de morte o intemerato voluntário.

Onze horas. A aviação inimiga aproximou-se. Os companheiros de Gustavo deitaram-se para se verem livres de estilhaços de granada.

Gustavo não quiz deitar-se. De pé pretendeu afrontar o adversário, mesmo que ele fosse impotente para combatê-lo.

O avião inimigo deixou cair uma granada que veio, assobiando, explodir bem próximo de Gustavo. Esse ainda de pé, recebe quatro ferimentos mortais. Conduzido a Itapetininga para ser operado, faleceu.

Nos poucos momentos de convívio, de campanha, pudemos constatar a excelência dos seus sentimentos.

Incessantemente falava de sua velha mãe que aguardava o querido filho.

Arrimo de sua mãe e de sua irmã, enorme é a lacuna que deixa em sua pequenina família.

O herói que tombou repousar tranquilo em sua branca tumba de Itapetininga, assim como foi confiante para a luta, já sabia antecipadamente que todos os desamparados, principalmente os de combatentes mortos, seriam amparados por São Paulo. Este não esquecerá jamais os seus heróis mortos, que no campo sangrento da luta, escreveram para a história bandeirante uma página de glória imarcescível.

Gustavo Borges! O 9°. B. C. R. genuflexo ante a tua campa de bravo e de herói desfolha sobre ela as flores de sua saudade e do seu afeto."

Itapetininga prestou significativa homenagem. Qual foi ela? Que o diga a Gazeta de 23 de setembro, na seguinte nota da redação:

"Gustavo Borges foi um exemplo vivo do combatente bandeirante. Ferido em combate, depois de demonstrar a bravura indômita dos que lutam pela Lei e pela Justiça, soube dignamente encarar a morte. Pediu que o sepultassem o mais próximo das trincheiras porque -dizia o soldado constitucionalista- só deve voltar para o seu lar depois da Vitória. Fechou os olhos dando vivas a São Paulo e a Constituição.

Edificou profundamente a alma itapetiningana exemplo do bravo herói. Itapetininga, então, pelo que tem de mais representativo, prestou uma

significativa homenagem ao voluntario do 9º B.C.R., dando o seu nome a uma de suas vias públicas.

E assim no dia 18 de setembro deste domingo último, perante grande massa popular, houve a cerimônia da colocação das placas nos dois ângulos da travessa Gustavo Borges.

Em nome da Prefeitura e da cidade, orou o vibrante tribuno sr. João Mendes, que a todos emolgou. Dizendo dos motivos daquela homenagem e enaltecendo a figura do saudoso herói.

Acidentalmente, a serviço do seu batalhão, estava na cidade o voluntario do 9º. B.C.R. Elias Karam. Este tomando da palavra, falou em nome dos camaradas de Gustavo Borges, do 9º B.C.R., a cuja unidade pertença. Depois de descrever a forma pela qual foi ferido Gustavo Borges, afirma que o seu sangue nobre, assim como o de todos os que tombaram no campo da luta, não tinha sido derramado em vão, porque a estudante mocidade estava forjando nas trincheiras o seu caráter e adquirindo uma ténpera de aço e não mais havia de permitir fosse a Pátria, em mãos de politiquinhos nefastos, levada à degradação.

Os maus patriotas seriam dora avante banidos e aliados para longe. Para isso a mocidade estaria sempre de sentinela, prestes a todo o momento a empunhar todas as armas para que fazem atas feitas as aspirações da nacionalidade.

Por deferência do prefeito Antônio de Souza Mello, coube ao voluntário Elias Karam, colocar no segundo angulo a segunda placa com homenagem também que prestava ao 9º B.C.R.

A placa, além do nome de Gustavo Borges, trazia a seguinte inscrição: - Herói Constitucionalista - 1932.

Justa, muito justa a homenagem de Itapetininga ao bravo herói.

Ainda sobre a morte de Borges, o Boletim nº 37, de 2 de setembro do Q.G. de Itapetininga e que o Cel. Tabora mandou imprimir em folheto e fez profusa distribuição nas trincheiras e naquela cidade, assim se referia:

A MORTE DE UM HERÓI

Morreu hoje, na Santa Casa desta cidade, um grande herói. O seu nome, GUSTAVO BORGES, soldado da Cia do 9º. B.C.R, deve ser cultuado com Veneração e orgulho por todos os brasileiros que amam a sua Pátria, que a querem ver grande e soberana, num regime de ordem e de liberdade.

GUSTAVO BORGES, mortalmente ferido em combate por um estilhaço de granada, morreu dando vivas ao BRASIL, a SÃO PAULO e à CONSTITUIÇÃO. Momentos antes de expirar, chama o médico e pediu-lhe que o fizesse enterrar o mais para a frente possível, porque nem depois de morto desejaria voltar a São Paulo, para onde só era digno retornar depois de alcançar a VITÓRIA. Em seu capacete de campanha, que guardarei

comigo, para entregar à sua família, GUSTAVO BORGES escrevera em português e em inglês: —

VENCER OU MORRER!

A MORTE MAIS SUBLIME E A MORTE DO HERÓI!
TOMBAR COM HONRA NA PRIMEIRA LINHA!

Soldados da Constituição!

Honrar a memória deste bravo, no campo de batalha!

GUSTAVO BORGES, esse nome é mais um astro luminoso a brilhar nas páginas de heroísmo brasileira Honra a sua memória!

PAZ à sua grande alma de herói!"

O 9º B.C.R. ao longo do Rio Paranapanema

Na segunda-feira, 5 de setembro, rumámos para Engenheiro Hermillo.

A nossa 1º Cia. seguiu para a Campininha de Monte Alegre e ficou localizada a margem direita do Paranapanema, em frente à fazenda Santa Albertina onde estava situado o P.C. das forças inimigas em frente ainda do Morro Mandaçaia, que estava em poder dos ditadores.

A 2º Cia. mal descansar um dia em Hermillo, foi mandada guarnecer o Salto do Paranapanema e o passo do Tapiá, a 8 quilômetros da Campininha do Monte Alegre onde estava a nossa 1º Cia.

O P.C. do batalhão ficou a 180 metros das trincheiras, bem defronte do Passo do Tapiá, a 4 quilômetros acima do Salto Paranapanema.

Ney Leprevost, companheiro de Caravana, foi nomeado 2º tenente e suas funções foram de imediato auxiliar do comando. Paulo de Medeiros era o sargento do material bélico.

Eu e o Paulo nos últimos dias ficamos na intendência do 9º. B. C. R. na estação de Angatuba, intendência que estava localizada no vagão 619. Conosco esteve João Rocha, companheiro bom, tendo vindo depois o Elias Pestana, funcionário do Banco Comercio e Industria de São Paulo, que aliava a sua bravura demonstrada em combate excelentes qualidades de cozinheiro. Assim nada nos faltou na intendência, a não ser camas, porque dormimos, tendo a simular: colchões, sobre dois cobertores.

Nessa estação travamos boa camaradagem com o pessoal das outras intendências especialmente dos do 7º B.C.R, como Polydoro BiTenentencourt, Oscar Baldijão e Alvaro Alcantara, todos residentes em Santos.

No 10º B.C.R. fomos encontrar a alma admirável do brigada José Estanislau Barbosa que apesar de sua idade deixara o conforto do seu lar

para as agruras da campanha. Acompanhará os seus filhos combatentes da Coluna Barbosa.

Também tivemos bons companheiros na intendência do 9 de julho e na Intendência Geral.

A 2ª Cia. do 1º. B.E. pelos seus chefes também nos cumularam de gentilezas, e nos dias em que não tínhamos "boia," íamos fazê-la na cozinha deles.

Esses heróis anônimos abriram uma trincheira debaixo do fogo inimigo.

Era seu comandante a princípio o engenheiro Capitão Antônio José de Freitas, sendo que com a sua remoção posterior ficou em seu lugar o Capitão Marcello Mesquita, que tinha como ótimos auxiliares, Alfredo Giglio, que cursara a Faculdade de Engenharia do Paraná, depois transferido para São Paulo. Eduardo Mastrobiso, Alfredo Minervino e Mauro Porto, todos no posto de Tenente.

Inúmeras vezes nos banhamos conjunto no rio Ipanema.

Em casa do Coronel Toniquinho Pereira realizaram as missas quotidianas e após servia-se café com pão aos assistentes. Os médicos do Posto e os oficiais faziam aí as suas refeições. Foram todos de uma gentileza inexcusável.

UM AVIÃO!

Num belo dia surgiu um avião em Angatuba. Correrias.

Estávamos eu e o Paulo marchando para o rio onde íamos tomar banho. Paulo, mais lesto, atirou-se para fora da estrada de rodagem, resguardando-se debaixo de árvores.

Eu quando fui passar a cerca de arame fiquei preso a ela, tal qual um dia o cabo Raymundo. Olhando para o alto, vi perfeitamente o avião fazer o característico piquet para lançar a granada. Arranquei o corpo, rasgando toda blusa, mais atirei-me no campo, fora da estrada.

Não lançou, todavia, bombas. Estava somente fazendo reconhecimento.

Fugimos com razão, porque para tanto poderíamos parodiar o cabo Raymundo: "Eu não o comprei, e por tanto não sei se vinha ou não atirar bombas."

A BRAVURA DO 9º B.C.R. ELOGIADA PELO GENERAL KLINGER

Lá na Campininha, o 9º B.C.R. fazia furor. Era tropa de voluntários, sim, mas de voluntários que sabiam brigar tanto quanto tropas regulares.

Nessa luta todos auxiliam o comando. João Franciscato e Ângelo Novi foram elevados a segundos tenentes. O Dr. Heitor Bastos Cordeiro, promotor público de uma das cidades paulistas, incorporado como voluntário simplesmente, ficou completamente identificado com a vida em campanha.

Como sargento, por atos de bravura, comandou um pelotão e o conduziu para grandes vitórias.

Por tudo isso, o 9º B.C.R. foi elogiado. No artigo abaixo que enviei a Gazeta, descrevo alguns atos de bravura do 9º. B.C.R. e o elogio que mereceu do chefe supremo das forças constitucionalistas:

"O 9º B.C.R. desenvolveu e continua a desenvolver uma ação bastante eficiente no setor Sul, sendo um dos seus mais fortes esteios. Em seu seio estão representadas todas as classes. Há advogados, engenheiros, universitários, professores, funcionários, fazendeiros, industriais, operários, artífices etc. Tomou parte em diversos combates portando-se com bravura inexcusável de cujos efeitos já nós ocupamos em crônicas anteriores. Apesar de todas as eventualidades próprias de campanha dos 40 dias de vida em trincheiras, reina no meio da tropa a mais absoluta disciplina, aliada a um entusiasmo cada vez maior.

Pessoas há, da maior representação social, que à primeira vista diríamos não suportar a vida da campanha, resistir galhardamente, inculcando ainda estímulo e coragem aos companheiros.

Não há nomes a destacar, porque todo o 9º. B.C.R. é um conglomerado de bravos que desconhece o medo e tem a disciplina como o seu maior apanágio.

Comandantes, comandados e posto de saúde, formam um conjunto harmônico. Já se impõe aos adversários e tem ainda a admiração dos chefes do atual movimento.

Há dias, o 9º B.C.R teve um sério encontro com as tropas adversárias, conseguindo uma de suas mais belas vitórias. O inimigo, completamente rechaçado, recuou.

Os bravos rapazes do 9º. B.C.R não se conteriam somente com a vitória. Os mais destemidos e eméritos nadadores atravessaram o rio a nado e foram bem longe das margens arrecadar os seus troféus. Cada um veio ufano, trazendo sobre os ombros um ponche gaúcho, além de arreios e grande quantidade de material bélico.

Por todas as suas gloriosas façanhas, o 9º B.C.R, é admirado, sendo a menina dos olhos do sr. Coronel Kinglehoeffer.

Até São Paulo chegaram os ecos da tenacidade dos voluntários.

E, há dias, do ilustre general Klinger recebeu o novo comandante, major Accioly, um telegrama, em que demonstrava o seu contentamento nas felicitações que enviava ao 9º B.C.R, pelas suas brilhantes vitórias, solicitando do mesmo fizesse os bravos tomar conhecimento desse elogio.

É fácil de se avaliar a satisfação dos soldados do 9º B.C.R, ao saber que a sua ação era bem recebida pelo seu general.

O 9º B.C.R. cumpre e cumprirá o seu dever até o fim e só abandonará as trincheiras quando os clarins da Lei e da justiça ressoarem não somente sobre a terra de Piratininga, como sobre a imensa nação brasileira.

Não está muito longe esse dia, mas mesmo que o estivesse, menor não seria a confiança dos rapazes do 9º B.C.R que firmes, estarão nos seus postos de honra para salvar, com as demais tropas constitucionalistas, a honra nacional que a Ditadura estava enxovalhando.

Ao bravo general da vitória que em abençoada hora desembainhou sua espada em continência a lei, do 9º B.C.R. em posição de sentido, apresenta armas.

ELIAS KARAM

(Da Caravana Acadêmica Paranaense que com os seus colegas está incorporado ao 9º B.C.R. em operações no setor Sul).

A 2ª Companhia envolvida pelo inimigo

Dias antes de terminar a Revolução, as tropas receberam ordem de avanço. A nossa 2ª Cia. com um efetivo de 63 homens, atravessa o rio e avança. Quando já estava longe, não se sabe como, foi envolvida pelo inimigo de surpresa e todos os homens se viram forçados a se entregarem sem opor resistência que seria inútil. Não se sabe ao certo o papel que teve nesse caso o Capitão Miranda.

Estamos inclinados a acreditar que cansado já da vida de campanha, porque a sua idade ultrapassara a casa dos 60, além dos seus contínuos achques, entregara-se ele ao inimigo, levando toda a sua companhia.

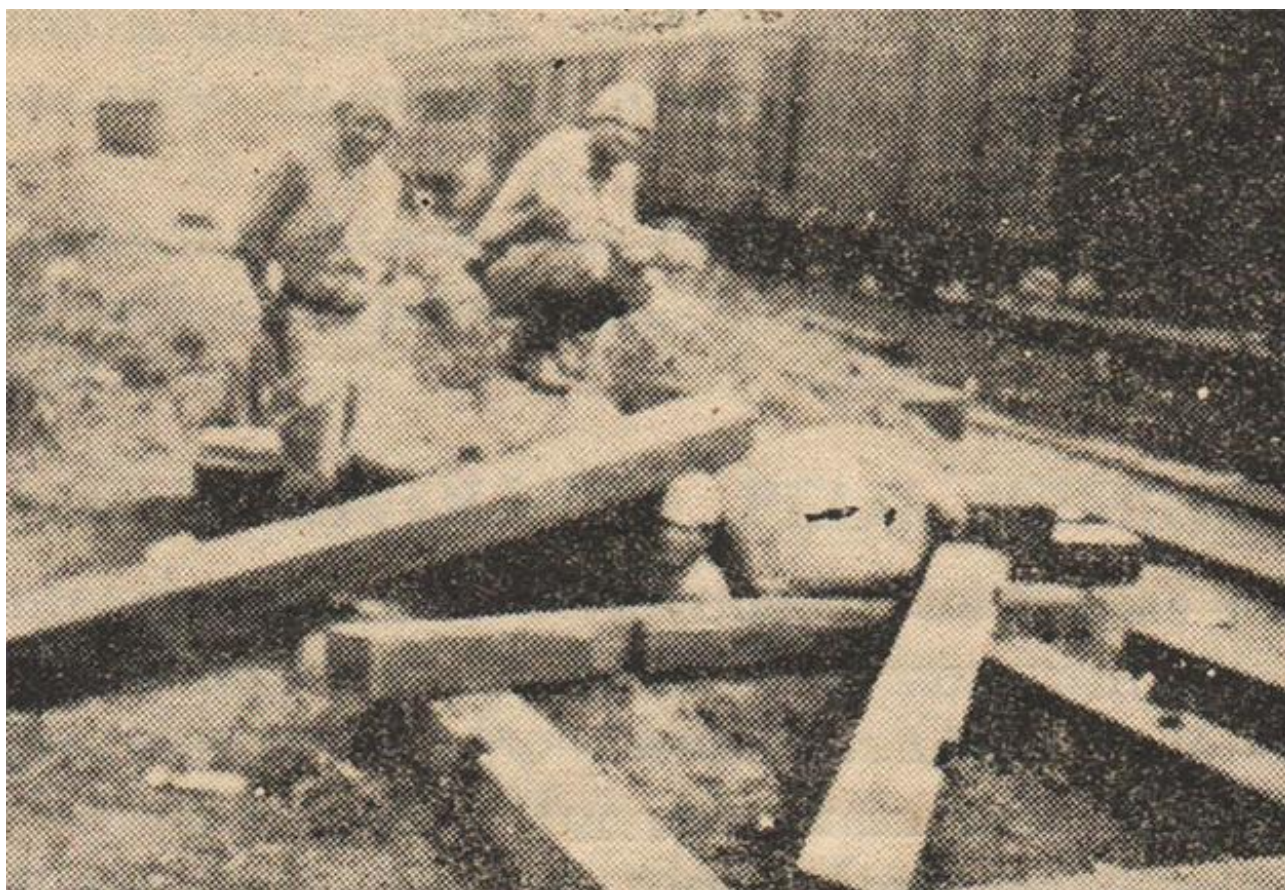
Suspeitava-se disso e com fortes razões.

Diante desse fracasso inesperado, os nossos comandantes Major Accioly e Capitão Herminio foram chamados a Itapetininga.

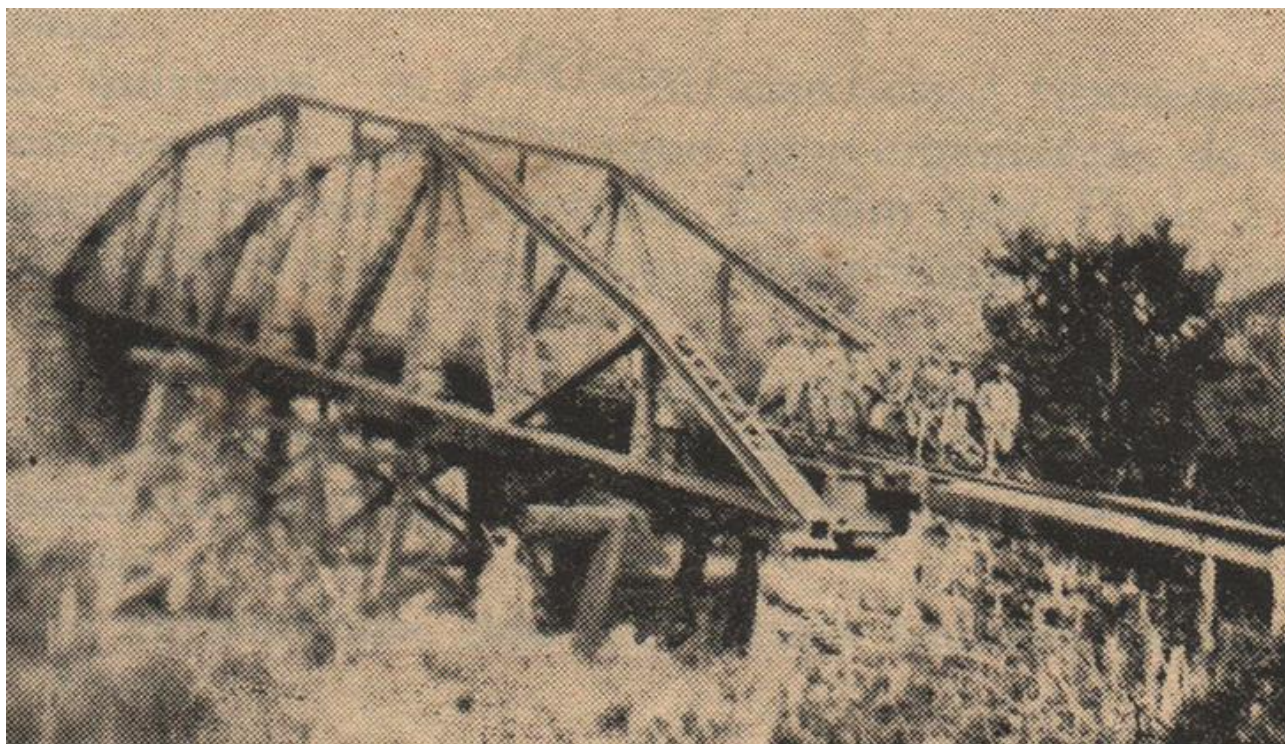
Não quiseram os bravos oficiais que ficássemos e quiseram-nos levar juntos, porque na reorganização do batalhão queriam os nossos serviços. E assim Ney, Paulo e eu partíamos com o comando para Itapetininga e, depois para São Paulo.

Na Capital, tudo estava já pronto para a reorganização. Já estavam ao dispor dos comandantes nossos 200 ex-combatentes da guerra europeia. Iriamos para o setor de Campinas.

Nesse entrementes, deu-se a última traição: a entrega de São Paulo!



Abrigo em construção na estação de Angatuba. Vê-se de cócoras o tenente Minervino e de pé o tenente Giglio, do 1º B.E.



A famosa ponta da Ligiana, sobre o Rio Paranapanema, que foi destruída por ordem do tenente Adauto de Mello.

O último combate da 1ª Companhia do 9º B.C.R.

No dia 1º de outubro, depois do armistício, a nossa brava 1ª Cia. recebeu ordens de marchar ao encontro do Inimigo. Não sabemos por que essa ordem, se já, pelo menos, o comando do subsetor sabia do armistício.

Assim mesmo, a 1ª Cia. atravessa o rio e vai alguns quilômetros além dar combate ao inimigo. É lógico que deviam ficar envolvidos pelos inimigos cem vezes mais numerosos. Assim mesmo batalharam com grande denodo.

Um ficou gravemente ferido no campo da luta Frank Roland Stand. Dezenas de outros feridos. Quarenta conseguiram retirar-se e o resto ficou prisioneiro.

O bravo 9º B.C.R. combateu não só até o último instante, como depois disso.

Não nos esqueceremos jamais dos bravos companheiros, dentre eles os heróis que tombaram: Gustavo Borges e Euclydes Tavares.

Os momentos de angústia e de satisfação passados com os inolvidáveis voluntários do 9º B.C.R. irão conosco até a derradeira morada.

Da bravura deles, síntese admirável do que foi a bravura indômita do soldado da Lei ha de dizer um dia a História, cujas páginas se orgulharão de enumerar feitos tão brilhantes, pela mais nobre causa: a reintegração da Pátria no regime da Lei.

RELAÇÃO ALFABÉTICA DOS INTEGRANTES DO 9º B.C.R.

A

Major Antonio Salles Accioly, Comandante.

1º Tenente Dr. Adhemaro Godoy, Chefe do Corpo de Saúde.

2º Tenente Angelo Novi Antonio de Camargo Bettencoust.

Sargenteante da 1º Cia. Antonio Bertoni.

Sargento ajudante da 2º Cia. 1º Sargento Angelo Martins.

3º Sargento Antonio Fernandes.

3º Sargento Alfredo Baptista de Almeida.

3º Sargento Alberto Carlos Gama Camargo.

Cabo Antonia Catolim.

Cabo Ataliba Camargo.

Cabo Augusto dos Santos.

Cabo Araldo Siqueira Junior.

Cabo Alexandre Lucocher.

Cabo Dr. Adhemar Pahim Pinto⁵².

Cabo Augusto de Souza.

Soldado Atilio Pizolanga,

Soldado Agostinho Palhares.

Soldado Avelino Lemes, M. L.

Soldado Americo França Cipolli.

Soldado Adriano Rodrigues.

Soldado Antonio Rodrigues.

Soldado Amadeu Sampaio Osorio.

Soldado Antonio Diogo dos Santos.

Soldado Argentino Sforzim.

Soldado Alfredo Chimalli.

Soldado Antonio Tonani.

Soldado Affonso da Silva.

Soldado Alkindar Barbosa Lemos.

Soldado Attilio Silvano⁵³.

Soldado Alicelir Pinto,

Soldado Antonio Ulice Accioly.

Soldado Antonio Justo Fernandes.

Soldado Ary Grelet.

⁵² Transferido para a Aviação depois do combate de 16 de agosto.

⁵³ Ferido em 8 de setembro.

Soldado Antonio Assad Elias.
Soldado Antonio Ramos.
Soldado Armando Pereira Loreto.
Soldado Antônio Mendes Junior.
Soldado Augusto Domingos Maciel.
Soldado Antonio Chiassio.
Soldado Antonio Prado Junior.
Soldado Aldo Genari, cozinha.
Soldado Alipio de Oliveira⁵⁴.
Soldado Antonio Calderari.
Soldado Annibal Bassotrini.
Soldado Angelo Barbim.
Soldado Alvaro de Azevedo⁵⁵.
Soldado Amadeu Sampaio Ozorio⁵⁶.
Soldado Armando Bismara.
Soldado Dr. Alberto da Rocha Barros⁵⁷.
Soldado Antonio Passe Bom.
Soldado Alvaro Victorino dos Santos.
Soldado Dr. Ary Behering Ribeiro⁵⁸.
Soldado Adolpho Ferreira Silva⁵⁹.

B

Soldado Belizario Couto Filho.
Soldado Benedicto Candido de Oliveira.
Soldado Benedicto Filho⁶⁰.
Soldado Benedicto Candido.
Soldado Benedicto de Oliveira⁶¹.
Soldado Benedicto Rodrigues.
Soldado Benevenuto João Bretas.
Soldado Bernardo Contabili, M. L.

⁵⁴ Passou para o Esquadrão Feijó.

⁵⁵ Ferido no combate de 15 de agosto.

⁵⁶ Baixou hospital Itapetininga.

⁵⁷ transferido após o combate de 16 de agosto para o 3º B.E.

⁵⁸ Ficou à disposição do Q.G. de Itapetininga.

⁵⁹ Ferido no combate de 15 de agosto.

⁶⁰ Baixou Posto Engenheiro Hermillo.

⁶¹ Passou para o esquadrão Feijó.

Soldado Brasil Americo Forçala⁶².
Soldado Brasílio Silva Ramos.

C

2º Tenente Dr. Clovis Silva Araujo, Posto Saúde.
Cabo Celestino Natali Solds.
Cabo Cantidio Bretas Filho.
Cabo Carlos Kehdy.
Cabo Carlos Flud.
Cabo Carlos Milliani.
Cabo Clovis Profeta.
Cabo Clovis Botelho.
Cabo Clementino Machado.
Cabo Coriolando de Oliveira⁶³.
Cabo Cyro Schelio Jr.

D

Cabo Domiciano Franco de Oliveira.
Cabo Djalma Burgos de Oliveira.
Soldado Dimas Rolim.
Soldado Dartagnan Paschoal.
Soldado Durval de Oliveira.
Soldado Durval Leite.
Soldado Doracy Amaral.

E

⁶² Baixou Hospital Itapetininga.

⁶³ Ferido em Aracassú, estilhaço granada avião, em 31 de Agosto de 1932.

2° Sargento Elias Karam.
3° Sargento Ernesto Grego.
3° Sargento Ernesto Gobbo.
Cabo Eraldo Siqueira Junior.
Cabo Elias Pestana.
Soldado Eduardo Salles.
Soldado Euclydes Tavares⁶⁴.
Soldado Elpidio Augusto Koenigkan,
Soldado Eurides Bertholim,
Soldado Ewaldo Passe Bom⁶⁵.
Soldado Euclydes da Silva Nascimento,
Soldado Edgard Brandão⁶⁶.

F

3° Sargento Floriano Lourenço de Sant' Anna.
Soldado Francisco Octavio Soares.
Soldado Franck Roland Standr⁶⁷.
Soldado Francisco Porto Sandoval.
Soldado Francisco Camargo de Souza.
Soldado Francisco Pinheiro.
Soldado Francisco Bernardino⁶⁸.
Soldado Fernando Gisleri.
Soldado Floriano de Oliveira⁶⁹.

G

2° Tenente Dr. Geraldo Macedo Costa, Posto de Saúde.
3° Sargento Getulio de Lima Guimarães, Posto de Saúde.

⁶⁴ Ferido em 7 de setembro, veio a falecer.

⁶⁵ Ferido estilhaço – granada avião em 4 – 9, Ligiana.

⁶⁶ Excluído por menor, depois de ter tomado parte em quatro combates, tendo-se portado com bravura.

⁶⁷ Ferido em combate de 1 de outubro.

⁶⁸ Transferido para o Esquadrão Feijó.

⁶⁹ Ferido granada avião em Ligiana a 4 de setembro de 1932.

3º Sargento Gercilio Domingos Ramos.
3º Sargento Gamaliel Ferraz Martins.
Cabo Gumerindo Nunes Souza.
Soldado Geraldo Miranda.
Soldado Guilherme P. de Almeida Filho.
Soldado Geraldo Ferreira.
Soldado Guido Zanchi, M. L.
Soldado Gustavo Borges Filho⁷⁰.
Soldado Geraldo Jacintho Corrêa.

H

Capitão Herminio da Cunha Cesar, subcomandante,
1º. Sargento Dr. Heitor Bastos Cordeiro.
Soldado Henrique Geishofer.
Soldado Henrique Navarro.
Soldado Henrique Chinaglia.
Soldado Henrique Frochlich, M. L.
Soldado Hilario Miranda.
Soldado Heitor Lazari.
Soldado Herminio L. Kaer.

I

3º Sargento Izolino Rosa.
Soldado Izidoro Tosca.
Soldado Ivo Beolchi⁷¹.

J

⁷⁰ Ferido em Ligiana, em 31 de agosto, veio depois a falecer.

⁷¹ Baixou hospital Itapetininga.

Capitão Joaquim Vieira de Miranda, Comandante da 2ª Companhia
2º Tenente João Franciscato.
1º Sargento José C. Nacif, sargenteante. 2º Cia.
2º Sargento João Silveira da Rocha.
2º Sargento Jeremias Simas.
3º Sargento Júlio Firmino de Souza.
3º Sargento João Ângelo Anastácio.
3º Sargento José Dambrozio, M. L.
3º Sargento José da Silva⁷²..
3º Sargento José Pedro Santos Filho.
3º Sargento Joaquim Pereira.
Cabo João Antunes da Silva.
Cabo João Stabile.
Cabo João Henrique Mathias.
Cabo Josias Barreto.
Cabo João B. A. da Silva.
Soldado João Apolinario.
Soldado João Leite Siqueira.
Soldado João Alexandre Oliveira.
Soldado João Guerra.
Soldado João Antônio Nunes.
Soldado João Benedicto Azevedo.
Soldado João Bernardino da Silva
Soldado João Faria Basílio.
Soldado João Lisboa.
Soldado João Ferreira.
Soldado João Fortes.
Soldado João Barboza⁷³.
Soldado João Pereira Faro.
Soldado José Ribeiro Saboya, M. L.
Soldado José Stella.
Soldado José Almeida Nogueira Chaves.
Soldado José da Costa.
Soldado José Cirino Ferreira.
Soldado José Manoel dos Reis.
Soldado José Baptista Cobra.
Soldado José Alexandre de Oliveira.
Soldado José B. Vasconcellos
Soldado José de Oliveira.
Soldado José dos Santos.

⁷² Ferido combate 15 de agosto de 1932.

⁷³ Transferido para o Esquadrão Feijó.

Soldado José Assumpção.
Soldado José Viviani, M.L.
Soldado José Calderari.
Soldado José Ferreira de Azevedo⁷⁴.
Soldado José Ferraz de Camargo.
Soldado José Calazans Filho.
Soldado José Antônio Fernandes.
Soldado José Francisco Serra.
Soldado José Serra, M.L.
Soldado José Cassio de Toledo.
Soldado Joaquim Francisco.
Soldado Joaquim Teixeira Filho.
Soldado Joaquim B. Rodrigues.
Soldado Joaquim Cotta.
Soldado Joaquim da Silva.
Soldado Jacomo Pelegrino.
Soldado Jayme Dias Tavares, M. L.
Soldado Juvenal das Neves⁷⁵.
Soldado Jovino de Paula Marinho.
Soldado Jorge Barboza Moreira.
Soldado Júlio Buttner⁷⁶.

L

1º. Tenente, Lucio Gonçalves, 1º Cia.
Cabo Lauro Carmo Correa.
Soldado Luiz Assis Sassi.
Soldado Lourenço Augusto.
Soldado Lauro A. Alves de Lima.
Soldado Libaneo Moldes Martins.
Soldado Luiz Porte.
Soldado Laudelino Emygdio.
Soldado Lourenço Giamussi.
Soldado Luiz Catta Preta.
Soldado Laurentino Pereira Baptista.

⁷⁴ Transferido para o Esquadrão Feijó.

⁷⁵ Transferido para o Esquadrão Feijó.

⁷⁶ Transferido para o Esquadrão Feijó.

M

2° Tenente Mario Barreto França.
Cabo Mario Lino de Faria
Cabo Manoel Canuto de Oliveira
Soldado Marco Tulio M. Santos
Soldado Manoel Nascimento.
Soldado Manoel dos Santos.
Soldado Manoel Ramos dos Santos,
Soldado Mario Bastos.
Soldado Miguel Cruz de Oliveira.
Soldado Manoel Domingues.
Soldado Moyses de Oliveira.
Soldado Mozart Ferreira Vaz. Posto de Saúde.
Soldado Miguel Cataldi Netio.
Soldado Prof. Marcilio Mendes.

N

2°. Tenente Ney Leprevost, auxiliar do comando⁷⁷.
Soldado Nelson Mello Teixeira.
Soldado Numas de Figueiredo.

O

Cabo Orlando Ricani.
Soldado Oswaldo Coelho. M. L.
Soldado Orion Correa de Mello.
Soldado Orlando Milker, M. L.
Soldado Octavio Bueno de Godoy.
Soldado Oswaldo Ferreira de Albuquerque.
Soldado Oswaldo Mattoso⁷⁸.

⁷⁷ Meu bravo companheiro da Caravana Acadêmica Paranaense, incorporado a princípio como simples voluntário, depois sucessivamente alçado a 2° Tenente.

Soldado Octavio Jorge Barroso.
Soldado Octavio Siqueira Miranda.
Soldado Oswaldo D. Leite.

P

1º. Tenente Dr. Plinio Albers⁷⁹. Posto de Saúde.
Sargento ajudante Plinio R. da Luz⁸⁰.
1º Sargento Paulo de Medeiros⁸¹.
2º Sargento Pedro Romão Correa⁸².
Cabo Paulo Sebrão.
Soldado Pedro Della Rosa.
Soldado Pedro Mendes Junior.
Soldado Pedro Galvez.
Soldado Paulo Gomes Jardim.
Soldado Pedro Bastos.
Soldado Paschoal Nicotera, M. L.

R

Cabo Raymundo Fortunato⁸³.
Cabo Rodolpho Bastos Cordeiro.
Soldado Roque Espindola da Costa.
Soldado Raul Galvani.
Soldado Rivaldo Freitas.
Soldado Romeu Sapota.
Soldado Roberto Texeira Pinto⁸⁴.

⁷⁸ Ferido estilhaços granada avião em Ligiana a 4 de setembro.

⁷⁹ Meu bravo companheiro da Caravana Acadêmica Paranaense, incorporado a princípio como simples voluntário, depois sucessivamente alçado a 2º Tenente.

⁸⁰ Aproveitador. Foi transferido para Itapetininga.

⁸¹ Meu bravo companheiro da caravana acadêmica paranaense incorporado a princípio como simples voluntário.

⁸² Ferido estilhaços granada de avião, em Ligiana, a 4 de setembro.

⁸³ Chefe da cozinha.

Soldado Renato Teixeira Pinto⁸⁵.

S

2° Sargento Sinfronio Guimarães.

3° Sargento Setembrino Elesbon.

3° Sargento Sebastião Oct. Silva.

Soldado Sebastião de Oliveira.

Soldado Salvador Lambiacchi.

Soldado Salvador Oliveira.

Soldado Prof. Salvador Almeida Asumpção.

T

3° Sargento Trifonio Guimarães.

Soldado Theophilo Calemi.

Soldado Tulio Zanfra.

Soldado Theophilo Miguel⁸⁶.

V

1°. Tenente Victorio Terrasca⁸⁷. Comandante Seção de Metralhadoras Leve (M.L.)

3° Sargento Victorio Navarro.

⁸⁴ Excluídos por menores, depois de terem combatido com denodo. Tomaram parte saliente nos combates de 15 e 16 de agosto.

⁸⁵ Excluídos por menores, depois de terem combatido com denodo. Tomaram parte saliente nos combates de 15 e 16 de agosto.

⁸⁶ Baixou hospital Itapetininga.

⁸⁷ Comandante da Seção de Metralhadoras Leve (M.L.), a cargo dos ex-combatentes da Grande Guerra. Essa seção prestou os mais assinalados serviços no setor. O tenente Terrasca foi elogiado em boletim do Q.G de Itapetininga.

Cabo Prof. Victorio Lino Bambini.
Soldado Varlindo Rangel.
Soldado Vicente Lopes.
Soldado Virgílio Boé Pitombo.
Soldado Veridiano Martins.
Soldado Virgílio Sporken.

W

Cabo Waldemar Duarte Franco, M. L.
Soldado Walter Tarcísio Pinto.
Soldado Waldemar Santos Cruz⁸⁸.
Soldado Wladimir Pereira Vaz.
Soldado Washington Kerry⁸⁹.
Soldado Waldomiro Perpetuo.
Soldado Wenceslau Slivar⁹⁰.

Z

2° Sargento Zulmiro Alves Pinheiro⁹¹.
3°. Sargento Zenon Bueno.
Cabo Zercilio Domingos Ramos.

Possivelmente me escaparam alguns nomes. Entretanto se me forem enviados pelos interessados, eles serão incluídos na 2. edição.

⁸⁸ Ferido estilhaços granada avião, em Ligiana, a 4 de setembro.

⁸⁹ Transferido para o Esquadrão Feijó.

⁹⁰ Ferido em combate do dia 11 de agosto.

⁹¹ Ferido estilhaços granada de avião, em 21 de agosto, em Aracassú.

O Meu Homônimo

Quando ainda em Quitana, em vésperas de minha partida para o setor Sul, com o 9º B.C.R tive ocasião de ler surpreso a transcrição de um telegrama entusiástico que Elias Karam dirigira a sua noiva, uma distinta senhorita da capital paulista.

Enfim, não é privilégio teu chamar-me Elias Karam, a um nome idêntico nada tinha eu que alegar, em contrário.

Narro somente aqui o fato pelas consequências que ele trouxe.

Já em São Paulo recebi inúmeras felicitações pelo meu noivado, porque, diziam, ninguém sabia que eu era noivo, estranharam que eu deixasse os meus amigos ignorantes desse fato.

Expliquei-lhes, então, que o noivo não era eu e sim um outro Elias.

Bem. Parto para o "front" e com surpresa o correio militar me encaminhar diversas cartas dirigidas a meu homônimo.

Devolvi as mesmas, escrevendo no verso o seguinte:

"Srs. do M. M. D. C. de Itapetininga:

Ha um outro Elias Karam, incorporado no 8º B.C.R.

E obsequio encaminhar esta carta para aquele batalhão.

Com os agradecimentos do Elias Karam, do 9º B.C.R."

De nada, porém, adiantou essa advertência. As mesmas cartas voltaram ao meu poder.

Tendo o endereço de remetente, escreve uma carta a Senhorita noiva do meu homônimo, contando-lhe o ocorrido e solicitando-lhe se interessasse, na capital, para que as cartas que dirigia ao noivo lhe chegassem as mãos, porque calculava eu a ansiedade com que ele devia estar esperando notícias da noiva.

Gentilmente, recebi resposta que não é preciso dizer quanto me alegro, pois todo aquele que esteve em campanha bem sabe quanto agradáveis são as linhas que se recebem, mormente porque elas trazem tanto conforto.

Agradecia-me a senhorita o obsequio e dava-me notícias do meu homônimo. Também na carta vieram lindas medalhinhas de Nossa Senhora que eu ainda conservo, como recordação do episódio interessante.

Terminada a revolução, procurei conhecer meu homônimo, mas não me foi possível achar quem me desse informações a respeito.

Mas, o interessante do episódio reside justamente no seguinte: um correspondente da GAZETA DO POVO, e Curitiba, estando nas linhas de frente em Buri, com a retirada das tropas paulistas, encontrou o jornal paulista que publicara o telegrama do Elias e sua noiva.

Julgou tratar-se de minha pessoa e apressou-se em mandar a correspondência para o seu jornal, que a publicou na íntegra.

É fácil de se avaliar da surpresa causada em Curitiba e no Paraná do meu "noivado". Pessoas conhecidas amigas felicitaram os meus pais e a minha família. Essa, mesmo duvidando do fato, estava inclinada a acreditar no caso. O que não podiam aceitar os meus pais é que eu me lembrasse de noivar justamente numa época de Revolução, pois que muito bem poderia eu ter deixado para quando terminasse a mesma.

Só com o regresso de um irmão meu, o Jorge, que esteve comigo em São Paulo, é que se desfez o equívoco.

Assim quando voltei ao meu lar e soube do ocorrido, apressei-me em escrever a São Paulo, para saber do endereço do meu homônimo, porque, agora mais do que nunca, me interessa uma correspondência com ele, até conhecê-lo quando se nos oferecer oportunidade.

A carta que dirigi a sua noiva lhe foi enviada e o meu homônimo me escreveu, demonstrando, além de uma boa cultura, um "humor" admirável.

Aí vai a carta transcrita:

Santos, 21 de novembro de 1932.

Illmo. Sr. Elias Karam.

Saudações.

Acaba de chegar às minhas mãos, a sua carta endereçada a minha noiva.

Aproveitando a ocasião que se me oferece em virtude do endereço em meu poder, passo a escrever-lhe. Agradeço penhorado o interesse que tem demonstrado para comigo e confesso que gostaria de conhecê-lo.

Essa igualdade de nome, esteve prestes a encontrar-se no mesmo batalhão, não acontecendo por um infeliz atraso de sua parte.

Saí de Quitaúna no 8º B.C.R e o seu batalhão foi o 9º quer dizer: chegou naquele quartel, justamente no dia em que eu de lá saia. Essa sua demora, não só veio evitar que nos conhecêssemos, o que para mim era bem agradável como também veio fazer com que cartas a mim endereçadas, fossem parar em suas mãos, ficando extraviadas em alguma retirada "estratégica".

Quando eu estava no "front", escrevi-lhe, pedindo a remessa das minhas correspondências, caso elas, seguindo exemplo das granadas inimigas, houvesse errado o verdadeiro "alvo". Porém, pelo que se deduz da sua carta, não recebeu a minha, pois nela eu dava o meu endereço civil. Lastimo que isso tenha acontecido, pois ia, embora não fosse a altura do merecimento repleta de elogios calóricos, próprios dos climas "tropicais" das trincheiras.

Lastimo também, que o nosso caso tenha ido atrapalhar os seus casos de coração, em virtude do telegrama publicado.

Mas isso será sanado facilmente com esta carta que guardará com o carinho que o caso exige para desfazer o equívoco particular de cada pequena, quando por um motivo qualquer surgir uma dúvida.

Eu aqui não vacilarei, por certo, em polo como armadura, quando alguma complicação amorosa aparece.

(Naturalmente, não sendo caso de polícia.)

Para findar, resta-me oferecer os meus serviços em São Paulo e pedir desculpas por assinar com o seu nome.

ELIAS KARAM

Respondi ao xará "duplo" e em resposta veio a seguinte carta que transcrevo porque diz do ambiente em Santos, post-revolução:

Santos 30 de novembro de 1932.

Meu caro Elias

Salute

Você errou.

Errou, porque antes de você mandar dizer eu já sabia que iria escrever um livro.

Não sabia, mas previa e admirar me dê você ainda não o ter feito. O que eu não consegui adivinhar, foi o caso da pretensão. Sei que você é amante das coisas amplas e um livro não seria para você, coisa de pretensões irrealizáveis.

Quando eu estava no "front," recebia cartas de minha irmã. (não era só você que recebia minhas cartas), ela mandava-me os seus artigos, incentivando-me a escrever também para um jornal. Diz-me que, se eu quisesse, poderia fazer coisas idênticas, (Os parentes veem a gente com os olhos do coração e nos consideram muito acima do que realmente somos).

Não o fiz.

Justifica-se o motivo.

Preferia a deixar na ilusão, de que seria capaz se o quisesse.

Quando eu ainda estava na dinâmica Capital do Estado, recebi diversos parabéns. A princípio, ignorando a causa, recebe-os orgulhosamente e refestelava-me todo, na minha pretensão de merecedor. Mas logo vinha a explicação do motivo e com ela, implacável, fatal, humilhante quase, desilusão, pois sempre era por um artigo publicado em um periódico, ou um discurso seu na rádio.

Certa vez indo visitar a família do Dr. Djalma Pinheiro Chagas, que é cunhado de minha irmã, recebi elogios por um discurso eu e aproveitei do

ensejo para fazer um "humor". Recebi os parabéns, dizendo que realmente havia sido um discurso bem discorrido, cheio de frases felizes, palavras bem encaixadas e digno de receber o "jamegão" dos mais distinguidos personagens do verbo fácil.

Quando todos já estavam sem jeito diante da minha falta de modéstia, abri um parêntesis na conversa e contei um trecho de Monteiro Lobato. Nesse trecho, ele fala em umas pílulas que têm a mesma propriedade do ovo, mesma força de nutrição etc. Mas pílula. Fechei os parênteses e continuei nos mesmos elogios ao discurso:

Havia sido um discurso muito bem feito, havia impressionado bastante, mas não era meu.

Foi como consegui sair da entaladela.

O ambiente aqui em Santos, depois do malfadado armístico, esteve excitadíssimo. Só em um dia, mais de 30 pessoas foram para a mansão dos justos e outro tanto para o concerto.

Estivadores partidários do Miguel, comunistas portanto, (isso a gente diz baixinho) quiseram promover distúrbios com os voluntários. Armados de revolveres, facões de mato e outros instrumentos de diversões, invadiram a cidade. Começaram por esbofetear um rapaz que estava com a barba crescida e arrancar um distintivo paulista calapela de outro.

Às armas!

Foi um grito que ninguém ouviu, porém que todos atenderam.

F. M. cantou e quem estava distante, ouvia o compasso sambístico do Zé Pereira que zabumba nas costas da estivada.

Eles resistiram e os "abacaxis" entraram em cena com sucesso. Os que conseguiram escapar, acharam melhor fazer uma retirada "estratégica" recolheram-se a "private life," dando graças ao Diabo, por haverem feito como eu: "escapo ileso da campanha."

E nunca mais fizeram manifestações.

Também, diante do exemplo, quem teria o desprendimento de tentá-lo? São pessoas sem responsabilidades, mas a vida já não é pouca responsabilidade para ir-se expor na certa de perder amor. Outra também que se deu aqui, não deixa de merecer uma descrição.

Quando o 9º R. I. do Rio Grande do Sul, que estava no Norte lutando contra nós, (eu entrei em combate com esse regimento) aportou em Santos, desembarcaram soldados com os nossos capacetes.

Isso por si só, já era uma afronta não contente ainda com isso, um, talvez para chamar mais a atenção, entrou em um dos grandes salões de engraxate e mandou engraxar o seu.

Um rapaz. (fardado ainda) que notou o caso, esperou que o engraxate terminasse a sua missão e recebesse a respectiva paga.

Depois, calmamente, adiantou-os e mesurico, pediu licença, tirou o capacete da cabeça do dito e mandou-o embora.

No primeiro momento, ele quis reagir.

Mas teve o cuidado de olhar em roda e ver, em todas as fisionomias, o mesmo sorriso gelado e mordaz.

Por isso, desistiu o seu intento e foi se, deixando o reluzente capacete nas mãos do nosso soldado.

Mal passada meia hora, eis que surge uma patrulha gritando que eram gaúchos e que os capacetes representavam troféus de guerra, pois haviam sido tomados em

Campanha.

O povo, como todos os povos nesses momentos, estava reservado e sorria apenas.

A patrulha continuava a percorrer as ruas com a mesma "garganta." (Existiam tenores, barítonos, contrabaixos, gritos sibilantes e imprecações roucas que a nada imitavam).

Quando chegaram a rua 15, que é onde fica localizados os Escritórios Comerciais, picharam todo o seu repertório, abriram todo o "escapamento" de ofensas aos combatentes paulistas.

Diante dos oito F. Emmes, o povo não os toca para bordo imediatamente, mas a assoada foi "brava." Tremiam beijos em sopros irreverentes e o café em grão voava das sacadas sobre os arruaceiros militares.

Caso eles tomassem a ofensiva, (o que os paulistas não queriam fazer) os "abacaxis" estavam prontos para a refrega.

Cansados de falar, voltaram para bordo, certos de que haviam cumprido o seu dever.

O navio zarpou nesse mesmo dia. E enquanto ele se afastava, nós, do cais, fazíamos tremular os nossos lenços brancos nos nossos votos de boa viagem.

Você, é comerciante, "quand même."

Eu o sou "quand même" "quand non même."

Comerciante sempre, fui soldado uma vez e político nunca!...

A propaganda do seu livro, você a fez de um modo categórico. Quanto à colocação, veremos depois, mas deverá ser vasta, dado a conquista que você fez nos amantes da leitura.

Deixemos o "restinho" para outro dia, pois para não errar os seus cálculos, que até agora saíram certos, quero a pôr no correio ainda hoje.

Eu sei que havia mais um assunto para tratar, porem esqueci-me. (Você escapou de outra "chateação").

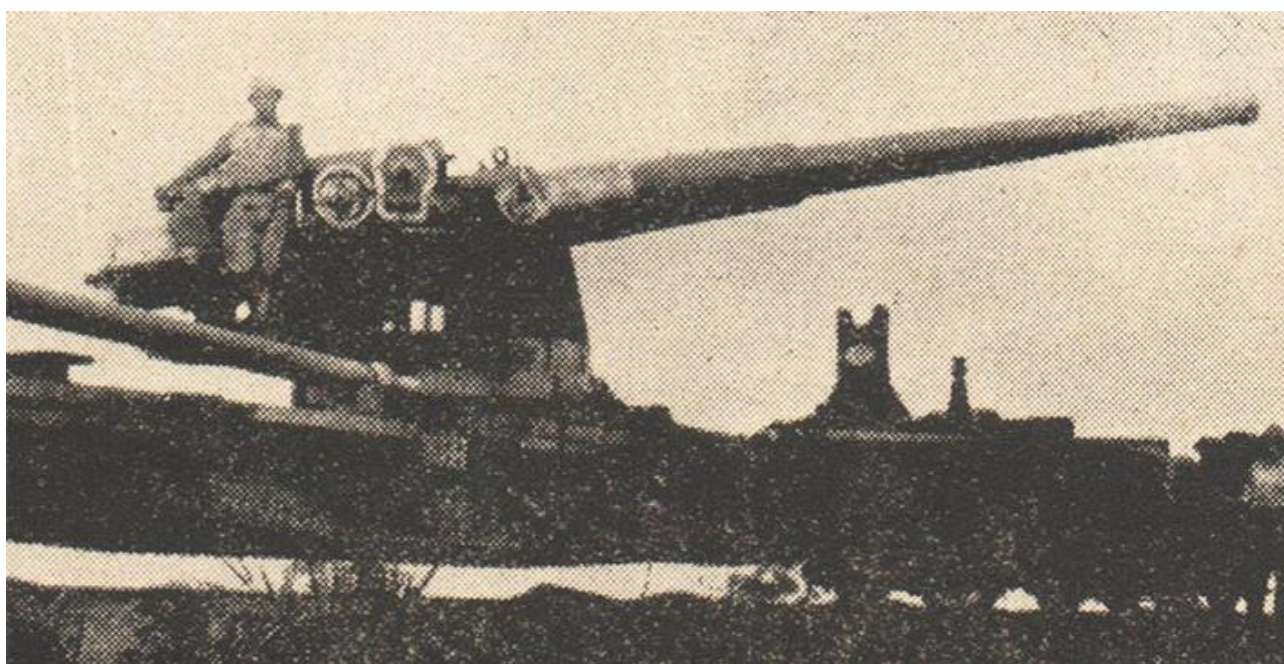
Abraços do outro (?)

ELIAS KARAM

Para encerrar esse episódio interessante direi que escrevi ao meu homônimo, esperando que as nossas relações não ficassem somente em correspondência, e ofereci-me para padrinho...



Um grupo de voluntários no Setor Sul



O querido vovô, o 150 do forte de Itaipú, em sua gôndola especial em um dos desvios entre as estações de Angatuba e Engenheiro Hermillo.

TOMO IV

Depois da luta

A atitude da Força Pública

Logo as primeiras notícias das negociações para o armistício encheram-se as ruas de grande massa popular.

Isso aos 29 de setembro, conhecidas as últimas edições dos jornais da noite, cerca das 22 horas.

No dia 30, São Paulo em peso veio a praça pública. O povo em conjunto dirigiu-se ao Quartel General. presente o General Klinger, fez-lhe ver que o seu ânimo ainda até inicial e que São Paulo só podia sair da luta com a vitória ou com uma paz honrosa. A grande massa popular, chocada com os últimos acontecimentos e com as notícias tendenciosas que corriam, exigia o prosseguimento da luta e para tanto bradava alto: "Nós queremos trincheira!"

O povo entendia prosseguir na luta, disposto às piores consequências que disso resultassem. Preferia ser dominado pelas armas, abatido pela força a sujeitar-se a desonroso acordo!

E nisso tinha o povo as suas fortes razões.

Os chefes supremos estavam com o povo, tanto que o supremo comando das forças constitucionalistas fazia publicar o seguinte comunicado:

“É preciso que o povo paulista confie na ação das autoridades militares e estaduais.

Um mesmo pensamento anima a umas e outras: Ou uma paz honrosa para São Paulo ou a continuação da luta.

Mas para que as negociações para essa paz honrosa, ou o prosseguimento da campanha até a última possibilidade prossigam, urge que a heroica e laboriosa população de São Paulo se abstenha de quaisquer manifestações coletivas, reuniões ou grupos, que são terminantemente proibidos.

O Governo do Estado e o Supremo Comando das Forças têm bem nítida a noção da sua dignidade e deveres Firmes e resolutos eles se conservarão nos seus postos

**TUDO POR SÃO PAULO!
TUDO PELO BRASIL!**

São Paulo, 30 de setembro de 1932.

Mas, não o quiz a Força Publica (com raras e honrosas excepções). Em surdina, desde o dia 27. a Força Pública preparava um entendimento direto com a ditadura para a cessação da guerra.

As razões do comandante da Força Publica longe de justificarem o seu gesto, ainda mais o agravaram.

Depois do que fez, exorbitando de suas funções, não sabemos de que forma qualificar um acto dessa natureza, mormente se tivermos em vista as duas seguintes declarações do Comandante da Força Pública

As primeiras dirigidas ao povo de São Paulo, em 27 de agosto, um mês precisamente antes do negociamento do "acordo desonroso." pela rádio "P.R.A.O.," Cruzeiro do Sul:

"Lamentando não ser possível, como era meu sincero desejo, vir pessoalmente falar ao povo de São Paulo através do microfone da Radio Cruzeiro do Sul, atendendo ao gentil convite que me foi feito, faço o por esse intermédio, valendo-se dessa oportunidade para apresentar ao generoso povo desta terra, em meu nome e dos meus camaradas, os agradecimentos da Força Publica pela carinhosa assistência, espiritual, moral e material que vem sendo prestada pelas mais inequívocas e variadas demonstrações de amizade e apreço.

E de uma coisa pode o povo de São Paulo estar absolutamente certo: é que se ele se orgulha da sua Força Pública, esta não se orgulha menos de saber sacrificar-se até a última gota de sangue do último de seus homens, na defesa da honra, da integridade e das gloriosas tradições desta terra bendita. Esta afirmativa, que vem tendo a mais cabal confirmação pela acuação de nossas tropas em todas as frentes de batalha, ao lado do valoroso Nacional e das tropas de voluntários e patriotas, será o lema que nos servirá de guia até a vitória integral e completa da causa porque nos batemos. E que disso ninguém tenha dúvida. Estamos empenhados numa luta de vida ou de morte é absoluta."

As suas segundas declarações vieram a público em 30 de setembro, quando já estava em meio ao acordo. No entanto, ainda Comandante da Força Pública teimava em dizer que ela estava coesa e firme como parte do Exército Constitucionalista e que quanto as resoluções que estavam sendo tomadas, estas, em absoluto, não emanaram da Força Pública ou do seu comando, mas sim do comando superior das forças constitucionalistas, a quem a Força Pública está subordinada!

No entanto, não vacilou em passar por cima do Comando a que estava subordinada, para entregar São Paulo aos seus adversários.

Para que melhor se julguem os fatos, aqui vão as declarações do comandante:

A Força Publica declarou o comandante Herculano de Carvalho continua coesa e firme como parte do Exército Constitucionalista, no setor de Campinas.

Desde o início da revolução, a Força Publica vem obedecendo às ordens do comando supremo das forças constitucionalistas, consciência das suas responsabilidades, perfeitamente integrada no seu papel.

É natural que, num momento como o que atravessamos, o menor fato ocasione a aparição de notícias as vezes alarmantes. Justamente isso é que se deu com respeito à minha pessoa e à força que comando a qual, mais uma vez, está integrada inteiramente no seu papel, as ordens do comando supremo.

Tanto é assim que parte da minha força está vindo para a Capital com o fim de garantir a ordem interna da cidade, os bens particulares e tudo o mais que representa enfim, o patrimônio de todo o Estado e da população toda.

Quanto as atuais resoluções que estão sendo tomadas, estas em absoluto, não emanavam da Força Pública ou seu comando, mas sim do comando supremo das forças constitucionalistas, a quem a Força Pública está subordinada.

O tenente coronel Romão Gomes, continua em Campinas acabo de falar com ele pelo telefone. Esse oficial continua a obedecer às ordens do comandante da Força Pública, de acordo sempre com comando supremo, e eu, como oficial disciplinado, compreendendo toda a responsabilidade do meu cargo, e procurando sempre de acordo com o que cumpre ao meu dever, mantendo a conduta que a minha dignidade de oficial me impõe, como reflexo e consequência do meu cargo.

Que pensar diante dessa incoerência de atitudes de palavras?

A proclamação de um bravo soldado coronel Brasílio Taborda⁹²

A 3 de outubro, depois de num gesto brilhantismo, deixar a Chefatura da Polícia, passando permanecer num posto de confiança da Ditadura bravo Coronel Brasílio Taborda, dirigiu a mocidade paulista belíssima proclamação, na qual, conclamando de modo incisivo a bravura dessa heroica mocidade, concita a para que se conserve a atitude pacífica.

Eis aí essa vibrante peça:

"Em face do atual movimento sinto-me no dever de dirigir a heroica mocidade paulista um leal e carinhoso apelo, para que se conserve em

⁹² O coronel Taborda veio fugido do Rio, num pequeno barco e travestido de passeador, para aderir ao movimento constitucionalista. O bravo militar que é paranaense, esteve ao comando do setor sul, com sede em Itapetininga. Foi grande na guerra, como heroico na paz.

atitude pacífica, concorrendo deste modo para a manutenção da ordem nesta capital e em todo território do Estado.

Lutadores heroicos de pelejas sangrentas, eu vos concito a serdes também heróis na desventura e a terdes em mente que a tranquilidade da família paulista depende agora do estoicismo com que souberdes gostar dos vossos sofrimentos.

Qualquer atitude menos refletida poderá trazer mais dor e mais luto, improficuamente, para a família desta terra santa já tão sacrificada na luta gloriosa que manteve em prol de um ideal sublime.

A semente de ideal lançada no solo pátrio não precisava de mais sangue para germinar, frutificar e vencer.

Agora que não é mais possível conseguir esse ideal pela força das armas, com a rapidez desejada, é necessário o vosso generoso sangue, e que aguardeis confiantes, com a tranquilidade de consciência a que tendes direito, a seara magnífica que brotará da semeadura de civismo, com a rega feita pelo sangue dos heróis tombados na peleja.

Meus heroicos de mandados de ontem, pelo amor as vossas famílias e pelo amor do nosso estremecido Brasil, eu vos concito a serdes hoje no sofrimento, pela resignação pela serenidade, tão denodados e tão heroico quanto fostes ontem no campo de batalha.

Se eu tenho o direito de vos pedir alguma coisa, aqui o faço neste apelo que me é ditado pelo coração e pela experiência, visando a vossa felicidade, a felicidade da família paulista e da grande família brasileira."

Como homenagem ao bravo comandante do meu setor, transcrevo para aqui a apreciação da Folha da Manhã, de 4 de outubro, a esse brilhante documento.

O APELO DO CORONEL TABORDA

Ereto, firme, sereno, como sempre se mantiveram no campo da luta, apresentou-se, ontem aos seus antigos comandados através de apelo revelador de alta elegância moral e mental, o coronel Brasílio Taborda.

Em sete parágrafos, o valoroso militar traçou, sem querer, o seu próprio perfil, facilitando, dess' arte, ao historiador de amanhã tarefa de estudar as principais figuras do movimento constitucionalista.

Com a segurança do militar temperado nas mais duras pelejas e afeito aos desfechos mais inesperados, não se deixou, por isso mesmo, invadir pelo desânimo. Contendo, pois, ímpetos e palavras que de qualquer modo pudessem agitar, neste instante delicado, as tropas que durante três meses obedeceram ao seu comando, aconselhou o estoicismo próprio dos combatentes. Nada de excessos nem de violências, por amor ao Brasil.

"Lutadores heroicos de pelejas sangrentas diz o coronel Taborda eu vos concito a serdes também heróis na desventura e a termos em mente que tranquilidade da família depende, agora, do estoicismo com que souberdes

gostar dos vossos sofrimentos. Qualquer atitude menu refletida, poderá trazer mais dor mais luta, improficuamente, para a família desta terra santa, já tão sacrificada na luta gloriosa que manteve em prol de um ideal sublime."

Na hora em que tudo parece ter ruído, o antigo comandante do setor Sul manteve a sua fé inabalável, na vitória da causa constitucionalista, afirmando aos seus soldados que nessa luta gigantesca, nada se perdeu, a ideia ficou. "Semente do ideal, lançada no solo pátrio, não precisa de mais sangue para germinar, frutificar e vencer.

O apelo não parte de um espírito fraco. E a palavra de um homem de coragem raciocinada. É o conselho de quem, de pé, sob o estridor da metralha, deu todas as suas energias. Não pede, entretanto, humilhações, quer apenas, pelo amor que vota no Brasil, que os seus soldados de ontem sejam hoje, "no sofrimento, pela resignação

pela serenidade, tão denodados e tão heroicos quando foram no campo da batalha".

Esse heroísmo foi o primeiro a demonstrá-lo ao Coronel Taborda no seu apelo, verdadeiramente comovedor, e de fato o momento reclama calma e serenidade, pois assim melhor poderemos sustentar a ideia que nos congregou.

Não foram competições pessoas, não foram sentimentos regionalistas, não foi a fantasia separatista que nos estimularam Entrámos na luta com os olhos fitos no Brasil cuja grandeza desejamos grandeza que somente poderá atingir quando restituído a posse de si mesmo, quando recolocado dentro da lei.

Em perto de três meses uma admirável epopeia foi escrita.

Aí está a energia já revelada. Aí está o pouco do muito que poderemos fazer, mesmo fora dos campos de batalha onde o heroísmo da nossa gente tanto fulgurou. Nada falta, pois, para impormos o respeito a que São Paulo, por todos os títulos, tem direito, pois um povo como este da gloriosa Piratininga não se esmaga nem se vence. E esmagado e vencido não foi nem o será nunca.

Firmes, como sempre, os sete milhões de paulistas por que a ideia que defendem fatalmente triunfará porque assim o sentimento nacional o exige!"

Uma nota do "O Estado de São Paulo"

A imprensa paulista foi certamente a alavanca mestra que locomoveu todos para a luta. A sua ação foi a mais digna possível. Nenhuma folha paulista destoou do conjunto. Os jornais eram disputados avidamente. Sucediã-se as edições. As iniciativas tomadas e lançadas através dos jornais eram logo conhecidas e imediatamente satisfeitas.

A imprensa paulista foi digna do povo paulista. Não é preciso dizer mais nada.

"O Estado de São Paulo," em sua nota habitual, que marcava muitas vezes o pensamento dos chefes revolucionários, no dia 4 de outubro, pela pena autorizada de um dos mestres do jornalismo brasileiro, o Dr. Plínio Barreto gozou com perfeição chamado término da luta":

"São Paulo não deve desanimar. O gigantesco esforço que ele fez, o assombroso movimento de reação que ele desencadeou para restabelecer, no Brasil, o império da lei, não foi estéril. O que não se conseguiu hoje, será conseguido amanhã. O que se encerrou ontem por um inesperado melancólico desfalecimento de algumas tropas, não foi a luta pela redenção do Brasil: foi o primeiro episódio da batalha iniciada e que 56 termina com a vitória completa da mais bela, mais nobre e mais brasileira das causas porque, ainda, até hoje, mãos brasileiras empunham armas. SÃO Paulo não foi vencido, não será o povo que deu de si as mais espantosas provas de bravura e resistência de intrepidez e resignação não cedeu à pressão dos exércitos ditatoriais. Não afrouxou. Não recuou. Não transigiu. Ao contrário: continua disposto todos os sacrifícios. Estava pronto a novos martírios.

Não era adversário irredutível da paz, mas só se acalmaria se a paz fosse compatível com a sua dignidade, satisfizesse aos ideais porque se batia e representasse, para o Brasil, uma sólida conquista liberal. A paz que lhe impuseram não tem essas características? Pior para os que arrebataram as armas das mãos porque o sentimento uma coletividade não se abafa com espadas nem tinge a metralha. Não se resigna a escravidão, nem considera vencido, um povo que fez o que o povo de São Paulo, com admiração geral, acaba de fazer. Uma energia, que se tempera ao fogo das batalhas, não fraqueja primeiro revés. A São Paulo falhou tudo, menos o heroísmo de seus filhos. Esse heroísmo não desaparece nas trincheiras que o infortúnio nos fez abandonar. Subsiste, intacto, nos corações dos nobres voluntários que salvaram a honra do Brasil. Da mesma ou sobre outras formas ha de manifestar se amanhã, mais cedo ou mais tarde, para a maior glória da nossa terra e de nossa gente.

A luta não acabou: Vai transformar-se. Não é a vontade deste ou daquele que o ordena; é uma fatalidade histórica a que ninguém poderá fugir. Se a ditadura não o compreender, mais uma prova dará da sua incapacidade política. O duelo entre o direito e o arbítrio só termina pela vitória daquele. E lição de todos os tempos e de todos os povos. Não nos aflijamos, O sangue que se derramou pela Constituição não se perderá: as vidas que as armas da tirania ceifaram, não foram desperdiçadas. Destas e daquele virá para o Brasil a salvação, porque a gente que sobreviveu, ou que escapou ilesa, é da mesma fibra e do mesmo patriotismo que a sacrificada nas linhas de fogo.

É um Brasil novo e forte o que surgiu em São Paulo e o futuro é dos novos e fortes.

Ibrahim Nobre e a sua última oração

Ibrahim Nobre, o brilhante Promotor Público da Capital paulista, foi Lopes Trovão da campanha constitucionalista.

Desde antes de 23 de maio vinha ele discursando e escrevendo, levantando almas e corações!

Os seus maravilhosos poemas não encontram similar no gênero. Ele encarnou a maravilha toda a angústia do povo paulista.

Transladamos para aqui a sua última oração, linda muito linda, na dor que traduz:

AINDA E SEMPRE

“... a pena de morte será convertida na de prisão, com trabalho, por 30 anos.

Decreto nº 21.886, de 29 de setembro de 1932.

Para tão grande fé, tão curta pena!

Vencidos, não! Traídos, vendidos, entregues, ludibriados! Tudo Menos vencidos.

Não houve sustar aquilo que a deslealdade concertou entregar e desfazer.

E se está flutuando sobre escombros a poeira ilustre de uma glória.

São Paulo entra de corpo e alma na luta, dando-lhe destino, e carne e ouro. Mas, de repente, em plena atividade, em plena rigidez do seu cinismo, num projeto atingir da hora decisiva, eis que se trama, que se urde a conspiração da paz.

Sabe-se lá o que foi! Desmaio ou moeda, Calabar ou Iscariotes, calcanhares ou arranjos, infâmia ou paranoia, o caso é que a conspiração se processou. torpe e tentacular, surda e sub-reptícia como um câncer.

E perderam a nossa Vitória! E entregaram a nossa Terra!

Nove de Julho foi um imprevisto. Era a alma em carne viva de uma terra. Não há contar maremotos nem asfixiar crateras! Não houve preparos, não havia balas nem fuzis. Havia, porém, coração e pundonor, anseios e deveres, músculos e consciências!

Não se conspirou, aspirou-se, respirou-se a guerra. E nove de julho explodiu. Incoercível!

São Paulo desde logo, era uma porção de fé, cercada de redes por todos os lados. Uma ilha de heroísmo!

Nas trincheiras, contrarie um soldado contra de um fuzil faminto contra vinte metralhadoras nutridas. Era a potência contra a providenciar a matéria contra o Espírito; a nuvem contra a claridade.

Nas frentes menos acossadas, mendigava-se uma cola de cartuchos para se sustentar uma posição e sustentava-se, e defendia-se, transpunha-se. Viveu nessa luta desigual a nossa glória melhor.

No entanto, quando o imprevisto se desdobra no milagre de organização e máquinas paulistas realizavam a indústria heroica da munição e dos capacetes, dos schrapnells e das bombardas: quando tudo se articulava numa ampla eurritmia e todos se ajustavam numa só articulação, foi então que, aos oitenta e tantos dias de paixão se fez do sacrifício uma inutilidade, se reduziu o idealismo a um cálculo, e o que eram vésperas do triunfo se transformaram em hojes de derrota!

Não se soltou da Arca Paulista a clara pomba dos dilúvios transpostos: soltou-se o corvo. Mas desta vez o corvo regressou não com o ramo de oliveira no bico, mas com uma pastada de lama na consciência.

Vencidos, não! Nós não o fomos!

Reparo: o vencedor tem vergonha da vitória! Ai do vencedor!

O "sinhô" equilibra a partida com ouro da própria escravatura!

Os capitães de mato, reconduziram os quilombolas a senzala. E agora preparam-se as enxovias para as liberdades! Desnudem-se as costas para os rebenques. Estilizam-se as afrontas para as vinganças!

Vai começar a farra cívica! Os "sinhozinhos" já estão aí.

Judas! Judas! Judas! e há tanta figueira à beira dos caminhos...

E dirá invasor abaixa a cabeça, ó paulista! Teu destino é o sítio, a enxada na mão, o feitor sobre o lombo.

Apanha-se produz! O "sinhô" tem fome e quer mucamas.

Liberdade, autonomia, constituição, tudo isso é sonho já sonhado; é paisagem que ficou lá atrás, lá longe, a luz extinta d'uma pátria extinta.

Abaixa a cabeça, ó escravo! Vamos! Entregas os pulsos para as algemas! Entrega o pescoço à canga! O proprietário sou eu!

E nós diremos: SOFRE! A dor é o caminho da redenção. São Paulo está embebido de sangue. Lares se despovoam. Distintos se desfizeram e mães e mulheres e crianças a todas por aí, cobertas de luto e de lágrimas!

Sofre! Tudo isso é sementeira sagrada de hoje, para colheitas milagrosas de amanhã!

Verás que esplendida vai ser a floração das outras baionetas!

Não descreias! Confia em Deus e teme o político.

Confia em ti, na tua raça, no teu sangue, tua honra não se mede pela alheia indignidade.

Que cada um de nós valha pela afirmação honesta do que é, do a que aspira e do que sofre.

O incêndio não se extinguiu. Aí está em ti, na tua alma e no nosso juramento, a centelha, a áscua, a fagulha do nosso esplendido clarão.

Sofre e prossegue!

Poe luto, Paulista! Uma tarja de luto pelos nossos mortos, pela nossa adversidade e como sinal de que a gente prossegue, sem armistícios.

Agora o momento é branco de estática. Unge-te no gandico espírito e não coopes! Marca bem o "paulista" que ficar ao serviço do inimigo. Marca o bem! Esse é o rufião que entregou a causa. Esse é o filho que entregou a própria mãe. Esse é a fauna da nossa sepultura e que irá alimentar-se do nosso cadáver marca o bem! Silenciar não é esquecer.

Deus escreve direito por linhas tortas São Paulo reaprendeu a guerra e agora se completou no soldado. Nove de julho foi o treino para a apoteose. E um dia se Deus se perder porque ele nos perde mês também. Então porque já não restará pedra sobre pedra, taipa sobre taipa, areia sobre areia.

E as gerações porvindouras veriam onde São Paulo foi e verão o ilustre tumulto de uma geografia, com um epitáfio de estrelas: AQUI JAZ UM POVO QUE NÃO QUIS SER ESCRAVO!

E eu de mim, sei que prossigo com a mesma alma de 23 de maio e a mesma fada de nove de julho.

INIMIGO! a luta continua!

ATIRA CAIM!

São Paulo, 3 de outubro de 1932.

A Gratidão dos Flagelados?

O "Correio de São Paulo," de 19 de outubro, publicava a seguinte nota sob o título de:

UM DESLIZE

"O sr. José Américo de Almeida, que está com as responsabilidades de representante da intelectual: da revolucionária do Norte, falou à imprensa do Rio sobre a atitude dos artistas em relação a São Paulo, procurando justificá-la com a alegação de que "o norte viera para as trincheiras impelido pela gratidão e pelo instinto de conservação."

Disse que o seu ministério havia dado trabalho a 100.000 homens. E concluiu, textualmente: "Isso não deixa indiferente um povo como aquele e a menor agressão que sofrem os seus benfeitores, ele acorre as armas para defendê-los.

Com essas palavras, o sr. José Américo irrogou uma escusada injúria aos cearenses. Não lhes reconhece capacidade para distinguir entre a ditadura e a constituição. Reduz tudo a uma questão material. A ditadura está dando trabalho a 100.000 cearenses? Sustentemos a ditadura pelas armas. O que importa é a fatura. O mais não tem importância...

Deve estar enganado, no juízo que faz dos cearenses, o ministro da Aviação. Se eles marcharam contra São Paulo foi por motivos outros que não era da garantia de um trabalho remunerado.

Gratidão? Mas eles não devem gratidão só ao governo provisório. Devem-na também ao povo que produz a renda com que o governo provisório lhes pode dar trabalho.

Afinal de contas, não é o sr. Jose Américo quem produz os recursos com que estão sendo socorridos os nossos patrícios do Nordeste.

O sr. Jose Americo talvez não tenha dito as palavras não refletiu bastante sobre a sua significação que a empresa lhe atribui. Ou, se as disse, evidentemente não refletiu bastante sobre a sua significação.”

Isto é São Paulo

Inesgotáveis as reservas paulistas. Durante o período revolucionário nada faltou a São Paulo. Afora o entusiasmo decorrente do momento, tudo se processa como se houvesse anormalidade. Cinemas e teatros funcionaram todos os dias. O mesmo ritmo de sua vida ciladina.

Os gêneros de primeira necessidade não subiram de preço, tendo sempre havido uma tabela de controle. Mesmo que esta não existisse não haveria abusos, porque todos estavam cômnicos da hora de responsabilidade que pesava sobre o glorioso Estado.

Terminada a Revolução, São Paulo exportou gêneros para quase todos os Estados, notadamente para a Capital da República.

Caso interessante: uma casa comercial do Paraná, ao pedir os preços de charque de São Paulo teve mais baratos do que os do Rio Grande, havendo uma diferença sensível de 8\$000! Isto nos primeiros dias após a cessação da luta.

Os stocks existentes em São Paulo, no dia 30 de setembro, eram os seguintes:

Álcool. 1.491.552 litros; alfafa, 892.011 quilos: arroz, 137.620 sacos; açúcar, 6.629.848 quilos; azeite 1.329.080 quilos; bacalhau 403.570 quilos; banha de porco 290.910 quilos; banha vegetal de coco 180.290 quilos; batatas, 47.000 sacos; carne seca ou charque, 1.833.350 quilos: canjica, 4.878 sacos; carvão vegetal, 13.118 sacos; feijão mulatinho, 120.000 sacos; feijão branco ou manteiga, 2.916 sacos: farinha de mandioca, 28.860 sacos: farinha de trigo. 180.000 sacos: fubá de milho, 1.980 sacos; óleo combustível 772.165 quilos; querosene 414.500 litros; gasolina 17.525.265 litros; leite condensado nacional 82.870 latas; lenha: feixes, 103.133 e metros cúbicos 168.02; massa de tomate 225.263 quilos; milho, 195.610 sacos; fósforos de madeira 812.948 maços; sal nacional, 8.509.705 quilos; velas, 1.363.260 pacotes.

Diante desses algarismos convincentes podemos repetir: Isto é São Paulo!

Depois da Luta

São Paulo lutou só!

É preciso que se de o devido alcance a estas palavras.

São Paulo lutou só!

Mas, lutou só, por quê?

Por que o oficialismo de outros estados traiu a palavra empenhada? Porque de fato os povos dos outros estados, despeitados do progresso de São Paulo queriam ver quebrada a hegemonia econômica paulista?

Não, não deve ter sido assim. É impossível que os brasileiros de outros Estados pensassem desta maneira.

Queremos crer que o povo estava com São Paulo.

Não à estavam os prepostos da ditadura, arvorados em interventores.

Tivesse armas o povo, fatalmente viria lutar ao lado de São Paulo. Mas, não teve. Quedou-se, pois, a contém um par de braços cruzados, a suprema vergonha da mobilização de todas as forças do país contra São Paulo!

Entretanto, sobram dúvidas a tal respeito. Se grande parte do povo brasileiro esteve com São Paulo e o demonstrou ainda não está bem definido se outra parte, quem sabe se metade, esteve de fato contra São Paulo.

O futuro o dirá.

Mas, enquanto não esplende o testemunho do porvir se querem os brasileiros de responsabilidade a coesão nacional, a união do paulista com os irmãos brasileiros de outros estados, é necessário conjuguem todos os esforços para uma aproximação bem estreita, numa demonstração de que o Brasil não pode prescindir de São Paulo. E o momento está a exigir que a São Paulo se de a satisfação vingadora dos achincalhes e ignominias de que tem sido vítima.

O Rio Grande do Sul, pela sua mentalidade mais pura proclamou, em memorável manifesto, a dívida que contraiu com o povo paulista e que esperava pagar-lhe.

Minas, representada também pelos autênticos expoentes e pelo seu povo esteve com São Paulo.

O povo paranaense e o catarinense se tivessem tido chefes e armas, teriam de forma mais convincente dado a sua adesão a São Paulo.

Não sabemos se São Paulo se satisfará com essas demonstrações. O que sabemos é que em São Paulo, onde nunca aventara antes o separatismo, privilégio que era esse outros Estados, essa ideia está agora funda no ânimo de grande parte do povo.

Assim parece nos que o colosso Sul-Americano tende para um esfacelamento, agregando-se uns estados a outros e formando repúblicas autônomas, como as espanholas na América, mas, não pensemos nestas coisas tristes. E façamos votos porque jamais seja quebrada a união nacional. Que o Brasil, o nosso querido Brasil, estreite sempre mais os laços

que prendem Estado a Estado e permaneça uno e indivisível, para nossa felicidade.

Compreendam melhor os governantes e os homens de responsabilidade, que é preciso fazer se uma sabia e sã política para impedir qualquer desmembramento. Sejam todos os Estados tratados com equidade e, principalmente outorgue-se aos Estados autonomia absoluta dentro da Federação. Só assim poderemos ver a nossa Pátria grande, como ela é, debaixo da constelação do Cruzeiro do Sul, na sua marcha ascensional para a grandeza que todos lhe desejamos.

São Paulo lutou só!

Não se perca de vista o alcance trágico desta realidade de atroz!

APÊNDICE

Manifesto dos srs. Raul Pilla, João Neves, Baptista Luzardo e Lindolpho Collor Ao Rio Grande, a São Paulo e a nação.

Se há momentos na vida dos povos em que o verbo humano se faz carne, a nossa palavra, que daqui dirigimos ao Rio Grande do Sul, a São Paulo e a Nação, sangra de dor e chora de desespero. Homens do Rio Grande. portadores dos ideais dos seus partidos e garantes da sua lealdade na praça cívica que antecedeu e seguiu o movimento de 3 de outubro, pesa-nos o dever indeclinável de trazer nosso depoimento ao tribunal da opinião pública no processo político mais sensacional da nossa história.

Foi na terra que tem a lealdade por emblema o erige o cumprimento da palavra empenhada no mais elementar dos deveres de honra. foi no Rio Grande do Sul que o crime se consumou o Rio Grande faltou a sua palavra. O Rio Grande conspirou com São Paulo, e o homem que governa *pars máxima* na conspiração, manejou de surpresa o punhal da ignominia contra São Paulo. Poluiu-se a história da nossa terra. Rasgou-se a sua tradição. Afundaram-se na vergonha da deserção os seus compromissos de sangue.

Mas o desespero e a dor que vibram nas nossas palavras não lhes vão faltar o acento da verdade. Devemos ao Rio Grande do Sul e devemos a São Paulo e á nação um depoimento integral sobre os antecedentes do movimento revolucionário, que, com auxilio do nosso estado, teria logrado vitória inerente imediata, e com o seu apoio a ditadura se transformou numa caudal de sangue, cujas consequências sobre a nossa evolução histórica, ninguém ainda, nesta hora de indecisão, seria capaz de prever. O nosso depoimento será objetivo e claro. Os fatos, nele, falarão a sua linguagem incontestável. E nos ouvi, de quantos ainda não sejam surdo as supremas razões da dignidade as nossas palavras levarão, mais do que a indignação que passa, o assombro que perdura.

Um manifesto que acusa o seu autor

Que o governo do Rio Grande do Sul abandonou os partidos da frente única e faltou aos seus compromissos, já o confessou e proclamou, no seu manifesto de 30 de setembro, o próprio Sr. Flores da Cunha.

Diz o interventor federal no nosso Estado que esse manifesto não é a defesa da sua atitude, nem acusação aqueles de quem divergiu. E verdade. O manifesto é apenas a mais veemente e impressionante das sensações

que, premido pelas circunstâncias, um homem público já tenha feito a própria conduta.

Quem se contradiz em avanços e recuos não fala a verdade, ajeita explicações. A verdade é tecido inconsútil. Desde que se lhe ponha remendos, passa a ser costura de sofismas. A exposição do sr. Flores da Cunha não é a exposição da verdade, mas remendo de subterfúgios.

Como, ao amparo de que artifícios de raciocínio seria possível conciliar entre si os pontos culminantes do depoimento do interventor, aquele em que confessa a sua conspiração contra o governo provisório, o outro em que alega haver tomado armas contra os constitucionalistas, para não ser desleal com esse mesmo governo? Quando o sr. Flores da Cunha afirma que nós não poderíamos supor, injuriosamente que fosse ele capaz de trair o governo de que em seu legado abandonando o cargo depois de deflagrada a revolução realmente outra coisa não faz senão

Acusar-se a si mesmo, duas vezes: - Primeiro, porque reconhece, em outra altura do manifesto, que conspirou contra o governo do qual era delegado de confiança; e segundo, porque declara e comprova que só não abandonou a interventora, depois de iniciado o movimento, porque o ditador não lhe concedeu a demissão solicitada. Se o interventor confessa que distribuiu armas contra o governo provisório, ele mesmo constituído o secretariado de São Paulo em nada lhe modifica a situação moral, pela simples razão de que o sr. Flores da Cunha não era menos delegado da confiança do governo provisório no tempo em que confessa haver conspirando do que depois, quando tomou as armas em defesa da ditadura.

Brasão de Honra e Labéo de Vergonha

Para a lógica personalíssima e sob todos os aspectos inédita do interventor federal, conspirar contra o governo provisório em maio representava brasão da honra de que se jacta em junho ou julho, labéo de vergonha com que nos procura esmagar.

Nenhuma inteligência de mediano equilíbrio deixará de proclamar, porém, que as circunstâncias de tempo, aleatórias pela sua própria definição, não podem influir sobre os deveres da lealdade, quo ou dos reconhecidos em absoluto, ou são rejeitados. A noção de uma lealdade relativa, variável no tempo, não existe nos códigos de ética política nem de moral provada. Admitindo que pudesse conspirar contrário de que era e o delegado de confiança antes de instituído o secretariado paulista, mas alegando que não o devesse, depois demonstra apenas que o sr. Flores da Cunha nem foi leal com a ditadura nem o foi com a conspiração. Primeiro faltou ao governo provisório, depois faltou a revolução.

Os compromissos do Sr. Flores da Cunha

Mas se reconhece e proclama que conspirou conosco, como e porque poderia

o interventor sentir-se injuriado pelo fato de suporem as nossas chefias partidárias que ele mantivesse os nossos compromissos revolucionários, dos em excessiva abundância perfeita espontaneidade de ânimo? Quais os compromissos do Flores da Cunha com a revolução? Seriam limitados também e também condicionados a mutabilidade dos tempos, como os da sua propalada lealdade com a ditadura ou seriam pelo contrário, amplos, completos, irrestritos e absolutos? E compromissos respondemo-nos por isso que se situam na esfera dos compromissos de honra, eram absolutos.

Aceitando mesmo, para raciocinar, que os partidos políticos do Rio Grande do Sul houvessem errado a patinarem o seu apoio ao movimento revolucionário, o sr. Flores da Cunha não encontraria, ainda assim, motivos de ordem moral para invalida-se tanto na reunião de Cachoeira como, mais tarde, em conferência com o Sr. Borges de Medeiros em discursos e manifestações públicas que correram mundo estão na memória de toda a gente comprometer se o interventor a acompanhar o seu partido em frente única em qualquer hipótese, ainda que em erro estivessem o mesmo no transe extremo do sacrifício, que era a do despenhadeiro. Ora, pois: Se a própria hipótese do erro político estava prevista e expressamente compreendida nos seus compromissos de honra, como pretende agora o sr. Flores da Cunha sair pela escapatória de situar em dois tempos esses compromissos, por maneira idêntica a em que já colocara os seus deveres de lealdade com o governo provisório?

Deveres de Honra

Tanto era exato que existiam esses deveres de honra com o Rio Grande que o mesmo interventor os confessou no seu pedido de demissão ao chefe do governo provisório: Ante a situação tormentosa acaba-me ser criada e para manter intactos meus deveres federais destes estados. Como entendia o Sr. Flores da Cunha que poderia manter intactos esses confessados deveres de honra? Não respondemos nós.

Quem responde é o sr. Flores da Cunha: abandonando o cargo que ocupava. Mas, se afinal, o cargo não abandonado, furando o gesto apenas em ameaça de palavras? Nesse caso, é evidente que os deveres de honra não ficaram intactos: foram tangidos, amarrotados, atirados no rol das coisas incomuns e inúteis e porque isto aconteceu, outro não é afinal, o motivo da questão de honra entre os. Flores da Cunha e os partidos políticos do Rio Grande do Sul, nesta hora de incomparável gravidade na história política do país.

Como se vê nesse processo, a prova contra o Flores da Cunha se faz com as suas próprias palavras para demonstrar que o seu manifesto de fato, nem o defende nem nos acusa, mas apenas o acusa a si próprio, nada mais seria necessário acrescentar. A verdade não se divorcia da lógica, e a lógica em todos os climas e em todas as longitudes proclama sempre que nesse processo sensacional em que opinião proferirá seu verídico. O maior e mais terrível acusador do sr. Flores da Cunha é o próprio sr. Flores da Cunha.

O Primeiro Conspirador

Vamos agora segunda parte da questão, aquela em que o interventor afirma que se retirou da aspiração depois de constituído o governo paulista a alegação é redondamente falsa.

Conveniente é dizer-se aqui e agora para que o país inteiro o saiba que ninguém, no Rio Grande do Sul conspira contra o governo provisório antes que sr. Flores da Cunha. Que o ex ministro do Trabalho, o ex chefe de polícia e o ex consultor jurídico do Banco do Brasil, além dos outros riograndenses com eles solidários, abandonaram os cargos em perfeita concordância com o sr. Flores da Cunha, que os aconselhara a só se manterem neles enquanto no Ministério da Justiça permanecesse o sr. Maurício Cardoso, já é história sabida, publicamente contada e nunca desmentida. O que a paz não sabia ainda é que quando chegaram a Porto Alegre, na tarde de 4 de Março, os demissionários ouviram do interventor, mais que surpreendidos, pasmados, que ele, por si, julgava inevitável a revolução; que já assentara e pusera em prática diversas medidas de caráter militar, e que só não tomara uma atitude francamente revolucionária ainda, porque, não só não contava para isso com o apoio do sr. Borges de Medeiros, mas era cético quanto a concordância final do chefe do partido republicano. Quase simultaneamente com os demissionários, chegaram a Porto Alegre, como emissários de São Paulo, os Drs. Aureliano Leite e Abelardo Vergueiro Cezar. Dirão eles, a qualquer momento, a fé das suas palavras, de quem ouviram promessas revolucionárias, se de nós, depois pelo sr. Flores da Cunha acusados como instigadores do movimento, ou do sr. Flores da Cunha, representante do governo provisório no Rio Grande do Sul.

Pouco depois passava o interventor das palavras à ação. Jactando-se à revelia do General Andrade Neves, de contar com a totalidade da Região Militar, excetuadas as guarnições de Cachoeira e Caxias, que eram, segundo ele, as únicas tenentistas, chamava a palácio o Dr. Glycerio Alves e o prefeito da Vacaria, Cel. Octacilio Fernandes, aos quais mandou entregar, pela Brigada Militar, copioso material bélico, encarregando-os de comandar a ação ofensiva contra as citadas guarnições.

O sr. Flores da Cunha resolvera, positivamente, intranquilizar o Rio Grande e alarmar a Nação. Fez, com ruidoso estrepito, concentração de

forças da Brigada em Sta. Maria. Trens militares desciam das serras e atravessavam a campanha. E não satisfeito com isso, não se arreceou, em reunião solene dos chefes e líderes da frente única, de acusar o digno Cel. Claudino Nunes Pereira, então comandante geral da Brigada Militar, de haver levado ao conhecimento do General Andrade Neves os aprestos guerreiros que, por ordem do interventor, se estavam fazendo contra o governo provisório.

O Representante do Governo Provisório contra o Governo Provisório

Passaremos em silêncio outras providencias de caráter estratégico e tático, que o representante do governo provisório no Rio Grande do Sul tomava no Rio Grande do Sul contra o governo provisório. Vamos, em linha reta, a afirmativa por ele feita de que a sua conspiração se limitou ao período anterior à constituição do secretariado paulista. Isto não é exato. Já estava constituído o secretariado paulista (23 de Maio), já estávamos no mês de Junho, quando o sr. Flores da Cunha, recebendo a visita do sr. Batista Luzardo em palácio, disse-lhe que estivera aguardando seu regresso da Palmeira para pedir-lhe fosse a São Paulo, como elemento de ligação, a fim de indagar dos líderes paulistas, em definitivo, se queriam ou não fazer a revolução e deles saber com que elementos contavam para a vitória. Chegando a Porto Alegre, na mesma ocasião, novo emissário de São Paulo, o sr. Carlos Mendonça, a viagem do sr. Batista Luzardo se tornou inútil. Mas, o mesmo sr. Batista Luzardo recebeu, então outra incumbência do sr. Flores da Cunha, a de ir ao quartel general da Região, com o objetivo de solicitar o apoio do General Andrade Neves para a conspiração. O sr. Batista Luzardo assim o fez e ouviu do comandante da Região a sua não conformidade com o plano sedicioso do interventor federal. O emissário de São Paulo, então em Porto Alegre, levou de torna viagem o compromisso escrito do sr. Flores da Cunha. Devemos confessar, em homenagem a verdade, que pequena não foi a nossa surpresa, quando o interventor encarregou o sr. Raul Pila de hipotecar aos chefes de São Paulo o apoio expresso e irrestrito do Rio Grande do Sul, em qualquer destas três hipóteses, nas quais (textualmente) se daria o *déclenchement* (lançamento/eclosão):

1º - Afastamento do General Andrade Neves da Região Militar do Rio Grande do Sul (isto, apesar de se haver o comandante da Região recusado terminantemente a tomar parte na conspiração);

2º - Afastamento do General Klinger da circunscrição Militar do Mato Grosso;

3º - Modificação do secretariado paulista.

Este compromisso está escrito e o sr. Flores da Cunha o confessa.

As manifestações revolucionárias do Sr. Flores da Cunha no Rio

Muitos dias não eram passados e já se tornava francamente insustentável a continuação do General Andrade Neves à frente da região militar. Em vez do *déclenchement*, o sr. Flores da Cunha preferiu dizer que faria nova viagem ao Rio de Janeiro, a fim de ver se demovia o ditador de tornar efetiva a demissão do general. Viu-se depois a razão invocada não passara de engenhoso pretexto. Na verdade, o interventor acudia a um apelo do ditador, que necessitava da sua presença no Rio para criar o ambiente de confusão propício ao recuo, já então por ele assentado, nas negociações em torno do ministério de concentração nacional.

Voltemos, porém, ao *déclenchement*.

Não o promovendo na oportunidade da demissão do general Andrade Neves, indiscutível é que o interventor faltava à palavra empenhada. Mas faltoso já então no cumprimento do pacto estabelecido com o governo de São Paulo e comando militar da circunscrição de Mato Grosso, recuava ele franca e desassombradamente dos seus compromissos anteriores? Não. Bem ao contrário. Ainda no Rio de Janeiro, dava ao líder da frente única, sr. João Neves da Fontoura, circunstanciada notícia da mobilização que já havia feito no Estado contra o governo Provisório. Acrescentou que mantinha à sua disposição, em Porto Alegre, um aeroplano que o deveria levar para Santa Maria, onde ao primeiro grito, assumiria o comando das tropas riograndenses, depois de haver abandonado a intervenção. Assim falava o interventor ao nosso representante no Rio de Janeiro. Mas não apenas na intimidade com os seus companheiros riograndenses assumia ele tão graves obrigações.

Poderíamos, ainda aqui, invocar o testemunho dos líderes de Minas que ouviram do sr. Flores da Cunha, por essa mesma ocasião, num almoço político, as mais francas e inequívocas manifestações em favor da ação revolucionária.

Revolucionário e Ministro da Justiça “infieri”

Por tão ostensivas maneiras e palavras se ligava o interventor com a revolução, durante a sua penúltima estadia na Capital da República. Mas ao mesmo tempo que falava assim em outro tom, muito diferente, à ditadura, com a qual se comprometia, em princípio e à revelia da frente única, a aceitar a pasta Justiça. De tal modo era alarmante a sua dúplice atitude, que ela se fez motivo de uma conferência, no Irapuazinho, entre os srs. Borges de Medeiros, Raul Pilla e Sinval Sandanha. Do então, resolvido foram enviadas claras e precisas instruções ao sr. João Neves da Fontoura, das quais se fez portador o sr. João Carlos Machado, bem como de um apelo da

frente única ao sr. Flores da Cunha para que não abandonasse o Rio Grande do Sul na hora da luta que se avizinhava.

Depõe o sr. João Neves perante a Nação que, encontrando-se com o sr. João Carlos Machado na presença do sr. Flores da Cunha, daquele ouviu que lhe trazia – instruções definitivas – da frente única riograndense, a qual já não mais transigiria com as manobras protelatórias da ditadura. Em linguagem veemente, concitou o então diretor da – Federação – ao sr. Flores da Cunha para que se colocasse de maneira decisiva, ao lado dos imperativos políticos do Rio Grande do Sul. Naquela mesma oportunidade declarava ainda o sr. João Carlos Machado ao sr. João Neves – e era literalmente exato que lhe levava ordens terminantes da frente única, em virtude das quais ficava o líder riograndense investido dos poderes de ser o juiz da hora em que o Rio Grande se deveria alçar, de armas nas mãos, contra a ditadura, acrescentando que se São Paulo não iniciasse o movimento, o Rio Grande por si só o faria.

A Ação dos Demissionários

É necessário acrescentar aqui que os demissionários, tantas vezes acusados de extremistas pelo sr. Flores da Cunha, outra coisa não fazia, em perfeita concordância com a chefia dos partidos, senão propugnar uma linha franca, leal, desassombrada e segura do Rio Grande do Sul em relação ao governo provisório. Por que haviam eles abandonado os postos? Por questões de ordem pessoal ou por motivos de caráter político? Responderam os partidos: a causa das demissões foi política e a frente única é solidária com os demissionários, aos quais não dará substitutos no seio do governo provisório. Esta e não outra foi, apesar de todas as tergiversações do sr. Flores da Cunha, o traço de definição dos partidos do Rio Grande do Sul em face da ditadura. Essa linha de conduta só poderia ser alterada quando o governo provisório modificasse os seus rumos políticos francamente extremistas. O sr. João Neves da Fontoura, com a plena e irrestrita solidariedade das chefias partidárias e dos seus companheiros de ação mais imediata, e vendo e sentindo inevitável o movimento armado que o patriotismo de todos nós desejava afastado dos horizontes políticos do Brasil, fez, na verdade, quanto era humanamente possível para a constituição de um governo de concentração nacional, no qual o Rio Grande do Sul pudesse voltar a colaborar. O candidato de nós para essa colaboração outro não era senão o sr. Flores da Cunha, a começar pelo sr. João Neves, convidado pelo sr. Getúlio Vargas para ocupar essa pasta, num momento em que o ditador ainda aparentava sinceridade de propósitos em relação à fórmula - concertista.

Nas mãos do sr. Getúlio Vargas naufragaram, porém, todas as nossas honestas tentativas para a constituição de um ministério de concentração nacional. Ainda assim, num extremo de transigência, o sr. Lindolpho Collor

propôs ao exame dos chefes e dos líderes uma fórmula de conciliação, de acordo com a qual o sr. Flores da Cunha poderia ocupar o ministério da Justiça, mesmo não se tendo levado a efeito a constituição do gabinete nacional. Apenas, como era óbvio, a presença do sr. Flores da Cunha no Governo Federal, nessas condições, não implicava a solidariedade dos partidos, expressa a priori: representava, porém, um esforço de conciliação e traduziria a esperança dos partidos para que o futuro ministro da Justiça pudesse encaminhar a pacificação geral dos espíritos por meio de uma política liberal e equânime, pela qual chamavam todos os setores da opinião nacional.

Essa fórmula não vingou, porque os chefes dos partidos, em perfeito acordo com os líderes e com o próprio sr. Flores da Cunha, preferiram a fórmula mais radical, do definitivo rompimento das negociações e da volta ao status-quo-ante que era pura e simplesmente a do heptálogo de Porto Alegre, completado pela declaratória de Cachoeira.

A Manutenção da Ordem no Estado

A partir desse momento, rotas definitivamente as relações políticas entre o Rio Grande do Sul e a ditadura e tomado na devida atenção o estado dos ânimos em São Paulo e na Capital Federal, era mais do que evidente aos olhos de todo o mundo que nos aproximávamos ou de um desfecho violento ou da capitulação dos partidos. Nessa altura dos acontecimentos, tentou o sr. Flores da Cunha um golpe sensacional contra o prestígio da frente única. Para responder a uma pergunta do ditador, pretendia ele, segundo afirmou ao então secretário do Interior, sr. Sinval Saldanha, hipotecar-lhe a solidariedade do Rio Grande do Sul. Lembrou-lhe o sr. Sinval Saldanha que não estava nas atribuições do interventor federal hipotecar a ninguém a solidariedade do Rio Grande, pois que esta só poderia ser dada ou negada pelos órgãos partidários competentes. Convencido desta verdade elementar; replicou-lhe o interventor que, isso não obstante, manteria a ordem no Estado, proposição com a qual concordou inteiramente o referido secretário, autor da resposta ao despacho em questão.

Mas – cumpre perguntar agora – onde já vira o interventor a preocupação de quem quer que fosse de alterar a ordem no Rio Grande? A verdade meridiana é que ninguém absolutamente pensara jamais, antes do levante paulista, em tramar contra a ordem pública do Estado. Nenhum dos líderes da frente única, exceção feita do sr. Batista Luzardo, que o fizera com o general Andrade Neves a mando do sr. Flores da Cunha, nenhum dos líderes da frente única, repetimos, se avistara até então com qualquer elemento da guarnição federal ou da Brigada para conspirar. A nossa conspiração, por isto mesmo que era feita de acordo com o interventor, não poderia ser dirigida contra a ordem no Estado. Esta nunca fora ameaçada por ninguém. A ameaça que existia não contra o governo do Estado, mas

contra o da República. Que espécie de conspiração seria a nossa, dirigida contra a ordem pública no Rio Grande, se, deflagrada a revolução em São Paulo, não tínhamos feito nenhuma articulação revolucionária no Estado, mas só contávamos, em favor da nossa causa, com a satisfação dos compromissos de honra assumidos pelo interventor?

A Missão Celidonio Filho

Tangencia também o sr. Flores da Cunha a verdade dos fatos no tocante à missão do sr. Celidonio Filho. Não é exato, como afirmou s. s., que os srs. Raul Pilla, Lindolpho Collor e Batista Luzardo hipotecassem a São Paulo o apoio do Rio Grande do Sul, no sentido de que não foram apenas eles que o fizeram. O sr. Celidonio Filho Trouxera de São Paulo missão da máxima gravidade, e que pode ser assim resumida: A situação do governo paulista é insustentável no status quo atual. Ou ele dará seu apoio expresso à ditadura, aceitando uma pasta no ministério, mesmo agora, depois de rotas as negociações para a constituição para a constituição de um gabinete de concentração nacional, ou terá de resolver-se definitivamente pela revolução. O prolongamento do status quo atual permitirá a infiltração da guarnição de São Paulo por elementos extremistas, e, dentro em breve, assistiremos à deposição do governo. À frente única de São Paulo quer manter os seus compromissos com a frente única do Rio Grande do Sul, pois, a frente única do Rio Grande do Sul arbitro da situação.

O ponto de vista de São Paulo, assim fielmente resumido, foi presente ao chefe do partido republicano, no Irapuazinho, por intermédio do sr. Batista Luzardo que lhe entregou ao cuidadoso e ponderado exame toda a correspondência chegada de São Paulo. A resposta do chefe do partido republicano foi clara e categórica: O Rio Grande do Sul, em qualquer hipótese, manterá os seus compromissos com São Paulo. Mas, para conjurar a passageira dificuldade interna do seu governo (demissão do secretariado do Interior), o Rio Grande pede a São Paulo um prazo de quinze dias, necessário ao chefe do partido republicano para contrastar os efeitos desta crise.

O Instante Decisivo

Precipitaram-se, logo depois os acontecimentos. Com enorme surpresa nossa, menos de uma semana após, na tarde de 9 de Julho, recebíamos de São Paulo a comunicação de que não era possível retardar a revolução, que estalaria na madrugada do dia seguinte. Que fazer? O que só competia aos signatários presentes em Porto Alegre era comunicar o fato ao interventor e pedir a ida imediata do sr. Borges de Medeiros à Capital, para que também ele se entendesse com sr. Flores da Cunha. Encarregado da missão junto ao interventor foi sr. Raul Pilla, presidente do diretório centro do partido

libertador. Tendo este feito sentir a gravidade da situação com a demissão do general Klinger em face dos compromissos existentes, o interventor procurou tranquilizá-lo, declarando o incidente encerrado com a suposta submissão do general demitido. Mas, o sr. Raul Pilla, na sua resposta, foi bastante claro, para que o interventor entendesse que irrupção imediata do movimento era inevitável.

Impossibilitada a presença pessoal do chefe do partido republicano em Porto Alegre, antes de deflagrado o movimento, enviou sua excelência ao interventor o apelo já conhecido do público e que é um dos mais altos padrões de lealdade e dignidade cívicas, que há de honrar para sempre a história política do Rio Grande do Sul. Evoca o sr. Borges de Medeiros, nesse nobre apelo, os nossos compromissos de honra, isto é, os compromissos que tanto eram dos partidos quanto do interventor, e concita-lo a tomar a única atitude compatível com o seu passado de homem público. Nesse momento dramático, defrontam-se perante a história dois homens públicos do Rio Grande do Sul: - o sr. Borges de Medeiros e o sr. Flores da Cunha. Um, em linguagem que mal lhe disto, lembrando ao outro os compromissos de honra, a cuja satisfação ambos se devem sentir obrigados, sob pena de renunciar o faltoso ao seu passado de lealdade política. O outro que responderá? O instante é de uma dramaticidade sem igual. O que está em jogo é a honra do Rio Grande do Sul. Não apenas a nossa, mas as gerações futuras vão julgar esse homem, vão sentir se honradas por ele, ou por ele rebaixadas a sorte ignominiosa de descendentes de um povo sem palavra. O outro que responderá? O Rio Grande Inteiro está com os olhos fitos na sua figura, sempre considera como galhardo paladino das aspirações do nosso povo. Será possível que ele esqueça os compromissos do seu partido e os dos seus adversários de ontem, que hoje comungam com ele esqueça os compromissos ideias de reintegrar o país nos quadros da lei? O instante é decisivo. O Rio Grande viverá o dia maior da sua história, as legendas mais fulgurantes da nossa raça empalidecerão ao lado da epopeia cívica que se vai viver nas cidades e nas coxilhas, quando o povo souber que a palavra empenhada será cumprida. Mas, se assim não for, se o Rio Grande trair a fé jurada faltar a São Paulo no momento supremo, que será feito desse povo de heróis que estima a dignidade dos compromissos em mais do que a própria vida? A noite avança incerta e cheia de maus presságios. E antes que a madrugada raiasse e o galo cantasse três vezes, já três vezes havia o sr. Flores da Cunha abandonado o mestre. – Quem é este homem? Creio que ele faz parte do séquito dos que acompanhavam o Nazareno.

O apóstolo perjurado responde:

- Eu nada tenho de comum com Jesus de Nazaré.

No relato dos Evangelhos, o discípulo apenas negou o Mestre.

Na história contemporânea, além de negá-lo, o discípulo movimentou contra o amado chefe a sua guarda pretoriana, aprisiona-o, procura cobri-lo

de todas as humilhações e entrega-o ele próprio, às mãos dos seus algozes. Na história dos nossos dias, o sr. Flores da Cunha amplia a lição dolorosa dos Evangelhos que com esta profecia se completa:

- Sempre haverá escândalos no mundo, mas aí daqueles que se fazem culpados dos escândalos!

A Grandeza Cívica de São Paulo

Devemos agora algumas palavras aos nossos heroicos, abnegados e martirizados companheiros de São Paulo, o que significa à totalidade do grande e maravilhoso Estado, glória não apenas do Brasil, mas da América. São Paulo espezinhado pela ditadura, terra conquistada, res nullius da nova república, São Paulo salvou os brios do Brasil. Um povo que possui as reservas de energias morais como as com que São Paulo surpreendeu o mundo não pode temer pelo seu futuro. Ninguém subjuga um povo que tenha consciência do seu valor e, sobretudo, dos seus direitos. Choramos, como riograndenses, lágrimas de sangue, pela fatalidade que fez de São Paulo vítima, duas vezes, de homens do Rio Grande do Sul: - Vítima, primeiro, durante a ocupação militar da ditadura e vítima, depois, pelo abandono em que o sr. Flores da Cunha deixou os compromissos dos seus partidos. Mas, riograndenses que presam as suas palavras e dos quais nunca se disse que fossem homens de duas atitudes, podemos afirmar a São Paulo que o Rio Grande do Sul inteiro é mais solitário com ele nos dias trágicos de agora, do que em qualquer outro momento deste período angustioso da nossa história. São Paulo é hoje, para todo o riograndense, um símbolo de dignidade coletiva. Porque o Rio Grande, pela falta de um homem, tem culpa na desgraça de São Paulo, pode São Paulo confiar em que o Rio Grande, sob pena de se degradar para sempre no conceito do mundo, encontrará a maneira de saldar a sua dívida de honra.

A situação do Rio Grande

Só mesmo o golpe da surpresa tornou possível o espetáculo da agressão de São Paulo pelas costas. Nunca o Rio Grande do Sul viveu horas longinquamente comparáveis à completa sonegação, pela força bruta, dos direitos mais elementares e sagrados em que a capacidade policial do sr. Flores da Cunha conseguiu exceder-se a si mesma. Não poderia negar que ele fez jus à imperecível gratidão da ditadura. Revolucionário que sairia a campo para defender as liberdades públicas confiscadas no Brasil, realizou no Rio Grande do Sul uma obra de compressão policial e militar, como nunca conheceu nenhuma das mais lamentáveis republiquetas do continente. A liberdade de opinião foi suprimida por completo. Apenas os jornais francamente adictos à intervenção, que são os da propriedade pessoal do

interventor, podiam manifestar-se livremente para elogiar atitude do interventor. Toda a notícia referente a Revolução era sistematicamente impedida de circular. As mentiras mais audaciosas eram apresentadas ao público diariamente como fatos já ocorridos. Encheram-se as prisões de centenas e centenas de políticos. Praticamente, todo riograndense capaz de agir estava de sentinela à vista. Nunca a espionagem, a delação, a traição, nunca todas as formas inferiores e repugnantes de ação policial tiveram tanta voga no Rio Grande do Sul, como durante os inenarráveis dias de sua ocupação militar pelo sr. Flores da Cunha.

É preciso que São Paulo saiba que os primeiros batalhões da heroica Brigada Militar do Rio Grande do Sul seguiram para Itararé, sem saber ao iam. Só depois de entrados em fogo, tiveram alguns comandantes conhecimento de que a atitude do sr. Flores da Cunha fora tomada à revelia da frente única.

Lutando como lutávamos com a mais completa falta de material bélico, dificultados, senão impossibilitados de ligações entre os diversos núcleos de ação militar, nenhuma das nossas tentativas de levante logrou o êxito que fora de esperar dada a perfeita unanimidade de opinião existente no Rio Grande contra a ditadura e a atitude do interventor.

Força é confessar, porém, que os partidos políticos do Rio Grande do Sul cumpriram o seu dever. Não houve perigo que os chefes e os líderes partidários não afrontassem. A sua solidariedade com os companheiros paulistas não foi platônica. Não tendo podido mandar tropas a favor de São Paulo, os nossos levantes locais impediram, entretanto, que o agente da ditadura continuasse a despejar forças contra os nossos heroicos e abnegados companheiros.

De uma única culpa nos poderiam acusar, com razão, os bravos revolucionários paulistas: - do nosso excesso de confiança na lealdade do Sr. Flores da Cunha. Mas, mesmo nesse particular, é preciso não esquecer que nem a mais monstruosa das conjecturas autorizava a previsão de que aquele riograndense faltasse à fé de todos os seus compromissos.

Já não voltaremos a referir-nos aqui às responsabilidades diretas, imediatas, indesmentíveis e indesmentidas do sr. Flores da Cunha na conspiração. Isso já foi objeto do nosso exame. Queremos apenas, para que se nos atenue o pecado dessa confiança mal merecida, lembrar aos nossos aliados de São Paulo as reiteradas declarações do Sr. Flores da Cunha de que, em nenhuma hipótese, governaria o Rio Grande sem o apoio da frente única.

Como, pois, sem a mais grave das injúrias, admitir que ele viesse a governa-lo, já não apenas sem o apoio, mas contra a própria frente única, e com a agravante de o fazer pela violência das metralhadoras e pela insídia das delações?

O Sr. Flores da Cunha nunca teve animo de romper com a frente única, antes de deflagrado o movimento. E que o interventor conhece bastante o

seu Estado para saber que o seu rompimento, em plena paz com os partidos políticos significaria singelamente a impossibilidade do seu governo. Daí o seu recurso de apegar-se à ditadura sem romper com os partidos.

Os Dias que hão de vir

Contra a opinião pública de São Paulo, de Minas, do Distrito Federal, do Rio Grande do Sul, de Mato Grosso, do Nordeste sofredor, da Amazônia esquecida, da Bahia conquistada, do Norte, do Sul, do centro do país, que poderá fazer a ditadura?

Duas hipóteses enfrenta, nesta hora, o espírito civil da Nação: - ou os provisórios detentores do poder querem, realmente, apaziguar os ânimos e pensam em permitir um pleito honesto e livre, e, nesse caso, a vitória do Brasil surgirá, indiscutível nas urnas, ou eles continuarão a exaurir-se na política anarquizadora das tergiversações da falta de franqueza e da ausência de rumos construtores, e nessa conjuntura a ninguém será dado prever os trágicos dias de amanhã.

Seja, pois, como for, o futuro do Brasil não depende de nós, mas do governo provisório. Se ele quiser, souber e puder iniciar uma nova era de paz e de confraternização dos espíritos, que o faça, na prévia certeza de que os partidos do Rio Grande do Sul não pouparão esforços no sentido de secundar tão patriótica resolução. A paz do Brasil não admite, mas exclui preliminarmente toda e qualquer ideia de vindicta política. Com o critério de vencedores que impõem penas ou distribuem clemência aos vencidos, os que tem momentaneamente as responsabilidades do poder em nosso país nada mais lograrão do que cavar mais fundo o abismo aberto entre a ditadura e a confiança popular.

Resolva, pois, o governo provisório sobre quais os rumos que pretende dar aos acontecimentos políticos no Brasil. Quanto a nós, só podemos dizer à Nação, e o fazemos na mais completa certeza de que falamos em nome da consciência cívica da nossa terra, que os partidos do Rio Grande do Sul não enrolam as insígnias do combate constitucionalista. A Revolução Brasileira está nos espíritos, não apenas nas armas. As armas se abatem ou se levantam de acordo com as possibilidades do momento. Tanto podem ser instrumentos de redenção quanto de escravização das consciências. Mas a sua vitória só é definitiva quando interpreta a vontade do povo.

A consciência moral e cívica do Rio Grande do Sul, solidária com São Paulo nos dias inesquecíveis do seu glorioso sacrifício, não desertará o campo da luta em prol da constitucionalização do país, da dignificação dos nossos costumes políticos e da retificação dos rumos do movimento de 3 de Outubro.

O Rio Grande do Sul permanecerá no seu posto de honra. Todos quantos ainda não descreram do futuro do Brasil encontrarão nele o ponto de resistência contra o espírito ditatorial, que procura sobrepor-se à vontade da

Nação em cujo nome foi feita a Revolução Brasileira. Só quando a Nação dispuser livremente de seus destinos, poderá a paz da dignidade descer sobre ela. Antes disso, a ditadura logrará, quando muito, armistícios impostos pela força.

Levantemos à altura da Pátria unida e imortal os nossos pensamentos. Ela merece tudo de nós, mesmo o pão do exílio e o pó das terras alheias merecem as nossas bençãos por amor do Brasil. A Pátria Brasileira tem o direito de exigir de nós todos os sacrifícios. Sejam eles quais forem, haveremos de suporta-los com tranquilidade de espírito. E quaisquer que forem as exigências da luta, o Brasil nos encontrará a postos, certos de que as nossas vidas nada valem em comparação com a dignidade do povo, pela qual nos levantamos em armas.

Buenos Aires, 15 de Outubro de 1932.

(aa) RAUL PILLA
JOÃO NEVES
BATISTA LUZARDO
LINDOLFO COLLOR

Proclamação do Prof. Waldemar Ferreira

irradiada pelo ilustre ex-Secretário da justiça no dia 20 de julho

No silêncio desta madrugada enluarada e fria enquanto a cidade de São Paulo, o grande centro industrial brasileiro, repousa de sua labuta diária, que a agitação desses dias históricos tem tornado da mais intensa vibração – dirijo a minha palavra a quantos, no norte ou no sul, já a ouviram, na propaganda que antecedeu ao movimento revolucionário de 1930. Endereço-a aos meus longínquos ouvintes menos na qualidade de secretário da Justiça que na de jurista e de professor da Faculdade de Direito de São Paulo. Envio-a, como uma saudação afetuosíssima a quantos, nas terras do Brasil, ou ensinam, ou aprendem o direito.

A campanha, de que São Paulo tomou a iniciativa, pertence mais ao Brasil que a ele próprio. E isso porque se trata de uma campanha profundamente brasileira, no sentido e na expressão. Destina-se a reintegrar o nosso país no regime da ordem jurídica. Força é reconhecer, pois, os fatos aí se entremostam na sua eloquentíssima realidade, o sistema ditatorial, entre nós estabelecido, se destacou ao peso de um personalismo singular.

Cuidou-se mais de pessoas que dos princípios, mais dos interesses individuais que dos coletivos. Desviou-se, ela, por isso, do seu roteiro. Desviando-se, divorciou-se das aspirações do povo brasileiro. Faltou-lhe um programa estrutural, uma diretriz certa. Andou ao Léo, sem rei, nem Roque, desarticulando-se os poucos.

No suceder dos recuos e das avançadas, mostrou-se incapaz de corresponder às necessidades orgânicas do Brasil. Não construiu. Antes,

destruiu. No malabarismo a que se entregou para manter-se no governo, encontrou o seu prazer dileto e pitoresco. Negaceou. E sorriu o sorriso complacente, irônico às vezes, indiferente quase sempre, dos que comprazem em deixar tudo para amanhã e não fazer nada...

Enquanto isso, pouco a pouco se foi cortando o cerne de nossa nacionalidade. Mantinham-se a ditadura, é certo, mas o país sofria. E, principalmente, se esvaia, numa hemorragia demolidora a sua vitalidade. Era preciso sustar esse depauperamento, provocando uma reação do organismo combalido dos agentes tóxicos. Foi o que São Paulo fez, cômico de suas responsabilidades na ação e no pensamento brasileiro. Não para separar-se, e sim, para reavivar todo o organismo nacional. Obra paulista, certamente, mas profundamente brasileira. Mais do que nunca, tem São Paulo os olhos fitos na grandeza do Brasil.

O movimento em marcha é Constitucionalista. Busca o império da Lei. Procura a ordem jurídica, única garantia dos interesses sociais e individuais. Haverá, acaso, professor ou estudante de direito que outra coisa deseje? Não é possível. A absurdidade da interrogação por si mesmo se demonstra.

Ouçam essa profissão de fé. Escutem-na!

São Paulo confia no seu e no futuro do Brasil. Não tem outra preocupação. O seu materialismo, de que tanto se falou, aí está a desfazer-se num grande e envolvente idealismo, sadio construtor, vivíssimo, impregnado de uns toques de ressurreição. Há de viver, Há de ressurgir o Brasil. Confiem os desconfiados e creiam os descrentes.

A madrugada se prolonga, enquanto eu falo, e daqui há poucos momentos, o céu piratiningano se abrirá no colorido festivo de sua alvorada radiosa, que se desfará na luminosidade de um dia eminentemente brasileiro, claro, muito claro, de sol alto, e glorioso!

Brasileiros do Norte, brasileiros do Sul, bom dia!

Que Deus salve o Brasil!

Mensagem do Episcopado Paulista

Ao cardeal D. Sebastião Leme e ao Episcopado Brasileiro,
irradiado nos dias da Revolução pelo eminente
Arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva

“Já cansado de porfiado labutar, que se protáe por largos quarenta anos, não de todo inúteis, ao serviço da religião e da pátria, aqui venho trazer-vos, com a responsabilidade da minha fé ardente e vigorosa, hoje aureolada pelos meus cabelos brancos, testemunho insuspeito na gravidade do nosso ministério.

Falo, em nome do episcopado paulista, aos venerados e ilustres príncipes da igreja brasileira. É a voz serena e altiva da verdade – altiva sem orgulho que a deslustre, serena sem diluições que a empanem ou

escureçam. É a voz do apóstolo e do brasileiro, inspirada em convicções que se alicerçam no conhecimento de fatos. É o brado da nossa alma amargurada, ante o vasto lençol de sangue que, em luta fratricida, macula e amortalha civilização cristã.

Não vos direi do espírito que preside a esta reação, estupenda bem que dolorosa, ao nascer já incoercível, agora certamente avassaladora e temerosa.

O vosso espírito habituado à serenidade dos julgamentos, ao critério seguro que dita, por vezes, sentenças inapeláveis, que refogue aos perigos da injustiça no broquel sagrado a que se acobertam interesses sobrenaturais e eternos, - não poderia aceitar a versão malévola e infamante, que fantasia um paulista tão pouco brasileiro para sonhar sequer o desmembramento da pátria.

Regionalista, ele o é, por certo, porque ama e estremece o torrão em que nasceu: mas ama-o e estremece-o engasgado nessa joia finalmente burilada que é o Brasil das nossas aspirações.

Panegirista de doutrinas subversivas e aberrantes da civilização cristã, - substrato do seu progresso, honra do seu passado, santelmo de esperanças a acenar-lhe o futuro, - como inquina-lo de tanto desconcerto, quanto o sabemos profundamente crente, teimosamente aferrado às tradições dos seus maiores?

Não. Absolutamente não. O episcopado brasileiro, do norte ao sul do país, sabe, tão bem como nós, que a erva daninha do comunismo a trouxe para São Paulo a mochila de certos próceres de 1930. Plantaram-se eles cultivaram-na com amor e carinho, e, porque melhor vingasse na terra paulista, esterilizando-a neutralizando a seiva fecunda e ubertosa, pretenderam até conferir-lhe foros e garantias de entidade jurídica.

Não padece de vírus peçonhento quem o repele com vigilância assídua e vigorosa. Acoberta lhe sem intenções criminosas, favorece lhe o instinto de represálias e truculências, dá lhe asas com que se expanda em reivindicar injustas e sangrentas arruaças, quem, do alto, deslembado de que é brasileiro e cristão, concita o operário paulista ao sarilho das ruas e das fábricas, à desordem que se desata em violências inauditas, ao refterver do charco vermelho da lama sangrenta, onde pululam ódios, ambições e malquerenças.

Ilustres e venerados príncipes da Igreja. Antes que vos digamos o objetivo principal desta respeitosa mensagem, é preciso que, em rápido bosquejo, vos ponhamos em face da realidade paulista, tal como a vemos nós, sem prejuízos sem preconceitos, sem regionalismos, testemunhas que somos insuspeitas e desapaixonadas.

Os bispos que ora vos falam, nem todos nasceram ao sol exuberante que doira e fecunda os planaltos de Piratininga.

A província eclesiástica de São Paulo conta em seu seio treze bispos, todos eles tão brasileiros, tão devotados à Pátria, como os que mais se

honram de a servir e amar. Dentre eles, apenas quatro são paulistas de origem. Os demais – mineiros, alagoanos, cariocas, baianos paranaenses – não precisaram exhibir certidão de nascimento para cooperar no progresso desta boa terra que estremecem como sua, que lhes paga em carinhos e amizades todo o bem que nos querem, todo o grande amor que nos consagram.

Somos, pois, insuspeitos e temos autoridade para vos falar, sem pecha de bairrismo estreito e pequenino. No quadro que aqui lealmente desnudamos, se as cores vos apareçam acaso por demais carregadas, não é nosso o pincel que as debuxou, nada lhe pusemos das nossas opiniões pessoais.

São Paulo não quis, São Paulo não quer a guerra pela guerra. Vinte meses, contados dia por dia, de humilhações e sofrimentos, criaram-lhe um ambiente incomportável. Disseram-lhe que o vinham redimir da politicagem que o garroteava, estancando-lhe as energias produtoras, consumindo-lhe a seiva do progresso que dignifica e enobrece. E o que lhe deram, por corretivos a tantos males, foi a política tortuosa, esperanças que nunca vingaram em frutos, porque jamais desabrocharam em flores.

Bandeirante tornou-se palavra quase escarnio, ocasião de mofas e de chuvas, que calavam fundo no cerne da velha Piratininga. O paulista – diziam – desfibrado e egoísta, já não é capaz de um ideal. Basta-lhe, ou sobra-lhe talvez, a materialidade em que se abisma.

Esgotada a paciência, magnanimidade com que esperava ele o remédio seguro da lei e da constituição, ouviu-se um dia um grito de revolta. De onde partiu? Dos políticos dominantes, dos mestres do Direito, da magistratura, das classes liberais ou conservadoras, da mocidade das escolas, do povo, desse bom povo sempre vibrante quando o não iludem ou desprezam?

Não importa. O certo é que, ao segundo dia, já o movimento rompia todos os diques da opinião popular. Já não era possível atalhar-lhe o passo, menos ainda refreá-lo. O certo é que São Paulo em peso, na mais impressionante e absoluta unanimidade, São Paulo oprimido e humilhado se congregava em torno de um único ideal: - reconquistar, com a liberdade, os seus foros de povo civilizado, sob o império da lei e da constituição.

Fez bem ou fez mal? Não nos cabe o decidi-lo. Registramos apenas um fato.

São Paulo, entretanto, quer a paz, mas a paz garantida pela constituição. São Paulo quer a paz, mas a paz que lhe venha, definitivamente consolidada, no gozo pleno da sua dignidade.

Após dois meses de luta, nada lhe falta. Bate-se com denodo e provê à própria subsistência. Arma os soldados da lei e ampara as famílias dos combatentes. Bloqueado por todas as fronteiras, não sofre esmorecimento na normalidade da sua vida civil. Não lhe amarga o sacrifício da vida ou da fortuna: suaviza-o com a consciência do seu direito.

E após dois meses de luta, não cremos que haja aí quem tenha prestígio para o fazer recuar um passo, sem a conquista do ideal porque se bate nos campos de batalha.

Esta é, venerandos irmãos no episcopado, refletida no liso espelho da verdade, a realidade paulista. E é essa mesma realidade, de que aqui damos formal testemunho, que nos traz à presença do episcopado brasileiro, para lhe suplicar uma benção larga e afetuosa, que se oponha a essa onda de sangue.

Já a luta fratricida se alastra, ameaçadora e tremenda, por outras unidades da União brasileira, sem que, entretanto, se disponha o poder central a um movimento de abnegado patriotismo. É a guerra civil, generalizada e odienta, no seu cortejo de blasfêmias e maldições. É a guerra civil, despovoando os lares, enlutando viúvas inconsoláveis, orfanando criancinhas meigas, hoje desamparadas do braço paterno, lançadas amanhã nas incertezas de um futuro sempre mais escuro e tenebroso. É a guerra civil, levantando barreiras entre cidade e cidade, entre Estado e Estado, quebrando laços que se apertaram na comunhão da pátria, destroçando amizades que se criaram na paz e no trabalho.

É a guerra civil, é o Brasil maculado na sua civilização cristã, é o Brasil diminuído aos nossos próprios olhos, é o Brasil diminuído aos nossos próprios olhos, é o Brasil enfraquecido e desconsiderado perante estranhos, presa fácil e cobiçada de ambições traiçoeiras e incontidas.

E quando, amanhã, por sobre os campos onde se digladiaram irmãos de sangue, de crenças e ideias, luminosa e rutilante surgir a estrela da vitória, haverá um único vencido, um só: - o Brasil, o nosso grande e estremecido Brasil.

Senhores bispos, astros fulgentes no céu da pátria brasileira, vós tendes qualidade e prestígio para bradar aos dirigentes da Nação: basta já de sangue. Por Deus e pelo Brasil, sacrifique-se o amor próprio de alguns, porque se salve a multidão dos que sofrem e se debatem nas angústias desta calamidade tremenda.

Na história do império e da república, como nas páginas sacrossantas do Evangelho, se vos deparam exemplos com que apoiar os vossos anelos de paz e de concórdia – exemplos de abnegação e desprendimento, exemplos que sagraram ao respeito e gratidão da posteridade homens que não brilharam menos pela virtude do que pelo patriotismo.

Em todos os ciclos da história pátria, em todos os recontros e vicissitudes da nossa nacionalidade, sempre esteve o clero brasileiro, abnegadamente patriota, ao serviço do seu Deus e a serviço da sua pátria. Deu-lhe talento e dedicação, deu-lhe esforço e cooperação, deu-lhe a palavra e o exemplo. Deu-lhe tudo – deu-lhe o sangue e deu-lhe a vida.

Hoje, porém, mais do que nunca, mais do que em nenhum outro passo da nossa vida social e política, quando todos os corações conclamam para os ministros do Altíssimo, não pode a Igreja permanecer inativa e silenciosa,

senão que lhe é preciso orar, aconselhar e convencer, quebrar arestas, desfazer inimizades, sufocar malquerenças que nos podem ser fatais. Resistências, fundadas ou não, é preciso vencê-las com amor e por amor restituir-nos a paz.

Senhores bispos, ministros do Senhor e depositários das suas graças, levante para o céu as vossas mãos ungidas para o sacrifício incruento dos altares.

Nos temos fé na eficácia do nosso ministério de paz e de misericórdia. Dos lábios sacrossantos do Divino Mestre, por virtude do seu sangue redentor, recebemos o poder de ligar e desligar, - dom inefável que faz a grandeza da nossa vocação e que, por si só, provaria a origem divina do nosso caráter sacerdotal.

No tribunal sagrado, onde se purificam as consciências e se consolidam as vontades reta, norteadas para o Bem e para a Verdade, nós, embaixadores do Rei da paz, abençoamos sempre, sempre, ainda quando as más disposições de um penitente obstinado na sua desventura não nos permite dar-lhe uma absolvição que, aliás, seria nula exclusivamente por culpa sua.

Nunca jamais lhe negamos a nossa benção, porque sabemos que ela tem eficácia sobrenatural para amolecer os corações mais empedernidos. Não lhe negamos nunca, porque, banhada no sangue divino, pode essa benção reconduzir aos nossos pés, contrito e humilhado, o penitente que, até então, se não dispunha a deixar a senda fatal que o levaria ao precipício.

Senhores bispos, abençoai o Brasil, para que tenhamos a paz, a paz alicerçada no Bem e na Verdade, no perdão e no esquecimento das injúrias.

Abençoai o nosso São Paulo, nosso e também vosso, porque é parte deste grande Brasil, berço e quintão de todos nós.

Abençoai aos que nos dirigem e governam, para que não nos neguem a paz que deles depende. Abençoai-nos, ainda quando não reconheçam a santidade e pureza da vossa piedosa intercessão.

Se a recusarem ele, pertinazes na luta que nos degrada e enfraquece, a vossa benção voltará, acrescida e sempre divina, para vós mesmos e para o Brasil. De joelhos a colheremos nós, porque se não esterilize nas urzes do caminho. Ciosamente a guardaremos no coração, para retorná-la com o mesmo carinho e fervorosa piedade, no dia em que aprouver à miséria e à sabedoria de Deus.

Aos pés da Senhora Aparecida, excelsa Padroeira do Brasil, depositemos as nossas esperanças, o nosso São Paulo, o nosso Brasil.”

Oração do Prof. Pinto Pereira
no reinício das aulas de direito internacional na
Faculdade de Direito de São Paulo

O movimento cívico que empolgou o Brasil teve apenas contra si um obstáculo, desses que a História está repleta; esse obstáculo, entretanto, será transposto pela tenacidade e energia nos cometimentos que empreendemos; um obstáculo apenas foi o que nos deteve o passo, mas transposto, o caminho estará livre.

Os obstáculos foram feitos para serem vencidos e o homem nasceu para a luta. É ele muito grande para o momento, mas é o pequeno para o futuro. Que haja sempre a mesma fé e o mesmo ideal que nos levantaram em armas. Os que deixaram seus corpos nos campos de batalha, vítimas das balas, ainda estão conosco, pois, como disse Augusto Comte, “os vivos são governados pelos mortos”, o nosso ideal não foi vencido e o que importa é que ele não morra.

“Não é possível que a lei e o direito desapareçam. Vós sois os Capacetes de Aço. O espírito das trincheiras é uma realidade positiva, e esse sentimento não deve desaparecer. Deveis senti-lo e propaga-lo para que se levante um Brasil maior, mais livre que o de hoje.

Não venho aqui pregar ideias fascistas. A ideia da organização dos Capacetes de Aço terá que influir nos pleitos eleitorais limpos. Vossa coragem foi demonstrada contra os canhões. Agora, estendei a mão, não para esmagar o Brasil e sim para levar os sentimentos dos “Capacetes de Aço” por toda parte.

É preciso trabalhar, saber escolher. Precisamos ficar livres dos maus elementos. Em um pleito eleitoral, escolhi com acerto os representantes do povo. Sejam eles do P. R. P., P. D. ou de outro partido qualquer, o fato é que precisamos de homens capazes, que saibam orientar acertadamente os destinos da nação. E é esse o ponto de vista que eu quero frisar. Os paulistas não foram vencidos e sim vendidos. Mas sigamos o exemplo da formiga. Ao se desmanchar um formigueiro, verificamos que no dia seguinte encontra-se ele inteiramente refeito. É a tenacidade dos pequeninos animais que se apresenta. Precisamos nos recompor para sermos uma força invencível; e vós sabeis quanto vale a força dos infinitamente pequenos. O esforço das mães paulistas não pode ser esquecido. Há ainda corações sofrendo. Parece que o vento da má sorte conduz agora a nossa Academia – foi o que alguém disse há dias. Não estou, porém, com isso, e creio que é o vento da boa sorte quem nos dirige. Prossigamos a nossa obra para a construção do Brasil de amanhã. É preciso que cada qual ponha a honra acima de seu “ego”, sabendo escolher homens que não façam do Brasil uma empresa sua. Essa é a melhor homenagem aos nossos colegas que tombaram nos campos de batalha. Os Capacetes de Aço continuam firmes

em seu ideal e, portanto, rendamos uma homenagem aos rapazes que tombaram na luta permanecendo um momento em silêncio.”

As Três Últimas Revoluções Brasileiras e suas Consequências

Na faculdade de direito de São Paulo, ao reiniciar as aulas de direito penal, o Dr. Noé de Azevedo expos o seu ponto de vista diante da crise política consequente ao movimento revolucionário de Julho

“Pela segunda vez abro exceção à regra que me impus, de só me servir desta cátedra para a exposição de questões do Direito Penal. A primeira foi depois da convulsão de outubro de 1930. Entendi que se tratava de um acontecimento nacional, de proporções tais, que não podia deixar de ser analisado numa escola onde os professores ensinam Direito e recebem lições de civismo. E se essa foi a nossa atitude, diante daquela mutação na ordem política do país, é impossível calarmo-nos ao assistir o feito máximo da vida nacional.

Não devemos ter pretensão de julgar os fatos sociais. Fala-se comumente no sereno e imparcial julgamento da História. Mas esse julgamento não passa de uma figura de retórica. Todo o julgamento tem por base a responsabilidade. Esta pressupõe a existência de agentes imputáveis. Como tais só se consideram os seres conscientes e livres que são os homens. A Escola Clássica, em seus últimos desenvolvimentos, recusava-se a atribuir responsabilidade criminal às pessoas coletivas ou aos aglomerados humanos, pondo a ridículo os processos medievais, movidos contra cidade e vilas.

A responsabilidade das pessoas morais

Hoje volta-se a falar na responsabilidade das pessoas morais, já existindo códigos que punem os crimes de pessoas jurídicas de direito privado, e nas grandes assembleias internacionais discutem-se projetos de organização de tribunais, aonde serão levados como criminosos os próprios Estados soberanos. (Vejam-se as recentes monografias de Saldana e Robert Valeur). Mas, criada uma Suprema Corte Internacional, para processar esses grandes infratores do Direito das Gentes, ter-se-ia de instituir uma outra Corte ainda mais alta – a Corte de Cassação de tais julgados...

O mundo inteiro trabalhando pelas empolgantes razões dos aliados não titubeou em condenar a Alemanha como responsável pela conflagração europeia. Passados pouco mais de um decênio, são os próprios aliados que formam concílio com a ré para a revisão do julgamento, e a reabilitação da condenada. O que isto demonstra é que os fatos sociais são tão complexos, que excedem a capacidade do juízo humano.

Devemos, portanto, limitar o nosso trabalho a constatar esses fatos, para serem estudados, analisados e meditados como lições que irão formando o substrato daquilo que hiperbolicamente se chama a consciência das nacionalidades.

A Consciência das Nacionalidades

O mundo progrediu tanto, e complicou-se de tal forma a vida social, que nenhum homem, nenhum grupo de homens mesmo, por mais prodigiosos que sejam, nenhum gênio, nem Júpiter nem Cristo, será capaz de exercer influência direta sobre a sua fatalidade. Não negamos valor à obra dos gênios, dos profetas, ou dos grandes estadistas. Assim também não negamos as consequências dos seus erros.

Mas nem as lições sublimes nem os erros descomunais, atuam diretamente. Os grandes ensinamentos vão aos poucos se transformando em ideais-forças, que penetram lentamente na consciência das massas, só chegando a atuar quando transformadas em sentimentos ou impulsos subconscientes.

Assim também os erros, se bem que as consequências funestas dos mesmos se façam sentir mais depressa do que os benefícios das grandes pregações. Vem isto de serem mais vulgares os mistificadores do que os santos; de ser o espírito humano mais sujeito ao erro do que ao acerto.

Nestas condições, como formar juízo sobre a Revolução de São Paulo? Representará ela um evento propício ou um caso fatal?

A Revolução de São Paulo

Ruy Barbosa, o gênio incomparável da nossa raça, chegou a atribuir virtudes miraculosas à Grande Guerra. Entusiasmado com a Liga das Nações de Wilson, afirmou que bastaram os cinco anos de guerra para que se operasse o prodígio da união do mundo, que cinco séculos seriam impotentes para galvanizar. Mas uma dúzia de anos bastou para mostrar o desacerto genial. Nunca o mundo andou tão desunido e tão confuso como nestes dias tormentosos.

Pacifista até à covardia, jamais consegui atinar com a mais ínfima virtude de uma guerra. Sempre li às avessas as obras de Darwin, de Spencer e de todos os evolucionistas, que fazem nascer perfeições e progressos da luta pela vida. Guiou-me nessas leituras a agudíssima observação de sábio anarquista, mostrando que os insígnies evolucionistas viram o reverso da consagração. Não há guerra sem arregimentação de exércitos. Arregimentar é cooperar. Essa cooperação representa solidariedade. A luta contra o ambiente não fortifica, mas desgasta o órgão. A sua fortaleza provém da cooperação mais intensa de todos os elementos que o compõe. A luta ou a guerra em si mesmas não fortificam; enfraquecem, aniquilam. Se por vezes

estimulam reações, estas não diferenciam das exacerbações produzidas pelos excitantes. O influxo é passageiro. O resultado geral, sempre negativo.

A História dos chamados povos civilizados, é toda ela, uma crudelíssima injustiça. Não passa de uma crônica de guerras e da biografia de guerreiros, que são reis, os imperadores e os generais. As épocas importantes da História são as das grandes carnificinas. Esquecem-se, porém os historiadores de descrever a faina construtiva dos tempos de paz, e os feitos incruentos dos reis e dos governos pacatos.

Uma das épocas consideradas como das mais obscuras da Humanidade, apontada como verdadeira quadra de obscurantismo, é a idade Média. Entretanto, foi uma das quadras mais fecundas. Todas as maravilhas artísticas da Renascença representam flores do plantio operado em vários séculos de solidariedade humana, flores que deram lugar aos frutos materiais do progresso hodierno.

Para mim, guerra e aniquilamento são expressões sinônimas.

Mas a guerra se desencadeou. Dirão que é cedo para julgar. Penso que é demasiada pretensão pensar em julgar, pois como disse, os fatos sociais desafiam o julgamento humano. O que observo é que de nenhuma guerra, de nenhuma revolução, resultam benefícios duradouros. O que costuma haver é uma super excitação, que dá uma aparência de maior vitalidade, a qual, todavia, não passa, de uma espécie de embriaguez.

Nas guerras modernas já se não encontram vencidos e vencedores. Elas terminam sem batalhas decisivas. Acabam pelo esgotamento dos recursos de ambos os contendores.

Terminam pelos tratados de paz, que originam eternas conferências, reclamações, pactos e outros paliativos que redundam em novos conflitos. Estes conduzem ao aniquilamento, representado pela dissolução social, fenômeno de que o mundo está ameaçado.

As últimas revoluções brasileiras

Nestes últimos dez anos tivemos três revoluções, que vieram aumentando progressivamente nas proporções. Por uma fatalidade em todas elas a luta se travou em São Paulo: nem sempre contra São Paulo, mas sempre contra paulistas lutaram aqui soldados todo o Brasil. O povo não guarda memória dos motivos da luta nem das personalidades que se achavam de parte a parte. Só se lembra de que houve guerra, e que a guerra foi de brasileiros contra paulistas ou de paulistas contra brasileiros.

Na altura em que nos achamos, se a próxima Constituinte for dominada pela política e não pela inteligência, estará aniquilado o Brasil. A convocação das brigadas dos outros Estados e o aliciamento de soldados em todo o país para guerrear em São Paulo, vão imprimir na consciência deste grande povo a convicção de que estamos separados de todos os nossos irmãos brasileiros.

Observo os fatos mostrando a sua direção e a sua marcha acelerada para a desagregação da nacionalidade.

Não ofereço nenhuma fórmula salvadora, nenhum plano de reconstrução coisas de sociólogos amadores.

Esta pujante mocidade, que obrou prodígios na luta, com a cooperação da mocidade de todas as escolas brasileiras tão exuberante, tão sincera e corajosa nos seus protestos, esta mocidade que se impôs, com São Paulo, à admiração do Brasil e do mundo, é que há de operar o milagre da salvação da Pátria.”



FIM



1932